ANAIS DO I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE TOPONÍMIA E ANTROPONÍMIA

São Francisco de Conde (BA)
15 & 16 DE AGOSTO DE 2024

Organização
Alexandre António Timbane
Denise Silva
Ezra Alberto Chambal Nhampoca
Kelly Priscila Lóddo Cezar
Maria Goreti Varela Freira Silva
Manuel da Silva Domingos
Abias Alberto Catito

PROGRAMAÇÃO GERAL

SEMINÁRIOS INTERNACIONAIS DA REVISTA NJINGA & SEPÉ: I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DA TOPONIMIA E ANTROPONIMIA

15 e 16 de agosto de 2024

Transmissão no Canal

YouTube **REVISTA NJINGA & SEPE**

UNILAB

Organizadores
Alexandre António Timbane
Denise Silva
Ezra Alberto Chambal Nhampoca
Kelly Priscila Lóddo Cezar
Manuel da Silva Domingos
Maria Goreti Varela Freire Silva
Abias Alberto Catito

SEMINÁRIOS INTERNACIONAIS DA REVISTA NJINGA & SEPÉ: I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DA TOPONÍMIA E ANTROPONÍMIA

15 & 16 DE AGOSTO DE 2024

Coordenação
Alexandre António Timbane (Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Brasil)

Comissão Organizadora
Denise Silva (Universidade Federal da Grande Dourados, Brasil)
Ezra Alberto Chambal Nhampoca (Universidade Eduardo Mondlane, Moçambique/ Universidade Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal)
Kelly Priscila Lóddo Cezar (Universidade Federal do Paraná, Brasil)
Manuel da Silva Domingos (Universidade Agostinho Neto, Angola/Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho-Brasil)
Maria Goreti Varela Freire Silva (Universidade de Cabo Verde, Cabo Verde)
Abias Alberto Catito (Universidade Estadual Feira de Santana, Brasil)

Comissão científica
Todo elenco da **Revista Njinga & Sepé**:
https://revistas.unilab.edu.br/index.php/njingaesape/about/editorialTeam

APRESENTAÇÃO

O evento **"SEMINÁRIOS INTERNACIONAIS DA *REVISTA NJINGA & SEPÉ*"** é um evento acadêmico-científico internacional organizado uma vez por ano pelos editores da ***Revista Njinga & Sepé,*** cujo intuito é de reunir estudos e pesquisas de pesquisadores, docentes e estudantes da pós-graduação com intuito de interagir, trocar teorias, metodologias e experiências sobre as diversas temáticas que serão propostas a cada ano. O nome **"Revista Njinga & Sepé"** foi escolhido em homenagem a Rainha africana *Njinga Mbandi* e ao guerreiro indígena brasileiro *Sepé Tiarajú* ambos símbolos das lutas de resistência e da afirmação das identidades africanas e brasileiras respectivamente. A Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) é uma universidade pública criada pela Lei nº 12.289, de 20 de julho de 2010 com intuito de formar recursos humanos promovendo a integração entre o Brasil e os membros da CPLP com maior ênfase para os PALOP e o Timor Leste criando

intercambio para o desenvolvimento regional, cultural, científico e educacional entre os países. A ***Revista Njinga & Sepé*** foi criada em 2021 visando preencher a ausência de oportunidades de publicação especialmente nos PALOP e em Timor Leste. É uma Revista multidisciplinar, de fluxo contínuo que acolhe temáticas das culturas, das línguas africanas, indígenas brasileiras e timorenses sem excluir as de sinais.

O evento **"SEMINÁRIOS INTERNACIONAIS DA *REVISTA NJINGA & SEPÉ*"** visa:

a) Contribuir para a visibilidade dos estudos/pesquisas sobre os diversos temas da cultura, das línguas, das artes das tradições, da educação dos pesquisadores (nacionais e internacionais), estabelecendo diálogo científico permanente;
b) Promover a socialização e a troca de experiências, com envolvimento da comunidade acadêmica interna e público externo, para o debate sobre as temáticas e seus objetos;
c) Disseminar o conhecimento resultante das pesquisas e estudos realizados nos cursos de graduação e pós-graduação no Brasil, nos países parceiros da UNILAB (países da CPLP) e no mundo;
d) Ampliar a integração de docentes e pesquisadores anônimos pelo mundo afora contribuindo para a partilha e acesso do conhecimento por parte da sociedade;
e) Divulgar resultados de pesquisas acadêmicas e o compartilhamento de metodologias inovadoras para modernização das práticas profissionais, além da troca de experiências entre profissionais/ investigadores/ pesquisadores.

Este 2024, o evento **"SEMINÁRIOS INTERNACIONAIS *DA REVISTA NJINGA & SEPÉ*"** da UNILAB elegeu promover estudos e pesquisas sobre **"a toponímia e a antroponímia"** e o evento é realizado nos dias **15 e 16 de agosto** com transmissão para o **Canal Youtube da Revista Njinga & Sepé**. A metodologia consiste na formação de várias mesas-redondas compostas por 3 ou 4 palestrantes que apresentarão as suas pesquisas em 15 a 20 minutos, para depois abrir-se um momento de debate que durará até 20 minutos. O evento é totalmente gratuito e certifica os palestrantes, os moderadores, os ouvintes e monitores. Os vídeos resultantes das apresentações serão arquivados no **Canal da Revista Njinga & Sepé** e servirão de materiais de consulta para pesquisadores, estudantes e docentes que se interessam pelas temáticas apresentadas. Convida-se a todo(a)s interessado(a)s pela temática para participar ativamente no evento fazendo perguntas e debatendo no chat. Sejam todo(a)s benvindo(a)s!

Datas do evento: 15 e 16 de agosto de 2024

Local: Transmissão no Canal Youtube da **Revista Njinga & Sepé**
https://www.youtube.com/@revistanjingasepe5651

Público alvo:
Estudantes da Graduação, Pós-Graduação, Docentes, Pesquisadores, Investigadores, Comunidade acadêmica.

Link: https://revistas.unilab.edu.br/index.php/njingaesape/

PROGRAMAÇÃO GERAL 1ª dia

*Atenção ao fuso horário de cada país ou cidade. Os horários marcados nesta programação são do fuso horário de Brasília

Quinta-feira, 15 de agosto de 2024

7h40-8h00: Abertura, Saudações, Palavras de boas vindas, metodologia, orientações (https://www.youtube.com/watch?v=A0T863CLztE)*
Editores/Editoras da Revista

Conferência de abertura (8h00-9h00)
Moderadora: Prof. Dra. Maria Goreti Varela Freire Silva (Universidade de Cabo Verde – Cabo Verde)

8h00-8h30: Profa. Dra. Graça Maria de Oliveira e Silva Rio-Torto (Universidade de Coimbra, CELGA-ILTEC - Portugal) *"Antroponímia e toponímia contemporâneas: roteiros em Portugal e no Brasil".*

8h30-9h00: Profa. Dra. Maria Gabriela Dascalakis-Labrèze (Université Bordeaux Montagne-França) *"Le pouvoir de (re) nommer: la toponymie comme enjeu politique".*

Debate (20min)

Mesa-redonda 1: A toponímia e a antroponímia em línguas de Sinais (9h20-10h40) (https://www.youtube.com/watch?v=cWfxs9BpKhc)*
Moderador: Prof. Dr. Alexandre Melo de Sousa (UFAL-Brasil)

9h20-9h40: Profa. Dra. Isabel Sofia Calvário Correia (Escola Superior de Educação do Politécnico de Coimbra) & **Prof. Msc. Amílcar José Morais** (Escola Superior de Educação de Coimbra/ Centro Educação e Desenvolvimento António Aurélio da Costa Ferreira e Jacob Rodrigues Pereira e da Casa Pia de Lisboa) *"Toponímia regional em Língua Gestual Portuguesa (LGP): as capitais de distritos".*

09h40-10h00: Prof. Dr. Alexandre Melo de Sousa (Universidade Federal de Alagoas-Brasil) & **Mestrando João Carlos Paiva Xavier** (Universidade Federal de Alagoas/CNPq-Brasil) *"Antroponímia em Libras: dados do Inventário de Rio Branco (AC) e de Florianópolis (SC), Brasil".*

10h00-10h20: Profa. Dra. Liliane Lemos Santana Barretos (Universidade Estadual Feira de Santana - Brasil) *"Estudo bilíngue da toponímia baiana: Português e Libras".*

10h20-10h40: Doutoranda Mariana Ferreira Albuquerque (Universidade Federal Norte de Tocantins-Brasil) & **Prof. Dra. Karylleila S. Andrade Klinger** (Universidade Federal Norte do Tocantins-Brasil) *"Toponímia em Língua Brasileira de Sinais (Libras): descrição e análise dos sinais das escolas de Araguaína -TO".*

Debate (20min)

Mesa-redonda 2: Análises da toponímia/antroponímia em diversas perspectivas (11h00-12h20) (https://www.youtube.com/watch?v=wMpCid_AJ5k)*

Moderadora: Profa. Dra. Kelly Priscilla Lóddo Cézar (UFPA-Brasil)

11h00-11h20: Profa. Dra. Jeanine Emanuella Marques Henriques da Silveira (Universidade Católica de Angola-Angola) "*Subsídios para o estudo da toponímia angolana: a formação dos adjectivos pátrios e gentílicos*".

11h20:11h40: Prof. Dr. Olga S. Chesnokova (Universidad Rusa de la Amistad de los Pueblos *"Patricio Lumumba, Moscú - Rusia) Apodos de los futbolistas insignia mexicanos, colombianos, argentinos y peruanos"*.

11h40-12h00: Profa. Dra. Maria Helena Dias Rebelo (Universidade da Madeira/ Universidade de Aveiro - Portugal) "*Da Antroponímia à Toponímia Timorenses para a Exploração de um Dicionário Bilíngue: A convivência linguística do português com o tétum na onomástica com marcas patrimoniais e de variação linguística*".

12h00-12h20: Prof. Dr. Leonardo Tuyenikumwe Pedro (Universidade do Namibe - Angola) "*Papel da Toponínima na construção da paz e reconciliação nacional de Angola: caso do Município do Cuanhama".*

Debate (20 min)

Mesa-redonda 3: Diálogos entre a toponímia e a cultura (12h40-14h00) (https://www.youtube.com/watch?v=T_TiEEttPeI)*

Moderador: Prof. Msc. Luís Rodrigues (Universidade de Santiago-Cabo Verde)

12h40-13h00:Profa. Dra. Karylleila dos Santos Andrade (Universidade Federal do Tocantins-Brasil) e **Profa. Dra. Carla Bastiani** (Universidade Federal de Tocantins-Brasil)"*Explorando a toponímia do patrimônio cultural de Palmas - TO".*

13h00-13h20:Doutorando Abias Alberto Catito (Universidade Estadual Feira de Santana - Brasil) & **Prof. Dr. Alexandre António Timbane** (Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira & Universidade Estadual Feira de Santana-Brasil) *"O cruzamento antroponímico: um fenômeno a ter-se em conta no processo de nomeação na localidade do Dande (Angola)".*

13h20-13h40:Profa. Dra. Maria Cândida Trindade Costa de Seabra (Universidade Federal de Minas Gerais-Brasil) **"***Um estudo sobre os nomes genéricos presentes na Toponímia do Brasil".*

13h40-14h00: Prof. Dr. Eduardo David Ndombele (Instituto Superior de Ciências de Educação do Uíge - Angola) & **Prof. Msc. Makika Afonso** (Instituto Superior de Ciências de Educação do Uíge-Angola) *"Reflexão sobre o uso e atribuição dos nomes na cultura dos bakongo".*

Debate (20 min)

Mesa-redonda 4: O nome como património cultural de um povo (14h20-16h00)

(https://www.youtube.com/watch?v=BvpJuGtc1KE**)***

Moderadora: Profa. Dra. Maria Helena de Paula (UFCAT-Brasil)

14h20-14h40: **Doutorando Nelson Jaime Có** (CAPES/PPGEL- Universidade Federal de Catalão-Brasil) & **Profa. Dra. Maria Helena de Paula** (Universidade Federal de Catalão-Brasil) *"Antroponímia e toponímia guineenses: desafios linguístico-culturais"*.

14h40-15h00: **Doutorando Ivo Aloide Ié** (Universidade de São Paulo – Brasil) *"Estudo onomástico em antroponímia do grupo étnico pepel da Guiné-Bissau: uma questão da língua, memória e identidade cultural".*

15h00-15h20: **Profa. Dra. Elis Larisse Santos Gonçalves** (Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - Brasil) & **Prof. Dr. Expedito Eloísio Ximenes** (Universidade Estadual do Ceará-Brasil) *"A toponímia cearense e as dinâmicas socioculturais do período colonial (1679-1746)"*

15h20-15h40: Doutorando Manuel Paulo Bengui (Universidade Federal da Grande Dourados - Brasil) *"Nomes como símbolos de identificação cultural: um estudo do processo de nomeação entre os Bakongo de Angola".*

15h40- 16h00:

Debate (20min)

***** FIM *****

Monitores

Abias Alberto Catito (Conferência de abertura)
Alzira Coelho (Mesa-redonda 1)
Ana Lúcia Severino de Sousa (Mesa-redonda 2)
Daniel Cadre Mitilage (Mesa-redonda 3)
Danilo Alfredo Maganhane Mutimba (Mesa-redonda 4)
Deisinane Bernardo (Mesa-redonda 5)
Felismino Da Conceição Paulo Sérgio (Certificação)
Hélio Joaquim Ernesto Cumbe (Mesa-redonda 7)
Heráclito Adende Gomes da Silva (Mesa-redonda 8)
Higor Teixeira dos Santos (Mesa-redonda 9)
Jacob Adão Gonçalves (Conferência de enceramento)
Janayne Martins (Lista de presenças)
Luzinha Brigida de Jesus (Mesa-redonda 6)
Suedy Gracielly Oliveira Padilha (certificação)
Suénia João Lima Nhaga (Divulgação nas redes sociais)

* link para o público ouvinte.

PROGRAMAÇÃO GERAL 2ª dia

*Atenção ao fuso horário de cada país ou cidade. Os horários marcados nesta programação são do fuso horário de Brasília

Sexta-feira, 16 de agosto de 2024

Mesa-redonda 5: A toponímia na África lusófona e em Portugal (7h00-08h40)
(https://www.youtube.com/watch?v=uMS77Ar2Q8M) *

Moderadora: Profa. Dra. Célia Adriano Cossa Mutevuia (Universidade Pedagógica - Moçambique)

07h00-07h20: Prof. Msc. Paulino Baptista Rafael Bata (Instituto de Nomes Geográficos de Moçambique - Moçambique) *"Formação de Nomes Geográficos do Gitonga".*

07h20-07h40: Prof. Dr. Carlos Rocha (Universidade de Lisboa - Portugal) *"Os potamónimos de Portugal continental: etimologia e variação geográfica".*

07h40-08h00: Mestranda Cátia António Langane (Universidade de Save-Moçambique), *"Antropónimos de origem bantu no contexto moçambicano: estudo da motivação e das relações identitárias de alguns nomes do sul de Moçambique".*

8h00-08h20: Prof. Dr. Martynenko Irina Anatolyevna (Kutafin Moscow State Law University - Rússia) *Nomes de lugares do Uruguai de origem espanhola no contexto da Pragmática).*

08h20-08h40:Mestrando Edson Tito Fafetine (Universidade de Save - Moçambique) & **Prof. Dr. Ângelo Américo Mauai** (Universidade de Save-Moçambique) *"Estudo de nomes próprios de escolas da cidade de Xai-Xai à luz da onomástica: um contributo para a preservação de dados político-sócio-histórico-geográfico-culturais"*.

Debate (20min)

Mesa-redonda 6: Estudos da toponímia na interdisciplinaridade (09h00-10h20) (https://www.youtube.com/watch?v=qObOqNfY934)

Moderador: Prof. Dr. Dioclesiano João Raul Nhatave (Universidade Save-Moçambique)

9h00-9h20: **Dr. José Jorge Mahumane** (Universidade Eduardo Mondlane - Moçambique) & **Prof. Dr. Joel Maurício das Neves Tembe** (Universidade Eduardo Moçambique) *"A Persistência ou o Uso Não Oficial de Topônimos Coloniais na Cidade de Maputo,Moçambique".*

09h20-09h40: **Doutorando Hélder Pande Alexandre** (Universidade Agostinho Neto – Angola/Universidade Nova de Lisboa-Portugal), *"Topónimos bantu integrados no léxico do português de Angola: considerações sobre a sua adaptação e representação gráfica"*.

09h40-10h00: **Profa. Dra. Sarita Monjane Henriksen** (Universidade Justus Liebig de Giessen - Alemanha) *"Um olhar sobre a paisagem linguística e a Toponímia da Cidade de Maputo".*

10h00-10h20: **Profa. Dra. Marina Miraglia** (Universidad Nacional de Buenos Aires y la Universidad Nacional de Quilmes) *"Usos de la toponimia y la cartografía en el estudio de las transformaciones ambientales".*

Debate (20min)

Mesa-redonda 7: Em busca de novas identidades socioculturais dos nomes de lugares (10h40-12h00) **(**https://www.youtube.com/watch?v=164RNVquM34**)***

Moderadora: Profa. Dra. Ezra Chambal Nhampoca (Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro - Portugal/Universidade Eduardo Mondlane - Moçambique)

10h40-11h00: **Dr. Anibal João Tiane** (Instituto de Nomes Geográficos de Moçambique) *"Migração, identidades e a permanência da toponímia paralela (informal) na Cidade de Maputo: o caso dos topónimos Bairro Xinyembanini e Bairro Magude, de 1975 à actualidade"*.

11h00-11h20: **Prof. Dr. Victorino Bernardo Chitumba** (Instituto Superior Politécnico Privado de Luena – Angola) "*A influência da toponímia na construção da identidade cultural do Moxico, Angola*".

11h20-11h40: **Prof. Dr. Dinis Fernando da Costa** (Universidade de Namibe-Angola) & **Prof. Msc. Hilton Fortuna Daniel** (Universidade de Namibe-Angola/Universidade Nova de Lisboa-Portugal) "*Breves considerações sobre o estudo da onomástica em Angola: perspectivas e desafios da toponímia".*

11h40-12h00: **Mestrando Víctor Sambonga Mariano** (Universidade Agostinho Neto-Angola) "*Corrupção lexicossemântica dos antropónimos ovimbundu: combatendo a não materialização dos direitos linguísticos/humanos".*

Debate (20min)

Mesa-redonda 8: Traços do território e da cultura na representação do nome (12h20-13h40) **(**https://www.youtube.com/watch?v=XNUoMHzqolo**)***
Moderadora: Profa. Dra. Denise Silva (Universidade Federal da Grande Dourado - Brasil)

12h20-12h40: **Profa. Msc. Laís de Nazaré dos Santos** (Universidade Federal do Tocantins-Brasil) & **Profa. Dra. Carmen Lúcia Reis Rodrigues** (Universidade Federal do Pará-Brasil) *"A motivação toponímica tupi de Vigia de Nazaré-PA".*

12h40-13h00: **Prof. Msc. Kialunda Sozinho Kialanda** (Universidade Estadual Feira de Santana - Brasil) *"O kikongo e a cultura do povo bakongo: a cultulinguística nos nomes próprios".*

13h00-13h20: **Doutorando Baticã Braima Ença Mané** (Universidade São Paulo - Brasil) *"Uma descrição inicial de topônimos do Setor autônomo de Bissau".*

13h20-13h40: **Prof. Dr. Eduardo Tadeu Roque Amaral** (Universidade Federal de Minas Gerais - Brasil) & **Profa. Dra. Márcia Sipavicius Seide** (Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Brasil) *"Nomes de pessoas no Brasil: descrições e análises contemporâneas".*

Debate (20min)

Mesa-redonda 9: A onomástica Antropológica e outras relações com a Sociedade (14h00-15h20) **(**https://www.youtube.com/watch?v=FKEUlCGY-EI**)***

Moderador: Prof. Dr. Evandro L. T. Paradela Cunha (Universidade Federal de Minas Gerais -Brasil)

14h00-14h20: **Profa. Dra. Shara Lylian de Castro Lopes** (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí - Brasil) *"Aproximações entre a Antroponímia e a Análise do Discurso para análise de textos humorísticos".*

14h20-14h40: **Profa. Dra. Fernanda Kécia de Almeida** (Universidade Estadual do Ceará /PRAETECE - Brasil) *"Antroponímia e religião: uma análise da atribuição dos nomes dos escravizados do vale do Jaguaribe no século XXVIII".*

14h40-15h00: **Profa. Msc. Lorenza Lourenço Carvalho** (Universidade Federal de Minas Gerais-Brasil) & **Prof. Dr. Evandro L. T. Paradela Cunha** (Universidade Federal de Minas Gerais-Brasil) *"Onomástica antropológica: o ato de nomear a partir de uma perspectiva intercultural.*

15h00-15h20: **Prof. Dr. Alexandre António Timbane** (Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira/Universidade Estadual Feira de Santana - Brasil) *"A etnotoponímia dos nomes dos distritos das províncias de Gaza e Maputo: uma análise da identidade ecolinguística".*

Debate (20min)

Conferências de Enceramento (15h40-18h00)

(https://www.youtube.com/watch?v=ao1O10cFLfI)*

Moderação: Doutorando Manuel da Silva Domingos (Universidade Agostinho Neto-Angola/ Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho-Brasil)

15h40-16h10: Profa. Dra. Marilze Tavares (Universidade Federal da Grande Dourados-Brasil) *"Toponímia do Estado de Mato Grosso do Sul: estudos já realizados e perspectivas".*

16h10-16h40: Prof. Dr. Eduardo de Almeida Navarro (Universidade de São Paulo – Brasil) *"A toponímia indígena artificial no Brasil: uma classificação dos nomes de origem tupi criados no séc. XIX e XX".*

Debate (20min)

16h40: Encerramento /agradecimentos

****** FIM ******

Informações importantes

1.Os links disponibilizados (*) nesta Programação são para o público ouvinte.

2.Haverá lista de presenças (formulário google) para emissão de certificado. O link será disponibilizado no fim de cada mesa-redonda.

3.Os horários disponibilizados nesta Programação correspondem ao horário de Brasília. Cada um(a) deve cuidar do fuso horário do seu país ou cidade.

4.Convidamos todos os ouvintes a interagir com os membros da mesa-redonda por meio de comentários no chat do Canal. Coloquem perguntas no chat e serão respondidas no momento de "Debate" (20min).

5.Após o evento, os certificados de participação (para ouvintes, apresentadores, monitores e organizadores) serão enviados para os e-mails em até 20 dias úteis.

6.Conheça a Revista Njinga & Sepé (https://revistas.unilab.edu.br/index.php/njingaesape/) e compartilhe com interessados. Cadastre-se como avaliador ou autor ou leitor. Saiba que a revista é sua e pode enviar seus estudos para a publicação.

7.Divulgue o I Seminário Internacional de Toponímia e Antroponímia nas redes sociais. Todo(a)s são bem vindo(a)s.

8.Para dúvidas, pedidos de esclarecimentos ou de ajuda escreva para: alexandre.timbane@unilab.edu.br

https://unilab.edu.br/2024/08/12/nos-dias-15-e-16-08-acontece-evento-online-i-seminario-internacional-da-toponimia-e-antroponimia/

RESUMOS
DO
I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE TOPONÍMIA E ANTROPONÍMIA

REVISTA NJINGA & SEPÉ

Antroponímia e Toponímia contemporâneas: roteiros em Portugal e no Brasil

Graça Maria de Oliveira e Silva Rio-Torto *
Universidade de Coimbra, CELGA-ILTEC - Portugal
ORCID iD https://orcid.org/0000-0002-1525-0737

RESUMO
A construção de antropónimos e de topónimos em língua portuguesa partilha recursos e procedimentos comuns e procedimentos diferenciados, no tempo e no espaço das culturas e das mundividências de cada país. Pode pensar-se que não há renovação onomástica recente na toponímia e na antroponímia nos universos de língua portuguesa. Mas assim não é, no Brasil ou em Portugal, países em relação aos quais a bibliografia de especialidade é mais abundante. Propomo-nos traçar uma panorâmica de algumas das linhas de força da produção antroponímica e toponímica no Brasil nos séculos XX e XXI, em cotejo com o que se passa em Portugal, no presente e no passado, seja mais recente ou mais remoto, desde que relevante para a explicação dos factos em apreço.

PALAVRAS-CHAVE
Topónimos; Antrotopónimos; Portugal

*Professora Catedrática de Linguística na Universidade de Coimbra, instituição onde obteve o seu Doutoramento e o grau de Prof. Agregada. É membro integrado do CELGA-ILTEC, sediado na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, onde exerce funções, agora como professora aposentada. É autora de numerosas publicações científicas, colabora em diferentes projetos de pesquisa, nacionais e internacionais, é membro de diversas comissões editoriais de revistas. Atua na graduação e na pósgraduação, nas áreas de Léxico, formação de palavras, morfologia, semântica.

Para citar este Resumo (ABNT): RIO-TORTO, Graça Maria de Oliveira e Silva. Antroponímia e toponímia contemporâneas: roteiros em Portugal e no Brasil. **Anais do 1º Seminário Internacional da Toponímia e Antroponímia (15 & 16 de ago. 2024) / Revista Njinga & Sepé**. São Francisco do Conde (BA), Vol.4, Nº Especial I, p. 12, 2024 (ISSN: 2764-1244). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=A0T863CLztE

Para citar este Resumo (APA): Rio-Torto, Graça Maria de Oliveira e Silva. (ago. 2024). Antroponímia e toponímia contemporâneas: roteiros em Portugal e no Brasil. **Anais do 1º Seminário Internacional da Toponímia e Antroponímia (15 & 16 de ago. 2024) / Revista Njinga & Sepé**. São Francisco do Conde (BA), 4 (Especial I):12. (ISSN: 2764-1244). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=A0T863CLztE

REVISTA NJINGA & SEPÉ

Le pouvoir de (re) nommer: la toponymie comme enjeu politique

Maria Gabriela Dascalakis-Labrèze*
Université Bordeaux Montagne-França
ORCID iD https://orcid.org/0009-0001-0902-3183

RÉSUMÉ

L'acte de nommer n'étant jamais neutre, la nomination des lieux est bel et bien un outil politique qui convoque, invoque ou évoque des réalités diverses selon le système interprétatif de chaque locuteur-récepteur (Périès: 2000). En effet, le nom propre de lieu révèle des rapports de force tout en participant à la construction des mémoires collectives. La politisation dérive de l'imposition d'un ordre établi et d'un système de représentations et de hiérarchisation des dénominations. La toponymie découle ainsi des contextes socio-politiques particuliers qui influencent fortement la création, la conservation, la transformation ou l'abandon de certains noms au profit d'autres. Convaincue que la toponymie « approprie les lieux, les espaces par le jeu des adresses, des repères, des référents » (Giraut et Houssay- Holzschulch, 2023: p. 4), nous essaierons de montrer dans quelle mesure elle dévoile des enjeux divers qui cristallisent notamment des tensions entre les valeurs et/ou les identités mises en exergue ou passées sous silence. Après avoir exposé la théorie du dispositif toponymique de Giraut et Houssay-Holzschuch, nous nous appuierons sur des exemples tirés des contextes français et argentin afin de percer à jour les stratégies de dénomination et de re-nomination des espaces devenus des territoires de lutte symbolique des deux côtés de l'Atlantique.

MOTS-CLÉS
Nommer; Nom; Strategies

Bibliographie indicative

Comerci ME, «Espacios y tiempos mediados por la memoria. La toponimia en el oeste de La Pampa en el siglo XX», *Corpus* [En línea], Vol 2, No 2 | 2012.
Giraut, F., Houssay-Holzschuch, M. (dir.), 2023, *Politique des noms de lieux. Dénommer le monde*, Londres, ISTE Editions.

PÉRIÈS G, 2000, « Au nom de l'ennemi : tactiques de la parole doctrinale dans le discours militaire français », *Mots. Les langages du politique*, n° 63, *Noms propres*.

*Doutorada em línguas e literaturas estrangeiras pela Universidade de Pau e Pays de l'Adour (2018). Possui Mestrado em Ensino de Língua Francesa (1999) e Mestrado em Pesquisa em Língua e Literatura Francesa (2001) pela Universidade Nacional de Córdoba (Argentina). É professora de Ciências da Linguagem no Departamento de Francês Língua Estrangeira da Universidade Bordeaux Montaigne e pesquisadora do laboratório MICA (Mediação, informação, comunicação, artes) da Universidade Bordeaux Montaigne. Sua pesquisa se concentra em transferências culturais e análise de discurso (mídia, política) na França e na Argentina.

Para citar este Resumo (ABNT): DASCALAKIS-LABRÈZE, Maria Gabriela. Le pouvoir de (re) nommer: la toponymie comme enjeu politique. **Anais do 1º Seminário Internacional da Toponímia e Antroponímia (15 & 16 de ago. 2024) / Revista Njinga & Sepé**. São Francisco do Conde (BA), Vol.4, Nº Especial I, p. 14, 2024 (ISSN: 2764-1244). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=A0T863CLztE

Para citar este Resumo (APA): Dascalakis-Labrèze, Maria Gabriela (ago. 2024). Le pouvoir de (re) nommer: la toponymie comme enjeu politique**. Anais do 1º Seminário Internacional da Toponímia e Antroponímia (15 & 16 de ago. 2024) / Revista Njinga & Sepé**. São Francisco do Conde (BA), 4 (Especial I): 14. (ISSN: 2764-1244). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=A0T863CLztE

SEMINÁRIOS INTERNACIONAIS DA REVISTA NJINGA & SEPÉ: I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DA TOPONIMIA E ANTROPONIMIA

REVISTA NJINGA & SEPÉ

Le pouvoir de (re) nommer : la toponymie comme enjeu politique

Docteure Maria Gabriela Dascalakis-Labreze

Maîtresse de conférences en Sciences du langage,

Laboratoire MICA (Médiations, Informations, Communication, Arts), axe IDEM

Plan de la présentation

1. Introduction
2. Nommer les lieux : entre localisation et positionnement(s)
3. Vers une toponymie critique : état de l'art
4. Grille d'analyse de Giraut et Houssay-Holzschuch
5. Res(t)ituer les toponymes en Argentine et en France
6. En guise de conclusion

Université BORDEAUX MONTAIGNE

1. Introduction

Qu’est-ce qu’un **toponyme**?

τόπος et ὄνομα

UNESCO

Organisation des Nations Unies pour l’éducation, la science et la culture

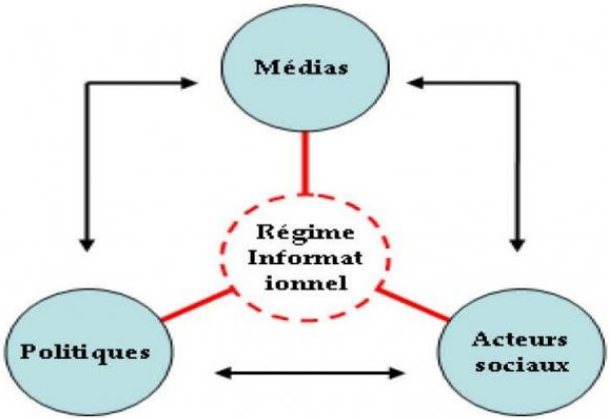
UniTwin

UNIVERSITÉ DE GENÈVE

Chaire UNESCO en toponymie inclusive “Dénommer le Monde”

Université BORDEAUX MONTAIGNE

Toponyme : Outil politique



Joris, G. 2012, *Déconstruire le spectacle politique*

Problématique : dans quelle mesure la toponymie dévoile-t-elle des enjeux qui cristallisent des tensions entre les valeurs et/ou les identités mises en exergue ou passées sous silence.

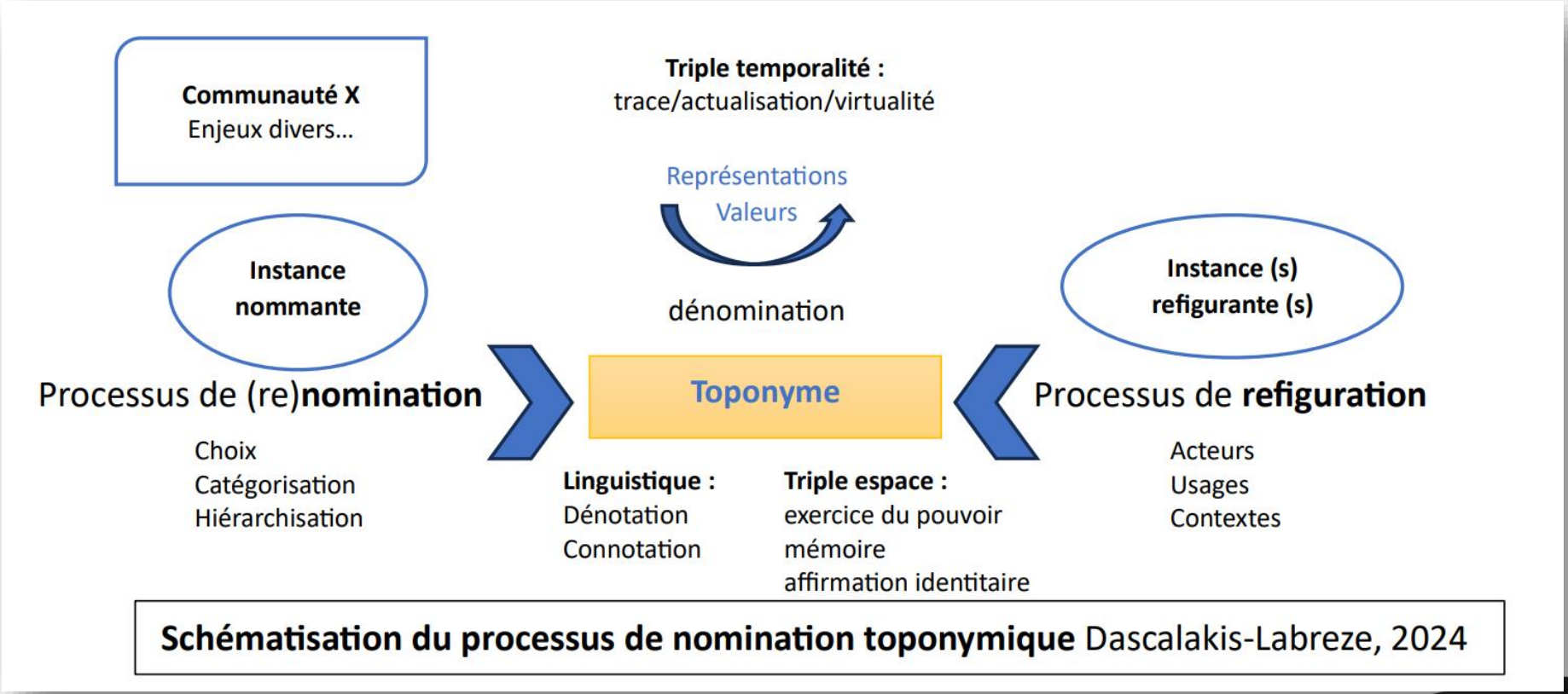
Questionnements :

Quelles sont les stratégies de dénomination et de re-nomination des espaces compris comme des territoires de lutte symbolique?

Quel rôle jouent les médias dans la mise à l'agenda des toponymes?

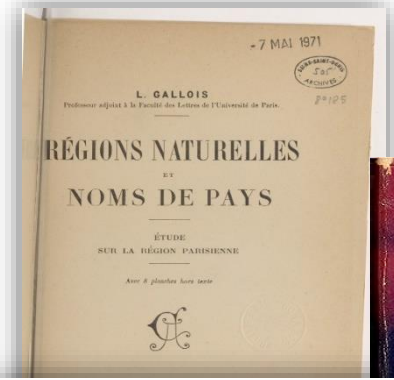
Quels enjeux pour la démocratie?

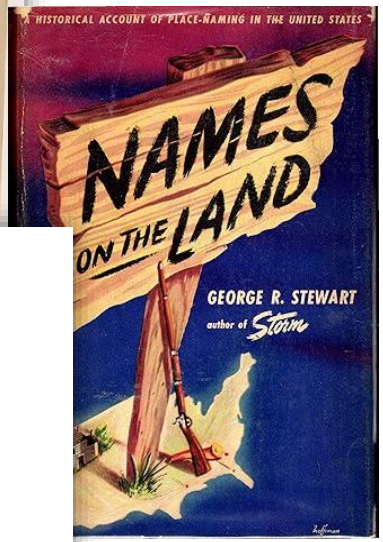
2. Nommer les lieux : entre localisation et positionnement(s)

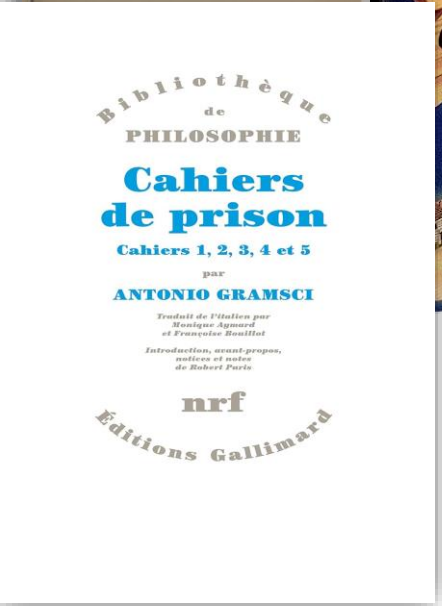


Schématisation du processus de nomination toponymique Dascalakis-Labreze, 2024

3. Vers une toponymie critique : état de l'art







Du point de vue géopolitique :

- **Groenland** (Inge Kleivan, 1977)
- **Afrique** (Roland Pourtier, 1983)

Du point de vue thématique :

- **Les savoirs autochtones** (Collignon, 1990)
- **Les revendications territoriales et savoirs toponymiques** (Wonders, 1987)
- **Les toponymies invisibles de la subalternité 1990- 2000** (Stockler, Nash)
- **L'agenda toponymique** (Rose-Redwood, 2019)

4. Grille d'analyse de Giraut et Houssay-Holzschuch (2016)

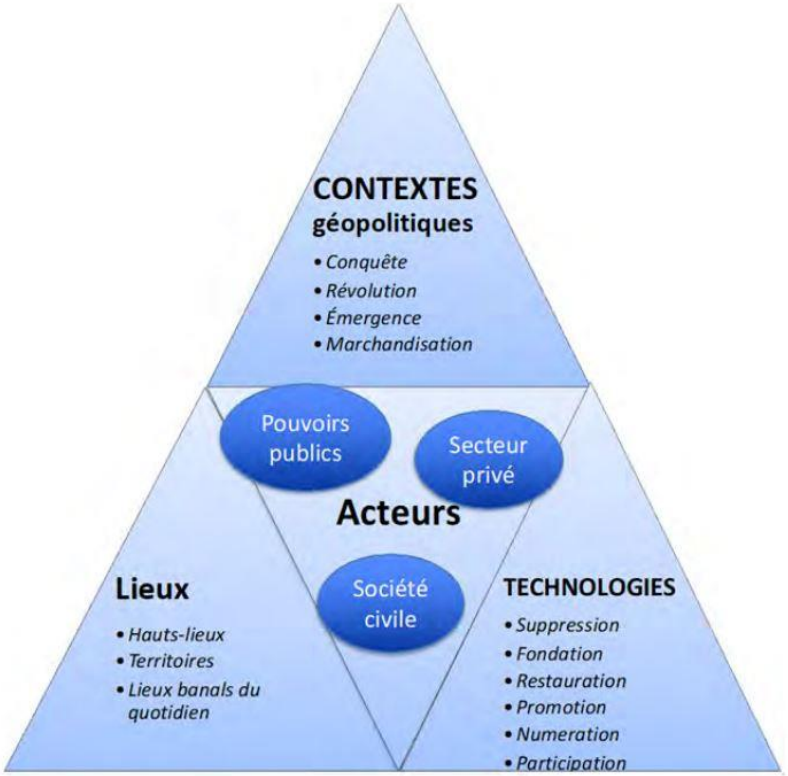


Figure 1.1. *Grille de lecture du dispositif de toponymie politique selon les contextes géopolitiques, les technologies toponymiques, les acteurs et les lieux (source : (Giraut et Houssay-Holzschuch 2016))*

Université BORDEAUX MONTAIGNE

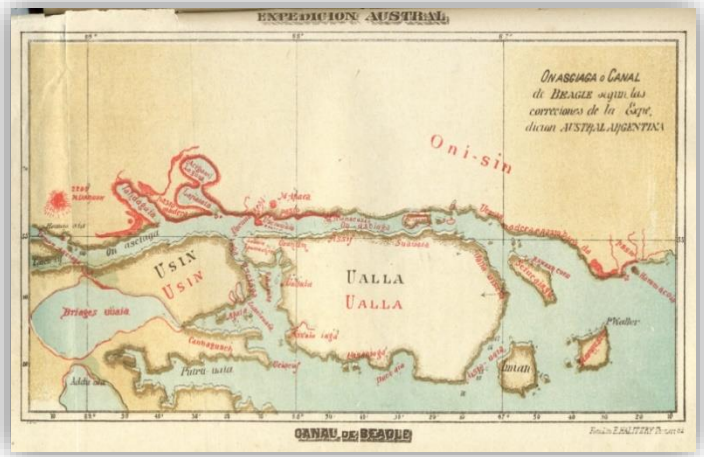
5. Res(t)ituer les toponymes en Argentine et en France

Récits nationaux
Territoires
Identités en redéfinition

Exemple argentin

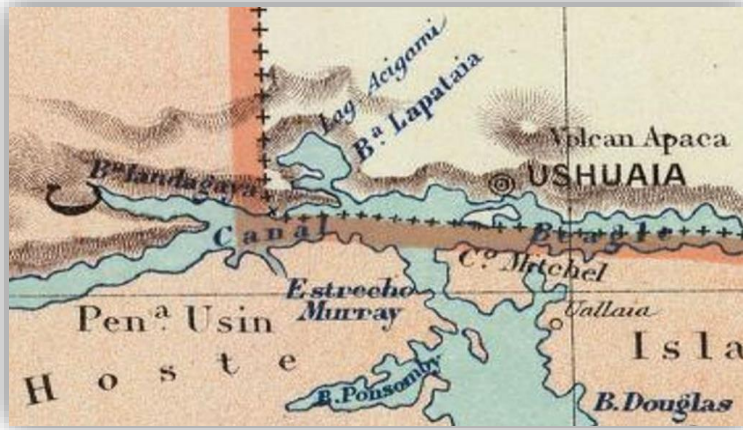
XIXe siècle

- **Lac Acigami (yaghan = sac allongé)** (Acacima, Ucasimae, Acagimi, Asigami,…)



Expedición Austral Argentina de Giacomo Bove, 1883

Paz Soldán, 1888



XXe siècle

- **Lac Roca, (1904) côté argentin et lac Errázuriz c chilien**

XXIe siècle

- **Lac Acigami (2008) changement de toponyme**
- **Lac Roca, juin 2024**

Lac Acigami

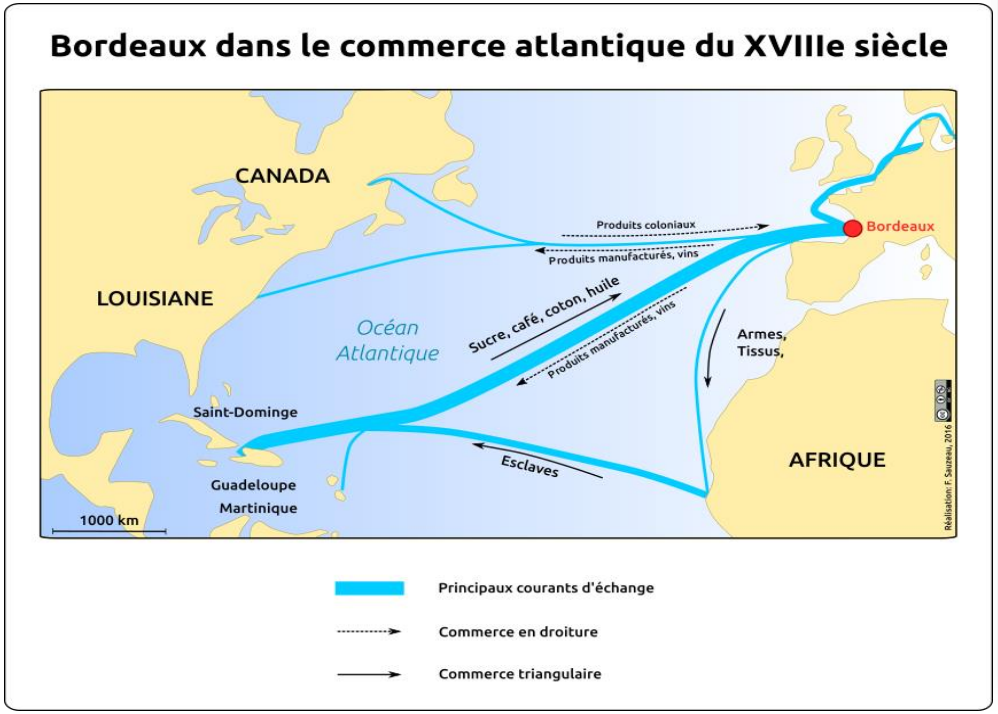
Lac Roca

	Contexte	Techniques	Lieux	Les acteurs
2008 (Cristina Kirchner)	Révolution	épuration toponymique	Territoires	Société civile et pouvoirs publics
2024 (Javier Milei)	Révolution	Restauration	Territoires	Pouvoirs publics

Journal/ Date 11/06/2024	Titre
Clarín	**Con una ironía, el Gobierno de Milei anunció que le sacó el nombre aborigen a un lago de Tierra del Fuego: "La patria no se vende"**
La Nación	**Adorni anunció el cambio de nombre de un lago patagónico y un senador radical lo trató de "bruto"**
Perfil	**"El lago Acigami volvió a llamarse Lago Roca", confirmó Adorni, quien luego ironizó sobre el origen de su nombre**

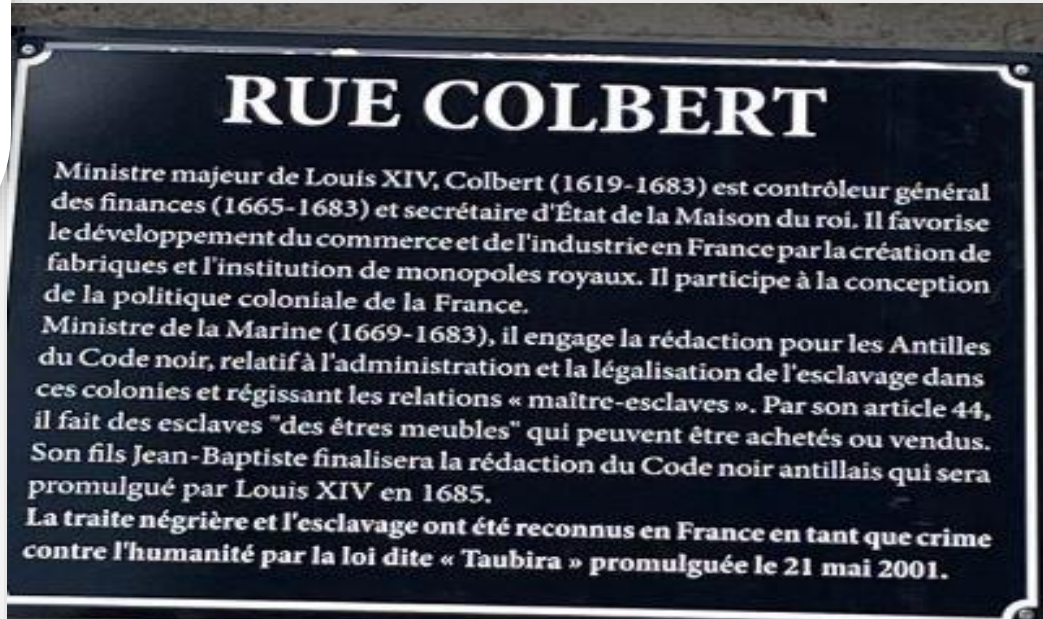
Exemple français

Traite négrière et odonymie à Bordeaux



Université BORDEAUX MONTAIGNE

RUE DAVID GRADIS
(1665-1751)
La firme David Gradis et Cie a armé deux cent vingt et un navires pour les colonies de 1718 à 1789 dont dix pour la traite des Noirs.
La firme gérée par la même famille depuis l'origine se maintint jusqu'au XX[e] siècle. En 1724, David Gradis acheta près du cours de la Marne un terrain qui devint le premier cimetière juif de Bordeaux. C'est à ce titre et parce que ses descendants furent aussi des notables bordelais que son nom a été donné à cette rue.
Plus d'informations sur : www.memoire-esclavage-


RUE COLBERT
Ministre majeur de Louis XIV, Colbert (1619-1683) est contrôleur général des finances (1665-1683) et secrétaire d'État de la Maison du roi. Il favorise le développement du commerce et de l'industrie en France par la création de fabriques et l'institution de monopoles royaux. Il participe à la conception de la politique coloniale de la France.
Ministre de la Marine (1669-1683), il engage la rédaction pour les Antilles du Code noir, relatif à l'administration et la légalisation de l'esclavage dans ces colonies et régissant les relations « maître-esclaves ». Par son article 44, il fait des esclaves "des êtres meubles" qui peuvent être achetés ou vendus. Son fils Jean-Baptiste finalisera la rédaction du Code noir antillais qui sera promulgué par Louis XIV en 1685.
La traite négrière et l'esclavage ont été reconnus en France en tant que crime contre l'humanité par la loi dite « Taubira » promulguée le 21 mai 2001.

	Contexte	Techniques	Lieux	Les acteurs
Plaques de rue	Conquête	Fondation Restauration participation	Lieux banals	Société civile et pouvoirs publics

Journal/ Date	Titre
***Le Figaro* 26/02/2024**	**Ancien port négrier, Bordeaux en proie à un devoir de mémoire disputé entre militants, élus et historiens**
Sud-Ouest* *11/06/2020	**Bordeaux et son passé négrier : cinq plaques de rue explicatives installées en toute discrétion**
Libération* *10/06/2020	**Plaques de rue : à Bordeaux, un «tabou tombe» en catimini**

Université BORDEAUX MONTAIGNE

6. En guise de conclusion

Le toponyme fonctionne comme

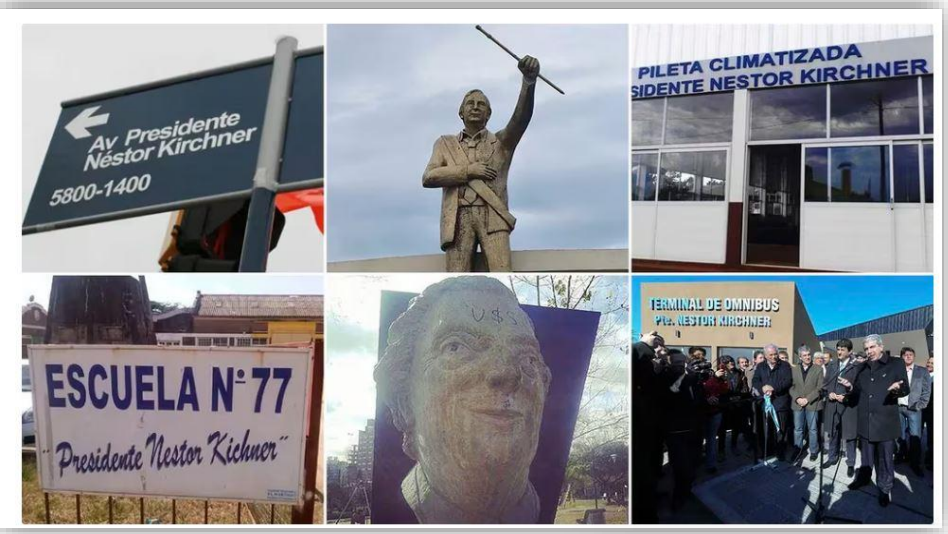
- Lieu de pouvoir
- Lieu d'affirmation des identités
- Lieu de mémoire (Pierre Nora)

Il peut être défini comme un outil politique

- de légitimation,
- d'anéantissement,
- de remise en question du *statu quo*,
- de renversement de l'ordre établi.

« Si derrière le processus de (re)nomination toponymique se cache, peu ou prou, une imposition, un projet de domination, l'usage des toponymes dans des contextes divers n'est pas dépourvu d'intentionnalités » (Dascalakis-Labreze, 2024)

Ouvertures



Université BORDEAUX MONTAIGNE

Bibliographie principale

- Comerci ME, «Espacios y tiempos mediados por la memoria. La toponimia en el oeste de La Pampa en el siglo XX», *Corpus* [En línea], Vol 2, No 2 | 2012.
- Fabre, P ; « Ce que la toponymie peut apporter à la … toponymie », *Le Monde alpin et rhodanien. Revue régionale d'ethnologie*, 1997, 25-2-4, p 13-20
- Giraut, F., Houssay-Holzschuch, M. (dir.), 2023, *Politique des noms de lieux. Dénommer le monde*, Londres, ISTE Editions.
- Nora, P. (1992) "L'ère de la commémoration": 977-1012, in P. Nora (ed), *Les lieux de mémoire,* vol.3 (La France), III, Paris: Gallimard.
- PÉRIÈS G, 2000, « Au nom de l'ennemi : tactiques de la parole doctrinale dans le discours militaire français », *Mots. Les langages du politique*, n° 63, *Noms propres*.

REVISTA NJINGA & SEPÉ

Toponímia regional em Língua Gestual Portuguesa (LGP): as capitais de distritos

Isabel Sofia Calvário Correia*
Escola Superior de Educação do Politécnico de Coimbra - Portugal
ORCID iD https://orcid.org/0000-0002-1798-2165
Amílcar José Morais**
Escola Superior de Educação de Coimbra - Portugal
ORCID iD https://orcid.org/0000-0002-0051-658X

RESUMO

A Língua Gestual Portuguesa (LGP) é o idioma minoritário da comunidade surda do país. Como as demais, foi proibida devido ao oralismo determinado em Milão. Mas, também como outras línguas gestuais, está reconhecida na Constituição da República, nosso documento maior, como língua de ensino. Embora ainda não seja um idioma oficial, sua visibilidade tem aumentado desde o final dos anos 90, muito por conta dos graus de ensino superior frequentados cada vez mais por pessoas surdas. Por outro lado, a toponímia é uma área do léxico muito arraigada à história da região, muitas vezes perdida no tempo, mas que tem sua génese em um conto, uma lenda ou um fato que ocorreu ali e que fez com que o lugar fosse conhecido por determinado nome. Isso ocorre na cultura ouvinte. Nossa proposta é apresentar os nomes gestuais/sinais das capitais de distrito portuguesas, tentando perceber as relações entre línguas em contacto, o português e a LGP, a iconicidade e a cultura surda. Assim, apresentaremos os Nomes gestuais e tentaremos compreender sua etimologia para ver o que significam em relação à cultura e identidade local, mas, sobretudo, tentaremos apresentar sua identidade linguística e cultural. Nossa apresentação será gestuada (LIBRAS) e falada (português).

PALAVRAS-CHAVE

Língua Gestual Portuguesa (LGP); Toponímia; Cultura Surda; Iconicidade; Interferência linguística

*Pós-Doutora em linguística, com trabalhos em linguística da Língua Gestual Portuguesa. Professora Coordenadora na Escola Superior de Educação do Politécnico de Coimbra. Coordenadora do Mestrado em Ensino de Língua Gestual Portuguesa na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Coimbra. Vice-Presidente do Departamento de Educação e formação de Professores da Escola Superior de Educação de Coimbra. Autora de livros e artigos científicos na área das línguas gestuais/de sinais.

**é nativo em Língua Gestual Portuguesa e Mestre em Sociologia no ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa. É Professor Especialista em Línguas e Literaturas Modernas - Língua Gestual Portuguesa, Professor Adjunto Convidado da Escola Superior de Educação de Coimbra. É também docente do Centro Educação e Desenvolvimento António Aurélio da Costa Ferreira e Jacob Rodrigues Pereira e da Casa Pia de Lisboa, IP e ativista e autor de vários artigos sobre temas afetos à Comunidade Surda.

Para citar este Resumo (ABNT): CORREIA, Isabel Sofia Calvário; MORAIS, Amílcar José. Toponímia regional em Língua Gestual Portuguesa (LGP): as capitais de distritos. **Anais do 1º Seminário Internacional da Toponímia e Antroponímia (15 & 16 de ago. 2024) / Revista Njinga & Sepé**. São Francisco do Conde (BA), Vol.4, Nº Especial I, p. 32, 2024 (ISSN: 2764-1244). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=cWfxs9BpKhc

Para citar este Resumo (APA): Correia, Isabel Sofia Calvário; Morais, Amílcar José (ago. 2024). Toponímia regional em Língua Gestual Portuguesa (LGP): as capitais de distritos. **Anais do 1º Seminário Internacional da Toponímia e Antroponímia (15 & 16 de ago. 2024) / Revista Njinga & Sepé**. São Francisco do Conde (BA), 4 (Especial I): 32. (ISSN: 2764-1244). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=cWfxs9BpKhc

Toponímia Regional em Língua Gestual Portuguesa

Amílcar José Morais

Isabel Sofia Calvário Correia

Polythecnic University of Coimbra

Alguns estudos sobre toponímia

- A toponímia dedica-se ao estudo da motivação dos nomes locais, mas, nas línguas gestuais, este campo ainda não é muito explorado. Os investigadores portugueses têm-se dedicado a perceber as origens e as relações dos nomes gestuais , ou seja, os nomes dados pela comunidade surda às pessoas no seu quotidiano (Carvalho, 2006). Ainda existem alguns estudos sobre topônimos, por exemplo, sobre a língua brasileira de sinais (LIBRAS/LSB), (Souza, 2020), a língua de sinais da Estônia (Paales, 2011) e as línguas de comunidades de povos (Nonaka, 2015). Neles, os pesquisadores propõem taxonomias que seguimos em nosso trabalho.

Metodologia

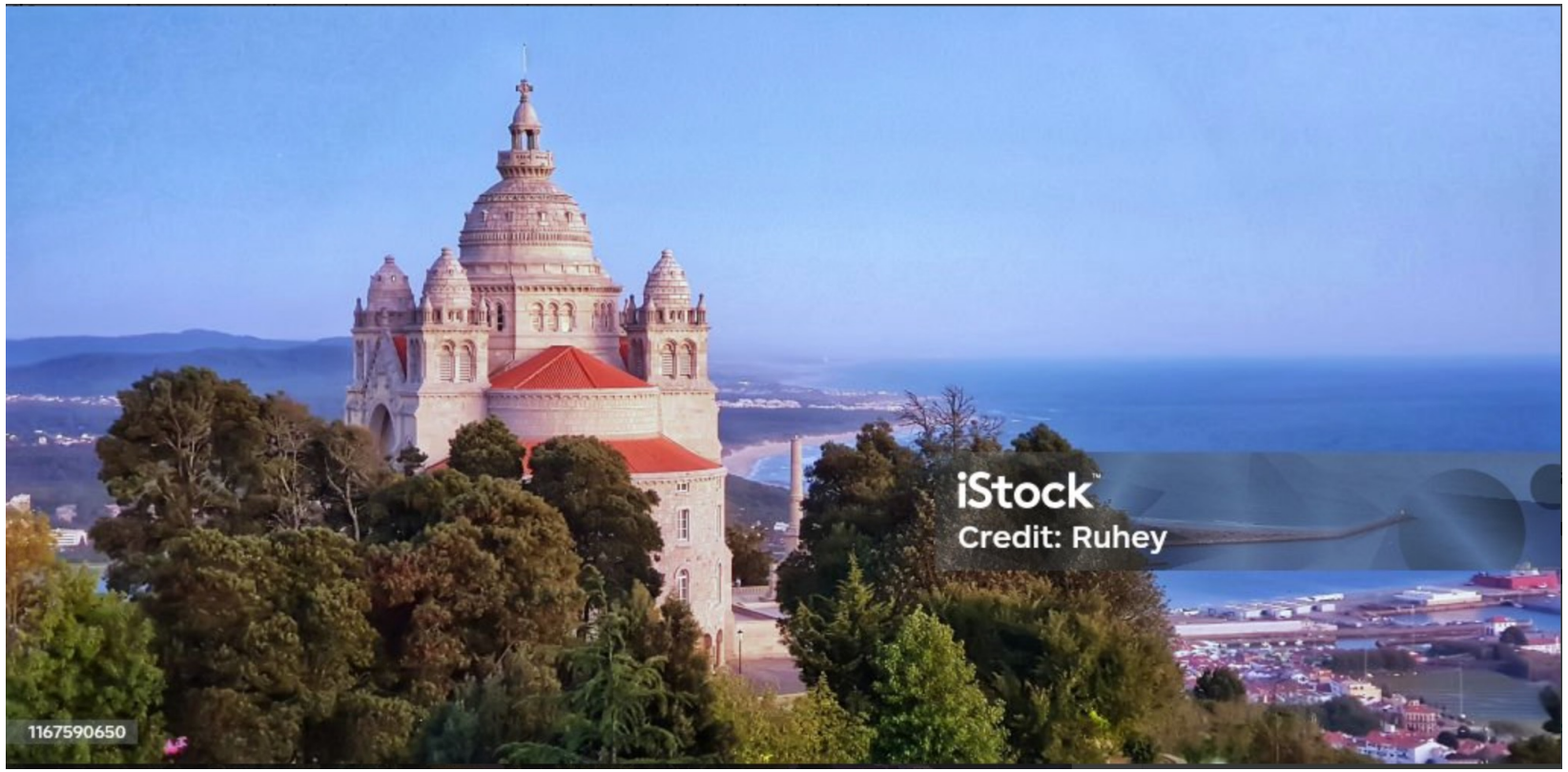
Considerando que não há corpus das capitais de distrito em LGP e sendo um dos autores uma pessoa surda, nativa, professor de LGP, foi realizada uma simples captura de vídeo dos getsos para as capitais. Para compreender a motivação etimológica das palavras, foram utilizados informantes surdos dos locais, bem como personalidades representativas da cultura da comunidade surda portuguesa, como o Professor Bettencourt, o primeiro professor surdo de LGP em Portugal, que esclareceu dúvidas e hipóteses. Apesar de as capitais das ilhas não serem consideradas politicamente como territórios, optámos por incluí-las seguindo a linha de que também ali vivem membros da comunidade surda portuguesa.

https://youtu.be/roRQpGSzgdw?si=§

Traducción portugués		Motivación	Categoría
Viana Castelo		Nesta cidade há uma montanha de onde se pode ver o mar. Representa a vista dele. Gesto baseado na cultura local	Topónimo Simples.
Vila Real		Datilologia e tradução da palavra portuguesa	Topónimo Composto hibrido
Bragança		Nome gestual de uma pessoa Surda	Topónimo simples
Guarda		A palavra "guarda", em PE designa um tipo de polícia (Guarda Nacional Republicana), é um trato informasl. Este gesto metonímico representa parte do chapéu que há anos atrás alguns guardas usavam. A motivação é mista: tradução, assente na polisemia, e iconiciade.	Topónimo simples
Castelo Branco		Tradução	Topónimo composto
Viseu		Nome gestual	Topónimo simples
Braga		Representa o chapéu dos bispos. Braga é uma cidade tradicionalmente conhecida pela sua religiosidade ancestral. A motivação é icónica e baseada na cultura local. Gesto Metonímico	Topónimo simples
Porto		Segundo a maioria das opiniões, este gesto vem da datilología. Porém, alguns surdos dessa região afirmam que também representa o copo de vinho do Porto. Datilologia. (cultura local?)	Topónimo simples
Aveiro		Cultura local. Representa pescadores , aqueles que carregavam o sal e o peixe, designados moliceiros	Toponimo simples
Coimbra		Gesto metonímico. Traçar da capa do traje dos estudantes universitários. cultura local.	Topónimo simples.
Leiria		Nome Gestual	Topónimo simples
Santarém (*)		Há duas hipóteses: nome gestual antiguo ou a representação de um conhecido afluente português de rio Tejo. O rosto seria a localização do rio no mapa.	Topónimo Simples
Lisboa		Datilologia. Este gesto substituiu outro mais antigo que tinha uma base cultural, especifica da cultura surda	Topónimo simples
Setúbal		Nome Gestual	Topónimo simples

Santarém

Base para NG VIANA DO CASTELO



Retirado de: www.istockphotos.com

BASE PARA NG BRAGA

Retirado de : https://www.holyart.pt/blog/religiao/o-significado-da-mitra/

Hipótese para PORTO

https://www.facebook.com/watch/?v=439968903574244

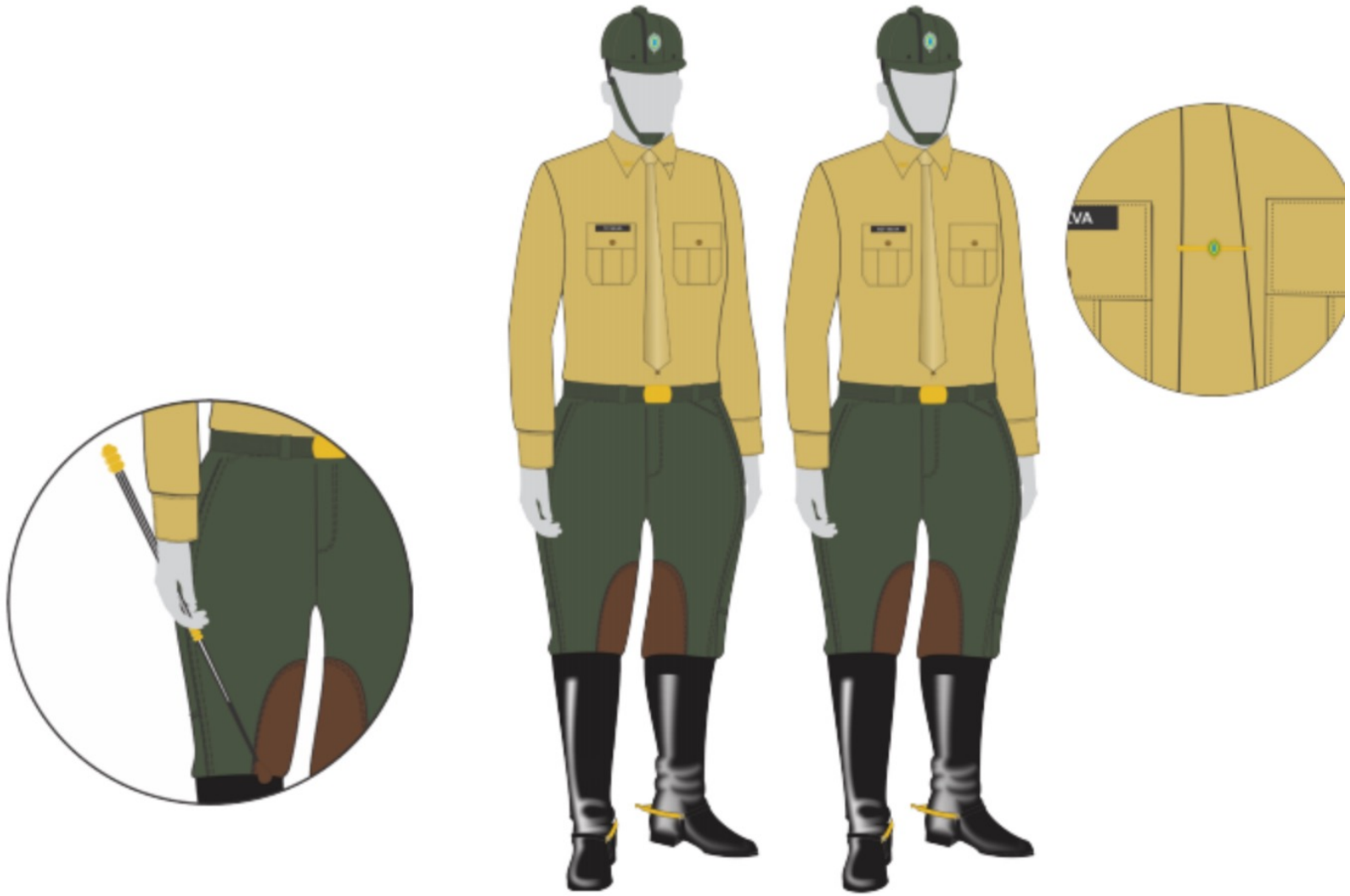
Aveiro

Retirado de

Coimbra

https://www.youtube.com/watch?v=wQ96KQcNwuw

Guarda: exemplo de formato de chapéu



le: http://www.sgex.eb.mil.br/sg8/001_estatuto_regulamentos_regimentos/02_regulamentos/port_n_1424_cmdo_eb_08out2015.

Évora

Retirado de https://alentejoturismo.pt/arquitetura-alentejana/

Juramento do escuteiro; linguagem. Beja

https://odiariodovale.com/grupo-escoteiro-realiza-acampamento-online/

Faro

Retirado de https://www.visitarportugal.pt/faro

Portas de Ponta Delgada

Retirado de www.wikipedia.org

Topónimos baseados no Nome Gestual:	Topónimos baseados na cultura portuguesa/local	Topónimos icónicos/visuais/geográficos	Topónimos com dactilologia/tradução	Topónimos mistos
Bragança; Viseu; Leiria; Setúbal; Portalegre; Santarém (*)	Braga; Viana do Castelo; Coimbra; Aveiro; Évora	Guarda; Funchal; Santarém (*); Faro	Castelo Branco; Lisboa; Porto; Vila Real	Ponta Delgada (dactilologia+ empréstimo+ icônico) Beja (dactilologia+ cultura local)

Contactos:
amilcarjosemorais@gmail.com
isasofia.cc@gmail.com

REVISTA NJINGA & SEPÉ

Antroponímia em libras: dados do inventário de Rio Branco (AC) e de Florianópolis (SC), Brasil

Alexandre Melo de Sousa*
Universidade Federal de Alagoas-Brasil
ORCID iD https://orcid.org/0000-0002-2510-1786
João Carlos Paiva Xavier **
Universidade Federal de Alagoas/CNPq-Brasil
Plataforma Lattes http://lattes.cnpq.br/4757931563111720

RESUMO

A Onomástica é a área da Linguística que dedica atenção aos nomes próprios em geral. Uma de suas subáreas, a Antroponímia, tem interesse particular nos nomes próprios de pessoas: primeiro nome, nome de família, apelidos, alcunhas, nomes de urnas, nomes sociais, entre outros. Na comunidade surda, é prática atribuir um nome próprio em língua de sinais: o sinal-nome No Brasil, os estudos antroponímicos em Libras iniciaram com Barros (2018) que estudos sinais-nome da comunidade surda de Goiás. Em seu estudo, a pesquisadora propôs categorias classificatórias baseadas nos aspectos que influenciaram a escolha do sinal-nome: Aspecto Físico (AF), Aspecto Comportamental (AC), Aspecto Social (AS) e Empréstimo da Língua Oral (ELO). No presente estudo, com base na proposta de Barros (2018), analisamos os sinais-nome dos Inventários de Libras (IL) de Rio Branco (Acre) e de Florianópolis (SC). O IL é um corpus representativo da Libras falada nos espaços selecionados. Os dados são gerados a partir de entrevistas e outras atividades de elicitação com a participação de pares de surdos (pesquisador e participante), de ambos os sexos, e distribuídos em três faixas etárias: 1) de 18 a 29 anos, 2) de 30 a 49 anos e 3) de 50 anos em diante. Os resultados mostraram que, nos dois IL o Aspecto Físico foi preponderante, seguido do Empréstimo da Língua Oral.

PALAVRAS-CHAVE

Onomástica; Antroponímia; Libras; Inventário de Libras.

*Graduado em Letras pela Universidade Federal do Ceará (2000) e Letras Libras pelo Centro Universitário ETEP (2023), Especialista em Ensino de Língua Portuguesa pela Universidade Estadual do Ceará (2003) e Educação de Surdos/Libras pela Faculdade Santo André (2016), Mestre em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (2003) e Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (2007). Realizou Pós-Doutorado na Universidade Federal de Santa Catarina (2018-2019) na área de Linguística Aplicada/Libras e na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) (2022-2023). Atualmente é Professor Titular da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), onde desenvolve atividades de ensino, pesquisa e extensão, relacionadas à Linguística (Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa. Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura (PPGLL/UFAL), do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UFAC) e do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL/UNEMAT. Bolsista Produtividade CNPq (PQ-2).

**Mestrando em Linguística no programa de pós-graduação em Linguística e Literatura (PPGLL) da Faculdade de Letras (FALE) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Graduado em Licenciatura em Letras Libras pela Universidade Federal do Acre e graduando em Bacharelado em Letras Libras pela UNINTESE. Membro do Grupo de Pesquisa ESLIN (Educação de Surdos, Libras e Inclusão) e pesquisador do Inventário de Libras de Rio Branco, Acre. Tradutor-Intérprete da Universidade Federal do Acre.

Para citar este Resumo (ABNT): SOUSA, Alexandre Melo de; XAVIER, João Carlos Paiva. Antroponímia em Libras: dados do Inventário de Rio Branco (AC) e de Florianópolis (SC), Brasil. **Anais do 1º Seminário Internacional da Toponímia e Antroponímia (15 & 16 de ago. 2024) / Revista Njinga & Sepé**. São Francisco do Conde (BA), Vol.4, Nº Especial I, p. 51, 2024. (ISSN: 2764-1244). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=cWfxs9BpKhc

Para citar este Resumo (APA): Sousa, Alexandre Melo de; Xavier, João Carlos Paiva. (ago. 2024). Antroponímia em Libras: dados do Inventário de Rio Branco (AC) e de Florianópolis (SC), Brasil. **Anais do 1º Seminário Internacional da Toponímia e Antroponímia (15 & 16 de ago. 2024) / Revista Njinga & Sepé**. São Francisco do Conde (BA), 4 (Especial I): 51. (ISSN: 2764-1244). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=cWfxs9BpKhc

Antroponímia em Libras:
Dados do Inventário de Rio Branco (AC) e de Florianópolis (SC)

Alexandre Melo de Sousa (UFAL/CNPq)
João Carlos Paiva Xavier (UFAC)

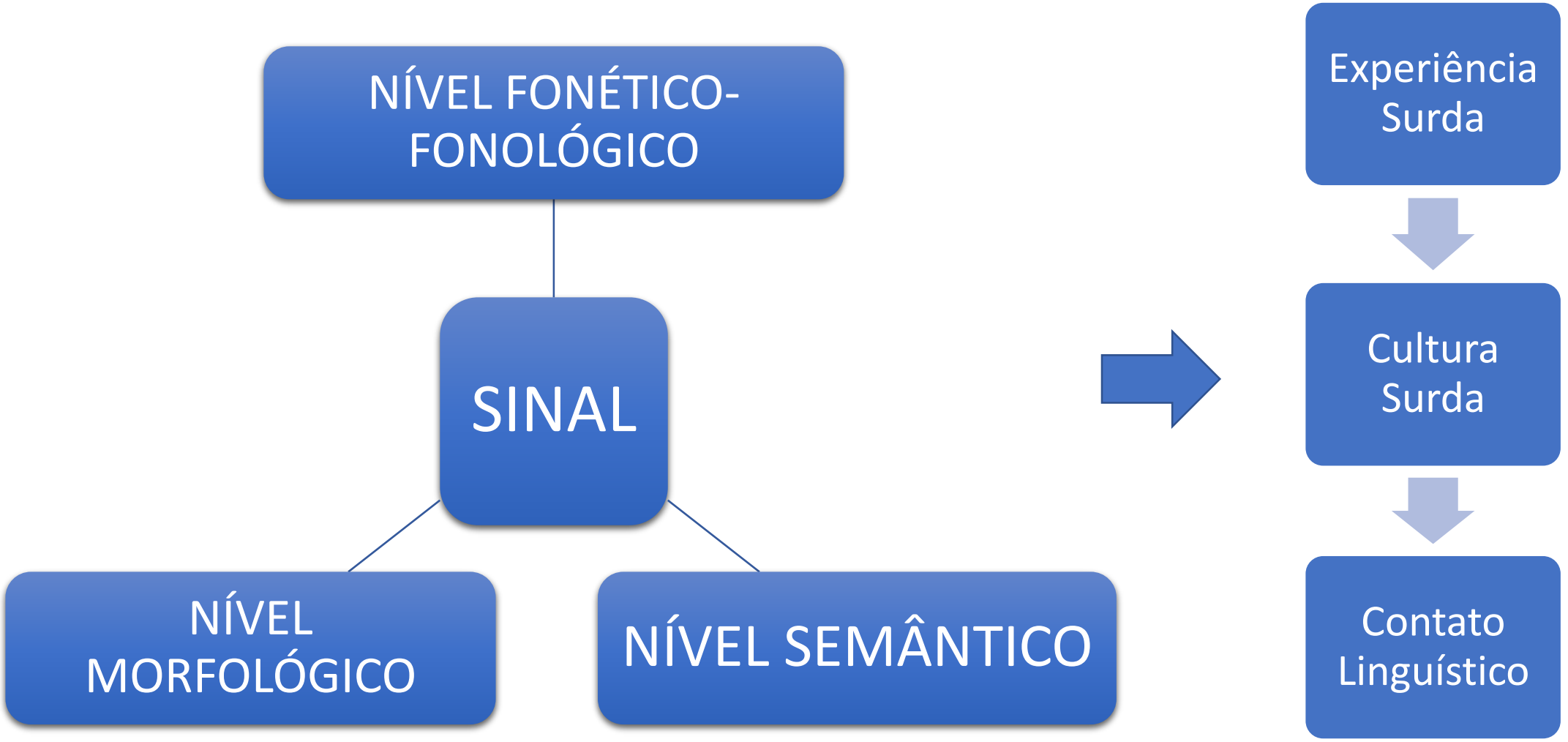
Objetivos da pesquisa:

Analisar contrastivamente os dados antroponímicos dos Inventários de Libras de Rio Branco (AC) e de Florianópolis (SC).

Língua Brasileira de Sinais (Libras)

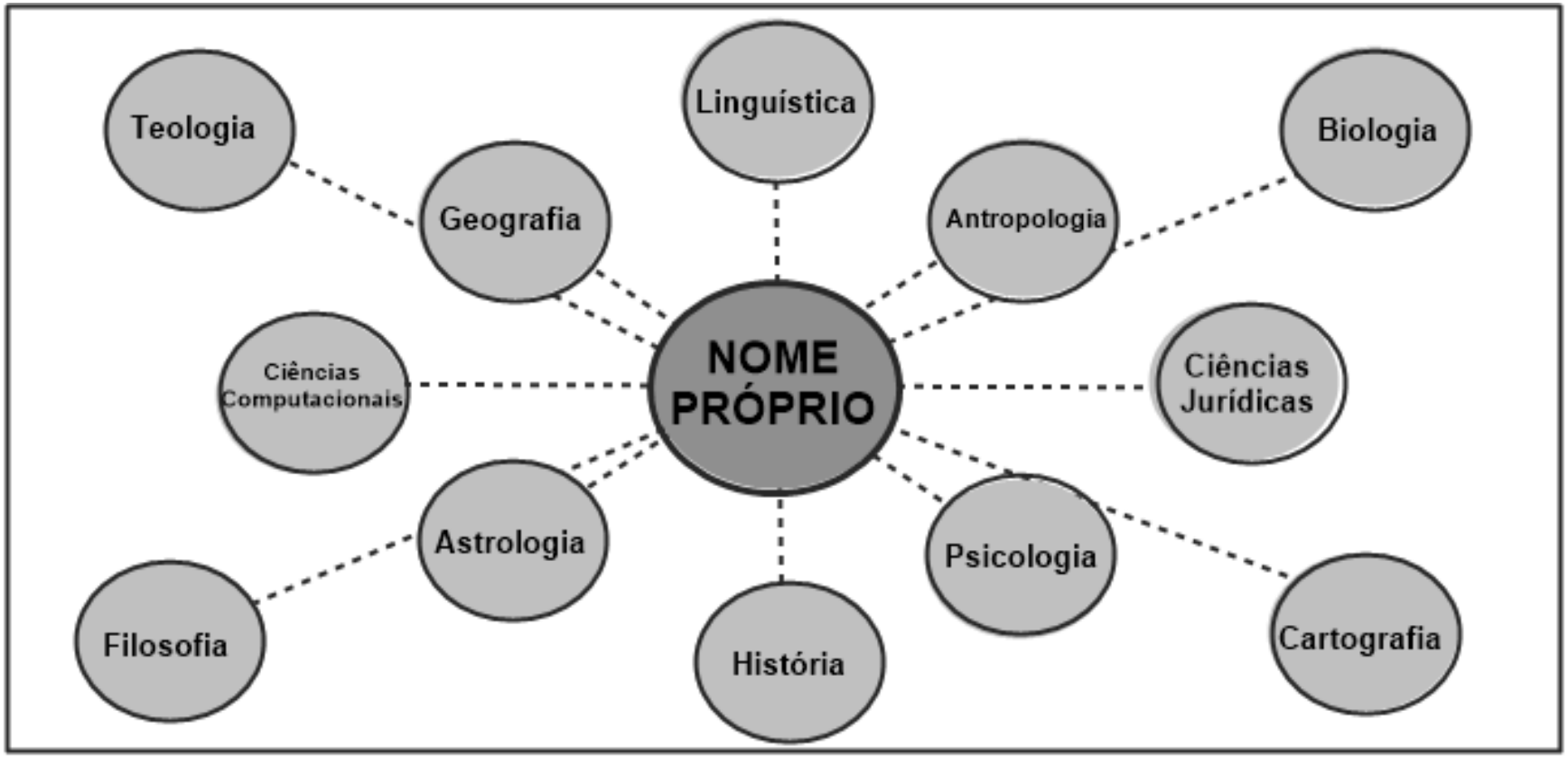
Língua natural e passível de análise em todos os níveis linguísticos, utilizada pela comunidade surda brasileira (especialmente nas regiões urbanas) (Quadros, 2019).

Léxico em Libras:



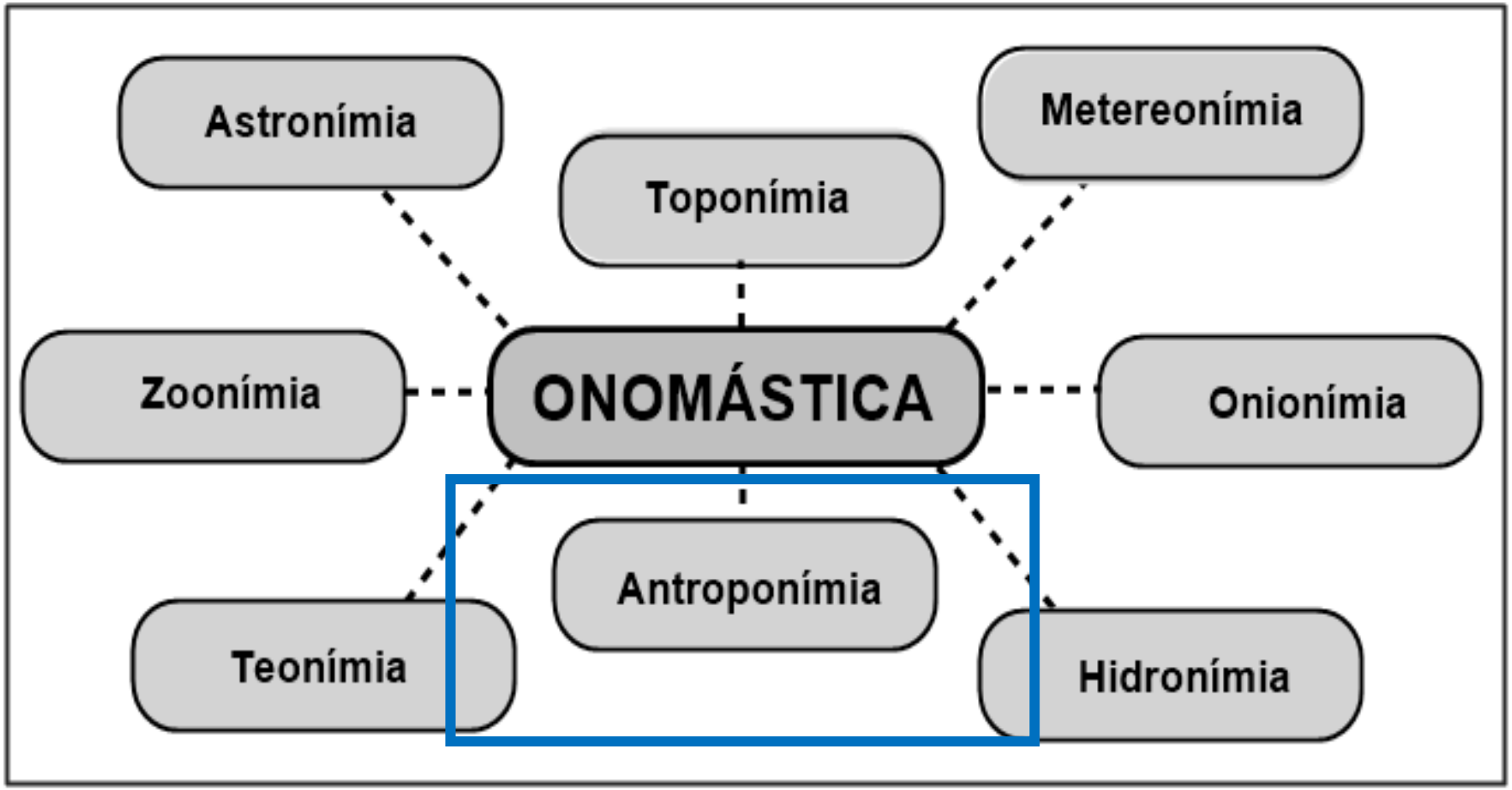
Fonte: Sousa (2022).

Onomástica: o nome próprio



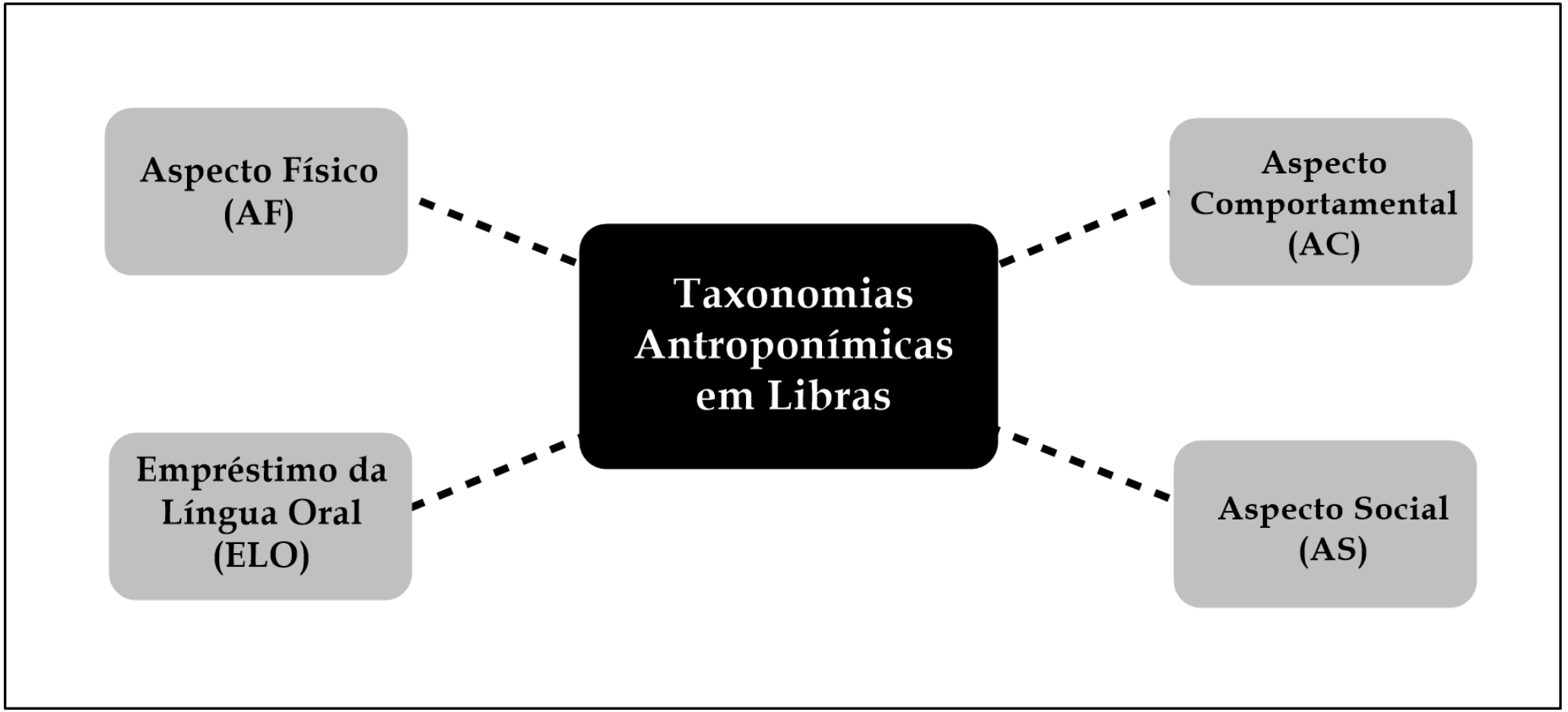
Fonte: Sousa (2022).

Onomástica: as subáreas



Fonte: Sousa (2022).

Proposta de Barros (2018):



Fonte: Adaptado de Barros (2018).

Inventário de Libras

Um *corpus* da Libras abrangente cientificamente e constituído a partir de metodologia bem fundamentada, representando a realização da Libras em diferentes cidades brasileiras.

Apresenta um conjunto de dados sobre a Libras à comunidade surda e acadêmica para fins de interesse político, social, cultural, educacional, linguístico e científico.

Registro linguístico, histórico e cultural da vida das pessoas surdas.

Inventários de Libras

Florianópolis (SC)
Maceió (AL)
Fortaleza (CE)
Palmas (TO)
Rio Branco (AC)
Brasília (DF)
Porto Alegre (RS)
Pelotas (RS)
Belo Horizonte (MG)
Rio de Janeiro (RJ)

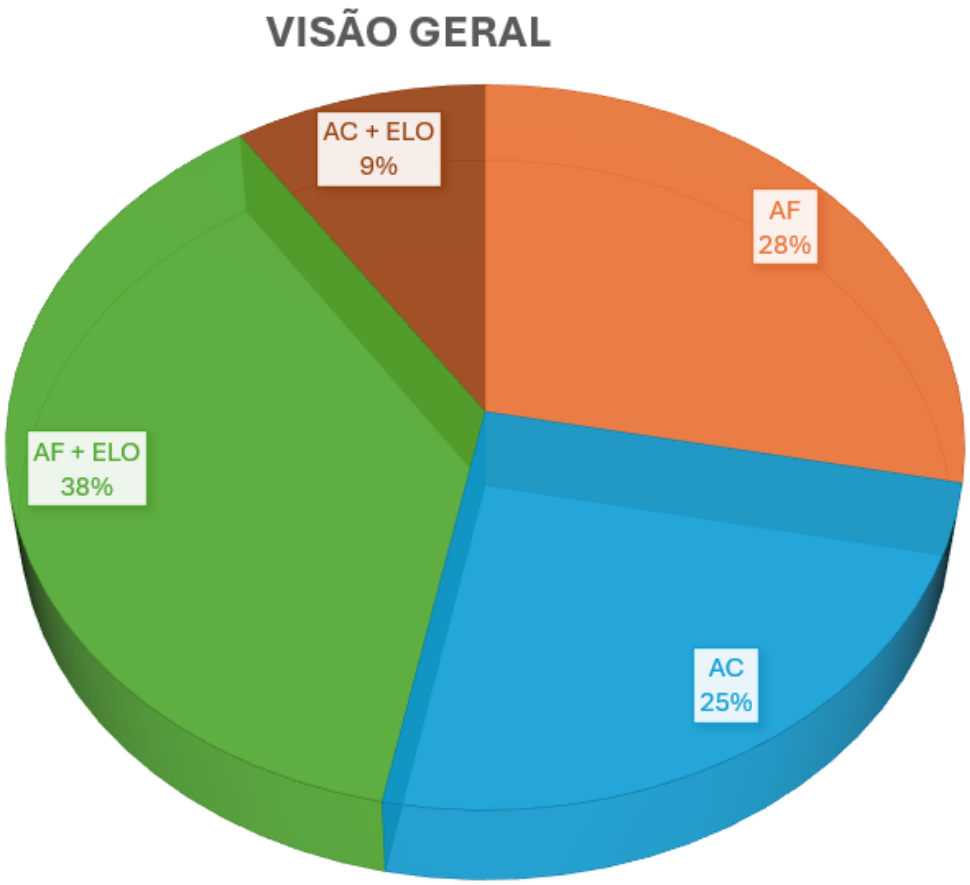
Geração dos Dados:

Ações:

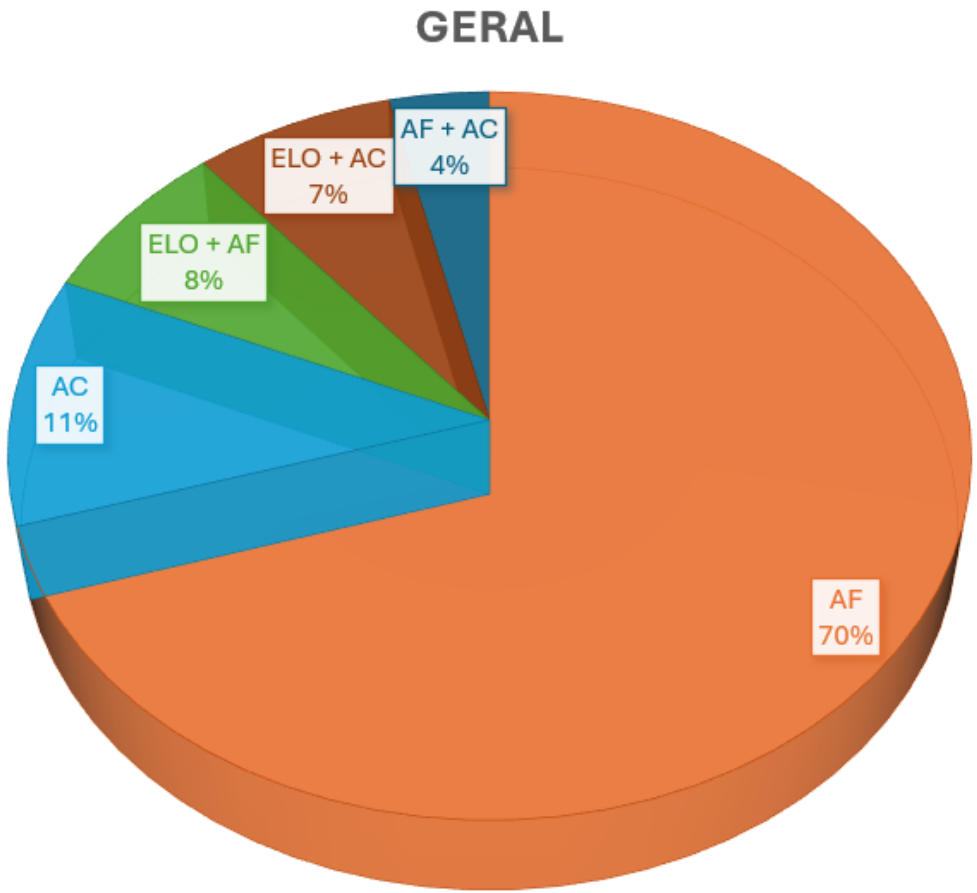
ATIVIDADE	DESCRIÇÃO
Atividade Inicial	Entrevista e relatos pessoais, envolvendo questões tais como: a história do seu sinal, a sua história de aquisição da Libras e de participação na vida da comunidade surda local, a sua relação com a língua portuguesa e a Libras em termos de usos e atitudes, o(s) acontecimento(s) de maior impacto em sua vida particular, e suas aspirações pessoais e profissionais
Narrativa 1	É apresentado um filme curto e o participante deverá recontar a narrativa para o pesquisador.
Narrativa 2	É apresentado um segundo filme, em quadrinhos, e o participante deverá recontar a narrativa.
Conversação Livre	A dupla conversará de forma livre ou sobre um tema do cotidiano a ser oferecido pelo pesquisador como estratégia de estímulo. São propostos os temas relacionados com a realidade local
Elicitação Gramatical e Lexical	Ao participante serão apresentados estímulos criados especificamente para a elicitação de construções gramaticais e itens lexicais da Libras, que foram adaptados do projeto de *corpus* da língua de sinais alemã

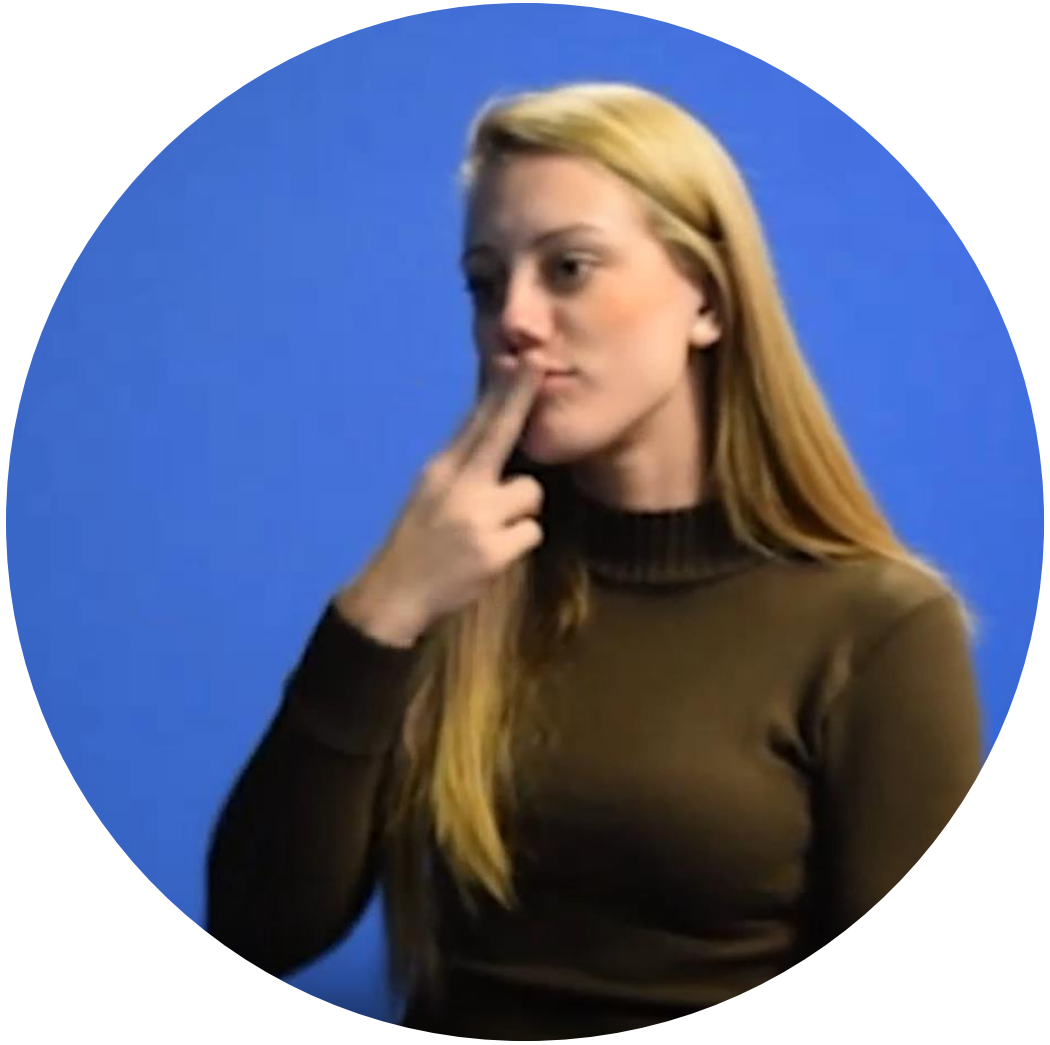
Fonte: Quadros et al (2020).

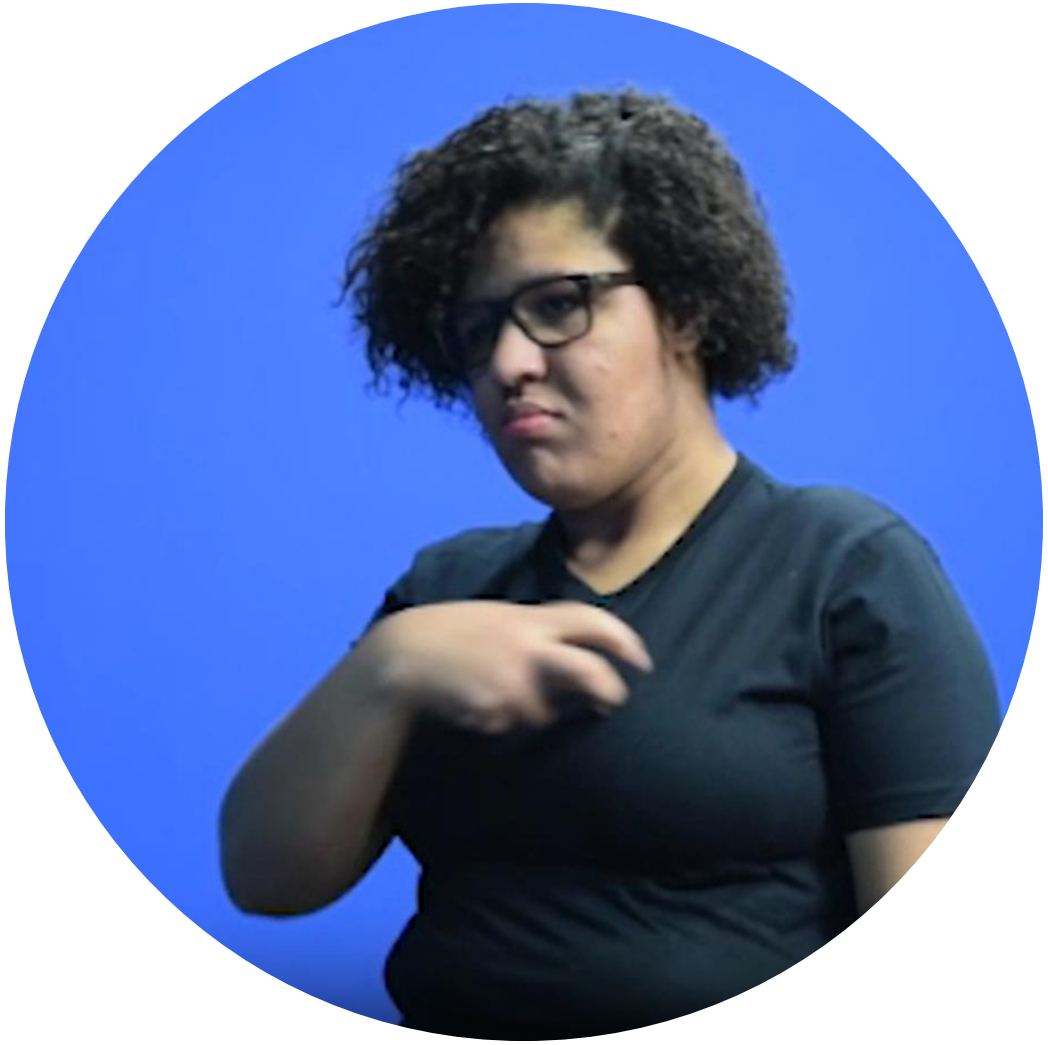
Dados de Rio Branco:



Dados de Florianópolis:







Considerações finais:

Os sinais-nome são marcas das culturas surdas.

Os sinais-nome são reflexos das visões de mundo dos surdos e das suas perspectiva de nomeação.

Os estudos sobre os sinais-nome contribuem para a descrição do léxico em línguas de sinais.

Referências:

BARROS, Mariângela Estelita. Taxonomia Antroponímica nas Línguas de Sinais – A Motivação dos Sinais-Nomes. **Revista RE-UNIR**, v. 5, nº 2, 2018, p. 40-62.

QUADROS, Ronice Müller. **Libras**. São Paulo: Parábola, 2019.

QUADROS, R. M. *et al*. Inventário Nacional de Libras. **Fórum linguístico**, v. 17, n. 4, 2020, p. 457-5474. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/77334/45483 Acesso em: 5 set. 2022.

SOUSA, A. M. Onomástica em Libras. SOUSA, A. M.; GARCIA, R.; SANTOS, Tatiane Castro (org.). **Perspectivas para o ensino de Línguas 6.** Rio Branco: EDUFAC, 2022. Disponível em: http://www2.ufac.br/editora/livros/PerspectivasEnsino.pdf Acesso em: 26 jul. 2024.

alexlinguista@gmail.com

joao.xavier@ufac.br

REVISTA NJINGA & SEPÉ

Estudo bilíngue da toponímia baiana: português e libras

Liliane Lemos Santana Barretos *
Universidade Estadual Feira de Santana - Brasil
http://lattes.cnpq.br/7736823266867241

RESUMO

Apresenta-se os resultados alcançados com o projeto de pesquisa “Estudo bilíngue da toponímia de Feira de Santana-BA: Português-Libras” (CONSEPE-UEFS 044/2018), vinculado a Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Este projeto busca catalogar, analisar e classificar os topônimos de natureza física e humana do município, conforme a motivação do nome. Os dados da pesquisa são coletados nas Folhas Cartográficas do IBGE, no Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (IPAC), na Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano de Feira de Santana (SEDUR), na Secretaria Municipal de Trabalho, Turismo e Desenvolvimento Econômico (SETTDEC), no Centro de Documentação e Pesquisa da UEFS e na Associação de Surdos de Feira de Santana. A pesquisa fundamenta-se nos referenciais teóricos e metodológicos relacionados aos estudos linguísticos da Libras (Felipe, 1983; 2006; Ferreira, 1995; Quadros; Karnopp, 2004; Souza Júnior, 2012; Quadros, 2019; Sousa, 2020), aos estudos toponímicos (Dauzat], 1926; Dick, 1980; 1990; 1992 [1986]; 1992; 1999; Isquerdo, 1996; Lima, 1997; Francisquini, 1998; Seabra, 2004; 2006; Souza Júnior, 2012; Sousa; Quadros, 2019; Sousa, 2022), aos estudos históricos e culturais da Bahia (Poppino, 1968; Andrade, 1990; Risério, 2004; Tavares, 2008; Vasconcelos, 2012) entre outros. A análise dos topônimos tem evidenciado os aspectos linguísticos e históricos da origem dos lugares estudados, considerando o processo político-cultural que envolve a nomeação de uma localidade, tanto em língua portuguesa quanto em Libras, uma vez que, nesse campo, trabalha-se com um léxico que conserva antigos estágios denominativos.

PALAVRAS-CHAVE

Toponímia; Libras; Surdos

REVISTA NJINGA & SEPÉ

*Professora Titular da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), em regime de Dedicação Exclusiva, lotada no Departamento de Letras e Artes (DLA) e no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos - Mestrado e Doutorado (PPGEL). Licenciada em Letras Vernáculas pela UEFS, Especialista em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Literatura pelo IBPEX, Especialista em Libras pelo IBPEX, Mestre em Estudo de Linguagens pela UNEB e Doutora em Língua e Cultura pela UFBA. Realizou estágio de Pós-Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da UFMG (2018-2019). É pesquisadora vinculada ao Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Humanidades Digitais (NeiHD/UEFS) e ao Núcleo de Estudos Lexicais (NEL/UNEB)

Para citar este Resumo (ABNT): BARRETOS, Liliane Lemos Santana. Estudo bilíngue da toponímia baiana: Português e Libras. **Anais do 1º Seminário Internacional da Toponímia e Antroponímia (15 & 16 de ago. 2024) / Revista Njinga & Sepé**. São Francisco do Conde (BA), Vol.4, Nº Especial I, p. 71, 2024 (ISSN: 2764-1244). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=cWfxs9BpKhc

Para citar este Resumo (APA): Barretos, Liliane Lemos Santana (ago. 2024). Estudo bilíngue da toponímia baiana: Português e Libras. **Anais do 1º Seminário Internacional da Toponímia e Antroponímia (15 & 16 de ago. 2024) / Revista Njinga & Sepé**. São Francisco do Conde (BA), 4 (Especial I): 71 (ISSN: 2764-1244). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=cWfxs9BpKhc

REVISTA NJINGA & SEPÉ

Toponímia em Língua Brasileira de Sinais (Libras): descrição e análise dos sinais das escolas de Araguaína –TO

Mariana Ferreira Albuquerque
Universidade Federal do Tocantins- Brasil
http://lattes.cnpq.br/0970037008835563

Karylleila dos Santos Andrade Klinger
Universidade Federal do Tocantins- Brasil
https://orcid.org/0000-0001-6920-9206

RESUMO
Esta pesquisa teve como objetivo analisar e descrever sinais toponímicos das escolas públicas municipais, estaduais e privadas, do município de Araguaína, sob o viés dos estudos de Toponímia, cuja área faz parte da Onomástica, que estuda os nomes próprios. Para isso, fizemos o levantamento do corpus de vinte e três escolas do Ensino Fundamental e Médio, sendo que três dessas apresentaram sinais com variação, com isso totalizaram vinte e seis sinais, verificando as motivações toponímicas de cada nome, com base em documentos coletados junto às secretarias das escolas. Todas as informações foram registradas por meio de fichas lexicográfico-toponímicas, que constam no apêndix desta dissertação Desse modo, por meio da observação e descrição dos dados, identificamos as especificidades dos topônimos, para que fosse feita a análise de base qualitativa, para as categorias dos nomes de acordo com os trabalhos dos seguintes teóricos, Dick (1990, 1998), Seabra (2006), Souza Júnior (2012), Sousa Martins (2017), Siqueira (2011), Faggion, Misturini , Dal Pizzol (2013) e Miranda (2020), dentre outros. Nossa pesquisa identificou que os nomes das escolas de Araguaína podem ser resultados de indicação política, motivos religiosos ou solicitação da própria comunidade, embora saibamos que a manutenção ou não de um topônimo pode ser também determinada pelos sentidos que a população estabelece sobre ele. Portanto foram encontrados vários tipos de sinais, tais como: nativos, inicializados e soletrados. Além de outros tipos de motivação na estrutura da língua e em português. Por fim, acreditamos que nossa pesquisa trará uma contribuição para os estudos toponímicos no município de Araguaína, especialmente, para educação escolar dos surdos, bem como da comunidade surda da região Norte do Tocantins.

PALAVRAS-CHAVE
Toponímia; Nomes de escolas de Araguaína. Sinais de escolas de Araguaína Libras.

* Possui graduação em Gestão de Cooperativas pela Universidade Federal do Tocantins (2016). Também graduada em pedagogia pela faculdade integrada de Araguatins (2018). Aluna de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Letras: Ensino de Língua e Literatura (PPGL), do Câmpus de Araguaína, cujo projeto de pesquisa é intitulado variação de libras na comunidade surda religiosa de Araguaína.Tem experiência de Gestão em cooperativas, defendeu o TCC, cujo tema foi A Inclusão do Surdo no Mercado de Trabalho de Araguaína. Atualmente Mestranda pela Universidade Federal do Tocantins. Fala fluentemente LIBRAS, com experiências na função de professora Bolsista do PRONATEC/IFTO de Araguaína. Possui o curso de Pós-Graduação Lato Sensu em LIBRAS realizado no período de 02/12/2022 a 21/09/2023 totalizando 720H, na Faculdade Ibra Grande São Paulo FAGRAN. Atualmente é professora de Libras e Supervisora Pedagógica da SEMED/Araguaína. Possui Carteira de Habilitação - Categoria B. Participou de vários seminários tanto na Área de Gestão de Cooperativas como na Área de LIBRAS

**Possui graduação em Letras pela Universidade Estadual do Tocantins (1993), mestrado em Lingüística pela Universidade de São Paulo (2000) e doutorado em Lingüística pela Universidade de São Paulo (2006). Atualmente é profa. Titular associada da Universidade Federal do Tocantins. Tem experiência na área de Linguística e Antropologia Linguística, com ênfase em Etnotoponímia, toponímia, léxico, interdisciplinaridade, ensino e educação.

Para citar este Resumo (ABNT): ALBUQUERQUE, Mariana Ferreira; KLINGER, Karylleila dos Santos Andrade. Toponímia em Língua Brasileira de Sinais (Libras): descrição e análise dos sinais das escolas de Araguaína –TO. **Anais do 1º Seminário Internacional da Toponímia e Antroponímia (15 & 16 de ago. 2024) / Revista Njinga & Sepé**. São Francisco do Conde (BA), Vol.4, Nº Especial I, p. 73, 2024 (ISSN: 2764-1244). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=cWfxs9BpKhc

Para citar este Resumo (APA): Albuquerque, Mariana Ferreira; Klinger, Karylleila dos Santos Andrade. (ago. 2024). Toponímia em Língua Brasileira de Sinais (Libras): descrição e análise dos sinais das escolas de Araguaína –TO. **Anais do 1º Seminário Internacional da Toponímia e Antroponímia (15 & 16 de ago. 2024) / Revista Njinga & Sepé**. São Francisco do Conde (BA), 4 (Especial I): 73. (ISSN: 2764-1244). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=cWfxs9BpKhc

TOPONÍMIA EM LIBRAS

Descrição e análise dos sinais das escolas de Araguaína - TO

Orientanda
Mariana Ferreira Albuquerque
Orientadora:
Profa. Dra. Karylleila S. Andrade Klinger
PPGL/UFNT

Araguaína - TO

Sinais de Escolas na Língua Brasileira de Sinais

Segundo Strobel; Fernandes (1998) *apud* Magalhães (2017) uma foto é icônica porque reproduz uma imagem do referente, ou seja, da pessoa ou coisa fotografada. Assim também são alguns sinais da LIBRAS gestos que fazem alusão à imagem do seu significado. Isso não denota que os sinais icônicos são iguais em todas as línguas. Cada sociedade capta facetas diferentes de um mesmo referente, representadas por meio de seus próprios sinais, convencionalmente

Sinal do Colégio Santa Cruz

Uniforme do Colégio Santa Cruz

UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS

Análise de Dados

- Levantamento de 23 sinais topônimos das escolas de Araguaína – TO

• Ficha Lexicográfico-Toponímica sobre o sinal da unidade escolar em Araguaína - TO

Assistência Social Pentecostal de Araguaína-ASPA

Imagem do Topônimo em Libras	Escrita de sinais
Link de acesso ao vídeo	https://youtu.be/tJ6WgIvFK2s
Topônimo em Português	Assistência Social Pentecostal de Araguaína-ASPA
Rede de Ensino	Rede Estadual de Ensino
Descrição do sinal	Neste item apresentamos uma descrição dos parâmetros articulatórios do sinal: a configuração de mão, ponto de articulação, movimento, orientação da palma e expressões não manuais.
Morfologia	Simples
Categoria	(1) Nativos (2) Inicializados (3) Soletrados
Motivação	(1) Motivação icônica (- Cultura / / - Uniforme escolar / - Estrutura da escola /- Logomarca da escola) 2) Motivação da língua portuguesa
Pesquisadora	Mariana Ferreira Albuquerque

UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS

Ficha Lexicográfico-Toponímica sobre o sinal da unidade escolar em Araguaína - TO

Colégio CAIC

Imagem do Topônimo em Libras	Escrita de sinais
Link de acesso ao vídeo	https://youtu.be/KKEuajRMgWY
Topônimo em Português	Colégio CAIC
Rede de Ensino	Rede Estadual de Ensino
Descrição do sinal	Neste item apresentamos uma descrição dos parâmetros articulatórios do sinal: a configuração de mão, ponto de articulação, movimento, orientação da palma e expressões não manuais.
Morfologia	Simples
Categoria	(1) Nativos (2) Inicializados (3) Soletrados
Motivação	(1) Motivação icônica (- Cultura / - Uniforme escolar / - Estrutura da escola / - Logomarca da escola (2) Motivação da língua portuguesa
Pesquisadora	Mariana Ferreira Albuquerque
Validação	
Tipo de Fonte	Fonte oral (entrevista)

UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS

Ficha Lexicográfico-Toponímica sobre o sinal da unidade escolar em Araguaína - TO

Escola Estadual Professor João Alves Batista

Imagem do Topônimo em Libras	**Escrita de sinais**
Link de acesso ao vídeo	https://youtu.be/kG7p_Qw-W28
Topônimo em Português	Escola Estadual Professor João Alves Batista
Rede de Ensino	Rede Estadual de Ensino
Descrição do sinal	Neste item apresentamos uma descrição dos parâmetros articulatórios do sinal: a configuração de mão, ponto de articulação, movimento, orientação da palma e expressões não manuais.
Morfologia	Simples
Categoria	(1) Nativos (2) Inicializados (3) Soletrados
Motivação	(1) Motivação icônica (- Cultura / - Uniforme escolar / - Estrutura da escola / - Logomarca da escola (2) Motivação da língua portuguesa

Referências

- ANDRADE, Karylleila dos Santos. Os nomes de lugares em rede: um estudo com foco na interdisciplinaridade. **DOMÍNIOS DE LINGU@GEM**. Revista Eletrônica de Linguística, v. 6, n. 1, p. 205-225, 1º Semestre de 2012. Disponível em: https://redib.org/Record/oai_articulo2392193-os-nomes-de-lugares-em-rede-um-estudo-com-foco-na-interdisciplinaridade. Acesso em 12 nov. 2021.
- CRUZ, Cristiano Pimentel. **Gírias na Língua de Sinais Brasileira**: processos de criação e contextos de uso. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Letras, Câmpus de Porto Nacional, Universidade Federal do Tocantins. Porto Nacional, Tocantins, 2020.
- SEABRA, M. C. T. C. **Referência e onomástica**. In: Simpósio Nacional e I Simpósio Internacional de Letras e Linguística (SILEL), XI, 2006, Uberlândia. Múltiplas perspectivas em linguística. Uberlândia: ILEEL, 2006, p. 1953-1960.
- SOUSA, Alexandre Melo de. **Toponímia em Libras dos bairros de Rio Branco: análise da estrutura dos sinais toponímicos e dos aspectos motivacionais**. Campo Grande: Ed. UFMS, 2020.
- SOUSA, Alexandre Melo de; BARREIROS, Liliane Lemos Santana. Panorama histórico dos estudos toponímicos em libras no Brasil. **Revista Sinalizar**, v. 5, 2020.
- STROBEL, Karin Lilian; FERNANDES, Sueli. **Aspectos linguísticos da LIBRAS**. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Educação Especial. Curitiba: SEED/SUED/DEE. 1998.

UFNT
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO NORTE DO TOCANTINS

Obrigada!!!

REVISTA NJINGA & SEPÉ

Subsídios para o estudo da toponímia angolana: a formação dos adjectivos pátrios e gentílicos

Jeanine Emanuella Marques Henriques da Silveira *
Universidade Católica de Angola - Angola
ORCID iD https://orcid.org/0000-0002-4118-6417

RESUMO
A presente tese intitulada Subsídios para o estudo da toponímia angolana: a formação dos adjectivos pátrios e gentílicos insere-se na história da onomástica angolana, constituindo uma tentativa de resgate da etimologia dos hibridismos toponímicos da língua portuguesa em território angolano. Encontra-se embasada na análise linguística dos referenciais toponímicos angolanos, segundo os métodos taxionómicos de Dick et al. (1980, 1990,1997,1999, 2004), para a toponímia brasileira; de José de Vasconcelos (1902, 1919, 1923, 1931), Fernandes (1941, 1943, 1950) e Raposo (2013, 2020) para a toponímia portuguesa; e de Albert Dauzat (1929, 1932, 1935, 1943, 1946, 1953) para a toponímia francesa. Constitui objecto do nosso estudo a descrição do modo como, em LP, as motivações semântico-históricas, como invasões, guerras, conquistas, negociações, cedências e resistências e as motivações culturais, como línguas, religiões, hábitos, costumes, mas também a geografia, a flora e a fauna, influenciam, criam e reconstróem a toponímia angolana ao longo da história da escrita sobre os nomes dos seus lugares. Desta forma será possível identificar os contágios interidiomáticos que causaram alterações fonéticas, fonológicas ou morfológicas na onomástica angolana de LP, resultado do contacto linguístico com os Ambó, Ambundo, Bacongo, Herero, Ibinda, Lunda, Ngangela, Nhaneca, Cokwe, Ovimbundo, Vanxindonga e todos os povos que compõem o multilinguismo angolano. Daremos relevância à harmonização linguística no contacto da LP com a cultura angolana, respeitando a motivação semântico-histórica e/ou o sentido etimológico do nome de cada lugar. Serão estudados os adjectivos pátrios angolanos, de acordo com a proposta de Raposo (2013: 994) para os nomes próprios canónicos, nas dezoito províncias, (Bengo, Benguela, Bié, Cabinda, Kwando-Kubango, Kwanza-Norte, Kwanza-Sul, Cunene, Huíla, Huambo, Luanda, Lunda-Norte, Lunda-Sul, Malanje, Moxico, Namibe, Uíje, Zaire).

PALAVRAS-CHAVE
Toponímia; Gentílicos; Onomástica; Angola

*Jeanine Emanuela Marques Henriques da Silveira. Concluiu o(a) Doutoramento em Linguística em 2018 pelo(a) Universidade de Évora Instituto de Investigação e Formação Avançada e Graduado em Letras em 1999/03/09 pelo(a) Universidade de São Paulo Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas. Frequenta o(a) Doutoramento em Linguística pelo(a) Universidade de Évora Instituto de Investigação e Formação Avançada desde 2017. É Assistente no(a) Universidade Católica de Angola. Atua na(s) área(s) de Ciências Sociais com ênfase em Ciências da Educação. No seu currículo Ciência Vitae os termos mais frequentes na contextualização da produção científica, tecnológica e artístico-cultural são: Onomástica; Antroponímia; Toponímia; Adjectivos gentílicos; Adjectivos pátrios; Onomastique; Anthroponymie; Toponymie; Adjectifs gentils; Adjectifs patriotiques; Onomastics; Anthroponymy; Toponymy; Native adjectives; Gentile adjectives; História da Língua Portuguesa, Toponímia; Fonética;

Para citar este Resumo (ABNT): DA SILVEIRA, Jeanine Emanuella Marques Henriques.Subsídios para o estudo da toponímia angolana: a formação dos adjectivos pátrios e gentílicos. **Anais do 1º Seminário Internacional da Toponímia e Antroponímia (15 & 16 de ago. 2024) / Revista Njinga & Sepé**. São Francisco do Conde (BA), Vol.4, Nº Especial I, p. 82, 2024 (ISSN: 2764-1244). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=wMpCid_AJ5k

Para citar este Resumo (APA): Da Silveira, Jeanine Emanuella Marques Henriques.(ago. 2024). Subsídios para o estudo da toponímia angolana: a formação dos adjectivos pátrios e gentílicos. **Anais do 1º Seminário Internacional da Toponímia e Antroponímia (15 & 16 de ago. 2024) / Revista Njinga & Sepé**. São Francisco do Conde (BA), 4 (Especial I): 82. (ISSN: 2764-1244). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=wMpCid_AJ5k

SUBSÍDIOS PARA O ESTUDO TOPONÍMIA ANGOLANA: A FORMAÇÃO DE ADJECTIVOS PÁTRIOS E GENTÍLICOS PARA O PORTUGUÊS.

JEANINE SILVEIRA

Participação no I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DA TOPONÍMIA E ANTROPONÍMIA.

15 de Agosto de 2024

O PENSAMENTO DO DIA

- “woso kana kejiye o dimi dye, o dya mukwa anga amulongo nadyu kyambote, kadijiye we kyambote.”

- “ Todo aquele que não conhece a sua língua não entenderá a língua do outro, mesmo que a ensinem com rigor.”
- Joaquim Cordeiro da Mata (1892).

OBJECTIVOS

- Chamar à atenção para a necessidade de se pesquisar o passado das línguas africanas na sua onomástica e como ferramentas auxiliares a construção do conhecimento do PA.
- Associar o conhecimento da LP à linguística bantu e não-bantu africanas.
- Para perceber como se constrói a Toponímia angolana

A ONOMÁSTICA

- Objectivo: Chamar à atenção para a necessidade de se pesquisar o passado das línguas africanas na sua onomástica e como ferramentas auxiliares a construção do conhecimento do PA.
- Associar o conhecimento da LP à linguística bantu e não-bantu africanas.
- **A toponímia** -. Os elementos constitutivos da formação, origem e explicação do topónimos ou nome dos lugares. Portugal- Leite de Vasconcelos (1931) , Ivo Xavier Fernandes (1941), Raposo (2013) ;
- França - Albert Dauzat (1932);
- Brasil - Maria Vicentina Dick (1980, 1990).
- a toponímia tem também relações com a **antroponímia**, pois muitos topónimos têm origem em nome de pessoas, particularmente os proprietários ou povoadores das regioes nomeadas." (Raposo, 2013:1005).

MACRO TOPONÍMIA ANGOLANA

- A teoria embasada em Vasconcelos, Fernandes e Dick (os principais) permitiram perceber que o nome dos lugares são dos elementos mais conservadores da língua.
- Raposo vem actualizar o conceito.
- É importante perceber como se formou a palavra.
- Perceber que línguas africanas influenciaram a onomástica nacional, implica perceber ao pormenor que nome influenciou a **formação do topónimo.**
- A toponímia angolana é a prova manifesta de certas características peculiares do PA:
- 1. Inexistência ou ausência de significado real das suas palavras nas línguas angolanas.
- Ex: Bié , Huíla

MACRO TOPONÍMIA ANGOLANA

II. Conserva no seu seio radicais das línguas bantu.

Angola > ngola

Moxico [muxiku];

Lunda

Cabinda [kabinda]

Cunene [kunene]

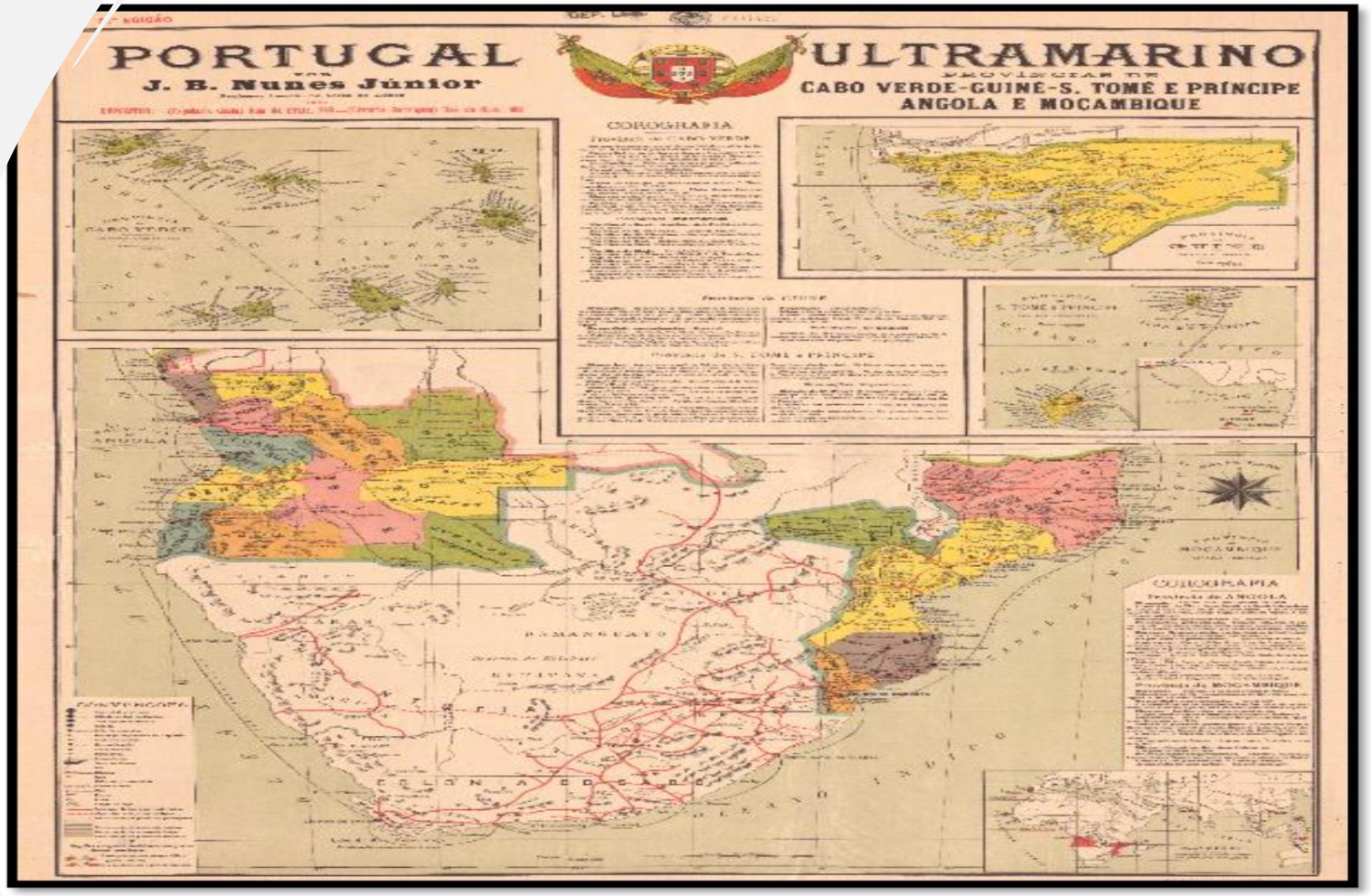
A presença dos prefixos ou radicais africanos (bantu e não Bantu)

AS LÍNGUAS BANTU

- Os países africanos da CPLP estão abrangidos grosso modo e principalmente pelas línguas bantu, já que o reino do Congo estabeleceu, entre os vários, um estreito contacto linguístico com o português.
- **Características gerais das línguas bantu**
- Línguas organizadas em classes (18 classes do kimnundu)
- Línguas prefixais
- A LP varia Género e número
- A rota linguística da escravatura

A ROTA LINGUÍSTICA DO PORTUGUÊS EM ÁFRICA

Mapa nº 5 - Mapa do Portugal Ultramarino.



Fonte: *Arquivo da Biblioteca Nacional de Portugal* (mapa de J. B. Nunes Júnior, datado de 1931)

A ROTA LINGUÍSTICA DO PORTUGUÊS EM ÁFRICA - ANGOLA

III. substituição por um hidrotopónimo ou antropónimo;

IV. Rios: Congo, Cunene, zaire, Kuanza, Bengo, kubango;

V. antropónimo (colonizador) Alexandre, Mossâmedes, Sá da bandeira

VI. hibridização de étimos diferentes ou transformados em sequência do contacto linguístico-cultural –

VII. motivação maior imposta pelas mudanças de regime por colonização (conferência de Berlim)

VIII. revolução (anos 50 e 60)

IX. A independência e afirmação do povo angolano.

A ROTA LINGUÍSTICA DO PORTUGUÊS EM ÁFRICA

- Cabo Verde
- Moçambique
- São Tomé e príncipe
- Guiné Bissau

MUITO OBRIGADA

- Sakidilenu! (Kimbundu)
- Akwikwa! (Kikongo)
- Ndapandula! (Umbundu)
- Kusakuila! (Cokwe)
- Muito obrigada!

REVISTA NJINGA & SEPÉ

Apodos de los futbolistas insignia mexicanos, colombianos, argentinos y peruanos

Olga S. Chesnokova *
Universidad Rusa de la Amistad de los Pueblos, Moscú, Rusia
ORCID iD https://orcid.org/0000-0001-7025-4098

RESUMO
Las personalidades icónicas del fútbol son ampliamente conocidas por sus apodos o perífrasis onomásticas. La diversidad de apodos de los futbolistas latinoamericanos se debe a los rasgos idiosincráticos del estilo comunicativo latinoamericano en sus variedades nacionales, la creatividad verbal latinoamericana con un amplio repertorio de formas de tratamiento, metáforas culturales y la importancia del fútbol en la formación y reflejo verbal de la identidad nacional. La presente investigación se centra en los apodos de los emblemáticos futbolistas mexicanos, colombianos, argentinos y peruanos. Se establece que los apodos de futbolistas de dichos países tienden a enfatizar metafóricamente sus relevantes cualidades deportivas, a menudo a través de zoometáforas y americanismos que, a su vez, tienen características motivadoras de acuerdo con la singularidad de las culturas lingüísticas nacionales. Por ejemplo, el mediocampista y entrenador mexicano Javier Aguirre Onaindía (n. 1958), por su origen vasco, es conocido como *El Vasco* o *El Vasco Aguirre*. Carlos Valderrama (n. 1961), el único futbolista colombiano incluido en la lista de FIFA de los 125 mejores futbolistas es conocido con el sobrenombre de *El Pibe*, un sudamericanismo que significa ‘chico’, ‘niño’. La célebre personalidad del fútbol latinoamericano y mundial, el argentino Diego Armando Maradona (1960-2020) recibió los apodos *Pibe de oro, Pelusa, El barrilete cosmico*, si bien los vocablos *pibe* y *barrilete* son sudamericanismos. El centrocampista peruano Teófilo Juan Cubillas Arizaga entró en la retórica futbolística como *El Nene* o *El Nene Cubillas.* La principal conclusión consiste en que en los apodos de futbolistas se destacan los epítetos elogiosos, los americanismos, la

combinación del apodo con el apellido del jugador, los lexemas de edad como medios retóricos para mostrar simpatía por el jugador y al mismo tiempo enfatizar la unidad colectiva en el discurso futbolístico. La investigación fue apoyada por la subvención de la Fundación Rusa para la Ciencia No. 24-18-00702 “Parámetros lingüísticos de la identidad nacional: texto latinoamericano”, Universidad Rusa de la Amistad de los Pueblos “Patricio Lumumba” (RUDN University) [https://rscf.ru/project/24-18-00702/?ysclid=lxgb79u9cp246491389]

PALAVRAS-CHAVE
Onomásticas; Futbolistas; Metáforas Culturales

* Doutora em Filologia Românica, Professor do Departamento de Línguas Estrangeiras da Faculdade de Filologia “Patricio Lumumba” Universidade Russa da Amizade dos Povos. Autor de mais de 200 publicações (artigos, livros, materiais didáticos, resumos de conferências, resenhas). Membro da American Name Society, Associação de Hispanistas da Rússia. Área de especialidade: variação da língua espanhola (léxico, semântica, fraseologia), onomástica, comunicação intercultural, estudos de tradução, semiótica do texto literário.

Para citar este Resumo (ABNT): CHESNOKOVA, Olga S. Apodos de los futbolistas insignia mexicanos, colombianos, argentinos y peruanos. **ANAIS do 1º Seminário Internacional da Toponímia e Antroponímia (15 & 16 de ago. 2024) / Revista Njinga & Sepé**. São Francisco do Conde (BA), Vol.4, Nº Especial I, p. 95, 2024 (ISSN: 2764-1244). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=wMpCid_AJ5k

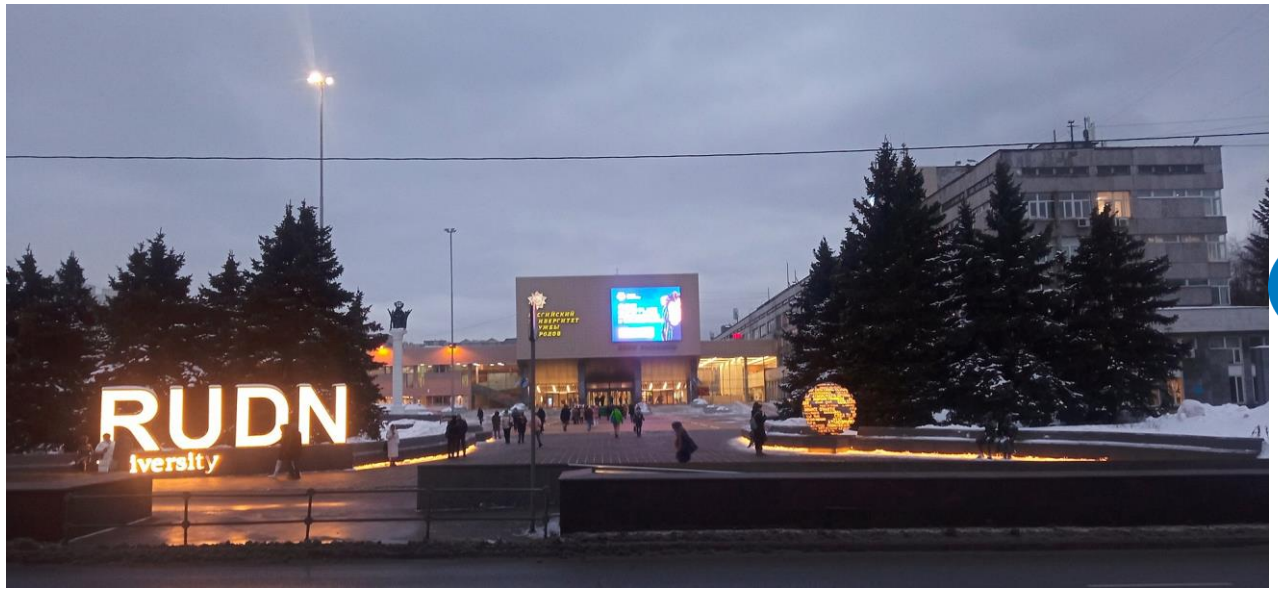
Para citar este Resumo (APA): Chesnokova, Olga S. (ago. 2024).Apodos de los futbolistas insignia mexicanos, colombianos, argentinos y peruanos. **Anais do 1º Seminário Internacional da Toponímia e Antroponímia (15 & 16 de ago. 2024) / Revista Njinga & Sepé**. São Francisco do Conde (BA), 4 (Especial I): 95. (ISSN: 2764-1244). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=wMpCid_AJ5k

Российский университет
дружбы народов

Apodos de los futbolistas insignia mexicanos, colombianos, argentinos, peruanos

Dra. Olga Chesnokova (RUDN University)

La investigación fue apoyada por la subvención de la Fundación Rusa para la Ciencia No. 24-18-00702 “Parámetros lingüísticos de la identidad nacional: texto latinoamericano”, Universidad Rusa de la Amistad de los Pueblos “Patricio Lumumba” (RUDN University)



Российский университет дружбы народов

¿Apodo?/ Perífrasis onomástica

Nombre que suele darse a una persona, tomado de sus defectos corporales o de alguna otra circunstancia.

Sin.: alias, apelativo, apodo, mote, remoquete, apellido, chapa, seudónimo.

1.Perífrasis f. Gram. Expresión pluriverbal cuyo sig nificado se asimila parcialmente al de una unidad lé xica. *La perífrasis* echar una conversada *se asimila al verbo* conversar.

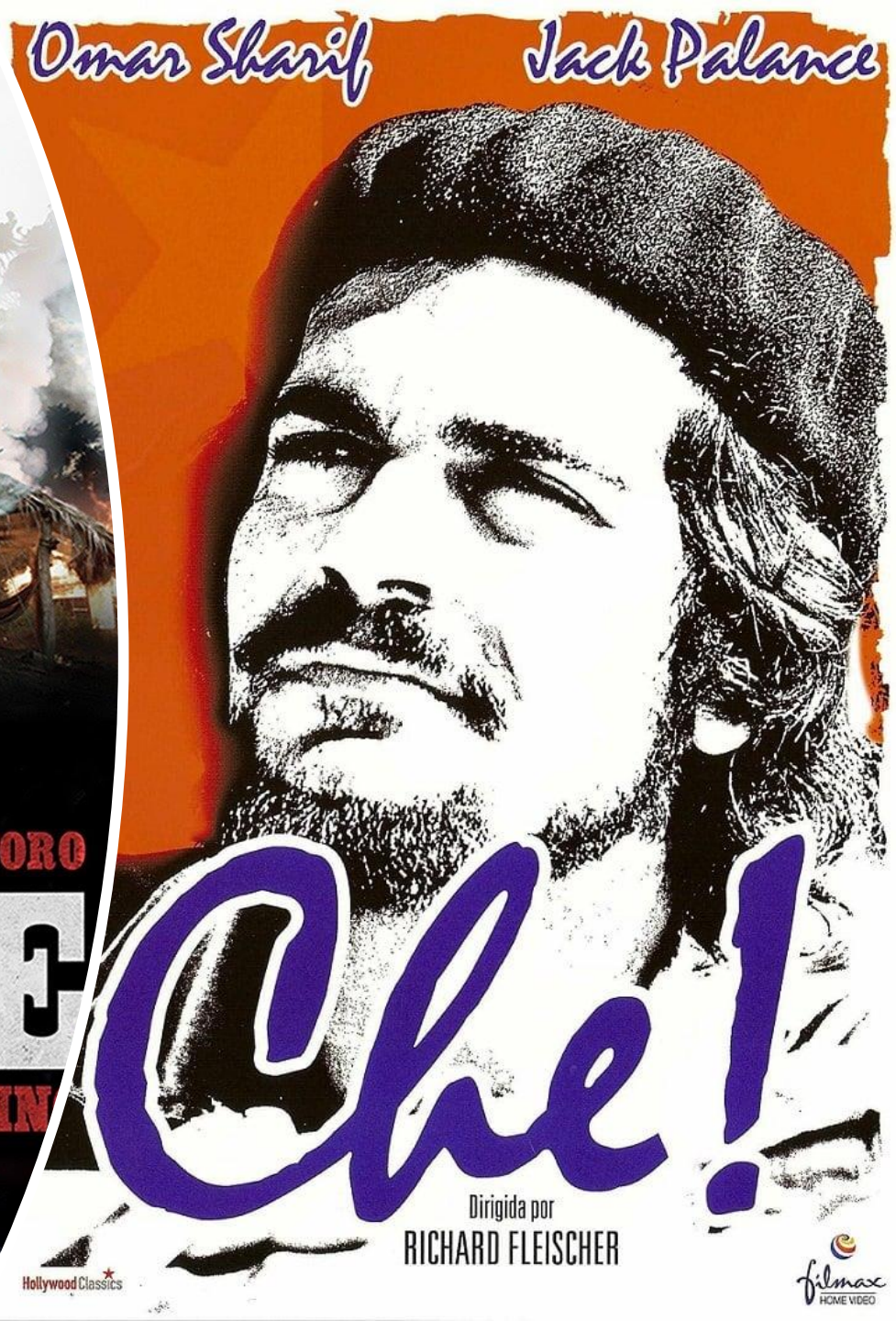
2. f. Ret. Expresión, por medio de un rodeo verbal, de algo que se habría podido decir con menos pala bras o con una sola, como en *los eventos consuetu dinarios que acontecen en la rúa* por *lo que pasa en la calle.*

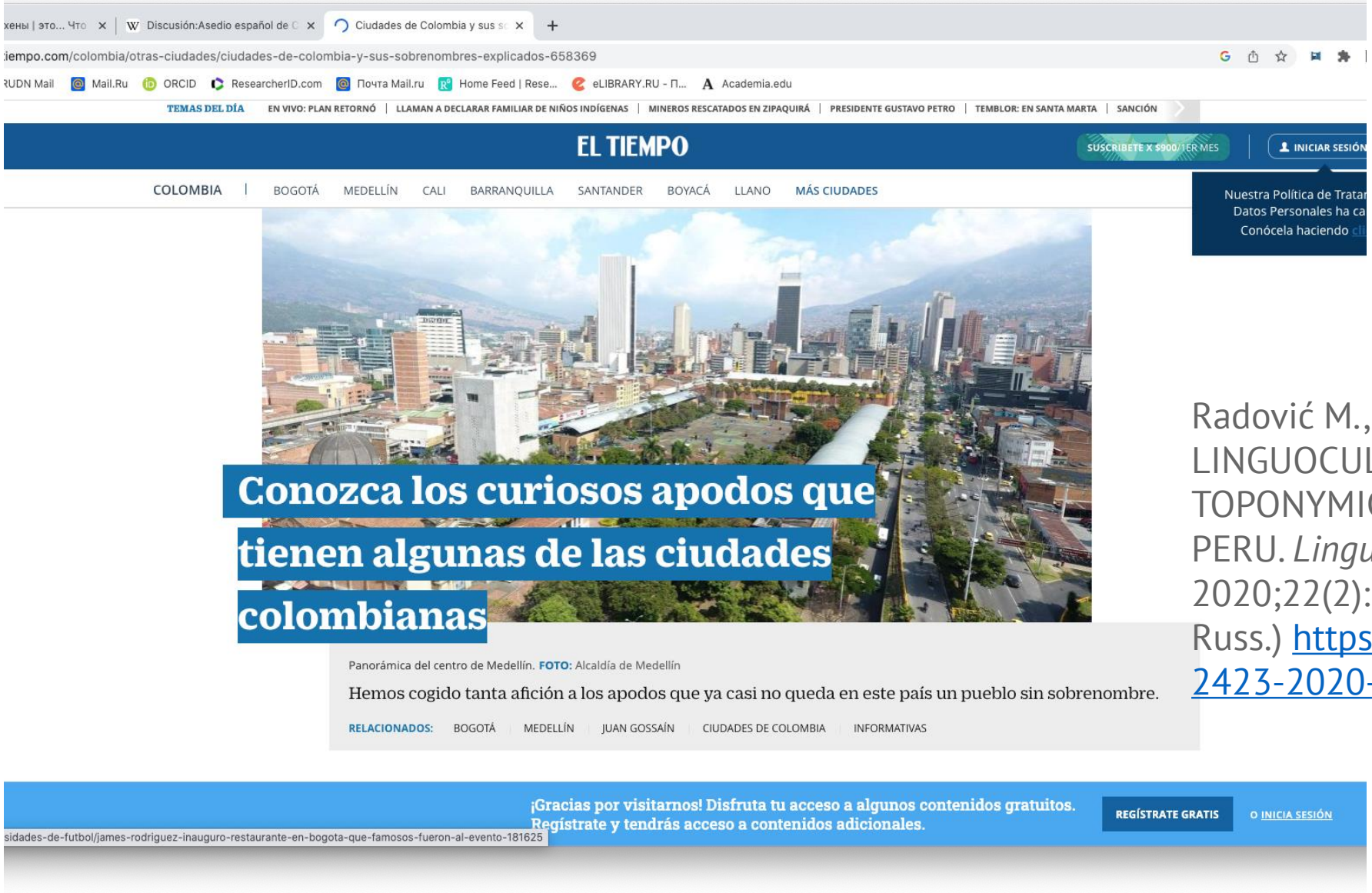
Российский университет дружбы народов

Nombre real y el apodo

CHE

Ernesto Guevara de la Serna (1928-1967), conocido como **el Che Guevara** o simplemente **el *Che***, fueun médico, político, guerrillero, escritor, periodista y revolucionario comunista argentino nacionalizado cubano en 1960, ciudadanía a la que renunció en 1965.





- Cuna
- Perla
- Capital
- Ciudad
- Joya

Radović M., Chesnokova O. LINGUOCULTURAL ANALYSIS OF TOPONYMICAL PERIPHRASES IN PERU. *Linguistics & Polyglot Studies*. 2020;22(2):110-115. (In Russ.) https://doi.org/10.24833/2410-2423-2020-2-22-110-115

Preguntas planteadas

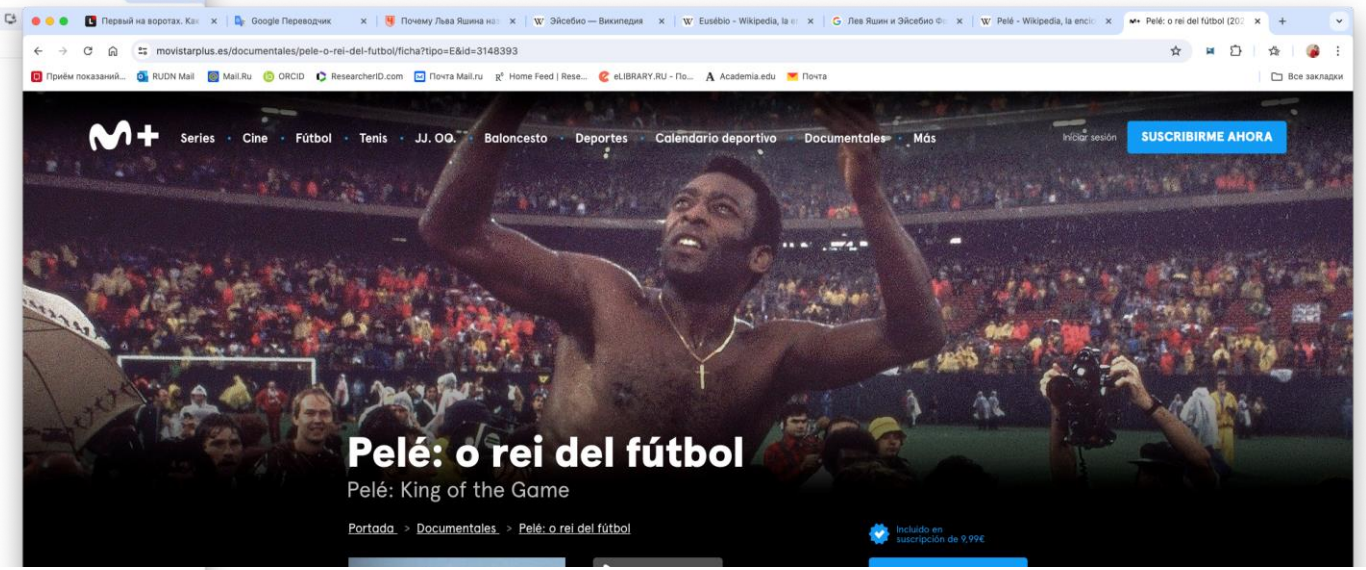
1. ¿Por qué surgen los apodos?
2. ¿Cuáles son sus motivaciones?
3. ¿Qué papel desempeñan los apodos de los futbolistas?
4. ¿Son apodos de los futbolistas insignia nacionalmente marcados o tienen algunas regularidades universales?

Nombre completo	Edson Arantes do Nascimento
Apodo(s)	*Pelé* *O Rei* *La Perla Negra*

https://novabrasilfm.com.br/jornalismo/esportes/pele-historia-completa

- Esportes
- **#1 ForasDeSérie | Pelé: a história completa do Rei do Futebol**
- Edson Arantes do Nascimento, mais conhecido como Pelé ou Rei do Futebol, foi um dos maiores nomes do futebol brasileiro e mundial. Natural de Minas Gerais, ele começou a se destacar no esporte ainda muito jovem, principalmente no seu clube Santos FC e na seleção brasileira. Com tanto talento e conquistas, o jogador brasileiro inspirou ...
- **F.Content** - 26.06.2023 - 14:00

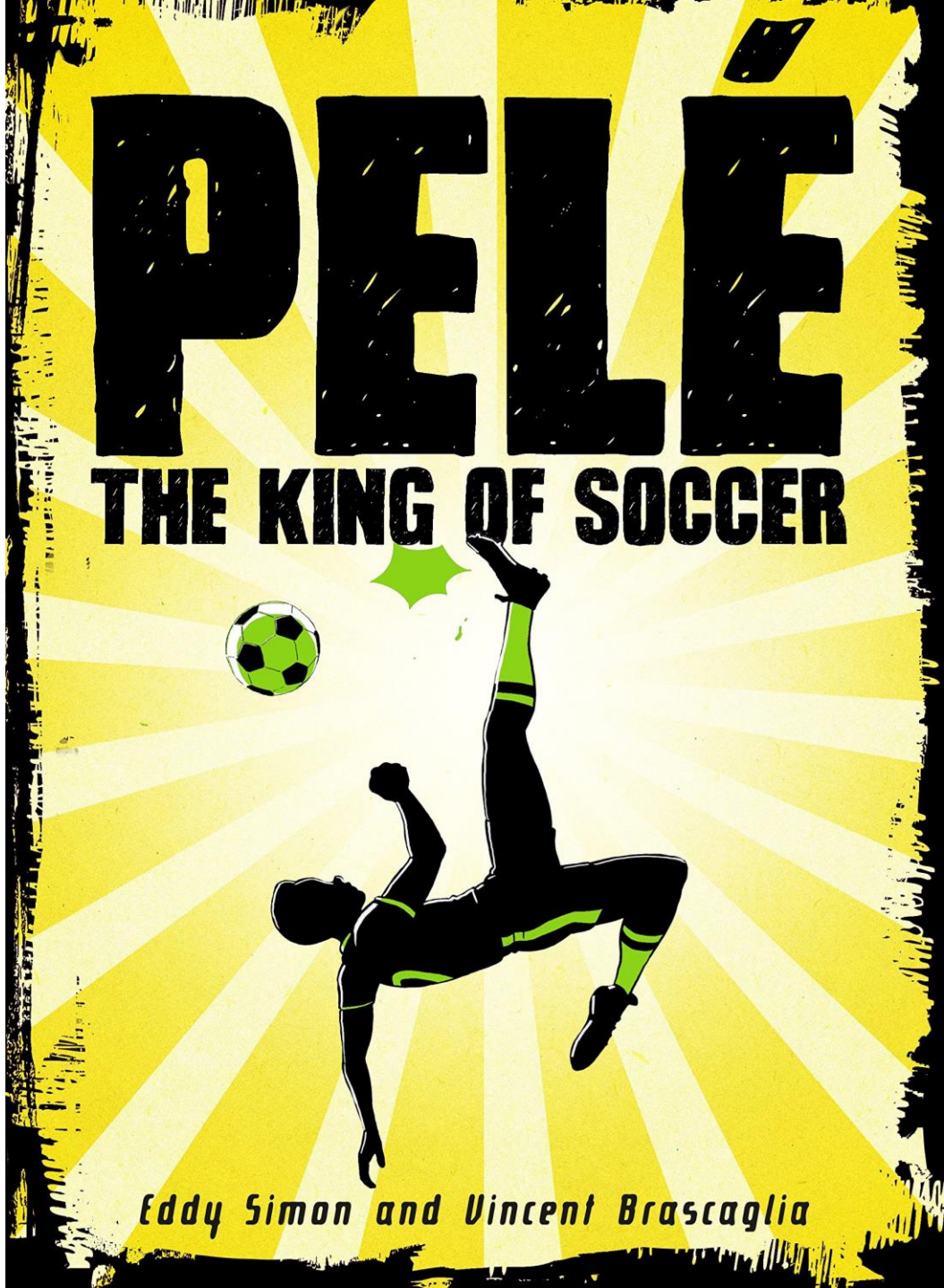
Así jugaba ‘O Rei’/ Pelé: o rei del fútbol



Pelé

Edson Arantes do Nascimento, known to his schoolmates as Pelé, grew up in poverty in the Sao Paulo region of Brazil. He was too poor to afford a real soccer ball, so he played with a ball of newspaper tied together with string. Yet he dominated the youth leagues and signed his first professional soccer contract at the age of fifteen. Within two years he was celebrated internationally, when he led Brazil to victory at the world cup. Known by his fans as "O Rei" (The King), Pelé is widely regarded as the greatest soccer player of all time. But he's more than just an athlete: he also traveled the world as goodwill ambassador for UNICEF. Pelé is the living symbol of a sport he dubbed "the beautiful game"—a game that brings people together regardless of race or nationality.

In the graphic novel *Pele: The King of Soccer*, Eddy Simon and Vincent Brascaglia beautifully depict Pele's rise from the slums of Brazil to the national stage.

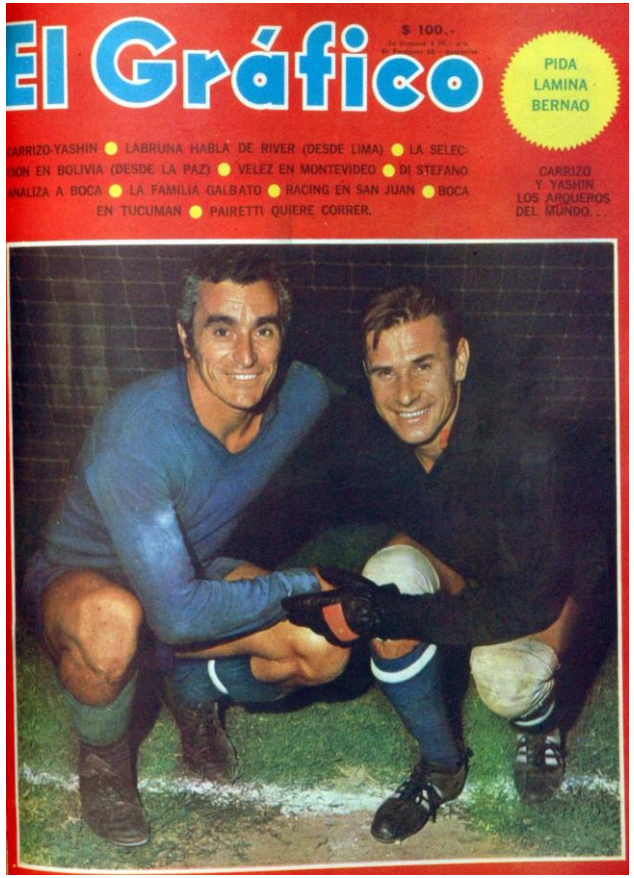


Lev Ivánovich Yashin (Лев Ива́нович Я́шин; 1929-1990)

Araña Negra
Pantera Negra

Nombre completo	Lev Ivánovich Yashin
Apodo(s)	*Araña Negra*[12] *Pantera Negra*[34]
Nacimiento	Moscú, Unión Soviética 22 de octubre de 1929
Nacionalidad(es)	Soviética
Fallecimiento	Moscú, Unión Soviética 20 de marzo de 1990 (60 años)
Altura	1,89 m (6′ 2″)
Peso	82 kg (180 lb)

Amadeo Carrizo, Tarzán



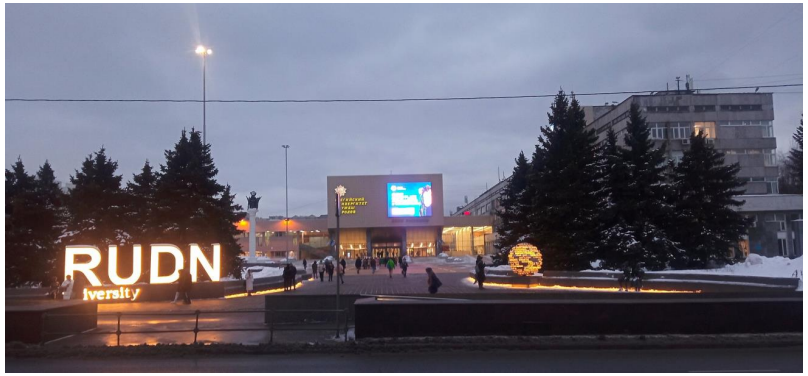
Nombre completo	Amadeo Raúl Carrizo
Apodo(s)	Tarzán
Nacimiento	Rufino, Santa Fe (Argentina) 12 de junio de 1926
Nacionalidad(es)	Argentina
Fallecimiento	Buenos Aires, Argentina 20 de marzo de 2020 (93 años)
Altura	1,88 m (6′ 2″)

Yáshin y Eusebio

Nombre completo	Eusébio da Silva Ferreira
Apodo(s)	*La perla negra*, *la pantera negra*,*la pantera de Mozambique*
Nacimiento	Lourenço Marques, África Oriental Portuguesa 25 de enero de 1942
Nacionalidad(es)	Portuguesa
Fallecimiento	Lisboa (Portugal) 5 de enero de 2014 (71 años)[4]
Altura	1,78 metros

Apodos de los futbolistas insignia mexicanos, colombianos, argentinos, peruanos

La investigación fue apoyada por la subvención de la Fundación Rusa para la Ciencia No. 24-18-00702 **“Parámetros lingüísticos de la identidad nacional: texto latinoamericano”,** Universidad Rusa de la Amistad de los Pueblos “Patricio Lumumba” (RUDN University)



Российский университет дружбы народов

Miguel Ernesto Herrera Aguirre (1968)

En esta ocasión toca turno al *Piojo* Herrera, técnico que por fin pudo ser campeón y le dio su título número 11 al América. Retomamos nuevamente su figura debido al compromiso que tiene de instalar a México en la Copa del Mundo con base en el futbol y sistema que ha diseñado con las *Águilas* (https://www.futbolsapiens.com/10-curiosidades-de/10-curiosidades-de-miguel-herrera/)

Nombre completo	Miguel Ernesto Herrera Aguirre
Apodo(s)	*Piojo*[1]
Nacimiento	Cuautepec, Hidalgo 18 de marzo de 1968 (56 años)
País	México
Carrera como entrenador	
Deporte	Fútbol
Equipo	**Sin equipo**
Debut como entrenador	2002 (C. F. Atlante)
Carrera como jugador	
Posición	Defensa
Debut como jugador	1985 (C. D. Coyotes Neza)
Retirada deportiva	2000 (C. F. Atlante)

Mundial de Fútbol 2026

México con Javier Aguirre ¿Y Estados Unidos con Piojo Herrera? De dónde viene el rumor en Team USA

(https://www.marca.com/mx/futbol/mundial/2024/07/30/66a83a5846163f21748b45bb.html)

Javier Aguirre Onaindía (1958)

Nombre completo	Javier Aguirre Onaindía
Apodo(s)	*El Vasco*
Nacimiento	Ciudad de México 1 de diciembre de 1958 (65 años)
País	México
Altura	1,73 m (5′ 8″)
Peso	89 kg (196 lb)
Carrera como entrenador	
Deporte	Fútbol
Equipo	**México**
Debut como entrenador	1996 (Atlante)
Carrera como jugador	
Posición	Centrocampista
Debut como jugador	7 de octubre de 1979 (Club América)
Retirada deportiva	21 de febrero de 1993 (Deportivo Guadalajara)

Hugo Sánchez (1958)

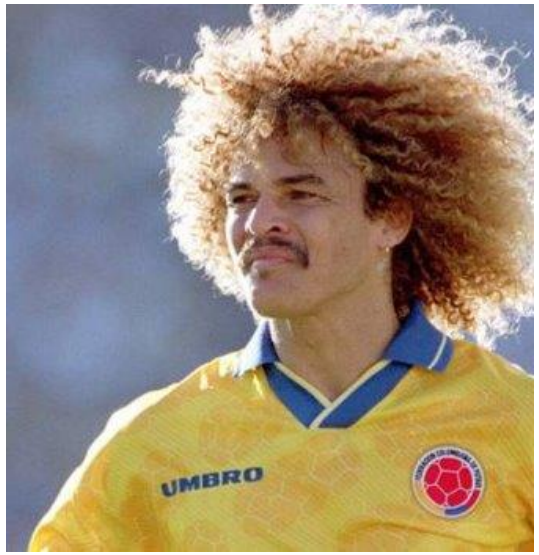
- **Hugol = Hugo + gol**

Nombre completo	Hugo Sánchez Márquez
Apodo(s)	Hugol, Pentapichichi, El niño de oro, El macho.
Nacimiento	Ciudad de México, México 11 de julio de 1958 (66 años)
Nacionalidad(es)	Mexicana
Altura	1,74 m (5′ 9″)
	Carrera como entrenador
Deporte	Fútbol
Equipo	**Agente libre**
Debut como entrenador	26 de marzo de 2000 (C. Universidad Nacional)
	Carrera como jugador
Posición	Delantero centro
Debut como jugador	23 de octubre de 1976 (C. Universidad Nacional)
Retirada deportiva	1997 (Atlético Celaya)
Part. (goles)	58 (29) - Selección 824 (487) - Clubes

Francisco Guillermo Ochoa Magaña (1985)

- Un futbolista mexicano, juega como guardameta y actualmente se encuentra sin equipo.
  Es internacional absoluto con la selección de fútbol de México de la cual es su capitán.

- Memo Ochoa



El Pibe

Nombre completo	Carlos Alberto Valderrama Palacio
Apodo(s)	*El Pibe*
Nacimiento	Santa Marta 2 de septiembre de 1961 (62 años)
País	Colombia
Nacionalidad(es)	Colombiana
Altura	1,75 m (5′ 9″)
Peso	71 kg (156 lb)

Y con él también mandaron su mensaje luminarias de la farándula, el periodismo y del deporte nacional como Rigoberto Urán, James, Egan Bernal, el 'Pibe' Valderrama y Caterine Ibargüen, entre otros.
La velada se inició a las 8:30 p. m., con la interpretación del Himno Nacional. Luego se oyeron los mensajes esperanzadores, desde sus casas, de Carlos Vives, Sofía Vergara, J Balvin y Shakira.

https://www.eltiempo.com/cultura/musica-y-libros/cuarentena-asi-fue-el-concierto-de-colombia-cuida-a-colombia-este-primero-de-mayo-490902

El Mariscal

Nombre completo	Mario Alberto Yepes Díaz
Nacimiento	Cali, Valle del Cauca, Colombia 13 de enero de 1976 (48 años)
Altura	1,86 m (6′ 1″)
Peso	83 kg (183 lb)
Carrera como entrenador	
Deporte	Fútbol
Debut como entrenador	2016 (Deportivo Cali)
Carrera como jugador	
Posición	Defensa
Debut como jugador	1995 (Cortuluá)
Retirada deportiva	2015

Efraín Caimán Sánchez

Nombre completo	Efraín Elías Sánchez Casimiro
Apodo(s)	*El Caimán*
Nacimiento	Barranquilla, Colombia 26 de febrero de 1926
Nacionalidad(es)	Colombiano
Fallecimiento	Bogotá, Colombia 16 de enero de 2020 (93 años)
Altura	1,85 m (6′ 1″)
Carrera como entrenador	
Deporte	Fútbol
Debut como entrenador	1963 (Independiente Medellín)
Retirada como entrenador	1987 (Junior)

Delio Maravilla Gamboa

Nombre completo	Delio Gamboa Rentería
Apodo(s)	*Maravilla Gamboa*
Nacimiento	Buenaventura, Valle del Cauca, Colombia 28 de enero de 1936
Nacionalidad(es)	Colombia
Fallecimiento	Cali (Colombia) 23 de agosto de 2018
Carrera deportiva	
Deporte	Fútbol
Club profesional	
Debut deportivo	1957 (Atlético Nacional)
Posición	Volante
Goles en clubes	**166**
Retirada deportiva	1973 (Millonarios)

Diego Armando Maradona Franco (1960-2020)

Pibe de oro «Золотой парень»,

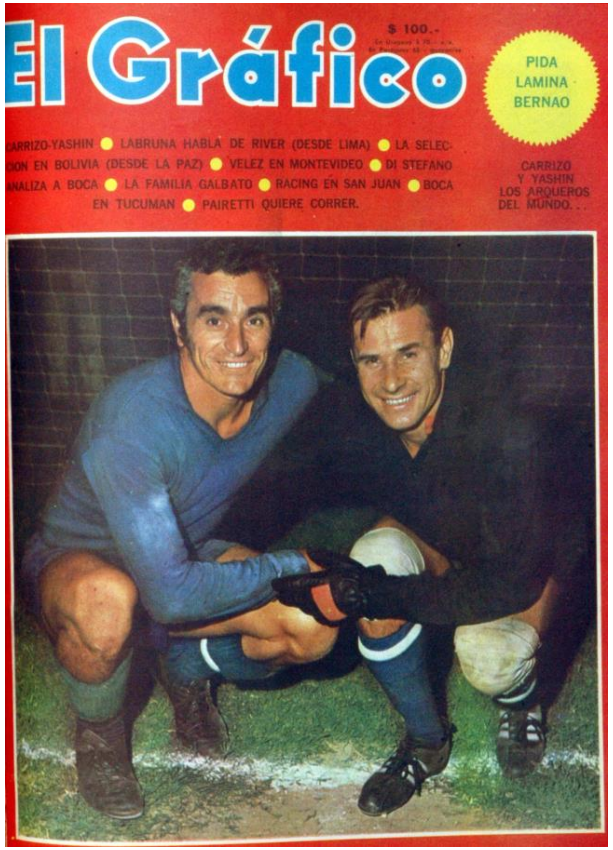
Pelusa «Пушок»,

El barrilete cósmico «Космическая ракета»,
Mano de Dios Рука Бога

Lionel Andrés Messi Cuccitini
Noticias sobre **astro rosarino**

- La Pulga
- La Pulga atómica
- Astro rosarino
- Leo
- Mesías

Amadeo Carrizo, Tarzán



Nombre completo	Amadeo Raúl Carrizo
Apodo(s)	Tarzán
Nacimiento	Rufino, Santa Fe (Argentina) 12 de junio de 1926
Nacionalidad(es)	Argentina
Fallecimiento	Buenos Aires, Argentina 20 de marzo de 2020 (93 años)
Altura	1,88 m (6′ 2″)

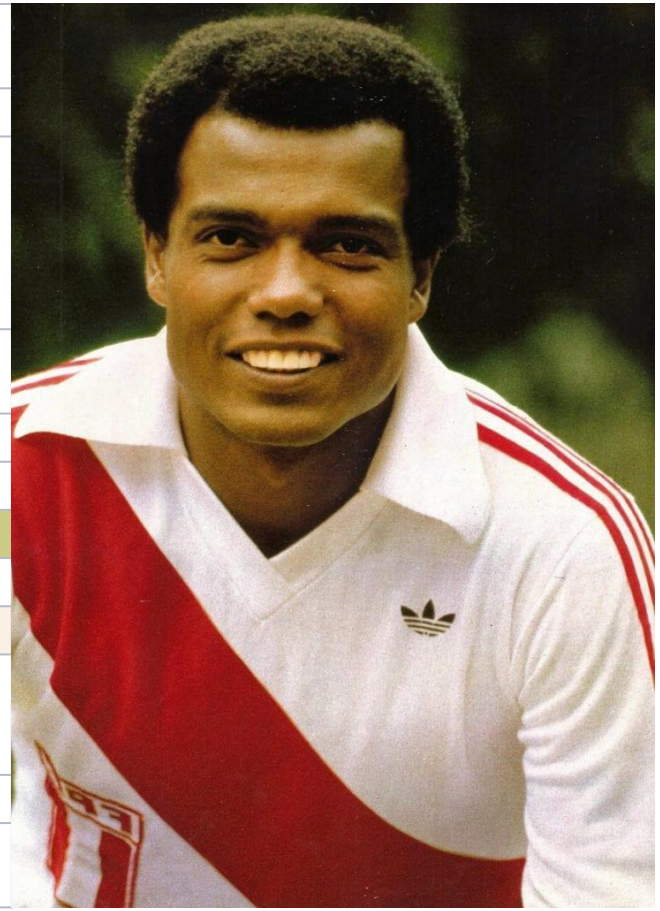
Claudio Javier López

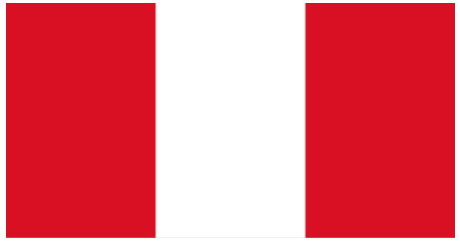
Claudio Javier López (1974), más conocido como **el *Piojo* López** es un exfutbolista argentino surgido en Racing Club. Su último equipo fue Colorado Rapids de la Major League Soccer de los Estados Unidos.

Se ha destacado en su posición de delantero (principalmente de pie dominante zurdo) por su velocidad y su efectividad de cara al arco. De su carrera futbolística en Europa es recordado como un ídolo en el Valencia CF de España.

Teófilo Juan Cubillas Arizaga (1949)

Nombre completo	Teófilo Juan Cubillas Arizaga
Apodo(s)	El Nene
Nacimiento	Puente Piedra (Lima, Perú) 8 de marzo de 1949 (75 años)
Nacionalidad(es)	Peruana
Altura	1,73 m (5′ 8″)
Peso	71 kg (156 lb)
Carrera deportiva	
Deporte	Fútbol
Club profesional	
Debut deportivo	14 de agosto de 1966 (Alianza Lima)
Posición	Centrocampista
Goles en clubes	314 (530 PJ)





José Paolo Guerrero Gonzales

Nombre completo	José Paolo Guerrero Gonzales
Apodo(s)	Depredador Pistolero
Nacimiento	Chorrillos, Lima, Perú 1 de enero de 1984 (40 años)
Nacionalidad(es)	Peruana
Altura	1,85 m (6′ 1″)[3]
Peso	82 kg (180 lb)
Carrera deportiva	
Deporte	Fútbol
Club profesional	
Debut deportivo	12 de marzo de 2003 (Bayern de Múnich)
Club	**UCV**
Posición	Delantero centro

Raúl Mario Ruidíaz Misitich (1990).

El delantero. Su equipo actual es el Seattle Sounders de la Major League Soccer de los Estados Unidos.
Es internacional con la selección de futbol del Perú.

La Pulga, *RuiDios*

Conclusiones principales

En los apodos futbolísticos se observan:

- ✓ **Epítetos elogiosos,**
- ✓ **Zoometáforas,**
- ✓ **Combinaciones del apodo con el apellido del jugador,**
- ✓ **los lexemas de la infancia,**
- ✓ **Los lexemas de evaluación,**
- ✓ **Alusiones religiosas,**
- ✓ **Juegos de palabras,**
- ✓ **Fenómenos culturales,**
- ✓ **Americanismos léxicos.**

- **Los apodos futbolísticos destacan y elogian las cualidades físicas de los futbolistas. Sirven para mostrar simpatía por el jugador y al mismo tiempo enfatizar la unidad en la comunicación futbolística y la identidad nacional.**
- **Los apodos de los futbolistas dan alegría y crean unidad en el discurso futbolístico.**
- **Se observan casos de homonimia : Piojo (Herrera)* Piojo (López) y polisemia.**

Это изображение, автор: Неизвестный автор, лицензия: CC BY-SA

Obrigada pela sua atenção

REVISTA NJINGA & SEPÉ

Da antroponímia à toponímia timorenses para a exploração de um dicionário bilingue: a convivência linguística do português com o tétum na onomástica com marcas patrimoniais e de variação linguística

Maria Helena Dias Rebelo
Universidade da Madeira (DLLC-FAH e CIERL)
ORCID iD https://orcid.org/0000-0002-8345-9436

RESUMO
Com a chancela das Edições Colibri e da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (Portugal), Luís Costa publicou, em 2000, o *Dicionário de Tétum-Português*, por meio de uma colaboração técnica com Margarida Correia (FLUL/ SILEX / ILEC), envolvendo Linguística e Lexicografia, e a colaboração de Caroline Hagège. Importa, aqui, observar, através da exploração do referido dicionário, dados da antroponímia e da toponímia timorenses. Pretende-se compreender como têm convivido as duas línguas que se vão acompanhando e aceitando uma à outra no território timorense. Por um conjunto de razões extralinguísticas, o português tem exercido maior influência no tétum do que o contrário. Aliás, além da designação "tétum", do nome próprio "Ximenes" e do topónimo "Timor Lorosae", pouco mais parece existir na língua portuguesa como influência marcante do tétum, língua de uma família diversa da indo-europeia, já que pertence ao grupo malaio-polinésio ou austronésio. Por conseguinte, no seguimento da publicação REBELO, Helena (2023) "Análise de uma Amostra de Nomes Próprios Portugueses em Timor-Leste: Antroponímia, Património Linguístico e Variação Linguística", in *Veredas: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas*, n.º 40, pp. 11-26, jul./dez. 2023 (31-12-2023), procuram-se marcas patrimoniais e de variação linguística na onomástica timorense, através da exploração do "Apêndice de nomes próprios de língua tétum", apresentado na obra de Luís Costa *Dicionário de Tétum-Português*.

PALAVRAS-CHAVE
Antroponímia; Toponímia; Dicionário; Timor Leste

* Licenciada (1990) e Mestre (1997) pela Universidade de Coimbra (Portugal). Na Universidade da Madeira (UMa), onde é docente, doutorou-se em Linguística Portuguesa (2005) e desenvolveu, na Universidade de Aveiro, um pós-doutoramento (2011). É membro do Centro de Línguas, Literaturas e Culturas da Universidade de Aveiro, estando ligada ao Subgrupo da Variação Linguística. Colabora com o Centro de Investigação em Estudos Regionais e Locais (UMa). Na Universidade da Madeira, desde 2019, dirige o Mestrado em Estudos Regionais e Locais; é Coordenadora do Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas (2021-2023 e 2023-2025) da Faculdade de Artes e Humanidades (FAH), sendo Vice-Presidente da FAH.

Para citar este Resumo (ABNT): REBELO, Maria Helena Dias. Da Antroponímia à Toponímia Timorenses para a Exploração de um Dicionário Bilingue: A Convivência Linguística do Português com o Tétum na Onomástica com marcas patrimoniais e de variação linguística. **Anais do 1º Seminário Internacional da Toponímia e Antroponímia (15 & 16 de ago. 2024) / Revista Njinga & Sepé**. São Francisco do Conde (BA), Vol.4, Nº Especial I, p. 131, 2024 (ISSN: 2764-1244). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=wMpCid_AJ5k

Para citar este Resumo (APA): Rebelo, Maria Helena Dias. (ago. 2024). Da Antroponímia à Toponímia Timorenses para a Exploração de um Dicionário Bilingue: A Convivência Linguística do Português com o Tétum na Onomástica com marcas patrimoniais e de variação linguística. **Anais do 1º Seminário Internacional da Toponímia e Antroponímia (15 & 16 de ago. 2024) / Revista Njinga & Sepé**. São Francisco do Conde (BA), 4 (Especial I):131. (ISSN: 2764-1244). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=wMpCid_AJ5k

Da **Antroponímia à Toponímia Timorenses** para a Exploração de um **Dicionário Bilingue**: A Convivência Linguística do **Português** com o **Tétum na Onomástica** com **marcas patrimoniais** e de **variação** linguística

Helena Rebelo

(cf. http://orcid.org/0000-0002-8345-9436)

Universidade da Madeira (DLLC-FAH e CIERL)

Centro de Línguas, Literaturas e Culturas da Universidade de Aveiro

Agradecer o convite:

Alexandre António Timbane

Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês, Bahia, Brasil

ESTRUTURA

- Considerações Introdutórias

- 1. A onomástica no *Dicionário de Tétum-Português* de Luís Costa

- 2. Análise da onomástica
- 2.1. Os antropónimos
- 2.2. Os topónimos principais (concelhos e sedes de concelhos)

- Considerações Finais

Considerações Introdutórias
De Portugal a Timor – Da Europa à Ásia – a História

Relação pessoal com Timor Leste e os timorenses

À Manalu (Mana Lurdes – Maria de Lurdes Martins)

Em presença

- **ANO ACADÉMICO 1999-2000**
- **Português Língua Estrangeira – Timor Leste** (De Junho a Setembro, 3 turmas de iniciação e uma substituição docente no nível avançado, **Fundação das Universidades Portuguesas e Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas**/ 90 estudantes)
- Elaboração do programa de rádio para o ensino do português com tradução em tétum
- REBELO, Helena (2000) *Diário de Timor*, Universidade da Madeira

http://www3.uma.pt/Publicacoes/timor/viagem_sem11.php

À distância

- **Contactos pessoais com timorenses** em Timor e em Portugal e com especialistas sobre Timor (Manalu, Doutor Aires Gameiro, antigos estudantes)
- **Convite para uma aula:** a experiência de ensino do português em Timor Leste (2001), Universidade da Madeira, convite de Paulo Miguel Rodrigues
- REBELO, Helena – Convite para a **palestra. *Timor: uma terra – um povo. Uma experiência de ensino da Língua Portuguesa***, Pólo do Estreito de Câmara de Lobos da Escola Profissional Atlântico e Escola dos 2.º e 3.º Ciclos do Estreito de Câmara de Lobos, 30-04-2010.
- REBELO, Helena – Convite para a apresentação pública do **livro *40 DIAS EM TIMOR-LESTE. UMA INTERPRETAÇÃO. OBSERVAÇÕES, PERCEÇÕES E ANÁLISE DE LUSOFONIA EMERGENTE* de Aires Gameiro**, no Museu de Arte Sacra do Funchal, 20-04-2012.
- REBELO, Helena (2012) **"Uma Leitura do Livro *40 Dias em Timor-Leste. Uma Interpretação. Observações, Perceções e Análise de Lusofonia Emergente*" de Aires Gameiro**, in revista *Islenha*, nº. 51, Julho-Dezembro de 2012. Funchal: DRAC. pp. 150-160. ISSN 0872-5004.
- REBELO, Helena (2023) **"Apresentação: Planos e Razões de um Livro sobre Timor-Leste"**, in GAMEIRO, Aires (2023) *50 Dias por Timor-Leste a Desvendar o Código da sua Identidade: Observações, perceções e análise de lusofonia emergente*. Lisboa e São Paulo: Lisbon Press, Novembro de 2023, pp. 15-31, ISBN 978-989-3764-60-2.

Português-Tétum -> Antroponímia

REBELO, Helena (2023) "Análise de uma Amostra de Nomes Próprios Portugueses em Timor-Leste: Antroponímia, Património Linguístico e Variação Linguística", in *Veredas: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas*, n.º 40, pp. 11-26, jul./dez. 2023.

No âmbito dos estudos linguísticos, tem-se dedicado alguma investigação à **onomástica, com trabalhos sobre toponímia e antroponímia**, a nível arquipelágico madeirense, assim como noutros territórios. A presença da **língua portuguesa em Timor-Leste** motivou este breve estudo que evidencia como **património linguístico os antropónimos portugueses escolhidos por sucessivas gerações**. Os **nomes próprios e os apelidos têm revelado uma escolha pelo português, reconhecido no seio da comunidade como elemento identitário**. Por **oposição**, os **topónimos timorenses** não evidenciam influência portuguesa. A análise de uma lista de nomes de pessoas, enquanto documento real, faz sobressair a presença e o valor da língua portuguesa pelo contacto linguístico entre povos, por razões históricas.

APÊNDICES: Elementos dos compostos antroponómicos (palavras)

Nota: A indicação (x) representa o número de ocorrências, independentemente da posição

"Adélia" (2x), "Aires", "Alcatere", "Almeida", "Alves" (2x), "Amadeu", "Ana", "Antónia", "Apolinário", "Araújo" (2x), "Armindo", "Assis", "Assunção", "Augusta", "B." (2x), "Babo", "Belo", "Bendita", "Cabral", "**Candido**", "**Caosta**", "Carolina", "Carvalho", "Castro", "Celestino", "Cepeda", "Cipriano", "Correia", "Costa" (4x), "Cruz", "de" (da, do, dos), "Delfina", "Deus", "Domingos", "Donabela", "Duarte", "e", "Ernesto", F." (2x), "Fátima" (2x), "Faustino", "Fernandes", "Fernando" (3x), "Francisco", "Frederico", "Henriques", "Galucho", "Gomes", "Guilhermina", "Jaime", "**Januaário**", "Jesus" (4x), "Joana", "José" (2x), "Judite", "Júlio", "Juvenila", "Laranjeira", "Lopes", "**Luis**" (2x), "**Luisa**", "M." (2x), "Madalena", "Magno", "Maia", "Maria" (3x), "Mariano", "Marques", "Matos", "Mendonça", "Miguel", "Moniz", "Moreira", "Nelson", "Nuno", "Octávio", "Paula", "Pedro", "Pereira" (4x), "Quintino", "R.", "Rangel", "Rêgo", "Ribeiro", "Ricardo", "Rosário", "**Rubem**", "Santos", "Sarmento, "Sebastião", "Sequeira" (2x), "Silva" (4x), "**Silvia**", "Soares" (5x), "Teme", "Verdial", "Vieira", "Ximenes".

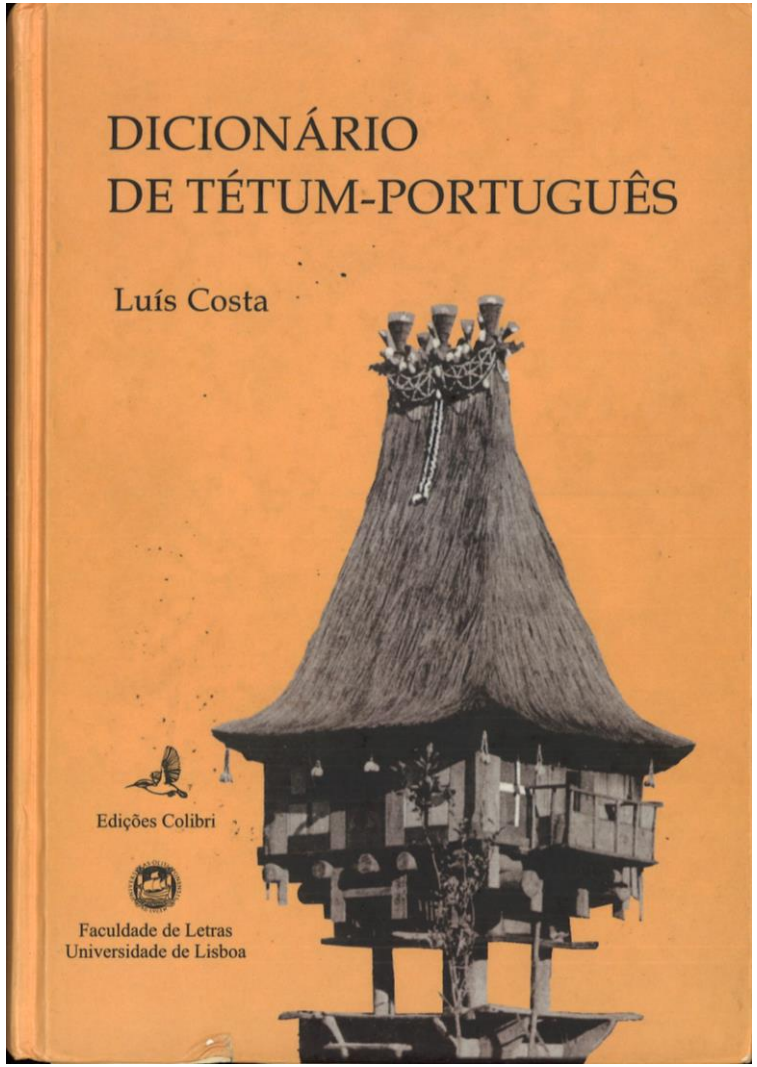
Onomástica e Património Linguístico (PL)

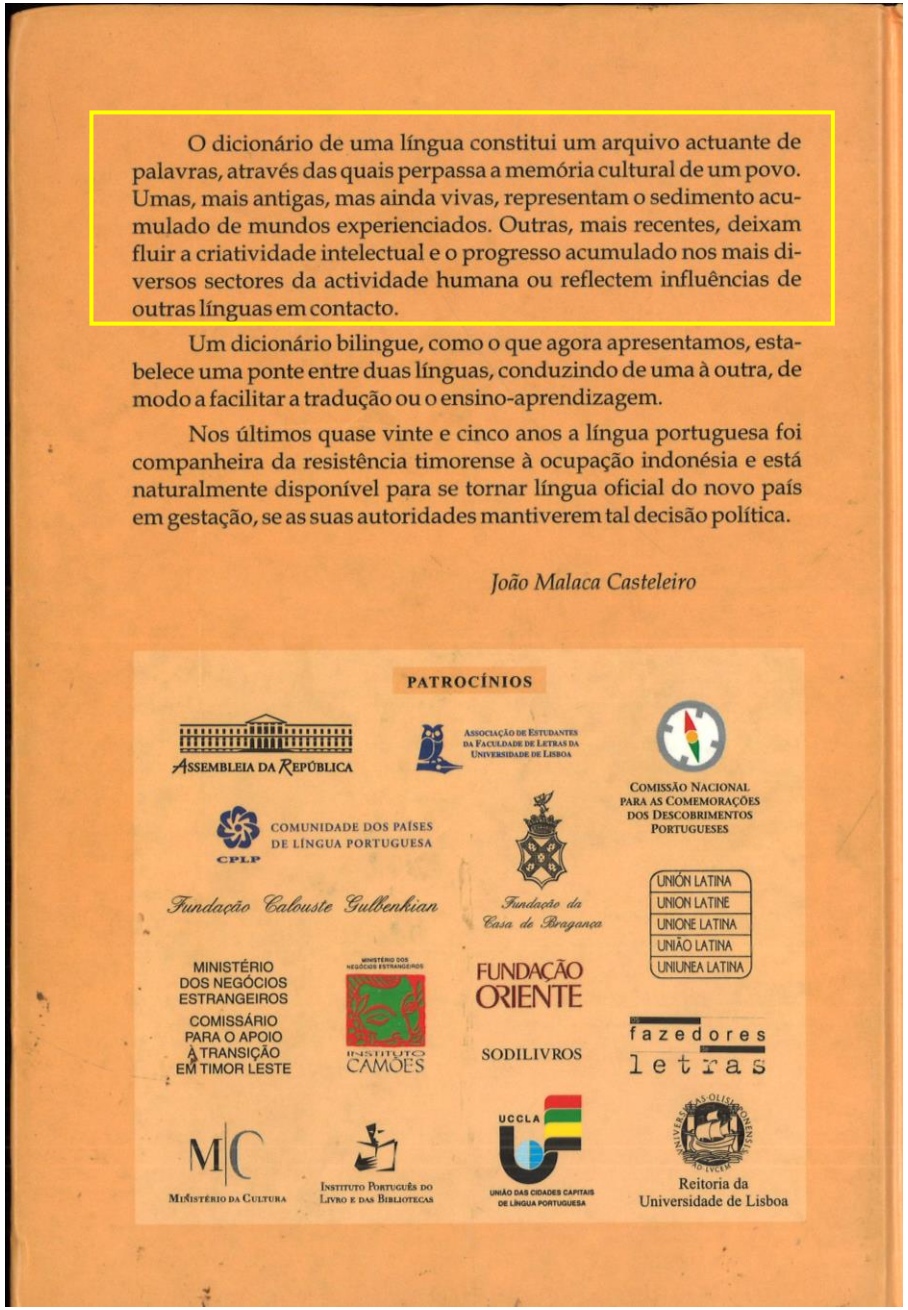
- REBELO, Helena (2016) "Os Nomes das Receitas: um Património Linguístico Regional, Nacional ou Internacional? Uma Análise Lexical", in *Patrimónios Alimentares de Aquém e Além-Mar*, Pinheiro, Joaquim e Soares, Carmen, (ed. lit.), Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra; Annablume, pp. 283-312, ISSN: 2183-6523

- "Não encontrando definição, numa primeira tentativa para delimitar o conceito, sugere-se que uma **definição** possível para "**Património Linguístico**" será: **conjunto de bens verbais, orais e/ou escritos, próprio de uma comunidade porque a identifica e distingue das restantes, nas suas formas de comunicar ou de vivenciar a própria experiência. Manifesta-se a diversos níveis, nomeadamente fonético, fonológico, morfológico, lexical, semântico e sintáctico. Comporta várias vertentes relacionadas com a linguagem: geográfica, histórica, social e cultural. É transmitido de geração em geração e, se não o for, pode desaparecer. Deixando de ser utilizado pela comunidade deve ser preservado**. Porém, os bens linguísticos comuns também se podem incrementar, pela produção ou aquisição contínua dos falantes herdeiros, que transmitirão às gerações futuras o que os antepassados lhes legaram, se o conservaram, e o que eles próprios criaram. É, portanto, um conjunto de bens (linguísticos) de uma comunidade em permanente dinâmica. Consequentemente, por um lado, a juntar-se à ideia de **passado**, deve considerar-se a de **presente**. Por outro, **o PL está em constante modificação**, sendo enriquecido ou empobrecido, consoante os usos de uma geração que, claramente, o altera, no presente, antes de o legar à geração seguinte. Portanto, **o PL é a herança linguística global de uma determinada comunidade (local, regional, nacional, internacional) que vai sendo renovada**. Como é evidente, comporta, intrinsecamente, **todas as áreas do agir humano**, seja artesanato, lazer, cultura, etc. Não há, então, domínio humano que não tenha interesse ou não se relacione com Património Linguístico. Pela definição aqui proposta, associa-se **PL a comunidades bem delimitadas**. Embora possa ter um alcance internacional ou nacional, é, sobretudo, a sua dimensão regional ou local que importa observar. "

Onomástica e Património Linguístico

COSTA, Luís (2000) *Dicionário de Tétum-Português*, Edições Colibri e Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (Portugal)





O dicionário de uma língua constitui um arquivo actuante de palavras, através das quais perpassa a memória cultural de um povo. Umas, mais antigas, mas ainda vivas, representam o sedimento acumulado de mundos experienciados. Outras, mais recentes, deixam fluir a criatividade intelectual e o progresso acumulado nos mais diversos sectores da actividade humana ou reflectem influências de outras línguas em contacto.

Um dicionário bilingue, como o que agora apresentamos, estabelece uma ponte entre duas línguas, conduzindo de uma à outra, de modo a facilitar a tradução ou o ensino-aprendizagem.

Nos últimos quase vinte e cinco anos a língua portuguesa foi companheira da resistência timorense à ocupação indonésia e está naturalmente disponível para se tornar língua oficial do novo país em gestação, se as suas autoridades mantiverem tal decisão política.

João Malaca Casteleiro

PATROCÍNIOS

Assembleia da República
Associação de Estudantes da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses
Comunidade dos Países de Língua Portuguesa CPLP
Fundação Calouste Gulbenkian
Fundação da Casa de Bragança
União Latina
Ministério dos Negócios Estrangeiros
Comissário para o Apoio à Transição em Timor Leste
Instituto Camões
Fundação Oriente
Sodilivros
fazedores letras
Ministério da Cultura
Instituto Português do Livro e das Bibliotecas
UCCLA União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa
Reitoria da Universidade de Lisboa

1. A onomástica no *Dicionário de Tétum-Português* de Luís Costa

- ***Dicionário*** *de Tétum-Português* de Luís Costa
- Apêndice -> **Enciclopédia**: título -“**Apêndice de nomes próprios de língua tétum**”
- Apêndice com **322 entradas** “basicamente antropónimos e topónimos”, p. 336
- **Antropónimos** referidos: “fornecer (…) um conjunto dos mais frequentes nomes femininos e masculinos (…) dado que os nomes próprios [em tétum] (…) pouco têm a ver, por exemplo, com os nomes portugueses e torna-se, frequentemente, impossível saber se o nome em causa é um nome de mulher ou de homem”
- Lista de **topónimos**: “identificar minimamente o referente do nome em causa – cidade, região, reino, acidente geográfico, etc.” -> ribeiras, montanhas, entre outros
- **Outros nomes**: “nomes de **línguas** faladas no território e nomes de divindades”

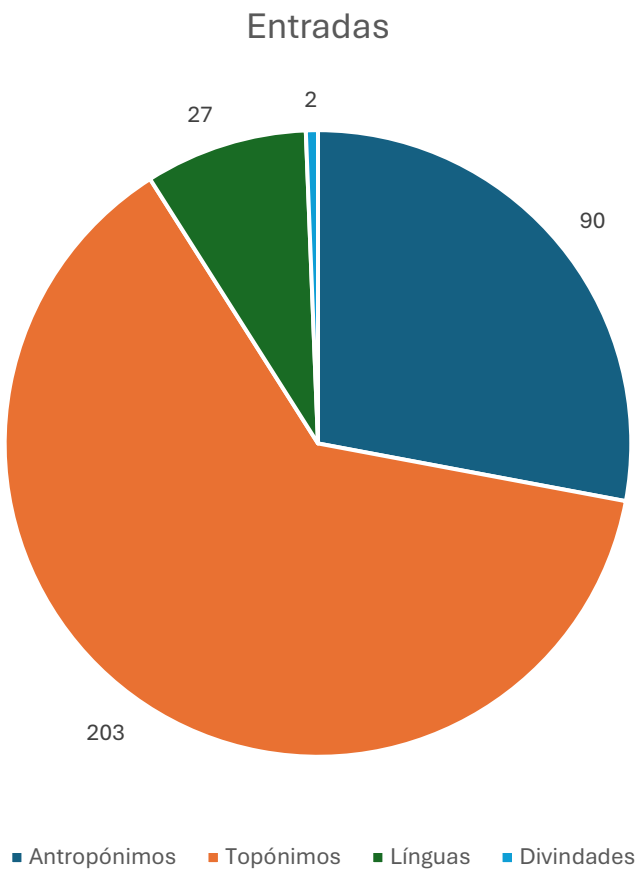
- **Ortografia (salvo antropónimos):** tétum escrita fonética diferente da escrita do português – ex.: uso do <k>, do apóstrofo, do <h> com valor fonético

2. Análise da onomástica

2.1. Os antropónimos

2.2. Os topónimos principais (concelhos e sedes de concelho)

Apêndice com 322 entradas



2.1. Antropónimos (90 entradas)

nomes próprios e apelidos – exclusivos de homem ou mulher e mistos Enciclopédias - nomes de individualidades

Masculinos (61 ocorrências)

Nomes próprios - Apelidos

Bau – Bau**k**; Belik; Bou; Bouru; Dahir; Dini – Dini**k**; Duán *"Corruptela do português João"*; Duli *"Corruptela do português Júlio"*; Fahi – Fahi**k**; Funu – Funu**k**; Kai; Kalau; Kalohu; **Kati – Kati**; Kau; Kehi; Kei – Kei**k**; Koli; Laku; **Leki – Leki**; Lelo - Lelo**k**; Leto; Loi; Louli; Mali – Mali**k**; Mau – Mau**k**; Naha – Naha**k**; Olo – Olo**k**; Resi – Resi**k**; Saluu; Sea – Sea**k**; Sera – Seran; x – Sina; Siri – Siri**k**; Susé *"Corruptela de José";* Tahu; Teti – Teti**k**; Ua'i – Ua'i**k**; Ua'e – Ua'e**k**; Uka; Usu – Usu**k**

Femininos (29 ocorrências)

Nomes próprios - Apelidos

Abu – Abuk; Balo – Balo**k**; Belik; Bouru; Bui; **Dau –Dau**; Ko'ar; Kolo; Kuu; Luruk; Nae – Nae**k**; Ohar; x – Riak; Siba – Sibak; Sina; **Sose – Sose**; Teli – Teli**k**; Udu – Udu**k**; Uka; Usu – Usu**k**

Observações:

a- Para os apelidos - 2 construções repetidas:

a.1) Nome próprio + **-k (gralha –n em Sera - Seran?)**

a. 2) **Repetição do nome próprio**

b- Mais nomes masculinos (61) do que femininos (29)

c- Um número reduzido de nomes mistos (6)

d- 3 *Corruptelas do português* – variação linguística – tétum?

e- Ortografia: <k>, acento agudo, apóstrofo, <h> interior

f- Maioritariamente dissilábicos

Antropónimos timorenses: tétum e português

Bau – Bau**k**; Belik; Bou; Bouru; Dahir; Dini – Dini**k**; Duán *“Corruptela do português João”*; Duli *“Corruptela do português Júlio”*; Fahi – Fahi**k**; Funu – Funu**k**; Kai; Kalau; Kalohu; **Kati – Kati**; Kau; Kehi; Kei – Kei**k**; Koli; Laku; **Leki – Leki**; Lelo - Lelo**k**; Leto; Loi; Louli; Mali – Mali**k**; Mau – Mau**k**; Naha – Naha**k**; Olo – Olo**k**; Resi – Resi**k**; Saluu; Sea – Sea**k**; Sera – Sera**n**; x – Sina; Siri – Siri**k**; Susé *“Corruptela de José”*; Tahu; Teti – Teti**k**; Ua’i – Ua’i**k**; Ua’e – Ua’e**k**; Uka; Usu – Usu**k**.

Abu – Abuk; Balo – Balo**k**; Belik; Bouru; Bui; **Dau – Dau**; Ko’ar; Kolo; Kuu; Luruk; Nae – Nae**k**; Ohar; x – Riak; Siba – Sibak; Sina; **Sose – Sose**; Teli – Teli**k**; Udu – Udu**k**; Uka; Usu – Usu**k**

- Presidentes da República Democrática de Timor Leste desde 2002

Xanana Gusmão, José Ramos-Horta, **Taur Matan Ruak** é nome de guerra de José Maria de Vasconcelos, Francisco Guterres e José Ramos-Horta

“Adélia” (2x), “Aires”, “Alcatere”, “Almeida”, “Alves” (2x), “Amadeu”, “Ana”, “Antónia”, “Apolinário”, “Araújo” (2x), “Armindo”, “Assis”, “Assunção”, “Augusta”, “B.” (2x), “Babo”, “Belo”, “Bendita”, “Cabral”, “**Candido**”, “**Caosta**”, “Carolina”, “Carvalho”, “Castro”, “Celestino”, “Cepeda”, “Cipriano”, “Correia”, “Costa” (4x), “Cruz”, “de” (da, do, dos), “Delfina”, “Deus”, “Domingos”, “Donabela”, “Duarte”, “e”, “Ernesto”, F.” (2x), “Fátima” (2x), “Faustino”, “Fernandes”, “Fernando” (3x), “Francisco”, “Frederico”, “Henriques”, “Galucho”, “Gomes”, “Guilhermina”, “Jaime”, “**Januaário**”, “Jesus” (4x), “Joana”, “José” (2x), “Judite”, “Júlio”, “Juvenila”, “Laranjeira”, “Lopes”, “**Luis**” (2x), “**Luisa**”, “M.” (2x), “Madalena”, “Magno”, “Maia”, “Maria” (3x), “Mariano”, “Marques”, “Matos”, “Mendonça”, “Miguel”, “Moniz”, “Moreira”, “Nelson”, “Nuno”, “Octávio”, “Paula”, “Pedro”, “Pereira” (4x), “Quintino”, “R.”, “Rangel”, “Rêgo”, “Ribeiro”, “Ricardo”, “Rosário”, “**Rubem**”, “Santos”, “Sarmento, “Sebastião”, “Sequeira” (2x), “Silva” (4x), “**Silvia**”, “Soares” (5x), “Teme”, “Verdial”, “Vieira”, “Ximenes”.

2.2. Topónimos
13 Concelhos de Timor Lorosa’e

Toponímia com muitas entradas

Nomes de bairros, capital, **concelhos**, ilhas, ilhéus, lagoas, maciços, montes, montanhas, picos, planaltos, planícies, postos administrativos, povoação, região, ribeiras, suco, etc.

https://www.bing.com/images/

2.2. Topónimos – Macrotopinímia

Topónimos a vermelho (13 concelhos) e com círculo (sede de concelho) – português

https://www.bing.com/images/

No apêndice do Dicionário

Concelho (e **sede de concelho)**

- **Aileu**; Ainaru (Ainaro ou Ainár**u**); Baukau (Baucau); Bobonaru (Bobonaro ou Bobonár**u**); Dili (Díli); **Ermera**; Kova-Lima/ Cova Lima; Lautén (Lautém)/ Lautem; Likisá (Liquiçá)/ Liquica; **Lospalos**; **Maliana**; Manatutu (Manatato ou Manatútu); [Manufáhi]/ Manufahi; Oe-Kusi (Oecússi)/ Oecussi; **Same**; **Suai**; Uekeke [Viqueque] (17 topónimos)
- **Timor** (Timor) “ilha”; Timor Leste “Antiga província dos Belos (…) dominada pelos portugueses, foi dividida em 13 Concelhos e 64 Postos Administrativos”/ **Timor-Leste**; **Timor Lorosa’e** “Novo país do Sudeste asiático. Antiga colónia portuguesa, ocupada pelos indonésios entre 1975 e 1999. Obteve a independência após a consulta popular de 30 de Agosto de 1999, assinado entre a Organização das Nações Unidas e os governos de Portugal e da Indonésia”

Nas entradas, sentidos etimológicos de/em topónimos - Exemplos

- Ataúru – tb conhecida por Pulau-Kámbing (ilha dos cabritos)
- Baagia – "(*Baguia*) (...) A palavra *Baagia* é formada por *Baa*: cova e *gia*: em baixo (cova no sopé do monte)"
- Batu-Gadé – "(Bato-Gadé ou Bátu-Gadé) (...) \\ O seu nome original é Fatu-Kadi: pedra de amolar"
- Maliana – "situa-se um fértil planalto, conhecido por Bibi-Maten (*lit*. Cabrito Morto)"
- Seisál – "(Seixal) (...) \\ O seu nome nome original é Fesál (um estranho entre os naturais)
- Ua-Neti – "*Lit*. água no alto, em *makasae* [língua]"
- Uatu-Ba'i – *Lit*. pedra sagrada, em *makasae* [língua]"

- **Variação - português**
- Mundu-Perdidu – "(*Mundo-Perdido*) Imponente maciço de 1 763 m de altitude (...) \\ Nome dado pelo governador Filomeno da Câmara quando se perdeu ao procurar, com a comitiva, uma espada oferecida pelos primeiros portugueses e considerada "lulik" pelos naturais."

Outros nomes ligados à toponímia – 33 línguas e variedades: nomes próprios ou comuns?

Línguas com entrada e referidas (27 entradas):

Adabe “Língua falada em Ataúro”; **Bai’kenu** “Língua falada na região de Oecússi” (em Oe-Kusi); **Bekais** “Língua falada na região de Balibó”; **Bunak/** “búnak” (em Atabae, Bato-Gadé), (em Kailaku, Bobonaro), (em Lama-Kitu, Bobonaro), (em Maliana, Bobonaro) “Língua falada nas regiões de Bobonaro, Fátu-Lúli, Lebos, Zumalai”; **Dadua** “Língua falada na região de Lacló”; **Duá** “Língua falada na ilha de Ataúro”; **Fataluku** (em Lautén), (em Lospalos, Lautém) “Língua falada nas regiões de Fuiloro, Lautém, Lospalos, Tuto-Ala e Loré”, (em Fuiloro, Lautém), (em Tutu-Ala, Lautém); **Galole** ou **Galolen** (em Lakló, Manatuto), (em Laleia, Manatuto), (em Manatutu), (em Vemasi, Bacau) “língua falada nas regiões de Lacló, Laleia, Manatuto, Cribas, Vemasse e Metinaro.”; **Habu** “Dialecto da língua *uaimu’a*, falada nas regiões de Uato-Lári, Ossu e Venilale.”; **Kairui** “Língua falada nessa região [Kairui]”; **Kemak** (em Atsabe, Ermera), (em Balibó, Bobonaro), (em Fatu-Besi), (em Fohorén), (em Hatulia, Ermera), (em Kailaku, Bobonaro), (em Kotu-Baba, Bátu-Gadé), (em Lebos, Bobonaro), (em Maliana, Bobonaro), (em Marobo, Maubara), (em Saniri, Bátu-Gadé) “língua falada nas regiões de Atsabe, Kailaco, Bobonaro”; **Lakalei** (em Bibi-Susu ou Bubu-Susu), (em Fahi-Nehan), (em Fatu-Berliu) “Língua falada nas regiões de Bíbi-Susso, Fáhi-Néhan, Aituha, Teras e Turiscain”; **Lolei** “Língua falada nas regiões de Remexio e Laulara”; **Makalere** (em Iliomar, Lautém), (em Loré, Lautém) “língua falada na região de Iliômar”; **Makasae** (em Baagia, Baucau), (em Hoso-Roa, Ossu), (em Kelikai, Baucau), (em Osú, Viqueque), (em Uatu-Karbau, Viqueque), (em Uatu-Lari, Viqueque), (em Vemasi, Baucau), (em Vinilale, Baucau) “Língua falada nas regiões de Baucau, Laga, Ossu, Uato-Lári, Vemasse, Venilale”; **Manbae** (em Ainaru), (em Ermera), (em Hatu-Builiku, Ainaro), (em Hatu-Udu, Ainaro), (em Hera, Díli), (em Lau-Lara, Díli) , (em Metinaru, Díli), (em Turiskain, Same), (em Tutu-Luru, Manufáhi) “Língua falada nas regiões de Aileu, Ainaro, Ermera, Hatulia, Maubisse, Remexio, Railaco, Same, Lete-Foho, Tíbar, Tuto-Lúru e Turiscain. Era a língua falada na região onde hoje se situa a cidade de Díli.”; **Marai** (em Kamnasa) “Variante da língua *bunak*.” ; **Mediki** (em Lakluta, Viqueque), (em Uatu-Lari, Viqueque), (em Vinilale, Baucau) “Língua falada em Uato-Lári, Venilale, Viqueque, Lacluta, Ossu e Vemasse” ; **Na-Nase** “Língua falada na região de Lacló”; **Naueti**/ “nauete” (em Luka, Viqueque), (em Uatu-Karbau, Viqueque) “Língua falada na região de Uato-Karbau, Uato-Lári e Baguia.”; **Nogo-Nogo** “Língua falada na região de Hatulia e Ainaro.”; **Oso-Moko** “Língua falada na região de Viqueque.”; **Rai-Eso** “Língua falada na ilha de Ataúro.”; **Ra-Kluma** “Língua falada na ilha e Ataúro”; **Sa-Ane** “Língua falada nas regiões de Lautém e Luro.”; **Tetun**/ “tétum” (em Balibó, Bobonaro), “com uma entoação *sui generis*” (em Bariki, Manatuto), (em Batu-Gadé, Bobonaro), (em Bibi-Leo, Luca), (em Bibi-Susu ou Bubu-Susu), tétum prasa (em Díli), (em Dílor), (em Fahi-Nehan), (em Fatu-Berliu), (em Fohorén), (em Klakuk, Fato-Berlio), (em Kotu-Baba, Bátu-Gadé), (em Kova, Bátu-Gadé), (em Lakluta, Viqueque), (em Lebos, Bobonaro), (em Luka, Viqueque), (em Maliana, Bobonaro), **tétum erudito** (em Samoro); **tétum terik** (em Suai, Kova-Lima), “fala-se tétum, com entoação própria” (em Uekeke/ Viqueque) “Língua nacional de Timor Lorosa’e. Língua falada nas regiões de Alas, Balibó, Bato-Gadé, Luca, Samoro, Suai, Viqueque. Língua oficial da igreja católica de Timor Lorosa’e a partir de Outubro de 1981.” ; **Tokodede** (em Likisá), (em Maubara, Liquiçá) “Língua falada em Maubara, Liquiçá, Bázar-Tete, Urmera e Tíbar.”

Línguas sem entrada, mas referidas (6 línguas mencionadas):

“anke” (em Vinilale, Baucau) ; **“idaté”** (em Funar, Laclubar), (em Laklubar, Manatuto); **“malaio”** (em Díli); **“português”** (em Díli); **“uaimaa”** (em Fatu-Maka, Vemase); **uakae** (em Balibó, Bobonaro)

Nota:

Ataúru: ilha com 3 grupos linguísticos

Outros nomes

Divindades , etc.

-> não antropónimos

- **Maromak** – “Ente supremo; Deus (na concepção cristã).”
- **Mota-Klalatak** – “Via Láctea, Estrada de S. Tiago.|| *Cf. Mota Leten*.”

Considerações Finais

A onomástica no *Dicionário de tétum-português* de Luís Costa:

- 1) inclui uma vertente enciclopédica com valor linguístico patrimonial
- 2) predomínio de topónimos (63%) - muitas entradas com nomes de ribeiras, montes, montanhas, maciços, lagoas, etc.
- 3) concelhos e sedes: nomes sem influência portuguesa, mas com marca administrativa portuguesa da organização do território
- 4) **Timor**, **Timor Leste** e **Timor Lorosa'e**: topónimos diferentes
- 5) antropónimos sem referentes concretos – não identificam personalidades
- 6) predominam os nomes próprios e apelidos masculinos, sendo o dobro dos femininos, havendo alguns mistos
- 7) grande diversidade linguística: 33 línguas mencionadas, tendo 27 entrada própria
- 8) 1 nome de divindade: insignificante e outro para a Via Láctea
- 9) a ortografia diferente entre tétum e português pressupõe variação linguística

Em síntese

- O *Dicinário de Tétum-Português* de Luís Costa é importante para compreender a toponímia e a antroponímia geral de Timor Lorosa'e.
- Seria fundamental averiguar se 24 anos passados, a informação relacionada com a antroponímia e as línguas se mantém, assim como com a toponímia.
- Haveria que completar a lista dos nomes das divindades.
- Falta comparar a análise do "Apêndice" com a de outras obras semelhantes
- É necessário ampliar investigação sobre a toponímia e a antroponímia timorenses e a sua relação com a língua portuguesa.
- Continuar a trabalhar...

REVISTA NJINGA & SEPÉ

Papel da Toponínima na construção da paz e reconciliação nacional de Angola: caso do Município do Cuanhama

Leonardo Tuyenikumwe Pedro *
Universidade do Namibe - Angola
ORCID iD https://orcid.org/0000-0003-4619-9732

RESUMO

Angola foi uma colónia portuguesa, até 1975. A luta armada pela independência começou em 1961, empreendida pela FNLA, MPLA e UNITA, que tiveram orientações político-ideológicas diferentes, obviamente defendiam projetos de luta e pós-independência diferentes. Assim, passaram a guerrear entre si, no quadro da Guerra Fria, até 1991. Em 1992, o conflito recomeçou após crise eleitoral, opondo a UNITA e o governo, até 2002, provocando milhares mortos, deslocados, mutilados, órfãos, minas, destruição da infraestrutura económica, do tecido social e familiar, deixando traumas sociais e psicológicos à população, tendo disseminado "cultura" de ódio, intolerância, dificultando a convivência pacífica entre grupos sociais e políticos. Assim, no quadro da política de construção da paz e da reconciliação nacional, a toponímia é uma estratégia válida para concretização deste objetivo, pois ela permite o resgate de valores culturais, históricos e patrióticos, que permitem a construção da memória coletiva, educação cultural e patriótica de uma nação, através das ações exemplares de figuras históricas nacionais e internacionais de todos os seguimentos da vida política, social, económica, cultural e desportiva que tiveram um papel importante na defesa e construção da pátria. Trata-se de uma análise crítica sobre fontes secundárias de história de Angola e função social da toponímia.

PALAVRAS-CHAVE

Toponímia; Paz; Reconciliação; Angola

REVISTA NJINGA & SEPÉ

*Doutor em História Moderna e Contemporânea, ramo de Defesa e Relações Internacionais pelo ISCTE- IUL, Lisboa. Investigador Integrado do Centro de Estudos Internacionais (CEI-ISCTE-IUL). Professor Auxiliar na Faculdade de Ciências Sociais e Humanidades da Universidade do Namibe. Investigador integrado do Centro de Estudos Internacionais do ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa.

Para citar este Resumo (ABNT): PEDRO, Leonardo Tuyenikumwe. Papel da Toponínima na construção da paz e reconciliação nacional de Angola: caso do Município do Cuanhama. **Anais do 1º Seminário Internacional da Toponímia e Antroponímia (15 & 16 de ago. 2024) / Revista Njinga & Sepé**. São Francisco do Conde (BA), Vol.4, Nº Especial I, p. 153, 2024 (ISSN: 2764-1244). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=wMpCid_AJ5k

Para citar este Resumo (APA): Pedro, Leonardo Tuyenikumwe. (ago. 2024). Papel da Toponínima na construção da paz e reconciliação nacional de Angola: caso do Município do Cuanhama. **Anais do 1º Seminário Internacional da Toponímia e Antroponímia (15 & 16 de ago. 2024) / Revista Njinga & Sepé**. São Francisco do Conde (BA), 4 (Especial I): 153. (ISSN: 2764-1244). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=wMpCid_AJ5k

REVISTA NJINGA & SEPÉ

Explorando a toponímia do patrimônio cultural de palmas - TO: proposta didático-pedagógica em uma abordagem interativa via software para uma educação patrimonial

Karylleila dos Santos Andrade*
Universidade Estadual do Tocantins - Brasil
ORCID iD https://orcid.org/0000-0001-6920-9206
Carla Bastiani **
Instituto Federal de Tocantins-Brasil
ORCID iD https://orcid.org/0000-0002-2457-9841

RESUMO
Este estudo consiste na apresentação de uma estratégia didático-pedagógica para Educação Básica, por meio de uma abordagem inovadora dos topônimos referente ao patrimônio cultural material da cidade de Palmas – TO, utilizando um software toponímico como recurso principal. Como suporte téorico e metodológico, utilizaremos as leituras de Reis e Andrade (2019a, 2019b), Andrade, Nunes, Nascimento e Bastiani (2019), Nascimento e Andrade (2020), Sousa (2017, 2018, 2019) e Bastiani (2021). Além disso, a Base Nacional Comum Curricular BNCC (2017) e o Documento Curricular do Tocantins DCT (2019) servirão de aporte téorico e pedagógico para a discussão da proposta. O aplicativo “Na trilha do patrimônio tem como objetivo servir como recurso didático no contexto do desenvolvimento de estratégias direcionados ao trabalho com nomes de lugares na Educação Básica. A ideia por trás do desenvolvimento desse aplicativo foi a de levar, para o âmbito da sala de sala, uma ferramenta que pudesse ser, ao mesmo tempo, educativa e interativa, ampliando os horizontes do trabalho com topônimos na escola. Vale ressaltar que, quando se concebeu o aplicativo em questão, partiu-se do ensejo de expandir o espaço de estudo dos topônimos para o ambiente virtual, em uma plataforma agregadora, que pudesse tornar esse processo de aprendizado mais didático e motivador para os alunos. Nesse sentido, a qualificação dessa proposta como inovadora advém da aplicação dos estudos toponomásticos ao contexto do ensino, especialmente com a utilização de uma ferramenta digital interativa.

PALAVRAS-CHAVE:
Toponímia; Patrimônio Cultural; Educação Básica; APP “Na trilha do patrimônio”; Palmas-TO

* Possui graduação em Letras pela Universidade Estadual do Tocantins (1993), mestrado em Linguística pela Universidade de São Paulo (2000) e doutorado em Linguística pela Universidade de São Paulo (2006). Atualmente é profa. Titular do curso de graduação em Teatro da UFT. Atua também no Programa de Pós-graduação em Letras PPGLetras da UFT e no Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura PPGLLIT da UFNT. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase nos estudos do Léxico, atuando principalmente nos seguintes temas: toponímia, interdisciplinaridade, ensino e educação.

** Professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal do Tocantins (IFTO), campus Gurupi. Doutora em Ensino de Língua e Literatura pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Pesquisadora na área de Linguística, com ênfase em Onomástica e Toponímia, concentrando as pesquisas recentes no estudo dos nomes e sua aplicação no contexto educacional.

Para citar este Resumo (ABNT): ANDRADE, Karylleila dos Santos; BASTIANI, Carla. Explorando a toponímia do patrimônio cultural de Palmas - TO: proposta didático-pedagógica em uma abordagem interativa via software para uma educação patrimonial. **Anais do 1º Seminário Internacional da Toponímia e Antroponímia (15 & 16 de ago. 2024) / Revista Njinga & Sepé**. São Francisco do Conde (BA), Vol.4, Nº Especial I, p. 155, 2024 (ISSN: 2764-1244). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=T_TiEEttPeI

Para citar este Resumo (APA): Andrade, Karylleila dos Santos; Bastiani, Carla (set. 2024). O Explorando a toponímia do patrimônio cultural de Palmas - TO: proposta didático-pedagógica em uma abordagem interativa via software para uma educação patrimonial. **Anais do 1º Seminário Internacional da Toponímia e Antroponímia (15 & 16 de ago. 2024) / Revista Njinga & Sepé**. São Francisco do Conde (BA), 4 (Especial I): 155. (ISSN: 2764-1244). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=T_TiEEttPeI

EXPLORANDO A TOPONÍMA DO PATRIMÔNIO CULTURAL DE PALMAS - TO: PROPOSTA DIDÁTICO-PEDAGÓGICA EM UMA ABORDAGEM INTERATIVA VIA SOFTWARE PARA UMA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

Professora Dra. Carla Bastiani (IFTO)

Professora Dra. Karylleila dos Santos Andrade (UFNT)

OBJETIVO GERAL

Compreender os estudos toponomásticos no contexto da Educação Básica, especificamente voltados ao Ensino Fundamental, na linha do que propõe a abordagem dos multiletramentos.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Reconhecer o topônimo como um meio de preservação da memória de uma comunidade;
- Apresentar uma proposta de ampliação do conceito de lugar nos estudos Toponomásticos, concebendo-o a partir de um ponto de vista interdisciplinar e afinado com os preceitos da Geografia Humanista, como base para se analisar a toponímia que se relaciona ao patrimônio cultural material da cidade de Palmas – TO;
- Investigar a motivação dos topônimos que nomeiam os bens que formam o patrimônio cultural da cidade de Palmas – Tocantins, levando em consideração a influência particular que os fatores históricos, sociais, identitários, regionais e ideológicos estabeleceram no processo de nomeação desses locais;
- Apresentar encaminhamentos didático-pedagógicos, envolvendo gêneros discursivos, para abordagem dos nomes de lugares no contexto do Ensino Fundamental;
- Inserir a inovação ao estudo do patrimônio cultural material da cidade de Palmas – TO no âmbito da escola, por meio da utilização de um aplicativo toponomástico interativo, a ser mobilizado como ferramenta de educação patrimonial informal.

TESE DEFENDIDA NO ESTUDO

Nesta pesquisa, defende-se a tese de que os bens patrimoniais representam para a comunidade muito mais do que espaços indistintos, devendo ser compreendidos como verdadeiros lugares segundo o prisma da Geografia Humanista, tendo em vista que deles emanam significados em grandezas variadas, frutos da vivência particular do sujeito no ambiente. Como herança da produção humana em uma sociedade, uma possível relação que se estabelece entre indivíduo e tais ambientes constitui um campo fértil para estudo no que se refere ao laço de topofilia, vínculo esse que passa necessariamente pelo nome atribuído ao lugar, tendo em vista que este projeta o universo de significados e experiências inerentes ao contexto de mundo da comunidade na qual se incluem.

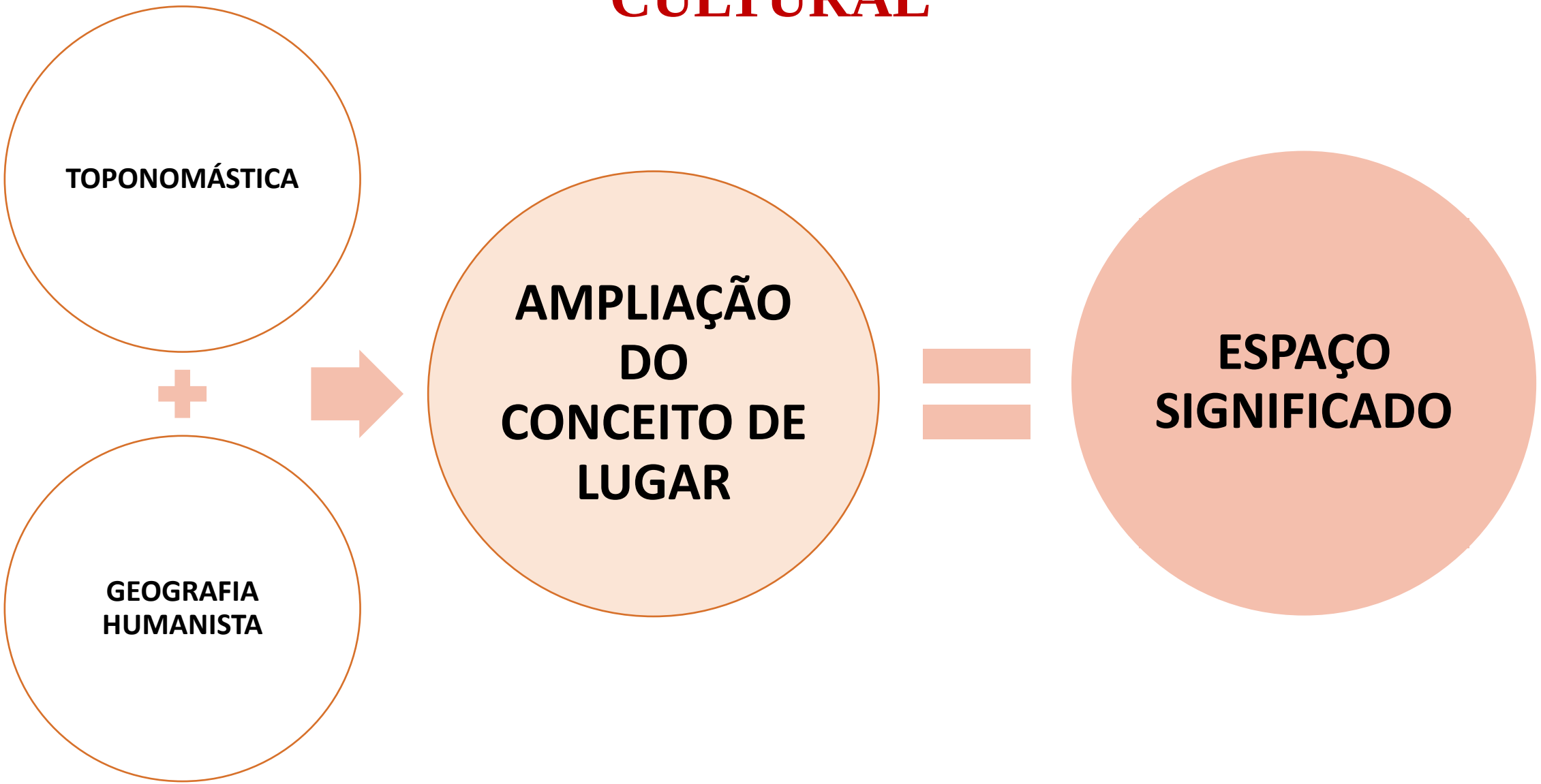
JUSTIFICATIVA

Figura 1 - Museu Histórico do Tocantins (Palacinho)

Fonte – Acervo da autora (2022).

A justificativa para essa investigação se assenta no fato de que, enquanto um produto cultural, o patrimônio de uma comunidade não é alheio ao contexto em que se insere; pelo contrário, corporifica a identidade desse grupo, carregando marcas do constructo simbólico que espelha a maneira pela qual a realidade foi apreendida em um determinado momento da história.

LUGAR, TOPONOMÁSTICA E PATRIMÔNIO CULTURAL



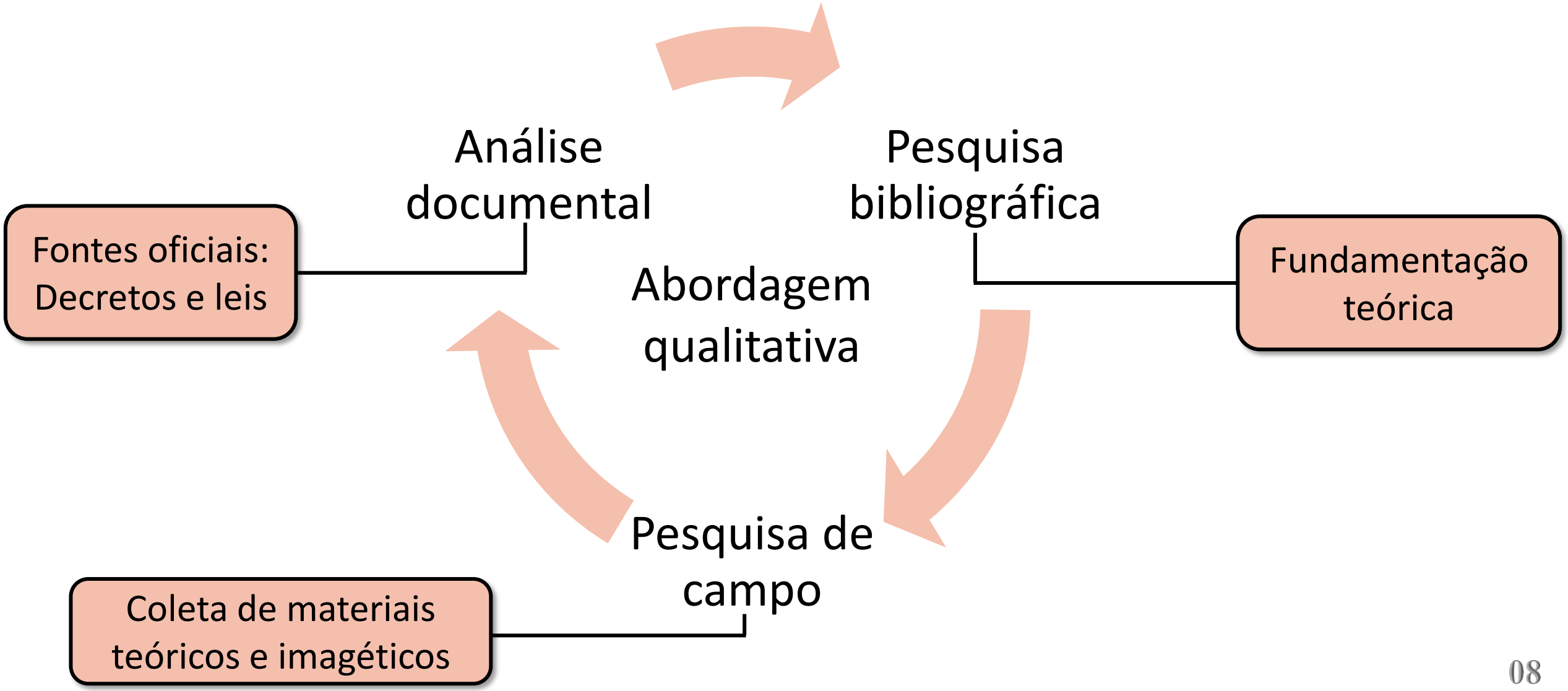
LUGAR, TOPONOMÁSTICA E PATRIMÔNIO CULTURAL

- Definição de patrimônio/critérios de seleção
- Natureza do patrimônio estudado

- Patrimônio cultural material tocantinense

- Patrimônio cultural material palmense

PERCURSO METODOLÓGICO



DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO CORPUS

Figura 2 - Escola Municipal Irmã Aspázia

Fonte: Acervo da autora (2022).

Localizada no distrito de Buritirana, a Escola Municipal Irmã Aspázia foi tombada de forma provisória, em âmbito municipal, por intermédio do Decreto Nº 22 de 29 de fevereiro de 2000, passando a integrar o patrimônio artístico e cultural da cidade de Palmas. A escola foi construída no ano de 1963, e os principais materiais utilizados em sua edificação foram adobe e telhas coloniais.

No ano de 1990, a escola teve seu nome alterado, passando a ser denominada de Escola Municipal Luiz Nunes. O nome da escola é uma homenagem ao Professor Luiz Nunes, primeiro educador que legalmente lecionou em Buritirana.

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO CORPUS

O memorial é uma forma de valorizar da história de um profissional que muito lutou para transformar a vida de seus alunos e de sua comunidade por meio da educação. Nome e lugar se imbricam em um todo significativo. O nome do lugar evoca lembranças, permitindo um retorno a uma época que foi marcada pelas dificuldades que se enfrentavam no antigo Norte de Goiás, mas que também representou um momento de vivências de afeto e de bem-estar naquele lugar que hoje se tornou, pelo seu valor histórico e simbólico, patrimônio cultural.

Figura 3 - Interior do Memorial Luiz Nunes

Fonte: Acervo da autora (2022).

ENCAMINHAMENTOS DIDÁTICOS

"Léxico em atividade: encaminhamentos didático-pedagógicos para o estudo dos nomes de lugares pela perspectiva dos multiletramentos e da inovação"

Encaminhamentos didáticos para abordagem dos nomes de lugares no contexto do 6º ano do Ensino Fundamental

↓

Base temática: nomes dos bens patrimoniais materiais da cidade de Palmas-TO

PROJETO INTERDISCIPLINAR – GEOGRAFIA E LÍNGUA PORTUGUESA

- Ano: 6^0 ano do ensino fundamental II – 1 bimestre
- Disciplina: Geografia
- Unidade temática: O sujeito e seu lugar no mundo.
- Objeto de conhecimento: Os nomes dos lugares patrimoniais e a nossa história.
  - O que é um lugar?
  - Qual a relação do patrimônio com a história da comunidade?
  - De onde vêm os nomes dos bens patrimoniais da minha cidade?
  - Quais são as marcas do passado corporificadas nos nomes de lugares?
  - Quais relações existem entre os nomes de lugares e a história da comunidade?
  - Por que um topônimo foi substituído por outro?
  - Qual a importância da educação patrimonial?

PROJETO INTERDISCIPLINAR – GEOGRAFIA E LÍNGUA PORTUGUESA

Quadro 2 – Unidade temática "O sujeito e seu lugar no mundo" - Geografia - 6º ano

UNIDADE TEMÁTICA	OBJETOS DE CONHECIMENTO	HABILIDADES
O sujeito e seu lugar no mundo	**Identidade sociocultural**	**(EF06GE01)** Comparar modificações das paisagens nos lugares de vivência e os usos desses lugares em diferentes tempos. **(EF06GE02)** Analisar modificações de paisagens por diferentes tipos de sociedade, com destaque para os povos originários.

Fonte: BNCC (2017, p.384 -385) Adaptado.

Quadro 3 – Geografia - 6º ano - 1º bimestre

UNIDADE TEMÁTICA	HABILIDADES	OBJETOS DE CONHECIMENTO	SUGESTÕES PEDAGÓGICAS
O sujeito e seu lugar no mundo	**(EF06GE01)** Comparar modificações das paisagens nos lugares de vivência e os usos desses lugares em diferentes tempos. **(EF06GE02)** Analisar modificações de paisagens por diferentes tipos de sociedade, com destaque para os povos originários.	**Identidade sociocultural** Os diferentes tipos de paisagens; As paisagens como dimensões da identidade cultural; Paisagens locais; Noções de lugar. **As paisagens e seus povos originários** Os diferentes lugares e paisagens rurais e urbanas; As comunidades tradicionais do estado do Tocantins.	Descrever os elementos representativos de mudanças e permanências em uma dada paisagem, reconhecendo as principais formas de manifestações culturais, naturais e sociais presentes nela. Comparar as modificações que ocorrem nessa paisagem/lugar com a vivência dos estudantes. Uma boa sugestão metodológica é o uso de fotografias, recortes de jornais, revistas e até mesmo desenhos que possibilitem essas comparações. Essa habilidade tem relação direta com a (EF06GE01) e espera-se que os estudantes possam identificar e interpretar as mudanças ocorridas nos lugares e nas paisagens (rurais e urbanas), no tempo e no espaço, sobretudo a partir das suas transformações pelos povos originários. O professor poderá provocar os seguintes questionamentos: Como era a sua região antes da colonização? Quais foram os primeiros habitantes e como ocorreu a mudança da paisagem? Pode também fazer uso de pinturas, fotografias e imagens do Google Earth, questionando as condições ambientais, problematizando as identidades e as multiculturalidades presentes nos espaços e modificações ao longo do tempo decorrentes das ocupações por diferentes povos e sociedades. Possibilidade interdisciplinar (EF 6HIO5)

Fonte: Tocantins (2019, p.35) Adaptado.

PROJETO INTERDISCIPLINAR – FERRAMENTA: APLICATIVO “NA TRILHA DO PATRIMÔNIO”

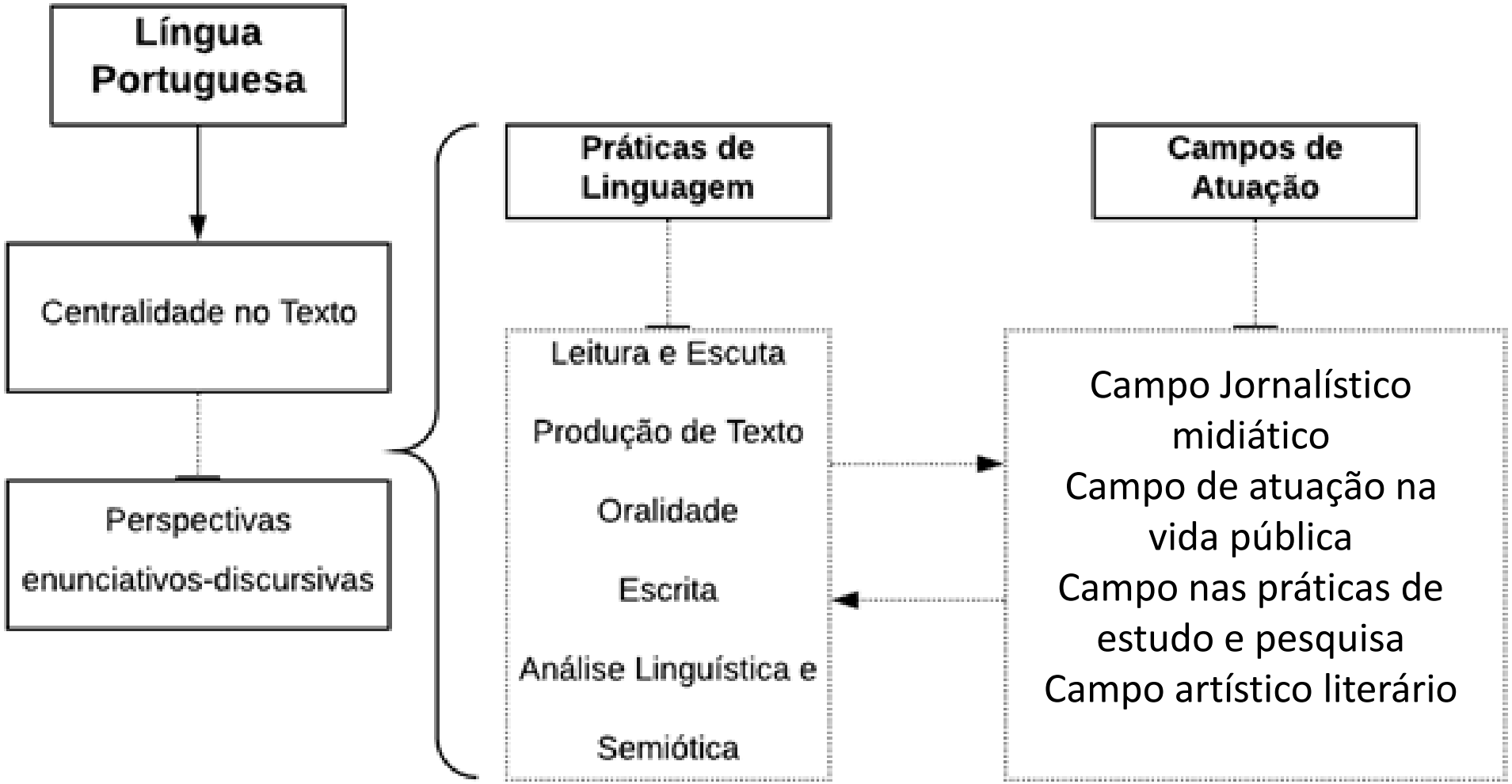
Figura 4 - Informações pertinentes ao bem pesquisado

Fonte: Acervo próprio (2021).

Figura 5 - Aba com informações contextuais

Fonte: Acervo próprio (2021).

• PROJETO INTERDISCIPLINAR – “NOMES DE LUGARES QUE FAZEM HOMENAGEM A PESSOAS”



CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises feitas apontaram para o fato de que parte da história da comunidade palmense encontra-se subjacente aos nomes dos bens patrimoniais materiais, o que vai ao encontro da tese que se defendeu neste estudo, segundo a qual esses ambientes podem ser compreendidos como lugares consoante ao entendimento da Geografia Humanista, na medida em que não se definem como meros espaços indiferenciados e abstratos, mas, pelo contrário, se constituem como lugares repertoriados, pelo fato de serem históricos e identitários.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

- **POR QUE PROMOVER AÇÕES VOLTADAS À VALORIZAÇÃO DO PATRIMÔNIO?**

Figura 6 - Incêndio que acometeu a Assembleinha em 2017

Fonte: Site da TV Anhanguera – TO. Foto de Cadu Cavalheiro (2017).

Em face de tal abandono e descaso, resta a seguinte constatação: um povo que não valoriza seu patrimônio cultural é um povo sem memórias históricas, sem raízes culturais e sem senso de identidade. Essa situação é reveladora da falta de educação patrimonial que permeia a nossa sociedade de maneira geral, o que legitima ações voltadas ao despertar do senso de valorização do patrimônio em todas as suas formas.

REVISTA NJINGA & SEPÉ

O cruzamento antroponímico: um fenômeno a ter-se em conta no processo de nomeação na localidade do Dande (Angola)

Abias Alberto Catito *
Universidade Estadual Feira de Santana – Brasil
ORCID iD https://orcid.org/0009-0000-0957-7701

Alexandre António Timbane **
Universidade Estadual Feira de Santana-Brasil
ORCID iD http://orcid.org/0000-0002-2061-9391

RESUMO
No presente artigo, com o tema "*o cruzamento antroponímico: um fenômeno a ter-se em conta no processo de nomeação em Angola*", procurou-se analisar uma prática que, nos últimos tempos, vem se notabilizando: o cruzamento de dois nomes para a formação de um terceiro. Para estudar o fenômeno, é objetivo geral do artigo: discutir sobre o cruzamento antroponímico no processo de nomeação. Para tal, apontou-se como objetivos específicos: compreender o critério usado para o cruzamento dos nomes selecionados; analisar os nomes que resultam do cruzamento antroponímico à luz de fundamentos linguístico-gramaticais. Assim, para este estudo, utilizou-se metodologias qualitativa, documental e bibliográfica. Constituiu-se dois grupos de amostra: nomes coletados de páginas da rede social Facebook e nomes de documentos oficiais emitidos pelo cartório angolano. Utilizou-se, como principal recurso bibliográfico, a obra de: Soledade e Neto (2021); Gonçalves e Silva (2021); Bechara (1999); Soledade (2012); Amaral e Seide (2020); e Seide (2019). A relevância do estudo deste fenômeno reside na análise desta tendência inovadora no processo de nomeação. Com o presente estudo, considera-se ter demonstrado que a atribuição de nomes próprios, principalmente a crianças, se mostra inovadora, criativa e produtiva com o fenômeno do cruzamento de antropônimos, variando-se a forma de nomear.

PALAVRAS-CHAVE
Cruzamento Antroponímico; Fenômeno; Nomeação; Angola.

REVISTA NJINGA & SEPÉ

***Abias Alberto Catito**: Mestre em Língua Portuguesa e Literatura em Língua Portuguesa Pela Universidade Agostinho Neto (Angola), Faculdade de Letras; Licenciado pelo Instituto Superior de Ciências da Educação (Angola); Bacharelato em Filosofia pelo Seminário Maior de Filosofia Bom Pastor de Benguela; Doutorando em Estudos Linguísticos na Universidade Estadual de Feira de Santana (Bahia/Brasil).

****Alexandre António Timbane** Doutor em Linguística e Língua Português pela UNESP, Mestre em Linguística pela Universidade Eduardo Mondlane, Licenciado em Ensino de Francês pela Universidade Pedagógica de Maputo. Docente da Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) e da Universidade Estadual Feira de Santana (UEFS). Editor-chefe da Revista Njinga & Sepé.

Para citar este Resumo (ABNT): CATITO, Abias Alberto; TIMBANE, Alexandre António. O cruzamento antroponímico: um fenômeno a ter-se em conta no processo de nomeação na localidade do Dande (Angola). **Anais do 1º Seminário Internacional da Toponímia e Antroponímia (15 & 16 de ago. 2024) / Revista Njinga & Sepé**. São Francisco do Conde (BA), Vol.4, Nº Especial I, p. 174, 2024 (ISSN: 2764-1244). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=T_TiEEttPeI

Para citar este Resumo (APA): Catito, Abias Alberto; Timbane, Alexandre António. (ago. 2024). O cruzamento antroponímico: um fenômeno a ter-se em conta no processo de nomeação na localidade do Dande (Angola). **Anais do 1º Seminário Internacional da Toponímia e Antroponímia (15 & 16 de ago. 2024) / Revista Njinga & Sepé**. São Francisco do Conde (BA), 4 (Especial I): 174. (ISSN: 2764-1244). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=T_TiEEttPeI

O CRUZAMENTO ANTROPONÍMICO: UM FENÔMENO A TER-SE EM CONTA NO PROCESSO DE NOMEAÇÃO EM ANGOLA.

Doutorando: Abias Alberto Catito
Orientador: Prof. Dr. Alexandre Timbane

Feira de Santana - BA, 15/08/2024

INTRODUÇÃO

Em todas as culturas, o nascimento de um(a) filho(a) traz consigo, além da alegria, naturalmente, desafios ou decisões, como a escolha do nome, que deve ser feita com muito amor.

É difícil identificar-se uma regra sobre como atribuir nomes aos bebês em Angola, pois cada família possui seus gostos e crenças que dependem da cultura e das tradições. Nisso, o mais importante é a conversa principalmente entre os pais, para uma decisão conjunta de acordo com os seus desejos e/ou interesses.

Nomear pessoas sempre foi uma prática muito recorrente em toda e qualquer comunidade. Além de atemporal, os nomes próprios de pessoas, também chamados de antropônimos, podem revelar questões etimológicas, sociais e culturais de uma sociedade. Embora atribuir nomes às pessoas seja uma ação usual e cotidiana, eles são registros linguísticos que revelam aspectos socioculturais. (Seide, 2019, p. 64).

Doutorando: Abias Alberto Catito
Orientador: Prof. Dr. Alexandre Timbane

CONT.

Diferente do costume, estudar nomes atribuídos aos bebês por influências religiosas, culturais, políticas, históricas, etc., no presente estudo, procura-se analisar uma prática que, nos últimos tempos, vem ganhando particular destaque em Angola: o cruzamento de dois nomes para a formação de um terceiro. Esse processo, que se pode enquadrar no neologismo, tem permitido a muitos pais chegarem a uma decisão harmoniosa sobre o nome do(a) filho(a). Sobre esse assunto, Soledade e Neto, (2021, p. 99), escrevem: "[...] formações que combinam dois antropônimos para a formação de um terceiro, como o nome do cartonista brasileiro Ziraldo, mistura do nome da mãe, Zezinha, com o pai, Geraldo".

CONT.

O crescimento da imprensa angolana, mormente a Televisão Pública de Angola (TPA), que há muitos anos tem na sua programação espaços para telenovelas brasileiras, influenciou, naturalmente, a forma de nomear as pessoas em Angola, principalmente a partir da década de 90, altura em que começa a se notabilizar a tendência deste fenômeno. Um exemplo muito claro de nomes cruzados, nesta época, é o de dois filhos do casal presidencial de Angola da referida época, nomeadamente: Eduane (Eduardo + Ana) e Joseana (José + Ana).

OBJETIVOS

Assim, para estudar o fenômeno, é objetivo geral desta pesquisa: discutir sobre o cruzamento antroponímico no processo de nomeação em Angola. Para tal, apontam-se como objetivos específicos: compreender o critério usado para o cruzamento dos nomes selecionados; analisar os nomes resultantes do cruzamento antroponímico à luz de fundamentos linguístico-gramaticais.

Doutorando: Abias Alberto Catito
Orientador: Prof. Dr. Alexandre Timbane

METODOLOGIA

Para este estudo, utilizou-se metodologias qualitativa (entrevista), documental e bibliográfica, pois analisam-se 21 nomes de dois grupos de amostra: 8 nomes coletados da rede social Facebook, concretamente das páginas: “Nomes lindos para bebês” e “Estou grávida”; 13 nomes de documentos oficiais - Bilhete de Identidade, Cédula Pessoal e Certidão de Nascimento - emitidos pelo cartório angolano; e, utilizou-se, como principal recurso bibliográfico, as obras de: Soledade e Neto (2021); Gonçalves e Silva (2021); Bechara (1999); Soledade (2012); Amaral e Seide (2020); e Seide (2019). O estudo se estrutura da seguinte forma: na primeira seção: Breve abordagem sobre Onomástica, Antroponomástica e Léxico; na segunda: O nome próprio: uma questão de identidade individual; na terceira: Metodologia; na quarta: Análise do corpus; e na quinta: Considerações finais.

Doutorando: Abias Alberto Catito
Orientador: Prof. Dr. Alexandre Timbane

BREVE ABORDAGEM CONCEITUAL SOBRE ONOMÁSTICA, ANTROPONOMÁSTICA E LÉXICO

A teoria criacionista (crença religiosa), que explica o surgimento do homem na terra através da criação divina, está de mãos dadas com os primeiros nomes na terra, basta um olhar sobre o que diz a bíblia sobre esse assunto: “O primeiro homem, Adão, se tornou um ser vivente”. Tendo em conta esta afirmação, não seria arriscado afirmar que o nome próprio é tão antigo quanto a existência do próprio homem.

Segundo Amaral e Seide (2020, p. 31), “o interesse pelos nomes próprios é antigo, embora seu estudo sistemático seja recente na história do conhecimento”.

Onomástica

Neste ponto, discute-se o conceito de Onomástica como ramo da Linguística que trata dos antropônimos, objeto de estudo desta pesquisa. Assim, apresenta-se o conceito de Onomástica a partir da sua etimologia.

CONT.

Silveira (2022) considera a Onomatologia como ciência que estuda os nomes. Para além de apresentar o objeto de estudo, irá procurar as origens gregas do termo. Desta forma, explica que a Onomatologia é um termo que vem do grego e que junta duas palavras *ónoma* e *onomatos*, que significa "*nome*", e *logos* que significa "tratado", acrescido do sufixo nominal -ia. Será esta a ciência dos nomes em geral. (Fernandes apude Silveira, 2022, p. 9).

O de Grande Dicionário da Língua Portuguesa (1996, p. 1912) considera a Onomástica como "lista, catálogo de nomes próprios. Parte da lexicologia que estuda os nomes próprios".

Antroponomástica

Outro conceito que buscamos nessa nossa abordagem é o de Antroponomástica, considerando a clara relação existente entre o binômio Antropologia e Onomástica. Segundo Camargo (2022, p. 61), “trata-se de uma recente área dos estudos antroponímicos que se nomeia Antroponomástica Sociognitiva, que deve ser percebida enquanto aplicação sociológica, cultural e histórica dos estudos [...] do nome próprio de pessoas [...]”. Percebe-se a partir do referido binômio que se busca analisar os meandros da nomeação e/ou do nome próprio: nome completo, prenome, apelido, alcunha.

Léxico

Outro conceito importante nesta abordagem é o de léxico, pois é quase impossível estudar nomes, propósito deste estudo, sem o mencionar, o conceito de léxico. Neste sentido, Raposo (1992, p. 89) considerou “o léxico como a componente do modelo gramatical onde se encontram as informações de natureza fonológica, sintática e semântica sobre os itens lexicais individuais”.

O NOME PRÓPRIO: UMA QUESTÃO DE IDENTIDADE INDIVIDUAL

O nome dispensa qualquer apresentação, bastando olhar para tudo o que é, ou seja, tudo o que existe tem uma designação ou um nome.

O nome próprio, como é sabido, é inerente ao homem, é a principal marca de identificação pessoal, embora, muitas vezes, esta identificação se encontre ligada ao grupo em que o indivíduo nasce, pois, os nomes próprios são também expressão de uma identidade linguística própria de uma comunidade de fala. Por isso, esse recebe respeito e apoio de toda sociedade.

Neste estudo, adotou-se a designação genérica “nome”, para se tratar do “prenome”.

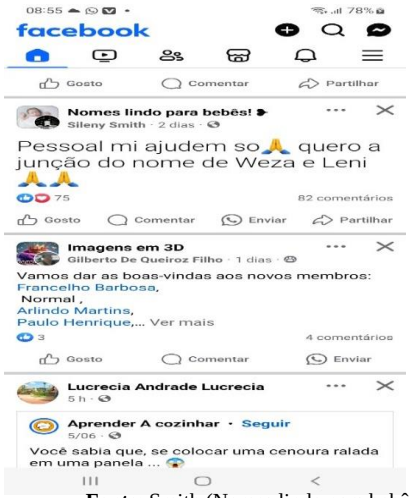
Doutorando: Abias Alberto Catito
Orientador: Prof. Dr. Alexandre Timbane

CONT.

O cruzamento de nomes é um fenômeno que, nos últimos tempos, vem se notabilizando. Trata-se de um fenômeno atual, que merece uma especial atenção no que ao estudo dos antropônimos diz respeito.

Tornou-se tendência, manifestada principalmente nas redes sociais. As figuras ao lado são exemplos de páginas criadas, para ajudar pessoas que se interessem em criar nomes a partir de dois antropônimos já existentes:

Figura 01:



Fonte: Smith (Nomes lindo para bebês), junho de 2024.

Figura 02:

Fonte: Marijosi (Junção de Nomes para Bebés), Junho de 2024.

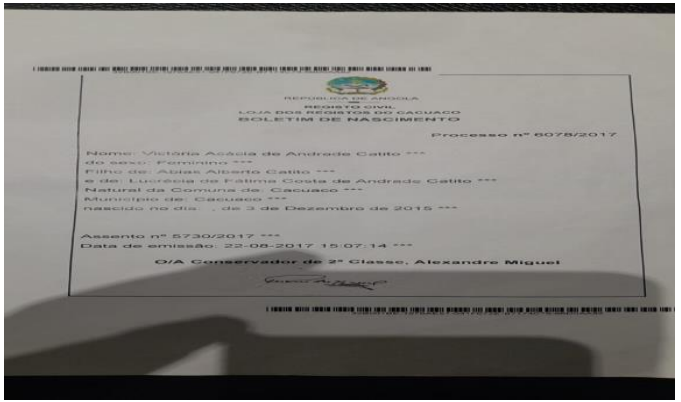
Doutorando: Abias Alberto Catito
Orientador: Prof. Dr. Alexandre Timbane

Considerando que, muitas vezes, são questionados os dados levantados a partir de páginas de redes sociais, incluindo o Facebook, e tendo em conta a diversificação de fontes na pesquisa, recorreu-se também à documentos oficiais com nomes próprios que resultam do fenômeno em análise:

Figura 03:

Fonte: Dados da pesquisa.

Figura 04:



Fonte: Dados da pesquisa.

ANÁLISE DO *CORPUS*

Considerou-se o enquadramento do cruzamento antroponímico, além outros fenômenos linguísticos, em dois processos de formação do léxico.

O primeiro processo, por sinal, o mais produtivo nos cruzamentos de nomes próprios, é o entranhamento lexical, considerado como o mecanismo que consiste na fusão de duas palavras pela interposição de uma à outra. Do ponto de vista fonológico, as duas bases são literalmente superpostas, de modo que um ou vários segmentos são compartilhados. Exemplos: **Mart**+**inha**, **Di**+**nho**, **Ma**+**dinha** < (Nadinha + Martinho); **Os**+**mar** < (Osvaldo + Maria); **Ma**+**ra** < (Manuel + Sara); **Pa**+i+**zana** < (Pascoal + Suzana).

Doutorando: Abias Alberto Catito
Orientador: Prof. Dr. Alexandre Timbane

CONT.

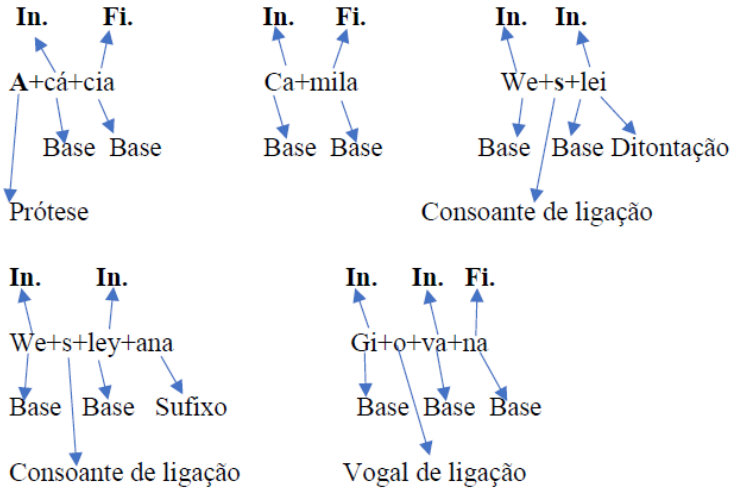
O segundo processo que se pode vislumbrar, nesses nomes, é o “hibridismo antroponímico”. Chama-se hibridismo à formação de palavras com elementos de idiomas diferentes. Exemplos: **We**+s+**leni** < (Weza + Leni). Weza (Kimbundu) e Leni (Português); **Ca**+**mila** < (Cacuege + Emília). Cacuege (Tchokwe) e Emília (Português); A+**cá+cia** < (Catito + Lucrécia). Catito (Umbundu) e Lucrécia (Português); **Luis**+**ander** < (Luísa + Vander). Luísa (Português) e Vander (Holandês).

Muitos destes nomes, muitas vezes, passam despercebidos, parecendo completamente da Língua Portuguesa ou outra, porque coincidem, em muitos casos, com palavras já existentes em outras línguas. Por exemplo, o caso dos nomes Camila e Acácia. O nome Camila é muito comum no Brasil, tal como Acácia em Angola. Mas, os dados desta pesquisa demonstraram ser resultado do cruzamento antroponímico apresentado.

OUTROS ELEMENTOS A CONSIDERAR NA ANÁLISE DO CORPUS

Os processos gramaticais, de forma geral, que podem ser explorados no estudo do cruzamento vocabular são vastos, além dos já expostos, tem-se ainda a considerar elementos como: em Cacuege + Emília = Camila, além das bases, há síncope de **i**; em Catito + Lucrécia = Acácia, além das bases, há prótese de **A;** em Weza + Leni = Weslei, além das bases, há consoante de ligação e ditongação; em Wesley**ana,** além das bases, consoante de ligação e ditongação, há um sufixo; em Vado + Gina = Giovana, além das bases, há uma vogal de ligação.

Esquemas da formação de alguns nomes:



Doutorando: Abias Alberto Catito
Orientador: Prof. Dr. Alexandre Timbane

CONT.

Com base nas análises apresentadas sobre o fenômeno do cruzamento de nomes próprios, como resumo, apresenta-se o quadro seguinte:

Quadro: 01

		Entrelaçamento lexical	Combinação híbrida	Outros processos considerados			
				Prótese	Síncope	Ditongação	Consoante/ vogal de ligação
Nomes Cruzados	**Análise estrutural**						
Weza e Leni	Início + fim		Weni, Wesleyana				
	Início + início		Weslei			**Weslei**	Weslei
	Início + nome inteiro		Weleni, Wesleni				Wesleni
Nadinha e Martinho	Início + fim	Mardinha, Martinha, Madinha					
	Meio + fim	Dinho					
Cacuege e Emília	Início + fim		Camila		Camila		
Catito e Lucrécia	Início + fim		Acácicia	Acácia			

Fonte: Dados da pesquisa.

REFERÊNCIAS

AMARAL, E. T. R.; SEIDE, M. S. **Nomes próprios de pessoas:** Introdução à antroponímia brasileira. São Paulo: Blucher, 2020.

ANDRADE, K. E. e RONDININI, R. B. Cruzamento vocabular: um subtipo da composição? **DELTA**, Rio de Janeiro, v. 32 n. 4, p. 861 – 887, 2016.

BARREIROS, L. L. S. **O vocabulário de Eulálio Motta**. 2017. 359 f. Tese (Doutorado) – Curso de Letras, Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa.** 37. ed. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2003.

BIDERMAN, M. T. C. Léxico e Vocabulário Fundamental. **Alfa**, São Paulo, v. 40, 1996.

CAMPOS, A. Q. e WOLF, B. O Conceito de Tendência: significado, histórico, conotação. **ModaPalavra e-periódico/Dossiê**, v. 11, n. 22, p. 11 – 30, 2018.

REFERÊNCIAS

CAMARGO, A. K. de. Um estudo socicognitivo dos antropônimos “Enheduana” e “Akhenaton": a autonomeação como comunicação político-performativa. Classica, **Paraná**, v. 36, 2-23, 2023.

Coríntios 1 em: https://www.bible.com. Acesso 25 de junho de 2024.

Dicionário Gramatical. Rio Grande do Sul: Editora Globo, 3ªed., 1962.

GOMES, A. e CAVACAS, F. **A vida das Palavras – Léxico**. Lisboa: Clássica, 2004.

GONÇALVES, Carlos Alexandre; SILVA, Vitória Benfica da. O fenômeno da shippagem na nomeação de casai: um novo emprego do cruzamento vocabular. **Revista do GEL**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, p. 335-365, 2021.

Gênesis 2:15-24 em: https://www.bible.com. Acesso 25 de junho de 2024.

Doutorando: Abias Alberto Catito
Orientador: Prof. Dr. Alexandre Timbane

Obrigado!

abiascatito@gmail.com

Doutorando: Abias Alberto Catito
Orientador: Prof. Dr. Alexandre Timbane

REVISTA NJINGA & SEPÉ

Um estudo sobre os nomes genéricos presentes na Toponímia do Brasil

Maria Cândida Trindade Costa de Seabra *
Universidade Federal de Minas Gerais-Brasil
ORCID iD https://orcid.org/0000-0003-4827-0635

RESUMO

O signo toponímico difere dos demais signos linguísticos por apresentar um caráter motivado em relação ao referente nomeado e também pela particularidade específica de sua função, que é de caráter identitário. Sendo assim, a necessidade de denominar um lugar segundo a sua situação em relação a um espaço geográfico habitado é um fenômeno geral, comum a todas as épocas. Para isso o homem faz uso de variadas estruturas linguísticas que se fundamentam em seu entorno vivencial, combinando motivação, convenção e identificação, produto psíquico da história sócio-político-cultural de um povo. Neste trabalho, apresentamos resultados parciais de um estudo sobre os termos genéricos que compõem os nomes geográficos presentes na Toponímia do Brasil, procurando refletir sobre algumas questões: 1) Os nomes têm significado? 2) Como são usados os nomes indígenas? 3) De onde vêm os termos genéricos presentes na hidrografia do Brasil? Como o nome deve ser interpretado em seu contexto geográfico? Chamamos de termo genérico o item lexical referente aos acidentes físico e antropocultural que integra juntamente com o termo específico (topônimo) o nome geográfico de uma localidade. Dessa união (termo genérico + termo específico) se estrutura o sintagma toponímico. Enquanto o primeiro é escolhido, necessariamente, tendo em vista características socioambientais, o segundo é mais livre, ficando a cargo de seu denominador. Dessa união entre os dois termos é comum a ocorrência de uma simbiose, o que não impede que haja variações, tanto no plano sincrônico, quanto no plano diacrônico e, ainda, no diatópico.

PALAVRAS-CHAVE

Toponímia; Nomes Geográficos; Localidade; Brasil

*Professora Titular de Língua Portuguesa da Faculdade de Letras da UFMG. Atua na graduação e pós-graduação. Desenvolve pesquisa em Linguística Teórica e Descritiva, nas perspectivas sincrônica e diacrônica, com ênfase em Onomástica (Toponímia e Antroponímia), Lexicologia, Lexicografia, Português do Brasil, Variação e Mudança Linguística.

Para citar este Resumo (ABNT): SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. Um estudo sobre os nomes genéricos presentes na Toponímia do Brasil. **Anais do 1º Seminário Internacional da Toponímia e Antroponímia (15 & 16 de ago. 2024) / Revista Njinga & Sepé**. São Francisco do Conde (BA), Vol.4, Nº Especial I, p. 194, 2024 (ISSN: 2764-1244). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=T_TiEEttPeI

Para citar este Resumo (APA): Seabra, Maria Cândida Trindade Costa de. (ago. 2024). Um estudo sobre os nomes genéricos presentes na Toponímia do Brasil. **Anais do 1º Seminário Internacional da Toponímia e Antroponímia (15 & 16 de ago. 2024) / Revista Njinga & Sepé**. São Francisco do Conde (BA), 4 (Especial I): 194. (ISSN: 2764-1244). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=T_TiEEttPeI

Um estudo sobre os nomes genéricos presentes na Toponímia do Brasil

Maria Cândida Trindade Costa de Seabra

Programa de Pós-Graduação em Linguística
Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG

1. Introdução.

2. Os nomes têm significado?

3. Os nomes indígenas no sintagma toponímico.

4. As interpretações do nome tendo em vista o contexto geográfico.

1. INTRODUÇÃO

Estruturalmente, o topônimo compreende dois elementos:
o termo (elemento) genérico e o termo (elemento) específico.

termo genérico
(acidente geográfico
'o que será denominado')

termo específico
(topônimo 'o elemento que
identifica, singulariza o acidente')

Rio Vermelho

↓

O topônimo é o nome próprio dado a determinado acidente geográfico.
Termo genérico + termo específico = constituem o sintagma toponímico.

Toponimização

Termo genérico + termo específico = sintagma toponímico

Rio Vermelho

Termo genérico + termo específico = sintagma toponímico

Cidade Rio Vermelho

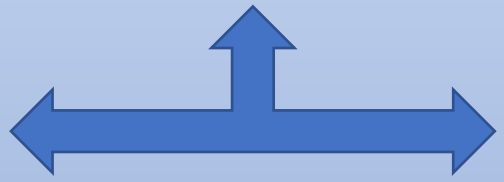
Bairro Rio Vermelho

Objetivo:

→ Toponímia brasileira: um convite à reflexão sobre as relações entre elemento geográfico (nome genérico) e o nome de lugar (nome próprio ou topônimo).

Rio Paraná

Termo genérico

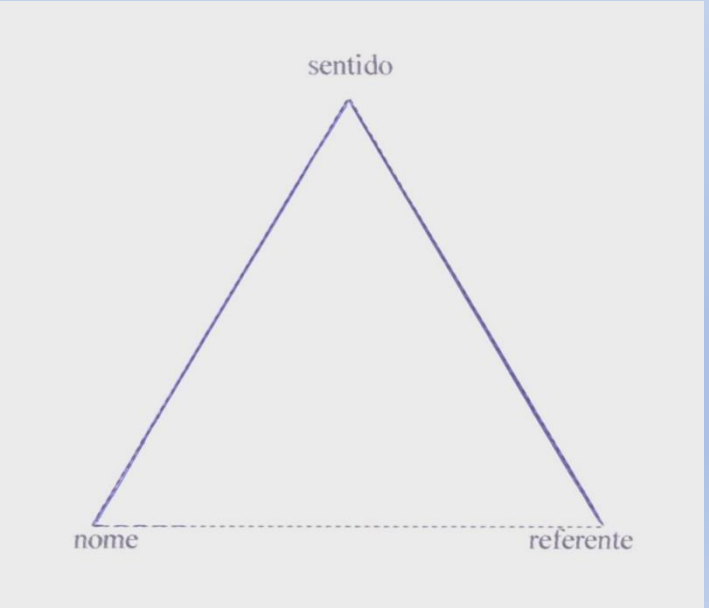


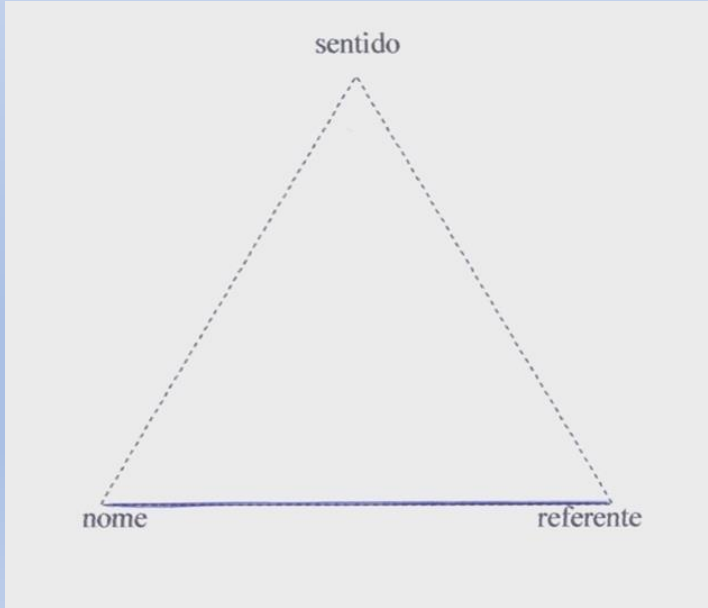
Termo específico

2. Os nomes próprios de lugar têm significado?

→ Para nomear, o homem se fundamenta em seu entorno vivencial, combinando:

- Motivação
- Convenção
- Identificação





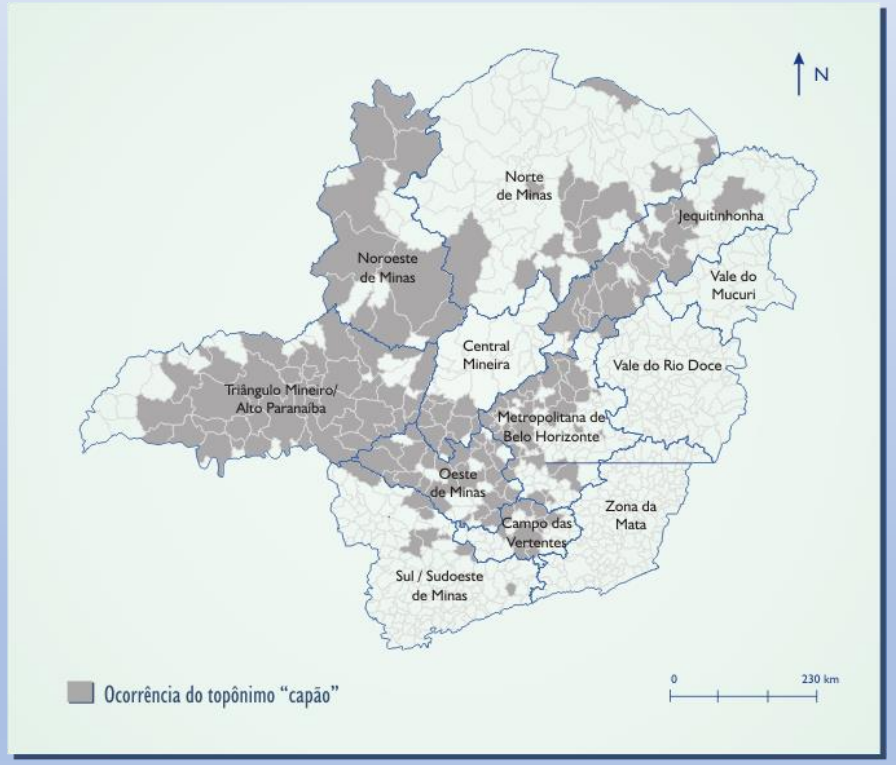
2. Os nomes têm significado?

→ O signo toponímico:

- Apresenta um caráter motivado em relação ao referente nomeado;
- Possui uma função específica: caráter identitário.

Projeto ATEMIG – Fitotoponímia Mineira

Capão – *tupi(kaa'paũ)* • Qualquer porção de mato, de composição variada, grande ou pequena, isolada, por todas as partes, de outra porção de mato; pequena mata.



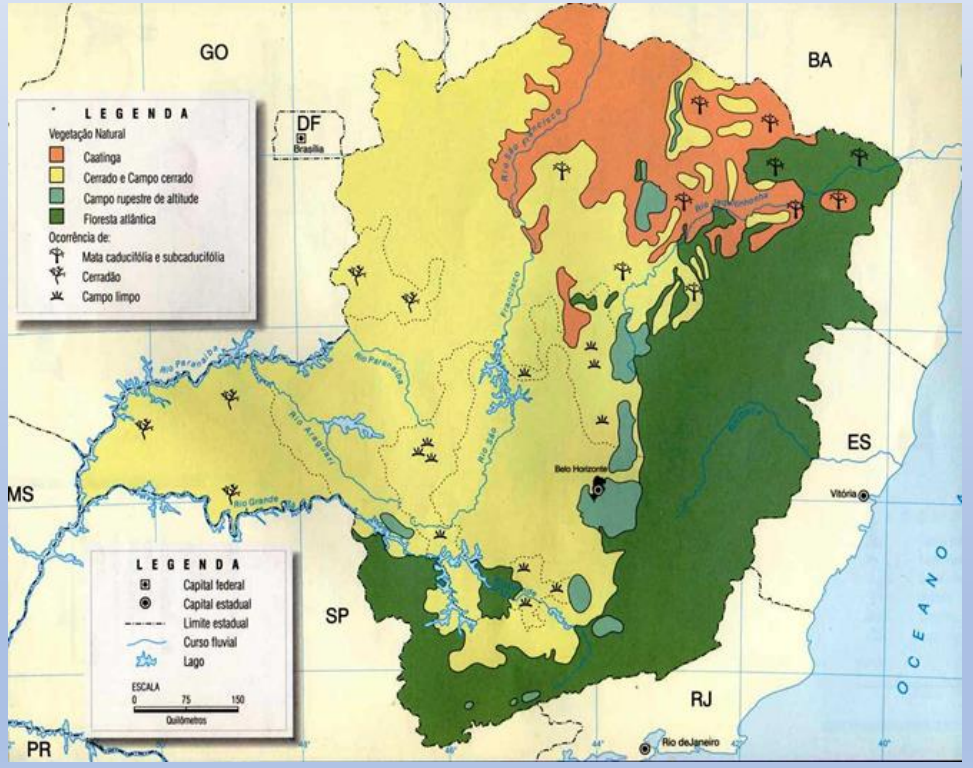
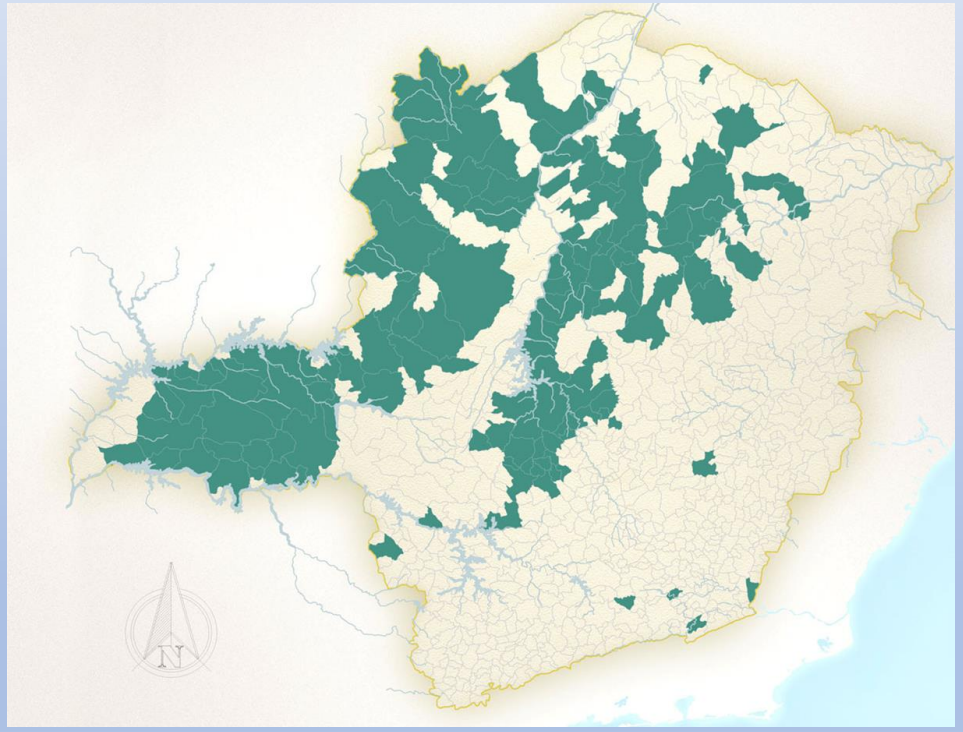


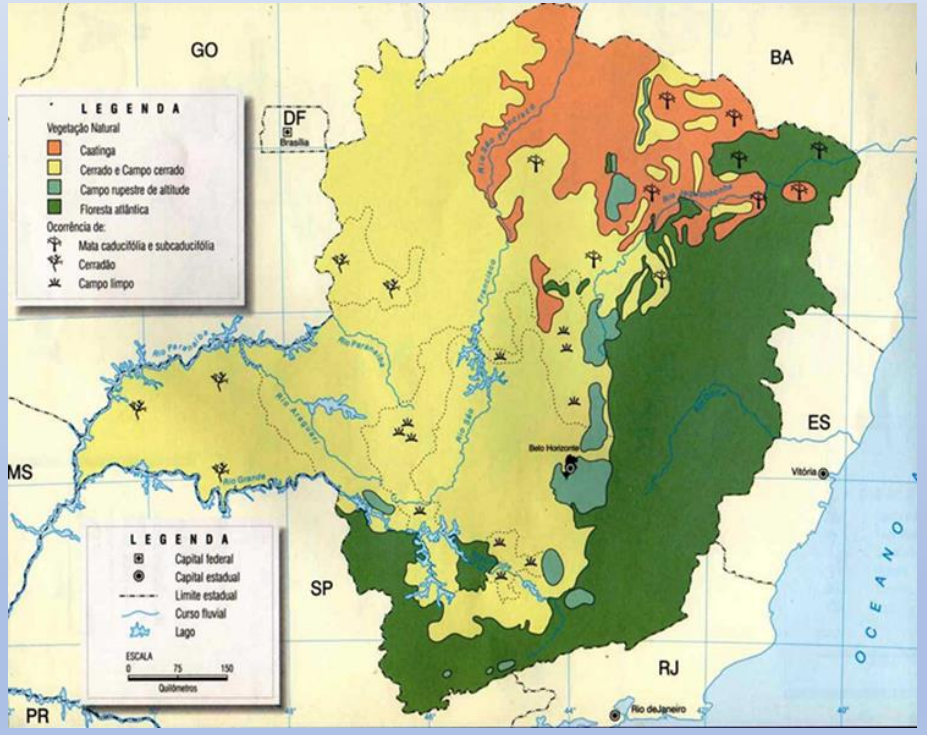
Figura 1: Ocorrência do topônimo "capão" nos municípios do Estado de Minas Gerais, segundo suas mesorregiões geográficas

Fonte: Banco de Dados do ATEMIG Org.: Santos, M.M.D.dos; Seabra,M.C.T.; Mouchrek,N.M.

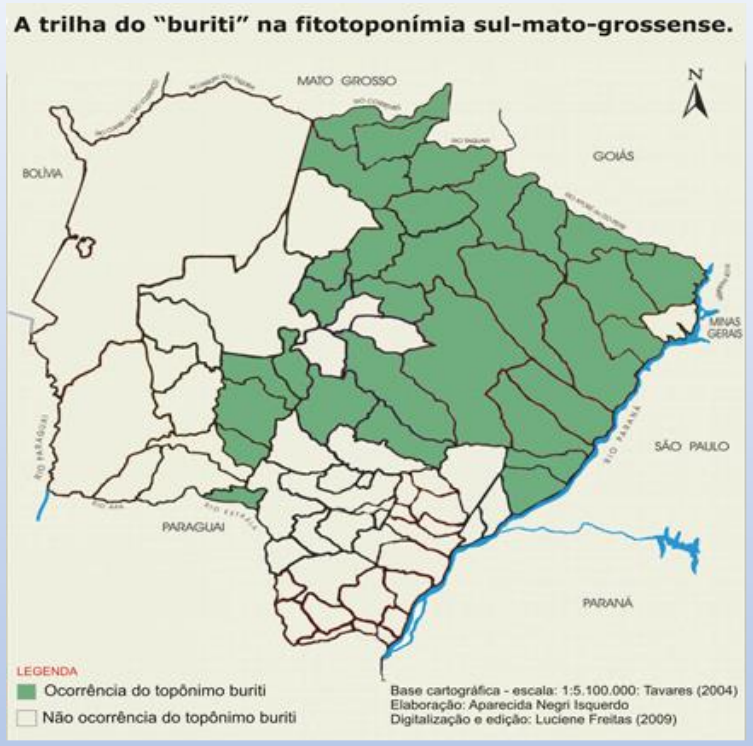
Área fitogeográfica *versus* área fitotoponímica - MG

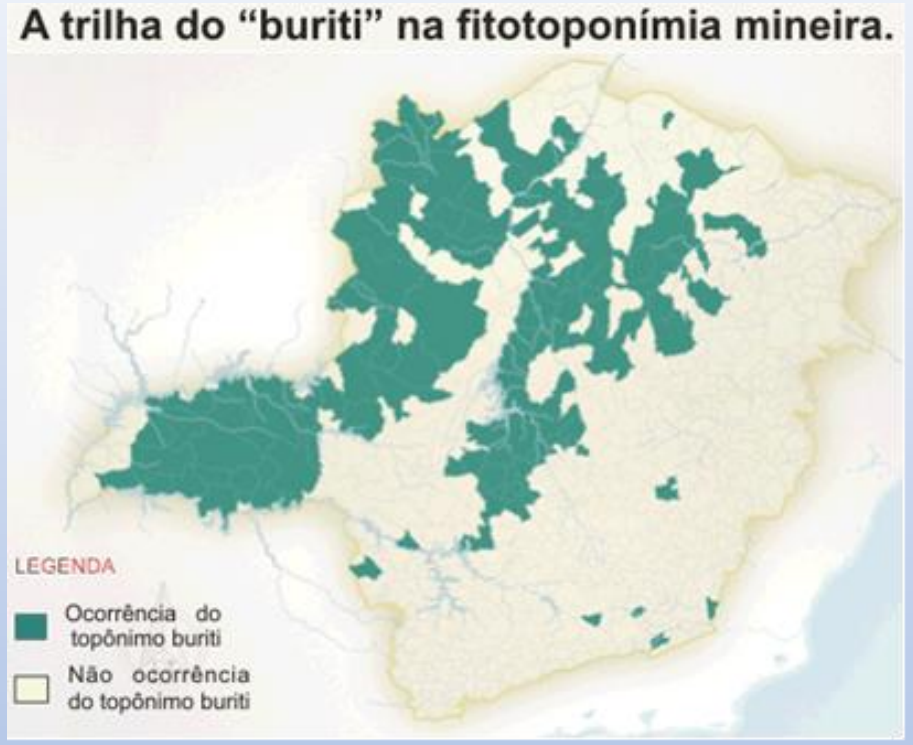
A trilha do Buriti (palmeira) na fitotoponímia de Minas Gerais





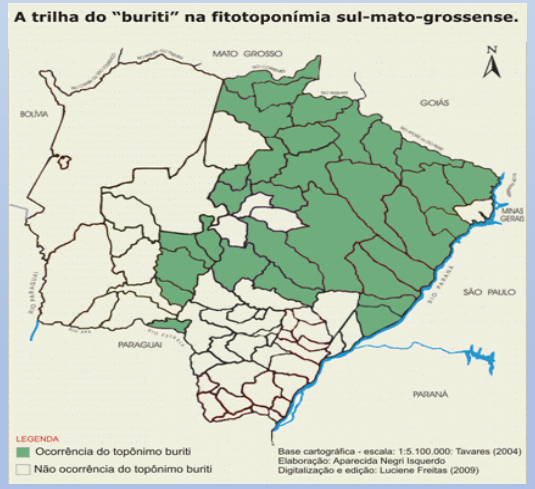
Variação diatópica

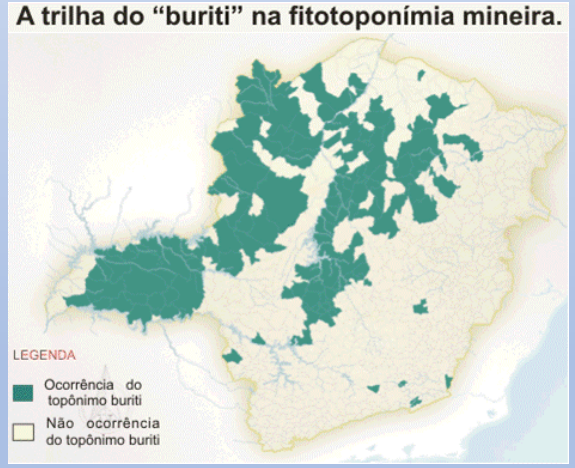




Dick registra **buriti** como denominativo em vários estados brasileiros. Segundo essa pesquisadora na forma **miriti** há registros onomásticos em estados do norte e nordeste: Acre, Amazonas, Maranhão e Pará. Já a forma alterada **buriti,** segundo ela, é amplamente difundida em várias regiões pertencentes a outros Estados da Federação (Dick, 1990, p. 155).

A “trilha” dos fitotopônimos formados com o termo buriti cruza as fronteiras políticas que separam as áreas geográficas dos Estados, delineando um continuum que demarca uma área toponímica distinta. Esses dados dão mostras da equivalência entre áreas fitotoponímicas e fitogeográficas.





3. Os nomes indígenas no sintagma toponímico.

Rio Paraná

Termo genérico

Termo específico

Rio

Paraná

Paraná como nome próprio ou topônimo

Paraná (estado)

Paraná (ilha AM)

Paranaguá (cidade PR)

Paranaí (cidade SP)

Paranaíba (rio GO)

Paranamirim (rio BA)

Paranapanema (rio PR)

Paranapará (igarapé AM)

Paranan-I Guaçu (córrego Mato Grosso)

Paraná = acidente geográfico (termo genérico)
22 ocorrências - 19 no estado do Amazonas

Paraná Abacaxis (AM)

Paraná Acará (AM)

Paraná Bogari (AM)

Paraná Urariá (AM)

Paraná Ouro (AC)

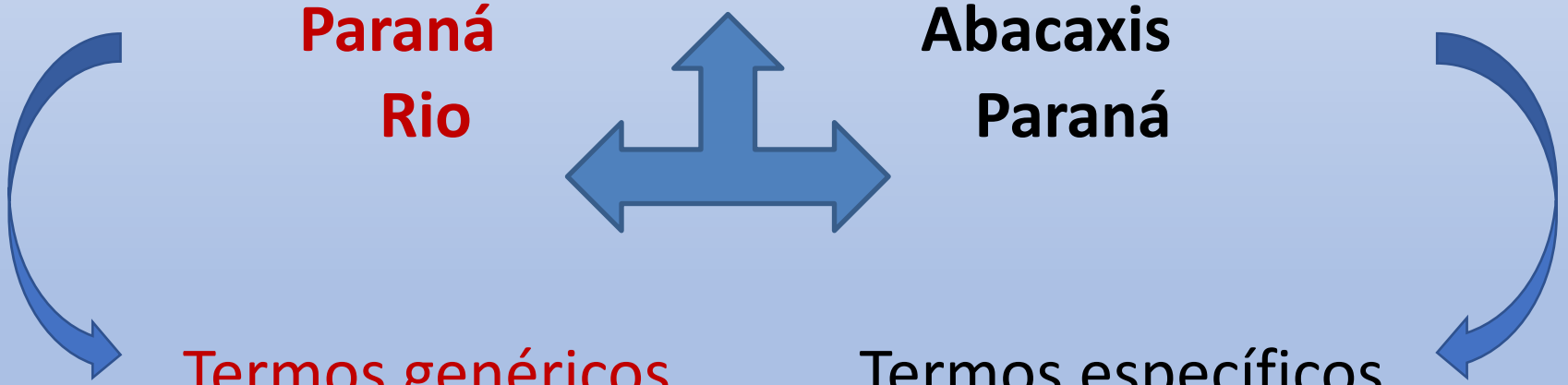
Paraná Macuera (RR)

“é um termo definidor de canais ou braços de rios”.

Estrutura do Topônimo

Paraná **Abacaxis (Amazonas)**

Rio **Paraná (Paraná)**



“Rio diz-se paraná em tupi equatorial;
em documentos antigos leem-se nomes como

Geticaparaná, rio das batatas;
Araraparaná, rio das araras;
Miritiparaná, rio dos miritizeiros;
Uruaparaná, rio dos caracóis;
Quiinhaparaná, rio das pimentas.
Aos rios de menores dimensões chamavam igarapés.”

(Clermont de Miranda. In: Levy Cardosos. Toponímica brasílica)

- Um igarapé é um curso d'água amazônico, constituído por um braço longo de rio ou canal. Existem em grande número na Bacia amazônica. Caracterizam-se pela pouca profundidade e por correrem quase no interior da mata. Apenas pequenas embarcações, como canoas e pequenos barcos, podem navegar pelas águas de um igarapé devido a sua baixa profundidade e por ser estreito.

- A palavra foi adotada do tupi.

Significa, literalmente, "caminho de canoa", através da junção dos termos ygara (canoa)
e apé (caminho)

- Igarapé: Paraná:
- do Abacate (AM) Abacaxis (AM)
- do Açaí (RR) Acará (AM)
- do Caboclo (AC) Urariá (AM)
- da Fartura (PA) Ouro (AC)
- das Abelhas (AM) Macuera (RR)
- do Vai-quem-quer (AM) Bogari (AM)
- da Liberdade (RO) Açaizinho (AM)

- [Nome genérico (+ / - prep.) nome próprio]

Região Norte do Brasil

Igarapé, Paraná, Pororoca (a pavorosa e repentina cheia)

Paraná – evoluiu para nome próprio, afastando-se de seu primitivo uso.

Igarapé (o caminho da canoa)–fora da região amazônica é empregado como topônimo:

- Igarapé (MG)
- Igarapeaçu (PE)
- Igarapé-Miri (PA)

→ No norte, continua como acidente físico, nomeando a hidrografia setentrional.

Andrade, Gilberto Osório de. Furos, paranás e igarapés: Análise Genética de Alguns Elementos Do Sistema Potamográfico Amazônico. Revista Geográfica 22, no. 48 (1958): 3–36. http://www.jstor.org/stable/40996475

FUROS, PARANÁS E IGARAPÉS (*)

Análise genética de alguns elementos do sistema potamográfico amazônico

Pelo

Professor Gilberto Osório de Andrade

Catedrático de Geografia Física da Faculdade de Filosofia da Unversidadade do Recife (Pernambuco — Brasil)

1. INTRODUÇÃO

Paranás, furos e igarapés são elementos do sistema potamográfico da Amazônia discriminados segundo uma terminologia que se apoia, vacilante, em critérios ora sumàriamente morfológicos e empíricos, ora imprecisamente etimológicos. A presente comunicação tem o propósito de sugerir critérios sobretudo genéticos à identificação dêsses elementos e mais dos **lagos-de-terra-firme,** por oposição aos **lagos-de-várzea.** Produto, porém, de observações colhidas durante uma excursão didática em companhia de alunos de Geografia da Faculdade de Filosofia de Pernambuco da Universidade do Recife ao Solimões e ao baixo-Amazonas (julho-agôsto de 1955), cinge-se à condição de «nota prévia», porquanto não estiveram ao alcance da excursão as necessárias oportunidades, entre muitas, de obter correlações sistemáticas noutros pontos da enorme bacia.

A moderna atribuição dos nomes tupis **paraná** e **igarapé** a elementos do sistema é freqüentemente arbitrária, decerto porque desbravadores e colonizadores, tendo-os assimilado imperfeitamente, introduziram ao mesmo tempo têrmos novos sem a substituição total, por êstes, dos denominativos do aborígene. **Paraná,** por exemplo, equivalia a «rio»: «rio grande», «como o mar», «parente do mar»; enquan-

---

(*) Comunicação apresentada ao XVIII Congresso Internacional de Geografia. Rio, agôsto de 1956.

4. As interpretações do nome tendo em vista o contexto geográfico.

Córrego (https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=córrego)

- cór·re·go
- sm
- 1 Sulco aberto pelas águas correntes; corga, regueiro.
- 2 Pequeno rio, pouco profundo e de pequeno caudal; corgo.
- **3** Caminho estreito entre montes ou muros.
- 4 REG (BA) Denominação aos afluentes do rio São Francisco.

- *A toponímia rural do contexto cafeicultor da serra do Caparaó.* Jacqueline Helen de Lima (UFMG)

Córrego* dos Alves

Córrego* do Brejo

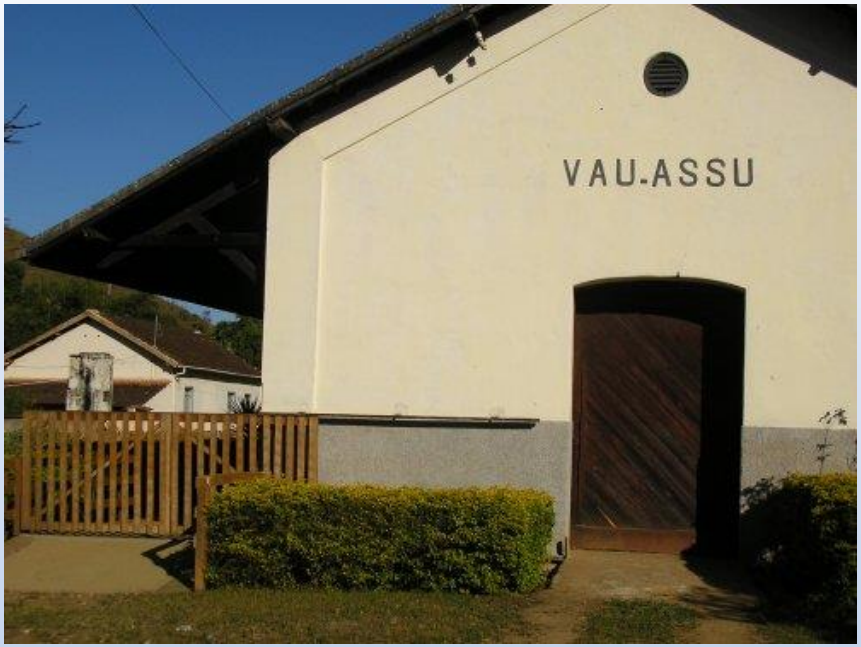
Córrego* Grande

Córrego* da Limeira

A motivação para tratar o acidente como córrego* tem raízes na geografia, já que trata-se de um lugar estreito. Este lugar seria um acidente físico, mas seu uso pelos moradores marca nitidamente que se trata de um acidente humano.

Vau – designa o lugar do rio onde a água é pouco funda, de sorte que se pode passar a pé ou a cavalo.

- Fazenda do Vau
- Povoado Vau das Flores
- Vau Açu
- Vau de orelha
- Vau de calda
- Vau a pés enxutos


VAU-ASSU

Google

Refletindo:

Sobre o sintagma toponímico:

→O topônimo vinculado ao termo genérico revela dados do povo denominador e de uma sociedade;

→As variantes lexicais e semânticas são importantes para que se tracem áreas dialetológicas em determinado território;

→Os sintagmas toponímicos já estabelecidos e cristalizados fornecem dados não só ao linguista, mas, também, ao dialetólogo sobre a permanência de certos traços arcaizantes da língua na fala de determinado território.

→O topônimo está sujeito às consequências do tempo: às influências, às modificações e, até mesmo, ao desaparecimento de seu significado original, uma vez que escapa da consciência e memória do povo.

→ Constituem “fósseis” linguísticos que sobrevivem até o tempo atual, permitindo, através deles, que se penetre em um tempo passado.

Referências bibliográficas

- BYNON, Theodora. Can there Ever be a Prehistorical Linguistics? In: *Cambridge Archaeological Journal* 5:2. London, 1995, p.261-265.
- DICK, M. V. de P. do A. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Edições Arquivo Estado de São Paulo, 1990.
- DICK, M. V. de P. do A. *Toponímia e antroponímia no Brasil. Coletânea de estudos*. 2ª Ed. São Paulo: Serviço de Artes Gráficas da FFLCH/USP, 1990.
- ISQUERDO, Maria Aparecida Negri; SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. A trilha dos "buritis" no vocabulário onomástico-toponímico: um estudo na toponímia de Minas Gerais e de Mato Grosso do Sul. In: BARROS, Lídia Almeida; ISQUERDO, Maria Aparecida Negri (Org.). *O léxico em foco*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.
- SAMPAIO, T. *O tupi na geografia nacional*. 5.ª ed., São Paulo/Brasília: Ed. Nacional/Instituto Nacional do Livro, 1987.
- SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. Referência e Onomástica. In: MAGALHÃES, José Sueli de; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. (Org.) *Múltiplas perspectivas em linguística*: Anais do XI Simpósio Nacional e I Simpósio Internacional de Letras e Linguística (XI SILEL). Uberlândia: ILEEL, 2006, p.1953-1960
- SEABRA, M. C. T. de. *Fitotoponímia Mineira*. Belo Horizonte, 2009 (inédito)
- SEABRA, M.C.T.C. de. Gualacho, Mato Dentro, Outra Banda – topônimos da Região do Carmo – MG: questões léxico-históricas. In: *O Léxico em Estudo*. M.C.T.C. Seabra (Org.). Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2006, p. 137-154.
- SEABRA, M.C.T.C. de. UFMG. *Base de Dados do Projeto Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais*. Belo Horizonte, 2018.

Contato:

candidaseabra@gmail.com

CENTRO DE REFERÊNCIA EM CARTOGRAFIA HISTÓRICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

FALE
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos - POSLIN

UFMG
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

GruMEL
Grupo Mineiro de Estudos do Léxico

REVISTA NJINGA & SEPÉ

Reflexão sobre o uso e atribuição dos nomes na cultura dos bakongo

Eduardo David Ndombele *
Instituto Superior de Ciências de Educação do Uíge - Angola
ORCID iD https://orcid.org/0000-0002-5832-6391

RESUMO
O presente artigo faz uma abordagem sobre atribuição do Nome na Tradição Oral (Literatura Tradicional) no contexto do grupo étnico dos bakongo. É óbvio que o nome como parte constitutivo, completa a pessoa, pois explica a sua interioridade, e faz parte da personalidade. Procuramos nesta reflexão questionar o seguinte: O que está na base da rejeição e desprezo do uso dos nomes africanos na sociedade contemporânea? O presente estudo visa analisar as causas da invasão e desprezo dos nomes que representam a nossa identidade cultural. A nossa abordagem metodológica assenta no paradigma qualitativo, tendo como estratégia de investigação o estudo de caso de cariz interpretativo que consiste numa descrição pormenorizada do caso estudado. Entretanto o estudo concluiu que o **nome** é um elemento notório de identificação do indivíduo. Por isso, ao atribuirmos o nome devemos em primeiro lugar, refletir os padrões normativos de cada povo ou cultura. O nome é um produto sócio histórico e social, associado a uma determinada língua que transporta uma carga cultural partilhada por determinada sociedade e com uma memória cultural de sociedade linguística. O nome é um direito revogado pela Lei nº10/77, de 09 de Abril, com a alteração dada pela Lei nº 10/85, de 19 de Outubro, e pelo Código da Família. Uma criança ou filho que nasce sozinho do ventre da sua mãe (unigênito) é também atribuído um nome específico. O nome que pode ser atribuído para essas situações o nome de N'SUNDA caso este for menina e NSUNDA se for rapaz. Contrariamente da língua portuguesa que apresenta estrutura justaposta, outras línguas, contudo, apresentam estrutura aglutinante, como é o caso da língua indígena kikongo, isto por que o kikongo aglutina o elemento modificador no radical (ki+João=Kijoão) e nos casos em que o topônimo é composto por dois termos (Kiteka Panzo), em todos os casos, não se emprega a preposição, opondo-se do que acontece em português em alguns casos.

PALAVRAS-CHAVE
Nome; Tradição; Identidade; Cultura

REVISTA NJINGA & SEPÉ

*Pós-Doutorando em Letras na Universidade da Beira Interior Especialista em Políticas Educativas Pesquisador em Metodologia de PLNM. & Sociolinguística, Membro da Cátedra da UNESCO em Politicas Linguísticas Membro do Conselho Científico da Revista Njinga & Sepé. Professor há mais de 19 anos desde o Instituto Médio Agrário do Tchivinguiro na Huíla, passando pela Escola de Formação de Professores Comandante Liberdade no Lubango. É actualmente Professor Auxiliar do Instituto Superior de Ciências de Educação do Uíge. Chefe do Departamento de Ensino e Investigação de Letras Modernas. Doutorando em Inovação Educativa pela Universidade Católica de Moçambique, na Faculdade de Educação e Comunicação de Nampula.

Para citar este Resumo (ABNT): NDOMBELE, Eduardo David. Reflexão sobre o uso e atribuição dos nomes na cultura dos bakongo. **Anais do 1º Seminário Internacional da Toponímia e Antroponímia (15 & 16 de ago. 2024) / Revista Njinga & Sepé**. São Francisco do Conde (BA), Vol.4, Nº Especial I, p. 224, 2024 (ISSN: 2764-1244). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=T_TiEEttPeI

Para citar este Resumo (APA): Ndombele, Eduardo David (ago. 2024). Reflexão sobre o uso e atribuição dos nomes na cultura dos bakongo. **Anais do 1º Seminário Internacional da Toponímia e Antroponímia (15 & 16 de ago. 2024) / Revista Njinga & Sepé**. São Francisco do Conde (BA), 4 (Especial I): 224. (ISSN: 2764-1244). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=T_TiEEttPeI

REVISTA NJINGA & SEPÉ

Antroponímia e toponímia guineenses: desafios linguístico-culturais

Nelson Jaime Có
Universidade Federal de Catalão - PPGEL- CAPES
ORCID iD https://orcid.org/0000-0001-5204-0184
Maria Helena de Paula
Universidade Federal de Catalão – PPGEL
ORCID iD https://orcid.org/0000-0002-7422-327X

RESUMO
O nome é uma forma de identificar pertencimentos culturais dos povos ao longo da história das línguas naturais. O ato de nomear estabelece constitutivamente relações de poder entre o nomeado e quem nomeia. No contexto africano, matizado pelo empreendimento colonizador europeu e dentre os países que foram colonizados por Portugal, Guiné-Bissau carrega no seu nome essa representação de poder, uma vez que, nos primeiros contatos com os portugueses, foi apagada do topônimo bossau, através do seu aportuguesamento, a referência à etnia pepel. A estratégia de silenciamento da identidade linguístico-cultural do povo guineense se fez notar também em seus antropônimos, onde se podem verificar apagamentos étnicos em nomes e sobrenomes guineenses transmutados para aqueles de origem portuguesa. No entanto, o povo guineense também resistiu à colonialidade, mantendo muitos de seus nomes nos quais se recuperam pertencimentos étnico-culturais, como apresentaremos nesse estudo. Para demonstrar como aspectos linguístico-culturais de resistência étnica se fazem registrar em topônimos e antropônimos guineenses, apresentaremos um cotejo de alguns nomes comuns como Guiné-Bissau e Bijagós, além de alguns antropônimos por meio dos quais se identifica o grupo étnico-linguístico a que pertence a pessoa nomeada. Os signos foram inventariados em bases como relatórios do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas (INEP) e documentos cartográficos e sua análise incorporou aspectos da cultura guineense e da composição morfológica, à luz do contexto de significação para a comunidade multilíngue e multicultural de Guiné-Bissau, tema de relevância nos estudos da linguagem.

PALAVRAS-CHAVE
Nomeação; Antroponímia; Toponímia; Resistência étnico-linguística

* Doutorando em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal de Catalão-GO UFCAT (2024); Mestre em Geografia pela Universidade Federal do Acre - UFAC (2023); Licenciado em Filosofia pelo Claretiano Centro Universitário (2020); Pós-Graduado "Latu-Sensu" em Administração Pública - pelo Centro de Ensino superior de Maringá - UniCesumar (2018) e Graduado em Teologia - pelo Centro de Ensino Superior de Maringá - UniCesumar (2014). Tem experiência na área de educação, com ênfase em filosofia da educação. Foi Conselheiro Suplente do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente - Município de Cianorte, Estado do Paraná (2015); Foi Presidente e Conselheiro do Conselho Municipal Dos Direitos Da Pessoa Idosa - CMDPI - Município de Tapejara, Estado do Paraná (2017/2019), Brasileiro naturalizado, natural de Guiné-Bissau.

** Possui Licenciatura em Letras - Português pela Universidade Federal de Goiás (1996), Mestrado em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (2000) e Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2007). É professora da Universidade de Catalão (UFCat, atuando na graduação em ensino, pesquisa e extensão e na pós-graduação como docente permanente no Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem. Na área de Letras, tem experiência em estudos linguísticos e filológicos, com ênfase nos seguintes temas: ciências do léxico em fontes primárias orais e manuscritas, Sociolinguística (em perspectiva descritiva e aplicada ao ensino) e Linguística Antropológica. Atuou, no âmbito da administração superior, como coordenadora de pós-graduação lato sensu e Coordenadora Geral de Pesquisa e Pós-graduação da UFG/Regional Catalão (03/2014-02/2018), compôs a Coordenação do Comitê de Ética em Pesquisas (CEP) da UFG/Regional Catalão (02/2018 a 02/2021). Tem interesse em atividades de ensino-pesquisa-extensão e cultura na área de africanidades/afrobrasilidades, com projeto financiado sobre memórias da escravidão negra em Goiás e orientação de pesquisas de graduação e pós-graduação.

Para citar este Resumo (ABNT): CÓ, Nelson Jaime; DE PAULA, Maria Helena de. Antroponímia e toponímia guineenses: desafios linguístico-culturais. **Anais do 1º Seminário Internacional da Toponímia e Antroponímia (15 & 16 de ago. 2024) / Revista Njinga & Sepé**. São Francisco do Conde (BA), Vol.4, Nº Especial I, p. 226, 2024 (ISSN: 2764-1244). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=T_TiEEttPeI

Para citar este Resumo (APA): CÓ, Nelson Jaime; DE PAULA, Maria Helena de (ago. 2024). Antroponímia e toponímia guineenses: desafios linguístico-culturais. **Anais do 1º Seminário Internacional da Toponímia e Antroponímia (15 & 16 de ago. 2024) / Revista Njinga & Sepé**. São Francisco do Conde (BA), 4 (Especial I): 226. (ISSN: 2764-1244). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=T_TiEEttPeI

I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DA TOPONÍMIA E ANTROPONÍMIA

Nelson Jaime Có - CAPES/PPGEL-UFCAT
Profa. Dra. Maria Helena de Paula - PPGEL-UFCAT

ANTROPONÍMIA E TOPONÍMIA GUINEENSES: DESAFIOS LINGUÍSTICO-CULTURAIS

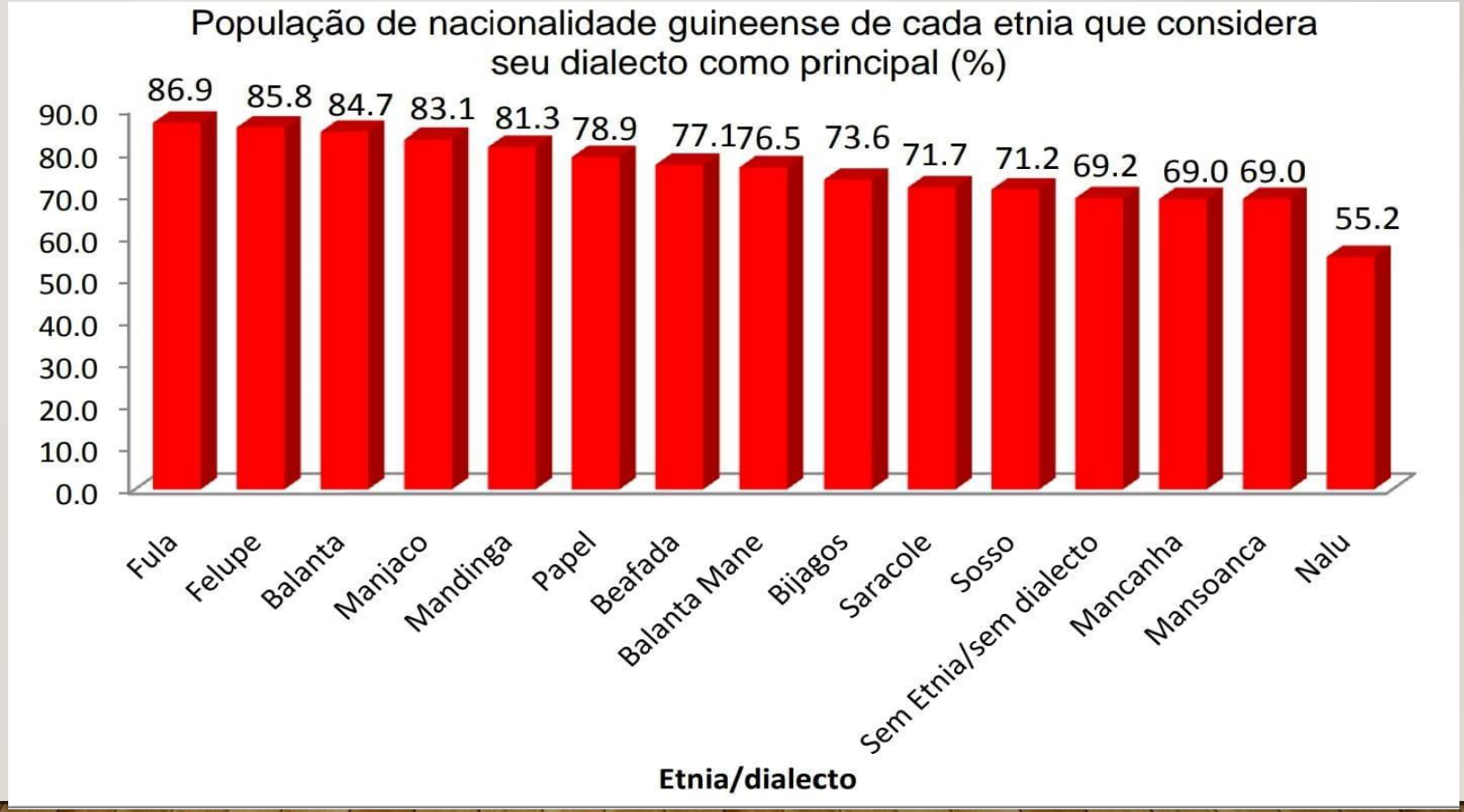
INTRODUÇÃO

- O nome é uma forma de identificar pertencimentos culturais dos povos ao longo da história das línguas naturais. O ato de nomear estabelece constitutivamente relações de poder entre o nomeado e quem nomeia.
- No contexto africano, matizado pelo empreendimento colonizador europeu e dentre os países que foram colonizados por Portugal, Guiné-Bissau carrega no seu nome essa representação de poder.
- A estratégia colonialista de silenciamento da identidade linguístico-cultural do povo guineense se fez notar em seus antropônimos e também em seus topônimos.

De acordo com Couto e Embaló (2010), no território guineense são faladas cerca de 20 línguas étnicas, em que a maioria é praticada em comunidades nas quais predomina o grupo étnico de cada tribo. Muitas delas são pertencentes a famílias diferentes, outras tão aparentadas que poderiam ser classificadas como dialetos de uma mesma língua, como veremos logo abaixo.

ETNIAS	PORCENTAGENS
Fula	16%
Balanta	14%
Mandinga	7%
Manjaco	5%
Papel	3%
Felupe	1%
Beafada	0,7%
Bijagó	0,5%
Mancanha	0,3%
Nalu	0,1%

Segundo os dados do Instituto Nacional de Estatísticas de Guiné-Bissau (2009, p. 32), etnias guineenses que consideram a sua língua local como a principal são:



ANTROPÔNIMOS EM PEPEL

ANTROPÔNIMOS	SIGNIFICADO	LÍNGUA PORTUGUÊS
Djebdjin Cá	Pode tentar em vão	Dinis Gomes
Barimoi Ié	Não se enterra/ não se sepulta	Agostinho Souza Cruz
Go Glungo Sá	Sempre em movimento	João da Silva Camões
NDji Tendê Djú	Eu ouço vocês	Maria de Fatima
Bouir Cundji Té	Eles que me recusaram	Felismina Pereira Santos
Ndji Uandê Indi	Eu guardei para vocês	Antônia Aparecida Silva
Ngho Cui Có	Estão me rondando	Josefina Alves Almeida
Bdjea Cá	Em vão	José Lopes Pinto
Nbor Canha Nanque	Não tenho ninguém	Armando R. Martins
Bor Fomo Nanque	Não quebrou	João Arlete Q. G. Pereira
Nbor Namundê Có	Não sou parecido com vocês	Paulo Gonçalves Moureira
Acanha Nanque	Ele (a) tem dono	Cristina Marques Carvalho

TOPÔNIMOS NÃO PORTUGUESES

LÍNGUA LOCAL	TOPÔNIMOS	SIGNIFICADO
Pepel	Bossau	Somos bossaus (somos pepéis)
Pepel	Quelele	Foroba (fruta)
Pepel	Cuntum (Ntum)	Boca, no sentido de papear, Conversar
Pepel	Bra	Lugar onde se pode beber
Pepel	Plack	Pedra
Pepel	Pilum (Npilum)	Mandipli (criolo), Cajá
Criola	Tcon di Pepel	Chão dos Pepéis (Papéis)
Fula	Boé (plural bowal)	Local sem árvore em uma floresta, com água parada e pedras ao redor

TOPÔNIMOS EM PORTUGUÊS

Bairro Militar
Residencial Coimbra
Zona 7
Bairro D´Ajuda
Belém
Santa Clara
São Paulo
Pedreira
Reino (psis, em pepel; reno, em criolo)

PALAVRAS FINAIS

- **Pertencimento**: os nomes nos "colocam pertencendo" a uma determinada estrutura social (dinâmicas sociais e históricas).
- Antropônimos pepéis: conectam "narrativas" do nascimento e da pessoa nomeada; sobrenomes conectam com um **pertencimento** étnico.
- Pedra: Plack (pepel).
- Quando os nomes são mudados para português o nomeado perde a referência primeira , não se vê no nome (percepção narrada pelo Nelson).

PALAVRAS FINAIS

- Pedreira: sem correspondência em línguas guineenses porque as pedreiras vêm com os colonizadores
- Colinas de **Boé** (fula): referência histórica da Independência (24 de setembro de 1974).
- Os nomes das pessoas e dos lugares na GB expressam relações de poder, de forte presença colonial.
- Qual o grande desafio da antroponímia e da toponímia guineenses, ante o que apresentamos aqui ?

REFERÊNCIAS

COUTO, Hildo Honório; EMBALÓ, Filomena. Literatura, Língua e Cultura na Guiné-Bissau: Um país de CPLP. **Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares**, n. 20. Brasília, 2010. p. 256.

GUINÉ-BISSAU. Instituto Nacional de Estatísticas. Terceiro recenseamento geral da população e habitação. Bissau-GB: **INEP**, 2009. Disponível em INEP caracteristicas_socio_cultural.pdf. Acesso em: 10 dez. 2021.

OUIRGADO!

OBRIGADA!

Nelson Jaime Có - CAPES/PPGEL-UFCAT
Profa. Dra. Maria Helena de Paula - PPGEL-UFCAT

ANTROPONÍMIA E TOPONÍMIA GUINEENSES: DESAFIOS LINGUÍSTICO-CULTURAIS

REVISTA NJINGA & SEPÉ

Estudo onomástico em antroponímia do grupo étnico pepel da Guiné-Bissau: uma questão da língua, memória e identidade cultural

Ivo Aloide Ié
Universidade de São Paulo – Brasil
ORCID iD https://orcid.org/0000-0002-0423-0845

RESUMO
Pretende-se com esse estudo descrever o sistema onomástico da etnia pepel da Guiné-Bissau. Onomástico pertence a composição das ciências lexicais tendo como foco o estudo dos nomes próprios. Divide-se em duas disciplinas a toponímia que estuda os nomes próprios de lugares e antroponímia estuda os nomes próprios de pessoas, permitindo assim, a distinção dos indivíduos na sociedade facilitando compreensão da sua pertença ou não de um determinado grupo social. Neste sentido, este estudo toma como disciplina de estudo a antroponímia com o objetivo de descrever o sistema de nomeação do grupo étnico "papel" da Guiné-Bissau. A metodologia é qualitativa e baseada no estabelecido por teóricos da área entre eles destaca-se (Dick, 1990,; 1992) que propõem estudar os nomes e sobrenomes a partir do aspecto linguístico, sua etimologia e a motivação social da sua escolha. O artigo está estruturado de seguinte forma: seção 1. Contextualização teórica essa seção conta com uma subseção 1.1 intitulado Nome e sobrenome relação social com a cultura do designado nessa primeira parte fundamentamos nas teorias que tratam do estudo nomes próprios de pessoas e a relação do nome com a cultura do seu portador. A segunda seção 2. Contextualização da localização do povo papel de Guiné-Bissau. País e região, essa divide em duas subseções 2.1 Guiné-Bissau e 2.2 Os papeis. Contextualizamos o leitor sobre o grupo étnico Pepel, sua localização geográfica, suas práticas sociais e história deste povo. Terceira e última seção 3. Descrição dos nomes próprios dos Papeis, nela descrevemos e discutimos as possíveis motivações da nomeação das pessoas com os nomes descritos, também descrevemos o seus significados e por fim concluímos.

PALAVRAS-CHAVE
Onomástico; Antroponímia; Etnia Pepel; Língua

REVISTA NJINGA & SEPÉ

*Ivo Aloide Ié, Universidade de São Paulo – Brasil, Licenciado em Letras-Língua Portuguesa pela Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Humanidades e Letras, Campus dos Malês, Bahia, Mestre em Filologia e Língua Portuguesa, Universidade de São Paulo- Brasil.

Para citar este Resumo (ABNT): Ié, Ivo Aloide. Estudo onomástico em antroponímia do grupo étnico pepel da Guiné-Bissau: uma questão da língua, memória e identidade cultural. **Anais do 1º Seminário Internacional da Toponímia e Antroponímia (15 & 16 de ago. 2024) / Revista Njinga & Sepé**. São Francisco do Conde (BA), Vol.4, Nº Especial I, p. 239, 2024 (ISSN: 2764-1244). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=T_TiEEttPeI

Para citar este Resumo (APA): Ié, Ivo Aloide (ago. 2024). Estudo onomástico em antroponímia do grupo étnico pepel da Guiné-Bissau: uma questão da língua, memória e identidade cultural. **Anais do 1º Seminário Internacional da Toponímia e Antroponímia (15 & 16 de ago. 2024) / Revista Njinga & Sepé**. São Francisco do Conde (BA), 4 (Especial I): 239. (ISSN: 2764-1244). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=T_TiEEttPeI

SEMINÁRIOS INTERNACIONAIS DA REVISTA NJINGA& SEPÉ: I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DA TOPONÍMIA E ANTROPONÍMIA

15 & 16 DE AGOSTO DE 2024

Estudo onomástico em antroponímia do grupo étnico pepel da Guiné-Bissau: uma questão da língua, memória e identidade cultural

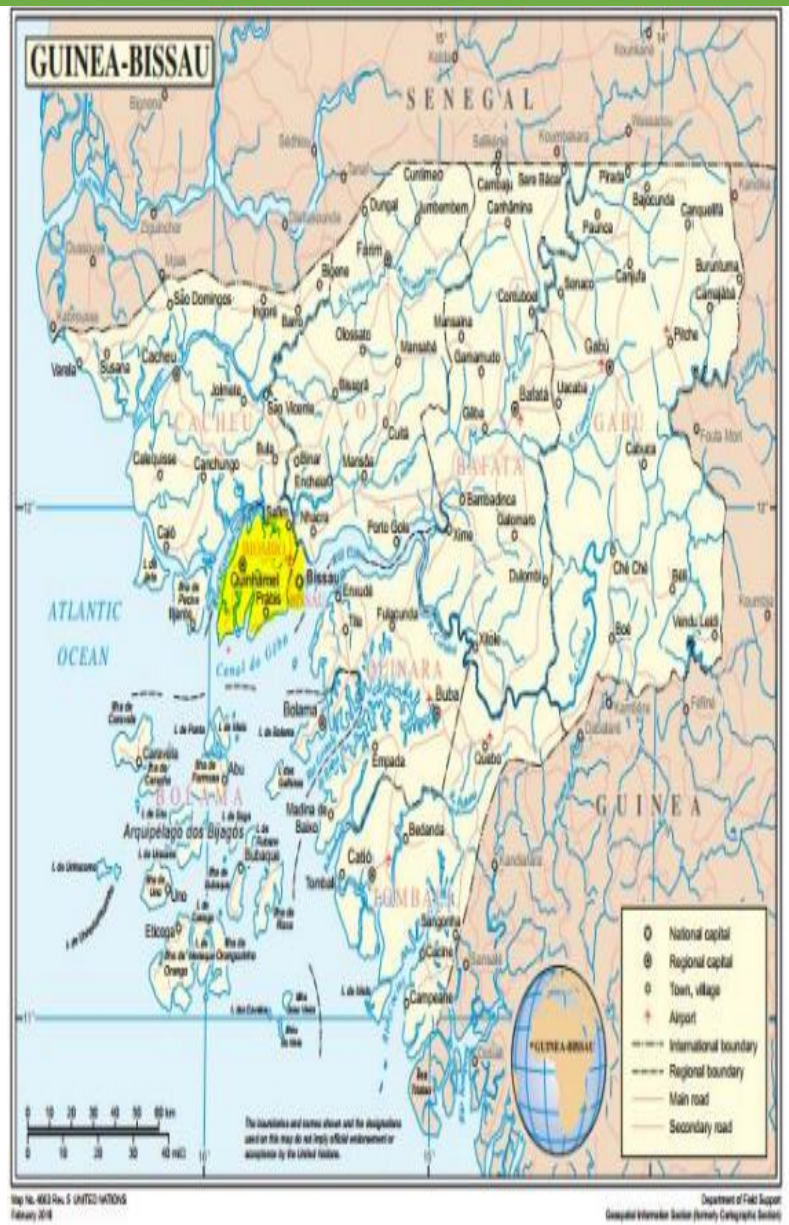
Autor: **Ivo Aloide Ié**
Doutorando em **EDUCAÇÃO**
Orientador: **Valdir Heitor BARZOTTO**
Instituição: **Universidade de São Paulo-USP**
Bolsa: **CAPES**

SUMÁRIO

1. Introdução
2. Objetivos
3. Aspecto teórica
4. Procedimento Metodologia
5. Descrição do nome próprio pepel
6. Conclusão

INTRODUÇÃO: aspecto geográfico

A República de Guiné-Bissau
36.125 km²



•1,9 milhões de habitantes (BANCO MUNDIAL, 2023)

•Mais de 15 etnias e línguas diferentes
•Língua crioula guineense
•Língua portuguesa/Oficial

Introdução: Grupos étnicos da Guiné

- Entre as etnias da Guiné-Bissau com maior número da população, destacam-se: "Fula com (28,5%); Balanta (22,5%); Mandinga (14,7%); Pepel (9,1%); e Manjaco com (8,3%)" (INE,, 2009:22).

Introdução: povo pepel

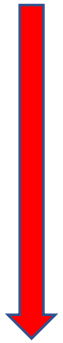
- A população da etnia pepel corresponde a 9,1% da população guineense e habita majoritariamente na região de Biombo (província Norte) e em Bissau (capital)

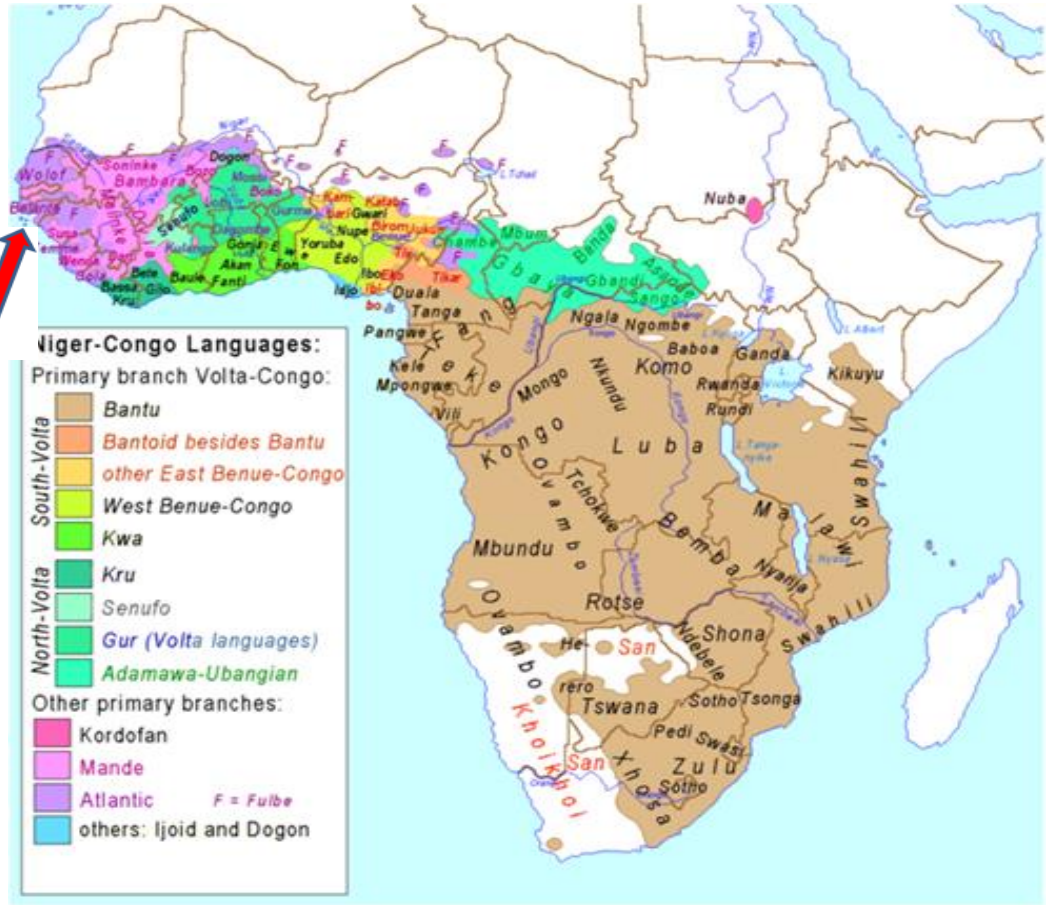
- Região de Biombo com 64,7%
- Bissau 15,7%

(INE, 2009).

Introdução: aspecto geolingüística do pepel

O pepel pertence o grupo linguístico Bak do ramo Atlântico da família Níger-Congo e faz parte das línguas do mundo que possuem sistema conhecido como classe nominal, também chamado de gênero.





- ATLANTIC
  - NORTH
    - **Wolof** Wolof, Lebu
    - **NYUN** Baynunk (Gunyaamolo, Gujaher, Gubëher...); Buy (Kasanga, Kobiana)
    - **TENDA** Basari, Bedik, Konyagi, Tanda, Bapen
    - **JAAD** Biafada, Badiaranke
    - **FULA-SEREER** Fula (Pular, Pulaar, Fulfulde...); Sereer
    - **CANGIN** Palor, Ndut, Noon, Laala, Saafi
    - **NALU** Nalu; Baga Fore; Baga Mboteni
  - BAK
    - **BALANTE** Ganja, Kentohe, Fraase
    - **JOOLA** Fogny, Banjal, Kasa, Kwaatay, Karon, Ejamat, Keeraak...; Bayot ?
    - **MANJAKU** Bok, Cur, Bassarel; Pepel; Mankanya
    - **BIJOGO** Kamona, Kagbaaga, Kajoko

Objetivos

Descrever o sistema onomástico da etnia pepel da Guiné-Bissau.

Identificar as estratégias de nomeação dos pepéis

Compreender a motivação a motivação de escolha do nome.

Evidenciar a relação existentes entre os nomes e as práticas culturais dos pepéis

Aspecto teórico

A principal questão teórica deste trabalho é o nome próprio da pessoa e a sua relação social com a cultura a que pertence o seu portador.

O ramo da lexicologia que ocupa do estudo dos nomes próprios chama-se onomástica

Antroponímia:estudo dos nomes próprios, sobrenomes e apelidos de pessoas

Toponímia: estudos dos nomes próprios de lugares (RAMOS; BASTOS, 2010)

CARVALHINHO (2007)

Onomástico,se vale da língua para detectar fatos e motivos superpostos durante os séculos, proporcionando um resgate de memória coletiva.” 1).

DICK (1990:178)

Os nomes próprios tanto de pessoas quanto de lugares estão além da simples identificação dos lugares e indivíduos

Os nomes são verdadeiros registros do cotidiano, manifestado nas atitudes e posturas sociais (178)

PROCEDIMENTO METODOLOGICO

4 informantes

50 nomes próprios tipicamente de pessoas da etnia pepel

6 nomes coletados nos textos.

Total de 56 nomes próprios de pessoas deste grupo.

Modelo metodologia utilizado por Embaló (2009) na elaboração da lista dos nomes próprios de pessoas da Guiné-Bissau.

. Fizemos uma descrição enciclopédica explicando o significado literal e inferencial do nome e o gênero sexual do designativo.

. Se o nome (**n)** é masculino (**m)**, feminino (**f).** e/ou os dois (**m.f.)** e

Descrevemos a composição morfossintática do nome próprio

Descrição dos nomes próprios dos pepéis

Abikidjar: veio à lavoura (n.m kidjar- lavora): nome dado a criança nascida no período da lavora.

Abikindjali: veio à crise (n.m.f Abi-veio kindjali- crise): nome dado aos nascidos na época da crise agrícola, o ano em que a colheita não teve um bom resultado. Referi mais o ano de fome.

Abikit: veio para a colheita (abi-veio kit-colheita): nome dado aos nascidos na época da colheita de arroz.

Abiksare: Veio à kansare (abi-veio ksare-cerimônia tradicional praticada por etnia Pepel e Manjaco). Assim, **Abiksare** é atribuido à criança nascida na época da realização dessa cerimônia.

Abipkun: Veio carregar (abi-veio, pkum-carregar) depois da colheita de arroz no campo as mulheres a transportam de cabeça para casa. Por isso, o nome **Abipkun** é dado para uma criança do sexo feminino nascida nesse período.

Bodjeuro: eles se amam (bo- eles, djeuro-se amam) (n.m.f): nome dado a criança fruto de um relacionamento que parecia impossível no início. Assim o nome **Bodjeuro** refere-se a memória do início desse namoro.

Bokiyori: eles que me engolem (n.m.f **bo**-eles **ki**- que yor –engolir **i-**me): Traduzindo aqueles que não gostam de mim que me engolem ou vai ter que me engolir assim mesmo. Nome dado aos nascidos em um contexto de divergência entre família, vizinhos etc.

Boméni: meus conhecedores (n.m. mé- conhecer e saber bo+ni forma meus): **Boméni:** expressa o sentimento de desprezo que a uma mãe ou pai passa por parte da família. O nome mantém a esperança de que um dia serão reconhecidos pelos seus próprios filhos.

Borifini eles não contaram comigo (n.m.f **bo**-eles **ri**-não fi-contar **ni** me): nome **Borifini é** dado a criança ou filho dos pais que se sentem excluidos dentro da família no contextos africano . Então, expressa sentimento de exclusão.

Maki Doente (n.m.f. mak- doença i- indica aquele que está doente): nome dado à criança que nasceu com algum problema de saúde ou febre frequente.

Mbau Branco (n. m): aqui não se refere a cor branca, mas do estrangeiro, europeu e elite

Mpilicá Menina Cá (n.m. Mpili-menina Cá- sobrenome de clã N´ndjukumó) nome dado a descendentes de N´toma, a mulher que gerou clã N´ndjukumó, no plural Bôdjukumó, que povoou o Alto Crim.tem como totem a hiena – Cá – pois eram destemidos guerreiros, atacavam como as hienas.

Mpilibili menina veio (n. f. mpile-menina bili-veio): nome dado à primeira criança do sexo feminino do casal. Geralmente é atribuido as meninas que nasceram depois de 3 ou mais filhos do casal.

Munkul Lagrima (n.m) após a morte de um papel é realizado a cerimônia de *toka choro* (espécie de uma missa). Três dias depois dessa é realizada uma outra cerimôni chamada munkul ou kunu, nela, procura-se saber a causa da morte. Assim, munkul é dado a criança nascida nesse dia.

Nhalon um alguém **(**n.m **Nha**-alguém **lon**- (1) um): nome dado ao filho de uma mãe filha única. Assim, **Nhalon** refere a falta de irmãos/as na família**.**

Opekaro Castigo/sofrimento (n.m.f.) nome dado a criança como forma de repudiar o sofrimento e a falta de sorte dos pais.

Potan acrescentar-me **(**n.m **pot**-acrescentar **an**-me): nome dado a filho/a de uma mãe com poucos irmãos ou irmãs . Assim, o nome expressa a legria de ter mais uma pessoa para acrescer a linhagem, pois a sociedade pepel é matrilinear.

Conclusão

Ao longo desta descrição percebemos que o povo da etnia pep, escolhem o nome de uma criança levando em conta a circunstâncias de nascimento e outros fatores extralinguísticos.

Dessa maneira, concordamos com Carreira e Quintino (1964) de que a escolha dos nomes pelos povos da Guiné Portuguesa (Guiné-Bissau) obedece a uma perspectiva diferente da escolha dos nomes de povos ocidentais, pois a maioria da nomeação considera "o evento ocorrido na altura do nascimento ou aleitamento" (CARREIRA; QUINTINO, 1964 *apud* DICK, 1990), enquanto que os povos ocidentais na maioria das suas nomeações procuram os nomes que evocam a divindade cristã.

Portanto, ao longo da nossa descrição é possível perceber que a maioria dos nomes próprios dos pepéis tem como o fator motivacional o evento ocorrido na altura do nascimento da criança, isso nos permite compreender as práticas sociais de uso da língua pepel para referenciar fatores extralinguísticos através da escolha dos nomes próprios de pessoas desta tribo.

Também, podemos concluir que o nome próprio dos pepéis é um registro da memória individual e coletiva.

Referências

CARVALHINHO P. J. As origens dos nomes de pessoas. Domínios de linguagem, v.1. n.1. p.1-18, 2007. Disponível em: http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/11401/6686. Acesso em: 03 mar. 2020.

DICK, M. P. V. A. Toponímia e Antroponímia no Brasil. Coletânea de estudo. 2.ed. São Paulo: FFLCH, 1990.

.Toponímia e Antroponímia no Brasil. Coletânea de estudo. 3ª Ed. São Paulo: FFLCH, 1992.

EMBALÓ, F. Nomes próprio de Guiné-Bissau. Blogspot. 2009. Disponível em: <https://cart3494guine.blogspot.com/2009/02/nomes-proprios-da-guine-bissau.html > Acesso em: 25 dez. 2019.

FUSTINONI C. F. S Nomes e sobrenomes: a marca de um sujeito. Congresso multidisciplinar. 2016. Disponível em: <http://www.cesuap.edu.br/anais/congresso multidisciplinar-2016/psicologia/nomes_e_sobrenomes_a_marca_de_um_sujeito.pdf>. Acesso em: 05 dez. 2019

ANAIS DOS SEMINÁRIOS INTERNACIONAIS DA REVISTA NJINGA & SEPE / 1º SEMINÁRIO INTERNACIONAL DA TOPONIMIA E ANTROPONIMIA - 15 & 16 DE AGOSTO DE 2024.

REVISTA NJINGA & SEPÉ

Formação de Nomes Geográficos do Gitonga

Paulino Baptista Rafael Bata
Instituto de Nomes Geográficos de Moçambique -Moçambique
ORCID iD https://orcid.org/0009-0004-8175-1160

RESUMO
O presente trabalho estuda a formação de nomes geográficos do Gitonga, uma língua falada na província de Inhambane, nos distritos de Inhambane, Maxixe, Morrumbene e Jangamo por aproximadamente 227. 256 pessoas com mais de cinco anos de idade (INE, 2017). O estudo irá analisar os processos morfológicos dos nomes geográficos, descrevendo os constituintes morfológicos dos nomes geográficos de Gitonga. Os dados para esta investigação foram recolhidos nas cidades de Inhambane e Maxixe e distritos de Jangamo e Morrumbene, na província de Inhambane. Foram entrevistados 34 informantes, sendo 32 do sexo masculino de idades, compreendidas entre 42 a 88 anos e 2 informantes do sexo feminino com idades entre 58 e 65 anos. Nesta pesquisa concluímos que os nomes geográficos do Gitonga são formados com base da afixação de um morfema de locativização num nome. Os nomes que possuem o morfema de locativização subdividem-se em dois grupos, a saber: nomes com morfema de locativização -ini, geralmente derivados de antropónimos e coisas, exemplo, (Tsamboni, Batweni) e nomes com o morfema de locativização -tunu derivados de nomes de árvores, exemplo (Gitambatunu). No entanto, existem nomes geográficos com morfema de locativização zero (Ø) geralmente, são aqueles inicialmente atribuídos numa outra língua, exemplo (Matshitshi, Gikuki) e de antropónimos com o morfema aumentativo (nya-), geralmente, nomes de mulheres, exemplo (Tofo, Mwele).

PALAVRAS-CHAVE
Morfologia; Nome Geográfico; Morfema de Locativização

*Mestre em Linguística pela Universidade Eduardo Mondlane, Director de Serviços Centrais de Estudos e Divulgação – INGEMO, Consultor na produção de materiais em língua Tonga (Gitonga)

Para citar este Resumo (ABNT): BATA, Paulino Baptista Rafael. Formação de Nomes Geográficos do Gitonga. **Anais do 1º Seminário Internacional da Toponímia e Antroponímia (15 & 16 de ago. 2024) / Revista Njinga & Sepé**. São Francisco do Conde (BA), Vol.4, Nº Especial I, p. 259, 2024 (ISSN: 2764-1244). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=uMS77Ar2Q8M

Para citar este Resumo (APA): BATA, Paulino Baptista Rafael. (ago. 2024). Formação de Nomes Geográficos do Gitonga. **Anais do 1º Seminário Internacional da Toponímia e Antroponímia (15 & 16 de ago. 2024) / Revista Njinga & Sepé**. São Francisco do Conde (BA), 4 (Especial I): 259. (ISSN: 2764-1244). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=uMS77Ar2Q8M

INSTITUTO DE NOMES GEOGRÁFICOS DE MOÇAMBIQUE, IP

1° Seminário Internacional da Toponimia e Antroponimia

FORMAÇÃO DE NOMES GEOGRÁFICOS DO GITONGA

Paulino Bata

Maputo, 16 de Agosto de 2024

“Um lugar, uma identidade, uma cultura"

ESTRUTURA DE APRESENTAÇÃO

1. Introdução
2. Objectivos
3. Conceitos Operatórios
4. Apresentação dos dados
5. Análise e discussão dos dados
6. Conclusão

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho discute a formação de nomes geográficos do Gitonga.

Gitonga é uma língua falada em Moçambique, na província de Inhambane, por aproximadamente 300.000 pessoas com mais de cinco anos de idade (INE, 2017).

Na classificação de Guthrie (1967-71), Gitonga (S.62) pertence ao grupo linguístico Cicopi (S.60) juntamente com a língua Cicopi (S.61) da família Bantu.

Na recolha de dados para a realização do presente trabalho, recorremos aos métodos introspectivo, filológico e entrevista.

Foram entrevistados 34 informantes, sendo 32 do sexo masculino (42 a 88 anos) e 2 do sexo feminino (58 e 65 anos) nas cidades de Inhambane e Maxixe e nos distritos de Jangamo e Morrumbene. O número desigual em termos de sexo deveu-se ao facto dos líderes comunitários serem do sexo masculino.

2. OBJECTIVOS

Objectivo Geral

- Descrever o processo de formação de nomes geográficos do Gitonga.

Objectivos específicos

- Estudar os elementos morfológicos e semânticos que constituem os nomes geográficos do Gitonga;
- Explicar a origem e os processos morfofonológicos por que passaram os nomes geográficos do Gitonga.

3. CONCEITOS OPERATÓRIOS

Nome Geográfico – é nome de uma feição sobre a superfície terrestre, acrescido de atributos etnográfico, etimológico e histórico, inserido num contexto temporal.

Antropónimos - são nomes próprios de pessoas ou grupo de pessoas.

Nomes Geográficos das Línguas Moçambicanas - em Moçambique, muitos nomes geográficos mudaram no período colonial para acomodar a política colonial. Considerando que o nome geográfico é uma relíquia histórica ou um símbolo da história de um povo, há necessidade de cuidar bem a forma como são escritos os nomes das línguas moçambicanas **(**Ngunga, 2010).

Nome em Língua Gitonga - na língua Gitonga e nas línguas Bantu os nomes estão organizados em classes nominais, que são um conjunto de nomes com o mesmo prefixo e/ou o mesmo padrão de concordância. (Bleek, 1862 e 1969).

3. CONCEITOS OPERATÓRIOS

A Morfologia - parte da gramática que estuda as palavras, desde a sua estrutura e formação até as suas formas de flexão.

As línguas bantu, que fazem parte de uma vasta família linguística na África, compartilham várias características morfológicas e gramaticais.

Classes Nominais: Uma característica marcante é o uso de prefixos para indicar o número (singular e plural) dos substantivos. Por exemplo, "***mu-ntu***" significa "ser humano", enquanto "***ba-ntu***" significa "seres humanos " no plural.

Sistema Tonal: A maioria das línguas bantu é tonal, o que significa que o tom pode alterar o significado das palavras. Exemplo: ***gusuga*** "acto diarreia"; ***gusuga*** "amassar".
Verbos e concordancia: os verbos frequentemente concordam com o sujeito e o objecto em termos de pessoa e numero. Exemplo, "***va****thu* ***va****ngu* ***va****vili*" valade que sgnifica "as minhas duas pessoas dormiram"

3. Conceitos Operatórios – Cont.

Nome geográfico em língua Gitonga

Em Gitonga os nomes geográficos estão inseridos na classe 18 ***mu-**, exemplo, *mu-gifi* 'dentro da capoeira'. Ainda nesta língua muitos nomes passam para nomes geográficos quando lhes são agregado o sufixo ***-ini***, exemplo, Rombe + ***-ini*** = *Rombeni* "zona de Rombe".

Tabela 1 - Tabela de classes nominais do Gitonga (Adaptado de Ngunga 2004)

Classe nominal	Prefixo nominal	Significado
1.	mu-	Singular de seres humanos principalmente;
2.	va-	Plural de seres humanos principalmente;
3.	mu-	Singular de plantas predominantemente;
4.	mi-	Plural de plantas predominantemente;
5.	li-	Singular de animais e frutas predominantemente;
6.	ma-	Plural de animais e frutas predominantemente;
7.	gi-	Singular de coisas basicamente;
8.	si-	Plural de coisas basicamente;
9.	N-	Singular de alguns seres do reino animal, e outros;
10.	N-	Plural de alguns seres do reino animal, e outros;
11.		
12.		
13.		
14.	wu-	Substâncias e abstractos;
15.	gu-	Infinitivo verbal;
16.	vba-	Locativo situacional;
17.	Khu-	Locativo direccional;
18.	mu-	Locativo de interioridade.

4. APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Tabela 2 - Quadro que mostra os processos de formação de nomes geográficos locativizados em língua Tonga

N.r	Nomes+sufixo	Nomes Locativizados	Tipo de lugar	Localização
1.	Balani+ini	Balani	Bairro	Cid. Inhambane
2.	Barane+ini	Barani	Bairro	Cid. da Maxixe
3.	Batu+ini	Batweini	Bairro	Cid. Maxixe
4.	Bewula+ini	Bewuleni	Bairro	Cid. Maxixe
5.	Dambo+ini	Damboni	Bairro	Cid. Maxixe
6.	Gifutela+ini	Guifuteleni	Zona	Distr. Morrumbene
7.	Gilale+ini	Guilaleni	Bairro	Cid. Inhambane
8.	Gitamba+tunu	Guitambatunu	Bairro	Cid. Inhambane
9.	Githeve+ini	Guiteveni	Bairro	Cid. Inhambane
10.	Khogyane+ini	Khongyanini	Bairro	Cid. Inhambane
11.	Khumbana+ini	Khumbanani	Post. Adm.	Distr. Jangamo
12.	Kopweni+ini	Kopwenini	Zona	Distr. Jangamo
13.	Likaka+ini	Likakeni	Zona	Distr. Jangamo
14.	Madzila+ini	Madzileni	Zona	Cid. Maxixe
15.	Makupula+ini	Macupuleni	Zona	Cid. Maxixe
16.	Makwameni+ini	Makwamenini	Bairro	Cid. Maxixe
17.	Malale+ini	Malaleni	Bairro	Cidade da Maxixe
18.	Malembwana+ini	Malembwanini	Bairro	Cid. Inhambane
19.	Gitambana+tunu	Gitambanatunu	Bairro	Cid. Inhambane
20.	sikuti+tunu	Sikutitunu	Bairro	Cid. Inhambane

5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

5.1. Nomes geográficos com morfema de locativização

Com morfema de locativização **-ini** e com morfema de locativização **-tunu**.

5.1.1. Nomes geográficos com morfema de locativização –ini

(1) Nyamatsatseni

a.	**nya**	+	**matsatsa**	→	**Nyamatsatsa**
	(Gen.)		(N.cl.6)		(Antr.cl.1)
	'de'		'precipitação'		'senhor precipitado'

b.	**Nyamatsatsa**	+	**-ini**	→	**Nyamatsatseni**
	(Antr. cl.1)		(suf.)		(n.g)
	'senhor precipitado'		'locativo'		'zona do senhor precipitado'

No exemplo em (1), o nome geográfico Nyamatsatseni é derivado do antropónimo Nyamatsatsa, que é sufixado pelo morfema locativo -ini. Em (1a) o antropónimo Nyamatsatsa é resultado da aglutinação da genitiva (Gen) *nya* ´de` e a palavra *matsatsa* ´precipitado'. Em (1b) Nyamatsatas**a** + **-i**ni → Nyamatsat**ai**ni → Nyamatsats**e**ni [a+i=e].

Sementicamente, os nomes geográficos locativizados por **-ini** indicam pertença do lugar ao nome locativizado

5.1.2. Nomes geográficos com o sufixo locativo *-tunu*

(4) **Sikutitunu**

sikuti	+	- tunu	→	Sikutitunu
(N.cl.7)		(suf.)		(n.g)
‘casca de côco’		‘locativo’		‘zona de sikuti’

(5) **Gitambatunu**

gitambana	+	-tunu	→	Gitambanatunu
(N.diminutivo)		(Suf.)		(n.g)
‘tamba pequeno’		‘locativo’		‘zona de gitambana’

Os nomes geográficos Sikutitunu e Gitambatunu em (4 e 5) são derivados dos nomes *sikuti* ‘casca de côco’ e *gitambana* 'árvore tamba pequena', respectivamente, aos quais se afixa o sufixo **-tunu**, *sikuti* + ***-tunu*** → *Sikutitunu*; e *gitambana* + **-tunu** → *Gitambanatunu*. Na derivação não ocorre nenhum processo fonológico, pois o sufixo **-tunu** é iniciado por uma consoante.

O sufixo **-tunu**, é geralmente usado para locativizar nomes de referentes não humanos, por exemplo, *liphandro* 'cural' + **-tunu** = *liphandrotunu* ´na zona do cural`. Quando se usa em nomes de seres humanos é agramatical, vejamos, *Rumbana* 'nome de pessoa' + **-tunu** = *Rumbanatunu, *Nyamatsatsa* 'nome de pessoa' + -tunu = *Nyamatsatsatunu.

Os nomes geográficos locativizados pelo morfema **-tunu**, geralmente, derivam de nomes de plantas e seus derivados.

Tabela 3 - Quadro que mostra os processos de formação de nomes geográficos não locativizados em língua Tonga

N.r	Nome do lugar em Português/	Nome do lugar em Gitonga	Tipo de lugar	Localização
1.	Chicuque	Gikuki	Bairro	Cid. Maxixe
2.	Giua	Giwuwa	Zona	Cid. Inhambane
3.	Lindela	Lindela	Localidade	Distr. Jangamo
4.	Maxixe	Matshitshi	Cidade	Prov. Inhambane
5.	Mongué	Mongwe	Bairro	Cid. Maxixe
6.	Salela	Salela	Bairro	Cid. Inhambane
7.	Ceu	Sewi	Cidade	Prov. Inhambane
8.	Nyamuelé	Mwele	Bairro	Cid. Inhambane
9.	Nyatofu	Tofu	Zona	Cid. Inhambane

5.2. Nomes geográficos com morfema de locativizacão zero (Ø)

São nomes geográficos que não apresentam a marca de locativização.

(6) Gikuki

a. sikuti → Chicuque
(N.cl.8) (n.g. em português)
'casca de côco'

b. Chicuque + Ø → Gikuki
(n.g. em português) (suf.) (n.g. em Gitonga)

O nome geográfico Gikuki, no exemplo (6) é derivado da mudança fonética da pronunciação do nome Chicuque, quando adoptado pelos falantes do Gitonga como nome geográfico. Assim, a sílaba chi- [ʃi] passa para **gi-** [ɣi], resultando em Gikuki.

(7) Matshitshi

a. Masisi → Maxixe
(Antr.cl.1) (n.g. em Português)

b. Maxixe + Ø → Matshitshi
(n.g. em português) (suf.) (n.g. em Gitonga)

O nome geográfico Matshitshi em (7) que é derivado do nome geográfico do Português Maxixe, a consoante /x/ [ʃ] muda para [t^{sh}]; este processo fonológico ocorre porque sendo a consoante /x/ [ʃ] pouco produtiva na língua gitonga, os falantes do Gitonga substituem-na por [t^{sh}] do que resulte *Matshitshi*.

5.2. Nomes geográficos com morfema de locativizacão zero (Ø) – Cont.

(8) Tofu

a. nya + Tofu → Nyatofu
(morf.) (Antr.cl.1) (Antr.cl.1)
'Aumentativo apreciativo' 'senhora Tofu'

b. Nyatofu → Tofu
(Antr.cl.1) (n.g)
'senhora Tofu' 'zona de Nyatofu'

(9) **Mwele**

a. nya + Mwele → Nyamwele
(morf.) (Antr.cl.3) (Antr.cl.1)
'Aumentativo apreciativo' 'nome de um marísco' 'senhora Mwele'

b. Nyamwele → Mwele
(Antr.cl.1) (n.g)
'senhora Mwele' 'zona de Nyamwele'

Os nomes geográficos em (8 e 9) Mwele e Tofu, respectivamente, são derivados dos nomes próprio *Nyamwele* ´senhora Mwele` e *Nyatofu* ´senhora Tofu`que perdem o prefixo **nya-**. Estes antropónimos são resultado da prefixação do morfema **nya-** aos nomes Mwele e Tofu, que introduz o aumentativo, isto é, sentido de engrandecimento do referente.

Quando os antropónimos passam a nomes locativos perdem o morfema aumentativo **nya-** ficando apenas os nomes Mwele e Tofu.

5.2. Nomes geográficos com morfema de locativizacão zero (Ø) – Cont.

Referir que em Gitonga só se aplica o morfema **nya-**, aumentativo, a antropónimos de mulheres, aceita-se dizer Nyasumbi, Nyabuli, mas não se aceita dizer *Nyambata, *Nyabambo, pois estes são antropónimos de homens.

Sobre os nomes geográficos com morfema de locativização zero (Ø) analisados neste nosso trabalho, verificamos que, na sua maioria são aqueles que, inicialmente foram atribuídos numa língua estrangeira e mais tarde adoptados pelo Gitonga, exemplo, *Gikuki*, *Matshitshi*, foram atribuídos em Português, Chicuque, Maxixe, respectivamente, tendo apenas sido enquadrados na fonologia e fonética da língua tonga, sem no entanto, receberem um morfema de locativização.

Os nomes *Mwele* e *Tofu*, por sua vez, derivados de antropónimos *Nyamwele* e *Nyatofu*, respectivamente, não têm o morfema de locativo presente. Os antropónimos dos quais derivam os nomes geográficos perdem o prefixo aumentativo apreciativo **nya-**, para se tornarem nomes geográficos.

6. CONCLUSÃO

- Nesta trabalho concluímos que os nomes geográficos do Gitonga são formados com base da afixação de um morfema de locativização num nome, geralmente os sufixos de **-ini** e **-tunu**.

- Os nomes geográficos com o morfema de locativização ***-ini*** são geralmente afixados aorivados de antropónimose outras coisas , exemplos, *Nyamatsatseni*, *Nyambani*, *Balani* e **-tunu** aos nomes de árvores e seus derivados, exemplos, *Sikutitunu*, *Gitambatunu*.

- Os nomes geográficos com morfema de locativização zero (Ø) são, geralmente, aqueles que foram atribuídos numa outra língua e que foram adoptados e aplicadas regras fonológicas do Gitonga, exemplo *Gikuki*, *Matshitshi* e nomes geográficos derivados de antropónimos, geralmente, nomes de mulheres, exemplo, *Tofu*, *Mwele*.

MUITO OBRIGADO!

“Um lugar, uma identidade, uma cultura"

INGEMO, IP

INSTITUTO DE NOMES GEOGRÁFICOS DE MOÇAMBIQUE, IP

REVISTA NJINGA & SEPÉ

Os potamónimos de Portugal continental: etimologia e variação geográfica

Carlos Rocha
Universidade de Lisboa - Portugal
ORCID iD https://orcid.org/0000-0002-3994-2834

RESUMO
Os nomes de rios (potamónimos) exibem geralmente elementos linguísticos de grande arcaísmo. É esta uma tendência igualmente verificada em Portugal continental, onde se dispersam potamónimos de filiação linguística obscura, que remontam a períodos anteriores à ocupação romana. A implantação do latim nas províncias romanas da Lusitânia e da Galécia conduziu à latinização destes nomes pré-latinos e terá levado à formação de outros de morfologia plenamente latina no dealbar da Idade Média, em interação com a toponímia circundante de cada rio nomeado. No entanto, a arabização iniciada no século VIII, em mais de metade dos territórios que vieram a integrar Portugal foi, como aconteceu noutras áreas do centro e sul da Península Ibérica, fator de uma profunda alteração toponímica, abrangendo a potamonímia. No século XII, a expansão do reino de Portugal generalizou o romance surgido no noroeste peninsular a todo o ângulo sudoeste peninsular, mas a adaptação fonética e morfológica ao que viria a constitui a língua portuguesa não obliterou certa feição árabe andalusi da toponímia a sul do vale do rio Mondego. A história linguística subsequente no território português, de meados do século XIII em diante, também não deixou de ter impacto na potamonímia. Com base numa recolha dos nomes de rios registados no Reportório Toponímico de Portugal (Ministério do Exército, 1967), propõe-se nesta intervenção definir o perfil etimológico da atual potamonímia do território peninsular de Portugal. Identificam-se igualmente sub-regiões decorrentes da distribuição geográfica dos estratos histórico-linguísticos configurados pela etimologia destes nomes.

PALAVRAS-CHAVE
Potamónimos; Toponímia; Língua; Portugal

* Professor do ensino secundário, tem, nos últimos anos, desempenhado as funções de coordenador executivo do Ciberdúvidas da Língua Portuguesa, um portal consagrado ao esclarecimento e reflexão de questões da língua portuguesa. É doutorado em Linguística, na especialidade de Linguística Histórica, pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Tem como áreas de interesse a história da língua, a onomástica e a etimologia.

Para citar este Resumo (ABNT): ROCHA, Carlos. Os potamónimos de Portugal continental: etimologia e variação geográfica. **Anais do 1º Seminário Internacional da Toponímia e Antroponímia (15 & 16 de ago. 2024) / Revista Njinga & Sepé**. São Francisco do Conde (BA), Vol.4, Nº Especial I, p. 277, set.2024 (ISSN: 2764-1244). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=uMS77Ar2Q8M

Para citar este Resumo (APA): Rocha, Carlos. (set. 2024). Os potamónimos de Portugal continental: etimologia e variação geográfica. **Anais do 1º Seminário Internacional da Toponímia e Antroponímia (15 & 16 de ago. 2024) / Revista Njinga & Sepé**. São Francisco do Conde (BA), 4 (Especial I): 277. (ISSN: 2764-1244). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=uMS77Ar2Q8M

Nomes de lugar por línguas, segundo Leite de Vasconcelos (Vasconcelos 1931: 139-148)

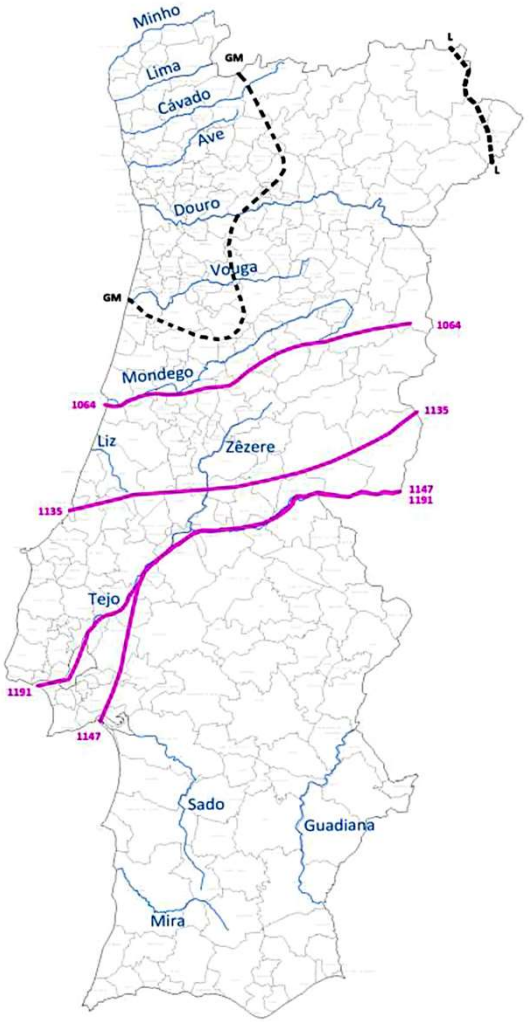
Tipo	**Exemplos**
nome pré-romanos	Braga, Idanha, Guadiana, Évora, Coina, Mondego, Tajuña<*Tagonius* de *Tagus* (Espanha)
nome romanos	Beja, Chaves, Sagres, Monsanto, Castendo, Correlhã, Vidigueira, Cercal/Cerqueira, Cividade, Castro/Crasto, Crastelo, Castrelo, Cristelo, Beselga
nomes germânicos	Adorigo, Gulhufe, Gumarei, Salamonde, Telões (“predominam no Norte e na Beira, rareando no Sul”, p. 145)
nomes arábicos	Alcântara, Alcaria, Alcântara, Mesquita, Odi- (em hidrónimos do Sul) (“aumentam da Beira para baixo”, p. 145)*
nomes de procedência vária	Aranguez (Setúbal), Recamador (de Rocamador, século XIII, não localizado), Mocambo (do Brasil para Lisboa)
nomes portugueses propriamente ditos	“nomes provenientes de todas as fontes que formam o nosso léxico” (p. 147)

* Leite de Vasconcelos define três zonas em função do grau arabização (Vasconcelos 1931: 143-147): a norte do Douro, com pouca influência arábica; entre Douro e Mondego e a sul deste rio (comarca da Beira), zona que pertenceu “do século VIII e XII, ora aos Árabes, ora aos Cristãos”; Estremadura e região a Sul do Tejo.

Exemplos de cadeia etimológica de transmissão com identificação de traços fonológicos e morfemas intervenientes

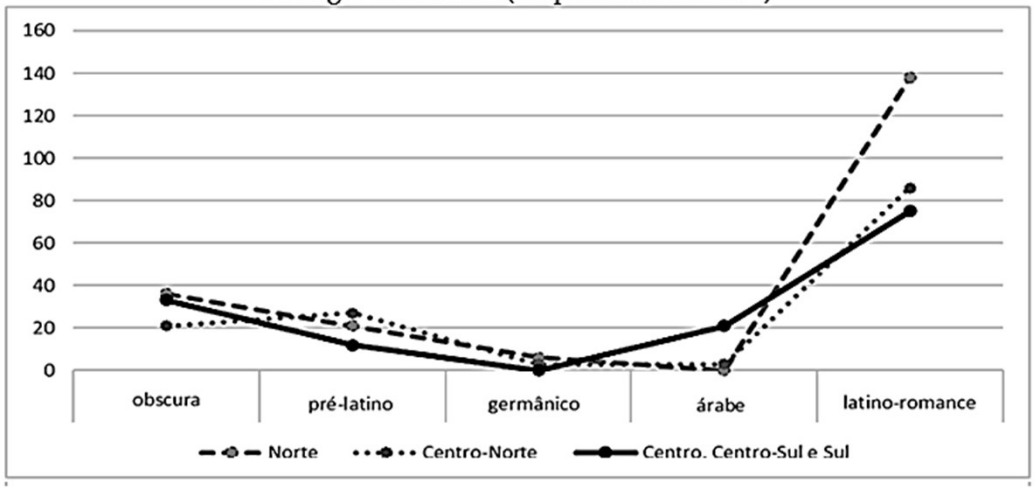
	Radicais e afixos pré-latinos	estrato latino-romance		
		fase latino-romance	estrato árabe	fases galego-portuguesa/portuguesa
		adaptação fonomorfológica	-imela; -substituição de /g/ por /dʒ/ ou /ʒ/	adaptação fonomorfológica
Tejo	**tag-*	*Tagus*	*Taǧu, Taŷo*	*Tejo*
Lima	**lim-*	*Limia*		*Limia/Lima*

Fases da conquista cristã entre os séculos XI e XIII no território português*



*Fernandes, M. A. e Cardeira, E. 2017. "Notas sobre toponímia portuguesa medieval", in Álvarez de la Granja, M., Boullón Agrelo, A. e González Seoane, E. Aproximacións á Variación Lexical no Dominio Galego-Portugués. Monografia, 11, p. 154

Comparação da distribuição regional e estratigráfica dos potamónimos de Portugal continental (frequências absolutas)



Rocha, C. 2021. "Para um perfil da potamonímia do centro e do sul de Portugal". *Domínios de Lingu@gem*, Uberlândia, v. 15, n. 2, p. 561

Comparação da tipologia de Vasconcelos (1918, p. 58-63 e 1931, p. 139-148) com uma proposta de caracterização estratigráfica da potamonímia de Portugal continental

Tipologia etimológica de Vasconcelos (1931, p. 139-148) para a toponímia de Portugal	Proposta de caracterização estratigráfica da potamonímia de Portugal continental (Rocha 2017, p. 615)	
nomes pré-romanos	estrato(s) pré-latino(s)[33]	
nome romanos		estrato latino-romance
nomes germânicos		
nomes arábicos[34]	estrato arábico	
nomes de procedência vária		
nomes portugueses propriamente ditos		

Idem, p. 562

REVISTA NJINGA & SEPÉ

Antropónimos de origem bantu no contexto moçambicano: estudo da motivação e das relações identitárias de alguns nomes do sul de Moçambique

Cátia António Langane *
Universidade de Save-Moçambique
ORCID iD https://orcid.org/0009-0001-2965-7589

RESUMO
A presente pesquisa enquadra-se nos estudos onomásticos (Uma das áreas da Lexicologia) e explora os antropónimos de origem bantu no contexto moçambicano. Focalizou-se no estudo da Origem, Motivação e das Relações Identitárias dos Nomes *Nkátéko, Wánga, Xiluva, Njómbo, Feleyini, Danisane, Khensani* e *Mihlotini*. A mesma objectiva compreender as motivações semânticas que determinaram a atribuição dos nomes; e a estudar as relações identitárias associadas aos antropónimos bantu que são assumidos pelos seus portadores. Desenvolvemos uma pesquisa qualitativa para analisar a origem e motivação semântica dos antropónimos; aplicámos o método monográfico no estudo dos antropónimos tendo em conta a sua etimologia, entrada lexical, estrutura morfológica, seu histórico e sua relação com o portador. A análise demonstrou que grande parte dos progenitores atribuíram esses nomes devido às circunstâncias vivenciadas durante a gestação e o trabalho de parto; Os que têm nomes que remetem a situações e significados relativamente agradáveis tendem a se identificar com os antropónimos em causa, todavia, os portadores dos nomes que remetem a situações desagradáveis ou com significados aversivos, demonstraram não ter alguma aproximação identitária com os mesmos.

PALAVRAS-CHAVE
Lexicologia; Onomástica; Antroponímia; Identidade

REVISTA NJINGA & SEPÉ

* Concluiu o ensino secundário na Escola Secundária John Issa; em 2016 ingressou na Universidade Save – Moçambique para fazer o Curso de Licenciatura em Ensino do Português, com habilitações em Ensino de Inglês, tendo concluído em 2022; efectuou uma pesquisa científica dos antropónimos de origem bantu, tendo culminado com a produção da monografia científica intitulada: Antropónimos de Origem Bantu no Contexto Moçambicano: Estudo da Motivação e das Relações Identitárias de alguns Nomes do Sul de Moçambique.

Para citar este Resumo (ABNT): LANGANE, Cátia António. Antropónimos de origem bantu no contexto moçambicano: estudo da motivação e das relações identitárias de alguns nomes do sul de Moçambique. **Anais do 1º Seminário Internacional da Toponímia e Antroponímia (15 & 16 de ago. 2024) / Revista Njinga & Sepé**. São Francisco do Conde (BA), Vol.4, Nº Especial I, p. 280, 2024 (ISSN: 2764-1244). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=uMS77Ar2Q8M

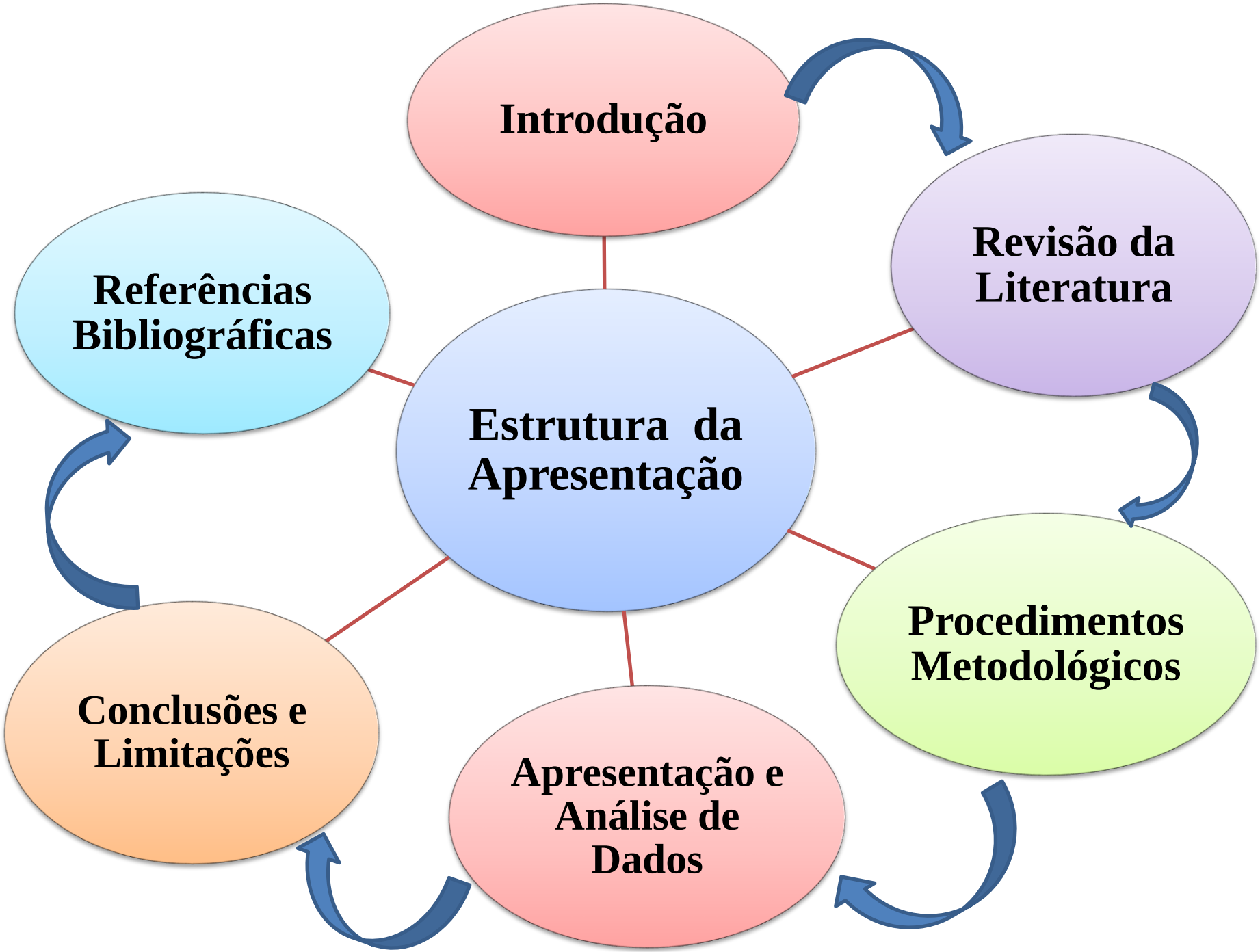
Para citar este Resumo (APA): LANGANE, Cátia António.(ago. 2024). Antropónimos de origem bantu no contexto moçambicano: estudo da motivação e das relações identitárias de alguns nomes do sul de Moçambique. **Anais do 1º Seminário Internacional da Toponímia e Antroponímia (15 & 16 de ago. 2024) / Revista Njinga & Sepé**. São Francisco do Conde (BA), 4 (Especial I): 280. (ISSN: 2764-1244). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=uMS77Ar2Q8M

Antropónimos de Origem Bantu no Contexto Moçambicano: Estudo da Origem, Motivação e das Relações Identitárias de alguns Nomes do Sul de Moçambique

Cátia António Langane

Universidade Save

Agosto de 2024r


Introdução
Revisão da Literatura
Referências Bibliográficas
Estrutura da Apresentação
Procedimentos Metodológicos
Conclusões e Limitações
Apresentação e Análise de Dados

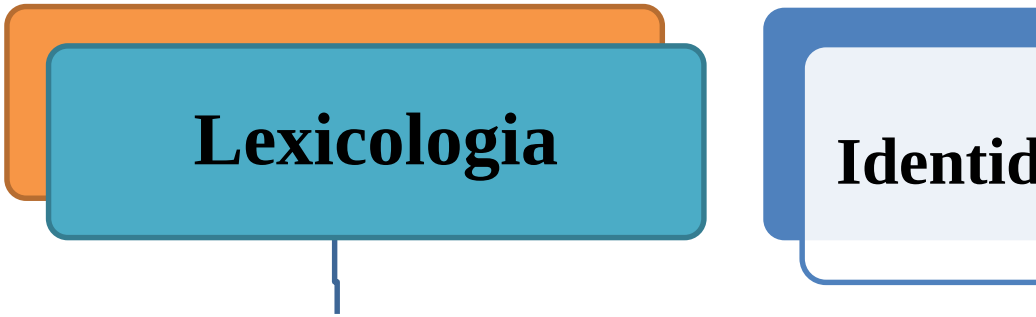
- Delimitação
- Justificativa
- Problematização
- Hipóteses
- Objectivos

Discussão dos conceitos

Vilela (1994)

Sautchuk (2004)

Chicuna (2003)



Miorandza (2009)

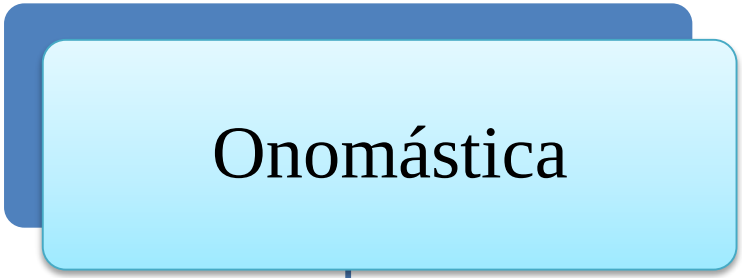
Vasconcellos (1931)

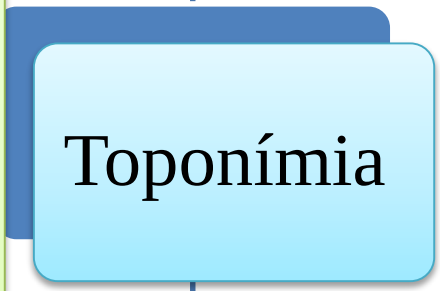
Marcato (2009)

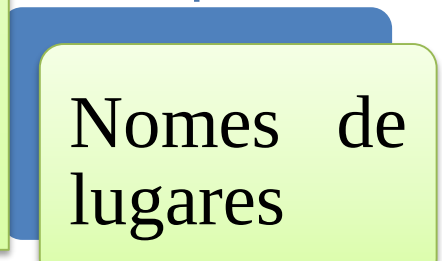
Dubois et al (1978)

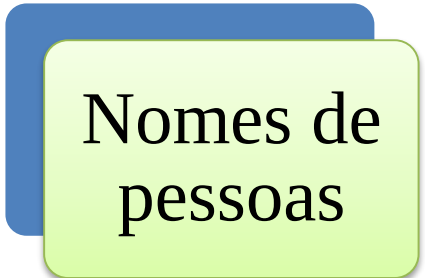
Nabais (2008) *apud Silva* & Moraes (2015)

Para Dick (1990: 34) *apud* Faggion; Misturini & Dal Pizzol (2013: 20)









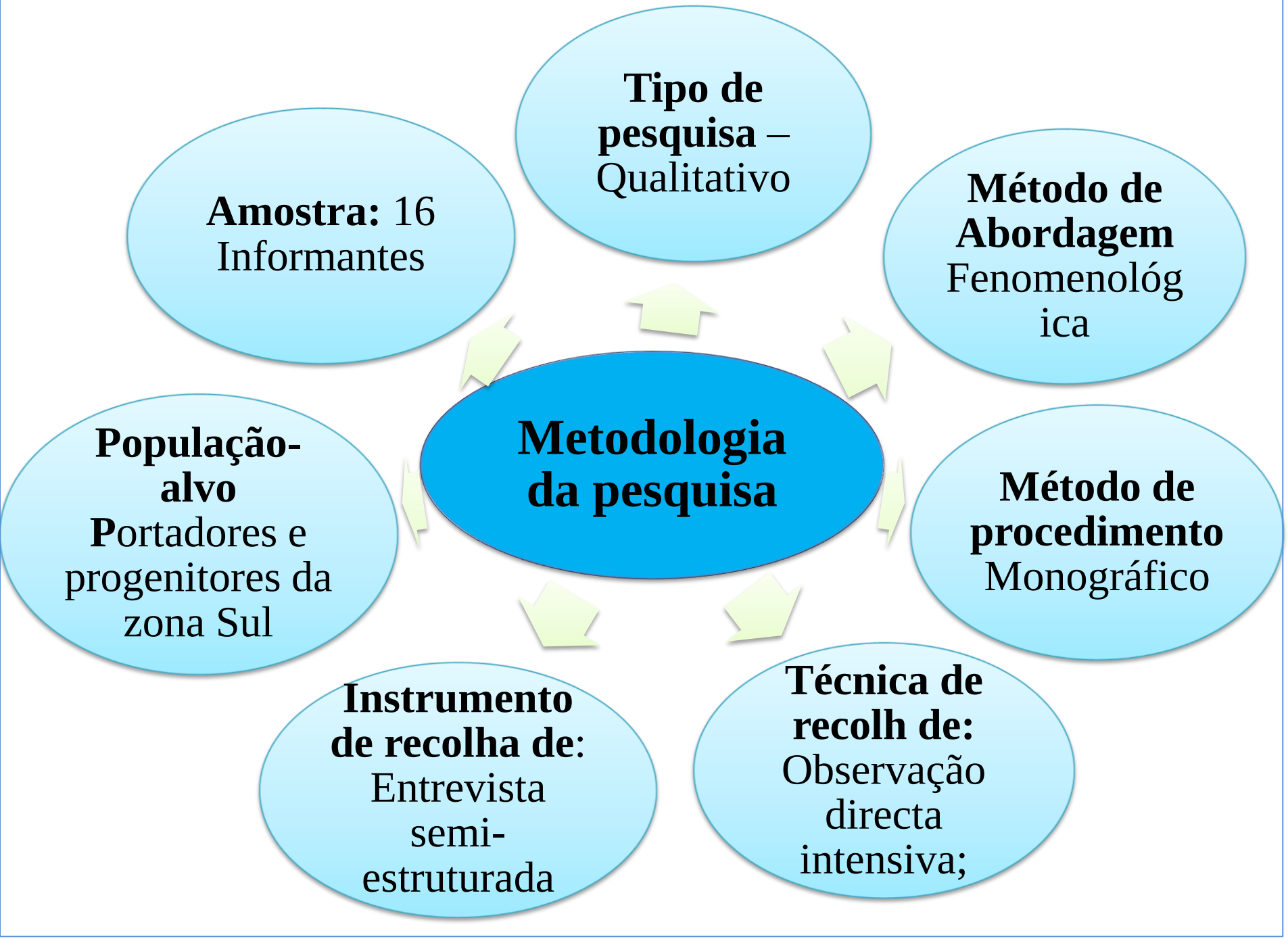
Raposo & Nascimeno (2013)

Gaspartto (2013)

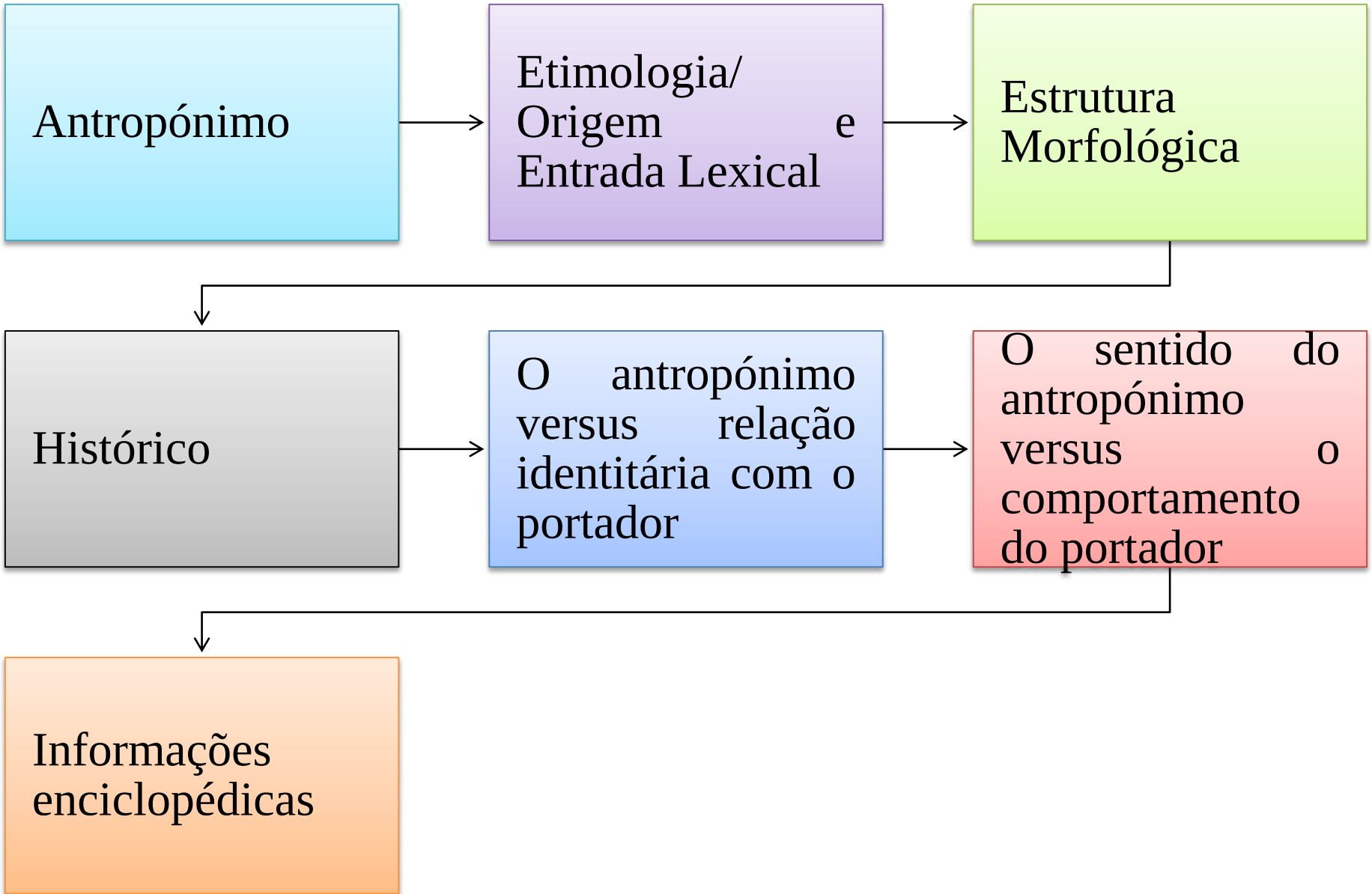
Dick (1990)

Carreira e Quintino (1964)

Rocher (1989)


Tipo de pesquisa – Qualitativo
Método de Abordagem Fenomenológica
Método de procedimento Monográfico
Técnica de recolh de: Observação directa intensiva;
Instrumento de recolha de: Entrevista semi-estruturada
População-alvo Portadores e progenitores da zona Sul
Amostra: 16 Informantes
Metodologia da pesquisa

Apresentação e Discussão dos Resultados



Antropónimo: *Nkateko*

Etimologia/ Origem e Entrada lexical: *Nkateko* é um substantivo comum de língua changana que significa “bênção”. Dá entrada lexical como substantivo próprio.

Estrutura morfológica: *Nkateko* – palavra composta pelo prefixo nominal da classe 3 **N-**, seguida de radical nominal **-katek-** e, por fim, pela vogal final **-o**.

Histórico: o nome *Nkateko* de Magude foi atribuído devido às complicações extremas durante o trabalho de parto. O de Bilene foi atribuído quando a mãe se achou grávida depois de muitos abortos espontâneos, portanto, sem esperança de engravidar mais.

Antropónimo: *Nkateko*

O antropónimo e a sua relação identitária com o portador: o portador Magude – nota-se mais este nome do que o da escola. O portador de Bilene identifica-se bastante com o nome, e na escola também é chamado assim.

O sentido do antropónimo versus comportamento do portador: os negócios da mãe (Magude) andam muito bem com *Nkateko*. O de Bilene inclina o sentido do nome para a vertente religiosa.

Informações enciclopédicas: Sitoe (2011) descreve, no dicionário, Nkátéko como sendo 1. Boa sorte, felicidade; prosperidade, ex. Njómbó, nhláhlé, thómó, vulambí. 2. Bênção, bem-aventurança.

Antropónimo: *Njómbo*

Etimologia/ Origem e Entrada lexical: palavra da língua Changana que já pertencia à classe dos substantivos, que significa “sorte”. Dá entrada lexical como nome próprio.

Estrutura morfológica: Njómbo é formado pelo prefixo N- da classe 9, precedido pelo radical -jómb-, e pela vogal final –o.

Histórico: a mãe de *Njómbo* ficou grávida, no entanto, os sogros rejeitaram-na na ausência do filho que se encontrava na Africa do Sul. O nome surge como resposta de que o desejo dos sogros não se concretizou.

Antropónimo: *Njómbo*

O antropónimo e a sua relação identitária com o portador: sente-se feliz com o nome, porque ninguém morreu durante todo o processo de gestação e do trabalho de parto.

O sentido do antropónimo versus comportamento do portador: o portador declarou-nos que o nome lhe dá sorte, porém, a informação torna-se contraditória atendendo ao seu estilo de vida e às suas condições básicas.

Informações enciclopédicas: Sitoe (2011) define *Njómbo* como boa sorte, ventura; felicidade. É sinónimo de *nhláhlé*, *nkátéko*, *thómo*, *vulambí*.

Antropónimo: *Feleyini*

Etimologia/ Origem e Entrada lexical: tipifica uma frase verbal proveniente do verbo flexionado "fele" ligado à partícula interrogativa "yini"; esta justaposição passa a significar – "morri porquê?".

Estrutura morfológica: *Feleyini* é formada pela raiz verbal **F-** ligada ao morfema de extensão verbal aplicativa **-el-**, precedido da vogal de ligação final **-e-**; seguida ainda do pronome interrogativo geral **yini**.

Histórico: A irmã da mãe de *Feleyini* estava grávida de um homem que o pai não aprovava. Depois de dar parto, o pai delas matou a criança, puxando o seu umbigo. Quando a sua irmã deu luz na sequência, pediu que se atribuísse o nome "*Feleyini*", sendo a filha perguntando "por que morri sem culpa?".

Antropónimo: *Feleyini*

O antropónimo e a sua relação identitária com o portador: a portadora afirma se identificar; seus pais dizem o contrário; certamente, é por envolver palavras de uma morta.

O sentido do antropónimo versus comportamento do portador: ela demonstra apatia pelo nome, de qualquer modo, os pais e a portadora afirmam que o nome não muda nada nela.

Informações enciclopédicas: apenas descrições semânticas do seu étimo. Para Sitoe (2011), Kufa significa 1. (qualquer ser vivo) morrer. 2. (hum.) falecer, perecer, finar-se. 3. Quebrar-se (ex. o vidro, o pote). Etc.

Antropónimo: *Mihlotine*

Etimologia/ Origem e Entrada lexical: significa “nas lágrimas”. Provém do nome milhote- “lágrimas”. Praticamente, o sufixo –ini é que dá a qualidade locativa.

Estrutura morfológica: prefixo nominal **Mi-** da classe 4 + radical **–hlot-** + sufixo locativo **–ini.** implica que o seu singular seja **Nhlotini**, onde o **N-** é prefixo nominal da classe 3.

Histórico: os pais de Mihlotine acabavam de perder um filho que lhes serviu de reconciliação após uma sucessão de desentendimentos e brigas. O marido, inconsolável, deu o nome “Mihlotine” ao filho que se seguiu, porque lhe limpou as lágrimas, servindo-lhe de consolação.

Antropónimo: *Mihlotine*

O antropónimo e a sua relação identitária com o portador: ela se sente envergonhada com o nome dado o seu sentido.

O sentido do antropónimo versus comportamento do portador: o nome não interfere no seu comportamento.

Informações enciclopédicas: em línguas como Ciutee e Shona (Manica) e Sena (Zembezia e Sul do Malawi), Mihloti realiza-se de forma muito semelhante: *misodzi* nas primeiras duas línguas e *misozi* na última; a associação aos antropónimos não é um fenómeno arbitrário.

Conclusões

Motivações semânticas que determinaram a atribuição dos nomes

Validação das hipóteses

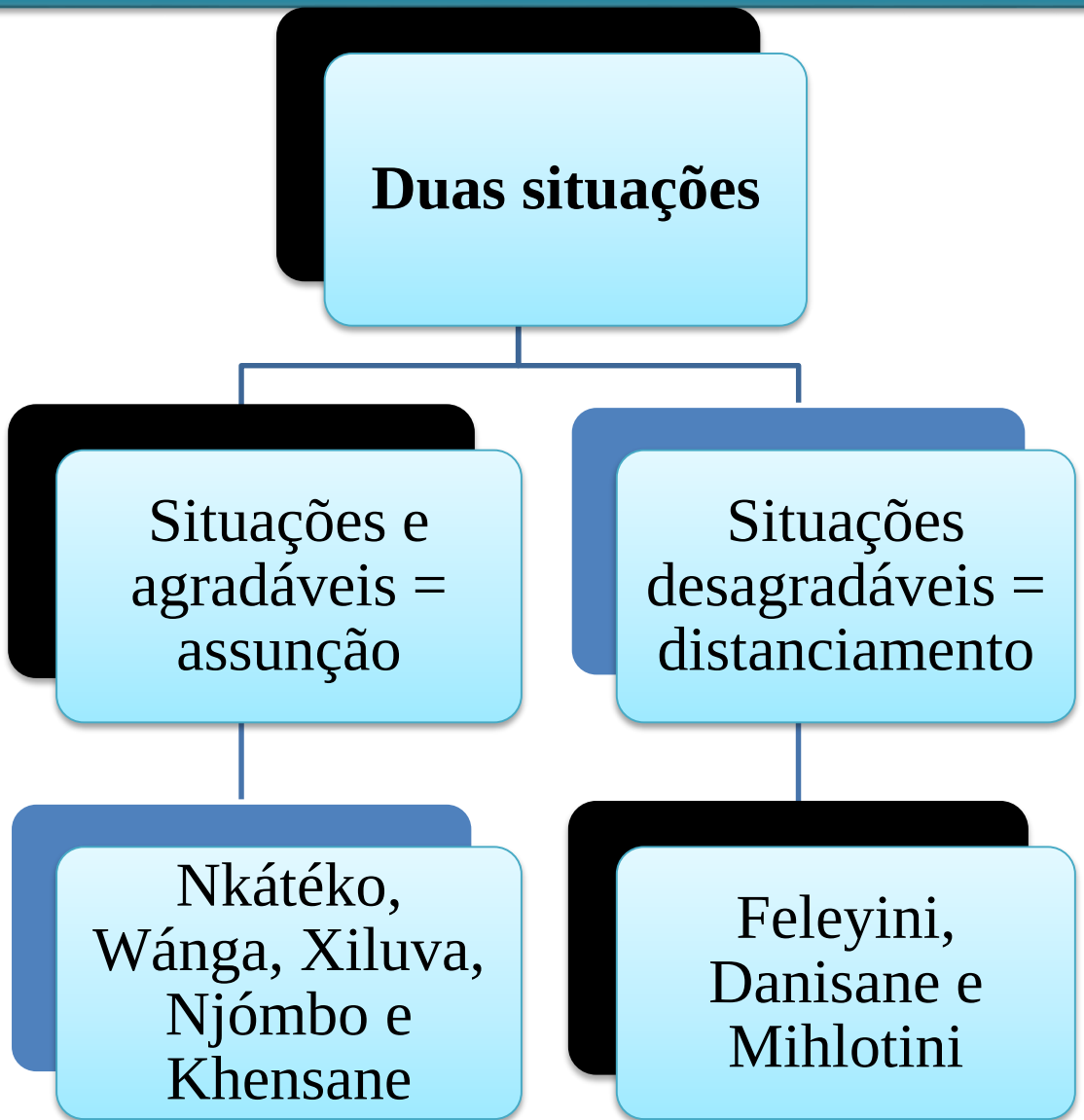
As circunstâncias do nascimento

- Nkateko
- Feleyini
- Khensane

As vicissitudes registadas durante a gestação

- Njómbo
- Danisane

Relação identitária do antropónimo com o portador



Limitações

O histórico real é do domínio dos progenitores

Outros nomes são interessantes, no entanto, progenitores não colaborativos temendo a divulgação

Alguns portadores não têm idade suficiente

Referências Bibliográficas

Antunes, C. “O Dialecto Rural não é Mais Aquele”. *In*: Seabra, de M. C. T. Costa (org.). (2006). *O léxico em Estudo*. Belo Horizonte, Brasil: UFMG.

Carreira, A. e Quintino, F. (1964). Antroponímia da Guiné Portuguesa, Lisboa, Portugala:.

Chicuna, A. M. (2003). *Léxico Português – Kiyombe do Corpo Humano: Particularidades dos Morfemas Flexionais*.

Dick, M. V. P.A, (1990). *A Motivação Toponímica e a Realidade Brasileira*. São Paulo, Brasil: Edição Arquivo do Estado.

Duarte, R. (2002). “Pesquisa Qualitativa: Reflexões Sobre o Trabalho de Campo” *In Cadernos de Pesquisa*, n. 115.

Estrela, E. Correia-Pinto, J. D. (1988). G*uia Essencial da Língua Portuguesa para a Comunicação Social*. 2º Congresso Dos Jornalistas Portugueses.

Fonseca, J. J. S. (2002). *Metodologia da Pesquisa Científica*. Fortaleza: UEC Apostila.

E outros nomes da
minha terra

afluem doces e altivos
na memória filial

e na exacta pronúncia
desnudo-lhes a beleza.
(José Craveirinha).

MUITO OBRIGADA!

REVISTA NJINGA & SEPÉ

Hispanic place names of Uruguay in the context of linguopragmatics

Martynenko Irina Anatolyevna *
Kutafin Moscow State Law University – Rússia
ORCID iD https://orcid.org/0000-0002-9798-3378

ABSTRACT
Uruguay or the Eastern Republic of Uruguay (Spanish – República Oriental) is a state in South America, the toponymic corpus of which is based mainly on the official Spanish language. Different historical periods are marked with a struggle for the country's territory between Spain, Portugal, Argentina, Brazil and Great Britain, which led to the presence of not only Spanish but also Portuguese and English toponymic units in the nomenclature. The presentation contributes to the identification and linguistic analysis of Hispanic toponymic units of Uruguay and presents the first attempt to classify them. Due to historical factors and geographical location, the Uruguayan toponymic corpus over the centuries have been formed of the European (mainly Hispanic) and autochthonous (mostly Guarani) layers. The author groups geographical names of Spanish origin, giving multiple examples, explaining their etymology and identifying metonymic chains. Along with the description of Hispanic commemorative toponyms, religious allusions, zoo- and phytotoponyms, emotionally colored toponyms and geographical names containing numerals, the author assigns a separate place to folk etymology, shift and repeated names. Hispanic place names, forming the basis of the Uruguayan toponymicon, reflect the history, culture and identity of the Uruguayan people, the natural features of the region and the connection with Spain as a linguistic starting point. The research was supported by Russian Science Foundation (project No. 24-18-00702, Linguistic parameters of national identity: Latin American text. RUDN University) [https://rscf.ru/project/24-18-00702/?ysclid=lxgb79u9cp246491389]
Martynenko Irina Anatolyevna (*Anatolyevna* is a Russian patronymic name, you may skip it or add, it's up to you),

KEYWORDS

Toponymic; Phytotoponyms; Nomenclature; Uruguay

REVISTA NJINGA & SEPÉ

*Doutora em Filologia, Professora associada do Departamento de Língua Inglesa, Kutafin Moscow State Law University. Ela tem vários interesses científicos: ensino de inglês jurídico, tradução e interpretação de inglês e espanhol, linguopragmática, variantelogia e muito mais. Mas seu maior interesse está em nomes de lugares espanhóis ou hispânicos do mundo. Ela os estuda há 11 anos. Sua tese de doutorado em 2015 foi chamada de "Toponímias hispânicas dos EUA: análise linguopragmática" (220 páginas), e em 2023 ela apresentou e defendeu com sucesso sua dissertação de Doutorado em Filologia "Toponímia hispânica do mundo como um sistema geolinguístico" (428 páginas) resumindo a análise de nomes de lugares hispânicos de todos os continentes.

Para citar este Resumo (ABNT): ANATOLYEVNA, Martynenko Irina. Hispanic place names of Uruguay in the context of linguopragmatics. **Anais do 1º Seminário Internacional da Toponímia e Antroponímia (15 & 16 de ago. 2024) / Revista Njinga & Sepé**. São Francisco do Conde (BA), Vol.4, Nº Especial I, p. 302, 2024 (ISSN: 2764-1244). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=uMS77Ar2Q8M

Para citar este Resumo (APA): Anatolyevna, Martynenko Irina (ago. 2024). Hispanic place names of Uruguay in the context of linguopragmatics. **Anais do 1º Seminário Internacional da Toponímia e Antroponímia (15 & 16 de ago. 2024) / Revista Njinga & Sepé**. São Francisco do Conde (BA), 4 (Especial I): 302. (ISSN: 2764-1244). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=uMS77Ar2Q8M

NOMES DE LUGARES DO URUGUAI DE ORIGEM ESPANHOLA NO CONTEXTO DA PRAGMÁTICA

HISPANIC PLACE NAMES OF URUGUAY IN THE CONTEXT OF LINGUOPRAGMATICS

MARTYNENKO IRINA A.

KUTAFIN MOSCOW STATE LAW UNIVERSITY (MSAL)

MOSCOW, RUSSIA

58°
56°
54°
30°
Argentina
Brazil
0 60 km
0 40 mi
Monte Caseros
Artigas
Santa Maria R
Belén
Cuareim R
Rivera
N
Arapey Grande R
Concordia
Salto
Corrales
Daymán R
Tacuarembó
Tacuarembó R
Aceguá
Yaguarón R
Negro R
32°
Queguay Grande R
Piedra Sola
Guichon
Paysandú
Tres Arboles
Lago de Rincón del Bonete
Melo
Concepción del Uruguay
Km 329
Río Branco
Placido Rosas
Young
Paso de los Toros
Santa Clara
Negro R
Fray Bentos
Tacuari R
Sarandí del Yi
Treinta-y-Tres
Cebollati
Mercedes
Durazno
Trinidad
José P. Varela
Dolores
Cebollantí R
San Salvador R
Uruguay
Xui
Nueva Palmira
Muerta R
Carmelo
34°
Florida
SantaLucía R
San José
Minas
Juan Lacaze
Canelones
Rocha
Buenos Aires
Las Piedras
Pando
La Paloma
Río de la Plata
Montevideo
Maldonado
Atlantic Ocean
©1997 MAGELLAN Geographix℠
(805) 685-3100 www.maps.com

LANGUAGES SPOKEN IN URUGUAY

SPANISH
PORTUÑOL
PORTUGUESE DIALECTS OF URUGUAY
RIVERENSE PORTUÑOL

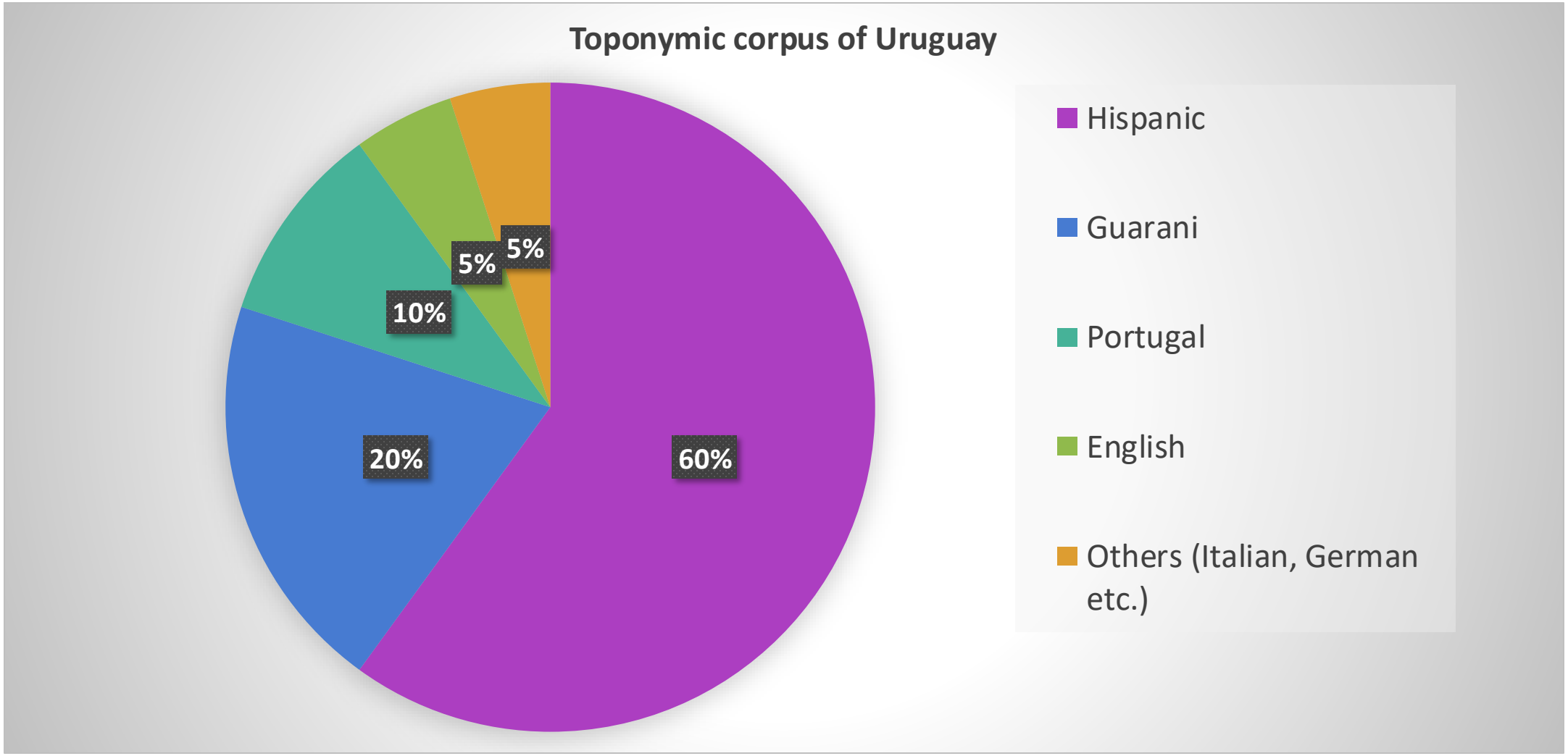
SALTO
RÍOS
TACUAREMBÓ
PAYSANDÚ
CERRO LARGO
RÍO NEGRO
DURAZNO
TREINTA-Y-TRES
SORIANO
FLORES
FLORIDA
LAVALLEJA
ROCHA
COLONIA
SAN JOSÉ
Salto
Tacuarembó
Paysandú
Melo
Villa San José
Colón
Concepción del Uruguay
Young
Paso de los Toros
Gualeguaychu
Fray Bentos
Mercedes
Durazno
Trinidad
Dolores
Florida
Carmelo
Zarate
Campana
San José de Mayo
Minas
Treinta-y-Tres
Rocha
Jaguarão
Santa Vitória do Palmar
Chuy
Lago Artificial del Palmar
Lago Artificial de Rincón del Bonete
Laguna Merin
Laguna Negra
Laguna de Castillos
Uruguay
Negro
Yi
Daymán
Quebracho
Rivas
El Eucaliptus
Tambores
Piedra Sola
Marhinote
Curtina
Las Arenas
Cuchilla Caraguatá
Vichadero
Coronilla
Minas de Corrales
Moirones
Paso de las Caretas
Isodoro Noblía
Centurión
Ramón Trigo
Beñado de Medina
Río Branco
Arbolito
Fraile Muerto
Arevalo
Paso Pereira
San Gregorio de Polanco
Blanquillos
Achar
Tres Arboles
Piñera
Guichón
Algorta
Esperanza
Lorenzo Geyres
Sarandi de Navarro
Menafra
San Javier
Tres Bocas
Chamberlain
Chuchilla de Peralta
La Paloma
San Jorge
Blanquillo
Carlos Reyles
Nuevo Berlín
Andresito
Carmen
Santa Bernardina
Rincón de Palacio
Sarandí del Yí
Cerro Chato
Santa Clara de Olimar
Tupambaé
Plácido Rosas
Vergara
Arrozal 33
Mendizabal
Gen. Enrique Martínez
Cebollatí
José Batlle-y-Ordóñez
José Pedro Varela
Pedro Aramendia
Zapicán
Nico Perez
Capilla del Sauce
Sarandi Grande
Cerro Colorado
Polanco
Pirarajá
Lascano
La Coronilla
Santo Teresa
Angosturas
Velázquez
Castillos
Mariscala
Reboledo
La Cruz
San Gregorio
Cardona
Ismael Cortinas
José Enrique Rodó
Palmitas
Soriano
Nueva Palmira
Ombúes de Lavalle
Miguelete
Carmona
Martín Chico
Mal Abrigo
Carreta Quemada
25 de Mayo
Casupá
Fray Marcos
Aiguá
San Ramon
Villa Serrana
Solís
Tala
Santa Bolista
Nueva Helvecia
Tararinas
Isla Martín García (Arg)
Delta del Paraná
Arroyo Grande
Arroyo Sauce
Arroyo Cebollatí
Arroyo Tacuarembó
Arroyo Negro
Arroyo Malo
Arroyo Santa Lucía
Cabo Polonio
19 de Abril
Santa Teresa
La Coronilla
Chuy
Lascano
Pirarajá
Polanco
Cerro Colorado
Capilla del Sauce
Nico Perez
José Batlle-y-Ordóñez
José Pedro Varela
Pedro Aramendia
Zapicán
Arrozal 33
Vergara
Mendizabal
Gen. Enrique Martínez
Cebollatí
Plácido Rosas
Tupambaé
Santa Clara de Olimar
Cerro Chato
Carlos Reyles
Blanquillo
La Paloma
San Jorge
Chamberlain
Chuchilla de Peralta
San Gregorio de Polanco
Paso Pereira
Arevalo
Arbolito
Río Branco
Fraile Muerto
Ramón Trigo
Beñado de Medina
Centurión
Isodoro Noblía
Cuchilla Caraguatá
Las Arenas
Coronilla
Vichadero
Minas de Corrales
Moirones
Paso de las Caretas
Tambores
Piedra Sola
Marhinote
Curtina
El Eucaliptus
Rivas
Quebracho
Dayman
Chapicuy
Lorenzo Geyres
Esperanza
Guichón
Piñera
Tres Arboles
Achar
Blanquillos
Sarandi de Navarro
Menafra
San Javier
Tres Bocas
Lago Artificial del Palmar
Young
Concepción del Uruguay
Nuevo Berlín
Andresito
Carmen
Santa Bernardina
Rincón de Palacio
Sarandí del Yí
Carlos Reyles
Blanquillo
Cerro Chato
Santa Clara de Olimar
Tupambaé
Plácido Rosas
Vergara
Arrozal 33
Mendizabal
Gen. Enrique Martínez
Cebollatí
José Batlle-y-Ordóñez
José Pedro Varela
Pedro Aramendia
Zapicán
Nico Perez
Capilla del Sauce
Sarandi Grande
Cerro Colorado
Polanco
Pirarajá
Lascano
La Coronilla
Santo Teresa
Angosturas
Velázquez
Castillos
Mariscala
Reboledo
La Cruz
San Gregorio
Cardona
Ismael Cortinas
José Enrique Rodó
Palmitas
Soriano
Nueva Palmira
Ombúes de Lavalle
Miguelete
Carmona
Martín Chico
Mal Abrigo
Carreta Quemada
25 de Mayo
Casupá
Fray Marcos
Aiguá
San Ramon
Villa Serrana
Solís
Tala
Santa Bolista
Nueva Helvecia
Tararinas
Isla Martín García (Arg)
Delta del Paraná
Arroyo Grande
Arroyo Sauce
Arroyo Cebollatí
Arroyo Tacuarembó
Arroyo Negro
Arroyo Malo
Arroyo Santa Lucía
Cabo Polonio
19 de Abril
Laguna de Castillos
Laguna Negra
Laguna Merin
Río Branco
Jaguarão
Santa Vitória do Palmar
Chuy
Rocha
Minas
San José de Mayo
Florida
Carmelo
Zarate
Campana
Fray Bentos
Mercedes
Durazno
Trinidad
Dolores
Treinta-y-Tres
Paysandú
Melo
Tacuarembó
Salto
Colón
Concepción del Uruguay
Young
Paso de los Toros
Gualeguaychu
Villa San José
ezilon.com

Title	Translation	Abbreviated title
Ciudad Capital	Capital	CC
Ciudad	City	Ci
Villa	Town	Vi
Pueblo	Small town	Pu
Caserío	Village	Ca
Balneario	Resort	Ba
Fraccionamiento	Microdistrict, housing estate	Fr
Barrio	District	Br
Chacra	Farm, ranch	Ch
Centro Poblado	Populated area	Cp
Estancia	Large-scale agriculture	-

GENERAL PECULIARITIES

ORONYMY -PRESENCE OF THE COMPONENT *CERRO* IN 98% OF CASES AND A STRUCTURE OF 2-3 ELEMENTS (E.G., *CERRO NEGRO*, *CERRO VICHADERO CHICO* ETC.).

HYDRONYMY OF THE REGION, IT IS TYPICAL THE USAGE OF THE COMPONENT *ARROYO* (E.G., *ARROYO PANDO*, *ARROYO CARRASCO*).


Toponymic corpus of Uruguay
60%
20%
10%
5%
5%
Hispanic
Guarani
Portugal
English
Others (Italian, German etc.)

GUARANI PLACE NAMES

- RIVERS: *Tacuarembó, Chamangá, Yí*, etc
- MOUNTAINS :*Cerro Grande de Aceguá, Cerro Tupambae*, etc.
- NAME OF THE COUNTRY: *Uruguay*

PORTUGUESE PLACE NAMES

- *Santo Domingo de Soriano Reservation* - 1624
- *Colonia del Sacramento* – 1680
- Then: *La Capuera, Barrio Pereira, Achar, Cardozo, Sequeira, Durazno, Getulio Vargas*

ENGLISH PLACE NAMES

- *Pinamar-Pinepark, Barker, Ocean Park, Young, Chamberlain*
- *Pueblo Anglo, Barrio Anglo*

HISPANIC PLACE NAMES

military toponyms, **religious, descriptive**, emotive units, zoo- and phytotoponyms, **anthropotoponyms**, toponymic units containing numerals, and namesake toponyms

FIRST EUROPEAN SETTLEMENTS IN URUGUAY

SAN LAZARO -1527

SORIANO - 1624 (*SANTO DOMINGO SORIANO - VILLA SORIANO - SORIANO*)

MONTEVIDEO

Ciudad de San Felipe del Puerto de Montevideo

Monte vide eu is perhaps the most common explanation for the etymology, according to which the name comes from the Portuguese phrase meaning ‘I saw a mountain’, said by one of the members of the expedition of Fernand Magellan allegedly uttered when looking at Cerro de Montevideo (ARAÚJO, 1900, p. 486).

ANTHROPOTOPONYMS

1) Named after politicians and fighters for independence:

Artigas, Tomás Gomensoro, Bernabé Rivera, Diego Lamas, Rincon de Pacheco, Joaquín Suárez, Paso Espinosa, Bolívar, Getúlio Vargas, Florencio Sánchez, Ombúes de Lavalle, Ismael Cortinas, Jandro Gallrolaago, Rincon de Pacheco, Villa General Borges, Juan Soler, Barrio Pereira, General Enrique Martínez, Olivera, Coronado, González, Melo.

ANTHROPOTOPONYMS

2) Named after first settlers and local residents (founders of settlements, businessmen, engineers, owners of local lands, journalists):

Mones Quintela, Pando, Jardines de Pando, Juan Lacaze, Juan Jackson, Carlos Reyles, Pueblo de Álvarez, Nico Pérez, Gregorio Aznarez, Faro José Ignacio, Arenas de José Ignacio, Lascano, Osimania y Llequeórena Albina, Arroyo Solís Grande, Arroyo Solís Chico, Quintana, Ecilda Paullier, Capurro, Paso Bonilla, Isla Patrulla Maria Isabel, Poblado Alonzo, Vergara, José Pedro Valera.

ANTHROPOTOPONYMS

3) Named after artists:

Velázquez (Spanish artist),

Javier de Viana (Uruguayan writer),

Juan José Castro (Argentinean composer and conductor).

ANTHROPOTOPONYMS

4) Named after seafarers and pioneers:

Maldonado

Solís, Estación Solís, Pueblo Solís

Colón

RELIGIOUS TOPONYMS (AGIOTOPONYMS)

Cerro San Eugenio, Santa Lucia, Villa Crespo y San Andrés, San José de Carrasco, San Ramón, San Jacinto, Santa Rosa, San Bautista, San Luis, San Bernardo, Fortín de Santa Rosa, Santa Lucía del Este, Santa Ana, Villa San Felipe, Villa San Cono, Santa Ana, San Pedro, Los Cerros de San Juan, Santa Regina, Santa Bernardina, San Jorge, San Gabriel, San Francisco de las Sierras etc.

RELIGIOUS TOPONYMS (AGIOTOPONYMS)

Barrio Asunción, Trinidad, El Edén, Edén Rock, Belén, Chacras de Belén, La Cruz, Cruz de los Caminos, Colonia del Sacramento, Playa Pascual, Cerro de las Iglesias

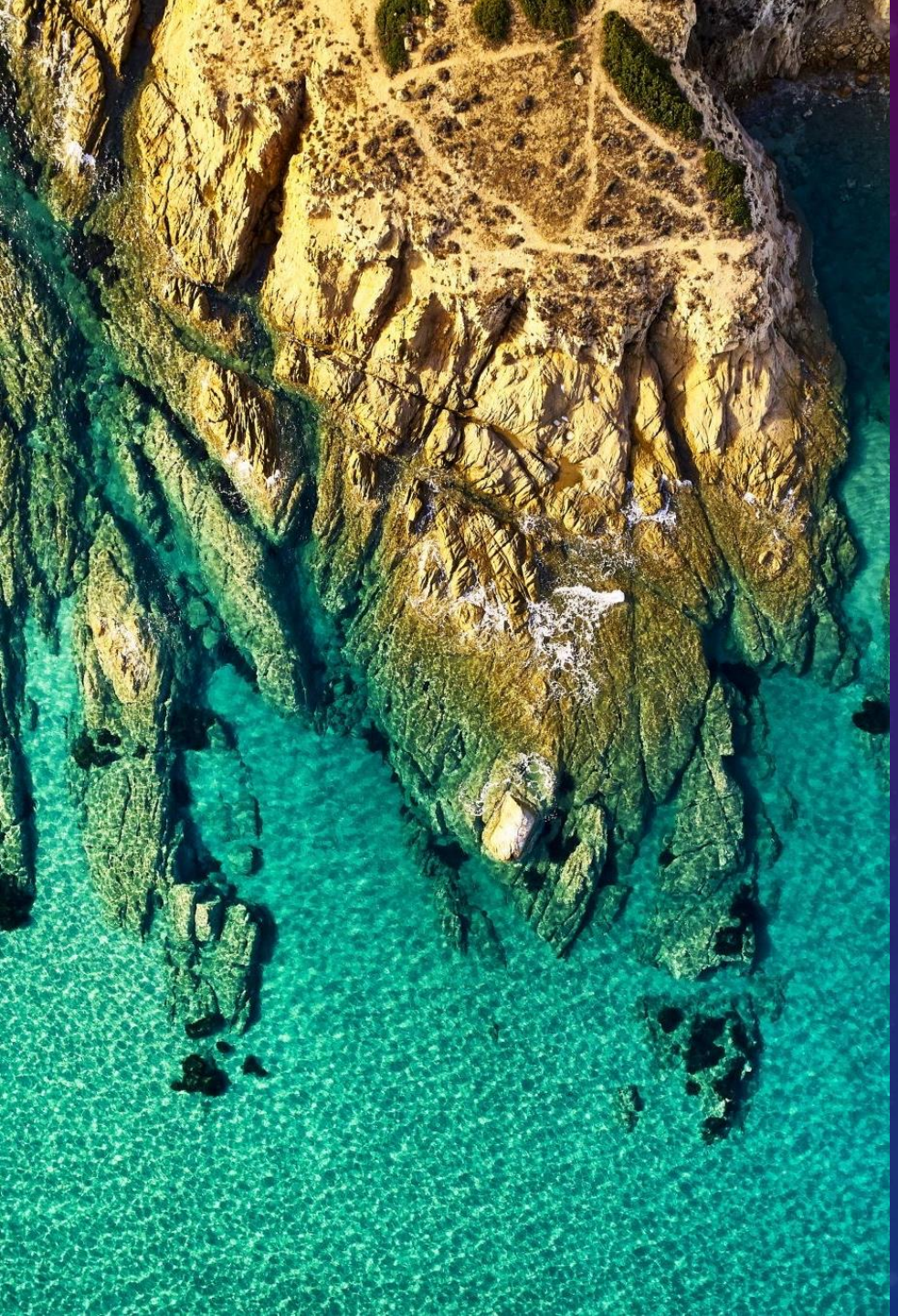
RELIGIOUS TOPONYMS (AGIOTOPONYMS)

Colonia Valdense

G. Fraile Muerto

G. Fray Marcos and Fray Bentos

G. Cerros de Vera



DESCRIPTIVE PLACE NAMES

Costa Azul, Bello Horizonte, Blanca Arena, Playa Azul, Playa Hermosa, Aguas Buenas, Aguas Dulces, Bella Vista, Piedras Coloradas, Punta Colorada, Laguna Blanca, Las Piedras, Piedra Sola, Piedras de Afilar, Pintado, Pintadito, Agraciada, Monte Grande, Cerro Pelado, Playa Verde etc.

DESCRIPTIVE PLACE NAMES

- *Ciudad del Plata, Parque del Plata, Brisas del Plata, Río de la Plata*.
- *Ciudad de la Costa, Barros Blancos, Cerillos, Montes, Salinas*, La Montañesa, *Cerro Ejido, Parada Cabrera, Estación Tapia, Pueblo Nuevo, Estación Pedrera, La Pedrera, Estación Rincón, La Loma, Lagos del Norte* etc.

METONYMIC CHAINS

San Luis (river, town, cape),

Pan de Azúcar (mountain, town),

Bella Vista (locality, mountain range, mountain, small river), etc.

MARTYNENKO, I. A. HISPANIC PLACE NAMES OF URUGUAY IN THE CONTEXT OF LINGUOPRAGMATICS / I. A. MARTYNENKO // DOMÍNIOS DE LINGU@GEM. – 2021. – VOL. 15, NO. 2. – P. 571-603. – DOI 10.14393/DL46-V15N2A2021-11. – EDN PYHGPE.

THANK YOU FOR YOUR ATTENTION!

IRINETA@RAMBLER.RU

REVISTA NJINGA & SEPÉ

Estudo de nomes próprios de escolas da cidade de Xai-Xai à luz da onomástica: um contributo para a preservação de dados político-sócio-histórico-geográfico-culturais

Edson Tito Fafetine *
Universidade de Save - Moçambique
ORCID iD https://orcid.org/0009-0002-4241-1986
Ângelo Américo Mauai *
Universidade de Save-Moçambique
ORCID iD https://orcid.org/0000-0002-1043-3809

RESUMO

O presente estudo está inserido num dos subdomínios da onomástica, chamado toponímia, ciência que estuda a origem e a motivação semântica dos topónimos; visa conhecer a origem dos nomes das escolas da Cidade de Xai-Xai e as motivações semânticas que determinaram a sua denominação, como forma de contribuir através da análise linguística, focada na lexicologia e morfologia, para o esclarecimento e resgate de alguns dados político-sócio-histórico-geográfico-culturais, ou factos aparentemente perdidos, mas devidamente registados nos nomes das escolas em estudo. Para a operacionalização do estudo, socorremo-nos do método bibliográfico e, posteriormente, aplicámos entrevistas semiestruturadas a professores em exercício e reformados das respectivas escolas e recorremos a fichas lexicográfico-toponímicas propostas por Dick (2004), para o preenchimento dos dados. Os dados obtidos revelam que os nomes em estudo têm origem em línguas bantu e latinas; além disso, a denominação de cada Escola foi determinada por eventos históricos, posições e configurações geográficas, bem como fatores sociais e políticos. Assim, os estudos dos nomes de lugares contribuem para imortalização da história e atualização da sociedade contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE
Lexicologia; Léxico; Onomástica; Toponímia

* Docente na Faculdade de Letras e Ciências Sociais, na Universidade Save – Moçambique; Mestrando em Língua Portuguesa Aplicada no Ensino, na Universidade Save; Licenciado em Ensino do Português com Habilitações em Inglês, pela Universidade Pedagógica de Moçambique, Delegação de Gaza.

** Docente na Faculdade de Letras e Ciências Sociais, na Universidade Save – Moçambique; Doutor em Estudos Portugueses na Área de Especialização de Linguística Portuguesa; Mestre em Estudos Portugueses Multidisciplinares na Área de Especialização em Linguística Portuguesa; Licenciado em Ensino do Português.

Para citar este Resumo (ABNT): FAFETINE, Edson Tito. Estudo de nomes próprios de escolas da cidade de Xai-Xai à luz da onomástica: um contributo para a preservação de dados político-sócio-histórico-geográfico-culturais. **Anais do 1º Seminário Internacional da Toponímia e Antroponímia (15 & 16 de ago. 2024) / Revista Njinga & Sepé**. São Francisco do Conde (BA), Vol.4, Nº Especial I, p. 329, 2024 (ISSN: 2764-1244). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=uMS77Ar2Q8M

Para citar este Resumo (APA): Fafetine, Edson Tito. (ago. 2024). Estudo de nomes próprios de escolas da cidade de Xai-Xai à luz da onomástica: um contributo para a preservação de dados político-sócio-histórico-geográfico-culturais. **Anais do 1º Seminário Internacional da Toponímia e Antroponímia (15 & 16 de ago. 2024) / Revista Njinga & Sepé**. São Francisco do Conde (BA), 4 (Especial I): 329. (ISSN: 2764-1244). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=uMS77Ar2Q8M

REVISTA NJINGA & SEPÉ

A toponímia cearense e as dinâmicas socioculturais do período colonial (1679-1746)

Elis Larisse Santos Gonçalves *
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - Brasil
ORCID iD https://orcid.org/0000-0003-1705-8228
Expedito Eloísio Ximenes **
Universidade Estadual do Ceará-Brasil
ORCID iD https://orcid.org/0000-0002-4516-2244

RESUMO

Neste trabalho, apresenta-se parte dos resultados da tese de doutorado intitulada “Descrição e análise da Toponímia das cartas de sesmarias do Ceará nos séculos XVII e XVIII (1679-1746)”, defendida em 2023, no Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PosLa) da UECE. Aborda-se especialmente o aspecto dos resultados de pesquisa no qual foi possível compreender como as dinâmicas socioculturais do período colonial colaboraram para a existência de novas camadas toponímicas, atravessadas pela ideologia colonizadora, em detrimento da toponímia indígena existente antes da atuação colonial no espaço geográfico pesquisado. Utilizou-se como metodologia, sobretudo, a proposta teórico-metodológica de classificação taxionômica de Dick (1980, 1990) e de pesquisadores que colaboraram posteriormente. Com base nos resultados apontados pelo referido estudo, pode-se afirmar que, a partir de determinado período histórico, percebe-se um movimento de co-ocorrência (Santos, 2020) entre topônimos indígenas e de origem na Língua Portuguesa e, seguidamente, percebeu-se de modo mais latente que começa a haver uma mudança na “ordem social” (William, 2015) que gera também o aparecimento de topônimos relativos à ideologia colonizadora, como topônimos que estabelecem relação com a cultura da pecuária, e de Antropotopônimos, em um sinal de homenagem aos sujeitos agentes da colonização que passaram a dominar o território da então Capitania do Siará Grande.

PALAVRAS-CHAVE
Toponímia; Ceará; Dinâmicas socioculturais; Período colonial.

* Doutora em Linguística Aplicada, Mestre em História e Letras e graduada em Letras/Língua Portuguesa pela Universidade Estadual do Ceará. É membro do grupo de pesquisa Práticas de Edição de Textos do Estado do Ceará - PRAETECE e desenvolve pesquisa no campo da Linguística, voltada especificamente para estudos da Toponímia do Ceará.

** Linguística pela Universidade Federal do Ceará (2004), doutorado em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (2009), com três meses de pesquisa em estágio sandwiche na Universidade de Lisboa e Pós-doutorado em Filologia de Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (2017).

Para citar este Resumo (ABNT): GONÇALVES, Elis Larisse Santos; XIMENES, Expedito Eloísio. A toponímia cearense e as dinâmicas socioculturais do período colonial (1679-1746). **Anais do 1º Seminário Internacional da Toponímia e Antroponímia (15 & 16 de ago. 2024) / Revista Njinga & Sepé**. São Francisco do Conde (BA), Vol.4, Nº Especial I, p. 331, 2024 (ISSN: 2764-1244). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=T_TiEEttPeI

Para citar este Resumo (APA): Gonçalves, Elis Larisse Santos; Ximenes, Expedito Eloísio. (ago. 2024). A toponímia cearense e as dinâmicas socioculturais do período colonial (1679-1746). **Anais do 1º Seminário Internacional da Toponímia e Antroponímia (15 & 16 de ago. 2024) / Revista Njinga & Sepé**. São Francisco do Conde (BA), 4 (Especial I): 331. (ISSN: 2764-1244). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=T_TiEEttPeI

PosLA
Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada

A toponímia cearense e as dinâmicas socioculturais do período colonial (1679-1746)

Profa. Dra. Elis Larisse Santos Gonçalves
Prof. Dr. Expedito Eloísio Ximenes

Da problemática

Partimos do questionamento acerca da possibilidade de compreender, por meio do estudo toponímico, a dinâmica das relações sociais, históricas, culturais e políticas que gestaram os usos toponímicos.

Dos objetivos

Objetivo geral:

- Analisar o sistema toponímico do Ceará nas cartas de sesmarias dos séculos XVII e XVIII.

Fundamentos teóricos: Léxico, Onomástica e Toponímia

Estudos lexicais: o léxico como categorização do mundo ou como constructo sociocognitivo.

Biderman (1998, 2001), Marcuschi (2015).

A Onomástica: discutindo o estabelecimento da onomástica como área do saber a problematizando o conceito de nome próprio.

Carvalhinhos e Santos (2021).

O modelo taxionômico de Dick (1980, 1990)

Taxes de natureza física física (11 taxes): são os denominativos cuja sua motivação está relacionada a fatores físicos, ao ambiente.

Taxes de natureza antropocultura (16 taxes): representam designativos cujas motivações estão relacionadas a fatores culturais, sociais, históricos, entre outros.

TAXES DE NATUREZA FÍSICA
Astrotopônimos: Topônimo referente aos nomes de corpos celestes.
Cardinotopônimos: Topônimo referente às posições geográficas em geral.
Cromotopônimos: topônimo referente às cores.
Dimensiotopônimos: topônimo referente às características do acidente.
Fitotopônimos: topônimo referente aos nomes dos vegetais.
Geomorfotopônimos: Topônimo referente às formas topográficas.
Hidrotopônimos: Topônimo referente aos acidentes hidrográficos em geral.
Litotopônimos: topônimo referente aos nomes de minerais.
Meteorotopônimos: topônimo referente aos fenômenos atmosféricos.
Morfotopônimos: topônimo referente às formas geométricas.
Zootopônimos: topônimo referente aos animais.

TAXES DE NATUREZA ANTROPOCULTURAL
Animotopônimos ou Nootopônimos: topônimo referente à vida psíquica e à cultura espiritual.
Antropotopônimos: topônimo referente aos nomes próprios e individuais
Axiotopônimos: topônimo referente aos títulos e às dignidades.
Corotopônimos: topônimo referente aos nomes de cidades, países, regiões e continentes.
Cronotopônimos: topônimo referente às indicações temporais.
Ecotopônimos: topônimo referente às habitações de um modo geral.
Ergotopônimos: topônimos rela aos elementos da cultura material.
Etnotopônimos: topônimo referente aos elementos étnicos isolados.
Dirrematotopônimos: topônimo constituído de frases ou enunciados linguísticos.
Hierotopônimos: topônimo referente aos nomes sagrados. (**hagiotopônimos)** quando são relativos aos santos e santas do hagiológio romano.
Historiotopônimos: topônimo referente aos movimentos histórico-social e aos seus membros.
Hodotopônimos: topônimo referente às vias de comunicação rural ou urbana
Numerotopônimos: topônimos referentes aos adjetivos numerais.
Poliotopônimos: topônimos constituídos pelos vocábulos aldeia, vila, povoação, arraial.
Sociotopônimos: topônimo referente às atividades profissionais ou a ponto de encontro.
Somatotopônimos: topônimos referentes às relações metafóricas das partes do corpo humano ou animal.

Fonte: Dick (1980, 1990).

Contribuições de outros pesquisadores

TAXE	PESQUISADOR RESPONSÁVEL
Proposição de subdivisão da taxe dos animotopônimos em: a) eufóricos, que marcam uma impressão agradável, otimista. Ex. Bonsucesso (AH AC); e b) disfóricos, que marcam uma impressão desagradável, pessimista. Ex. Seringal Solidão (AH AC).	Isquerdo (1996)
Proposição de inclusão da taxe igneotopônimo, cujas unidades lexicais se referem ao fogo, abrangendo todos os produtos resultantes de sua ação direta, quando usadas para denominar acidentes físicos e acidentes antrópicos. Ex: Morro do Fogo (AH MT).	Carvalho (2010, p. 149)

Percurso metodológico

As fontes e o *corpus* da pesquisa

- Documentos históricos: 500 cartas de sesmarias datadas dos finais do século XVII até meados do século XVIII (1679-1746). Os documentos já passaram por uma leitura e transcrição conservadora realizada por Eusébio Néri Alves de Souza e Thomaz Pompeu Sobrinho e disponibilizadas ao público em geral em formato de CD ROOM pelo Arquivo Público do Estado do Ceará (APEC), em 2006.

- O *corpus* da tese é constituído pelos **412 topônimos registrados em 500 cartas de sesmarias.**

Quadro 2 - Ficha de apresentação de dados toponímicos

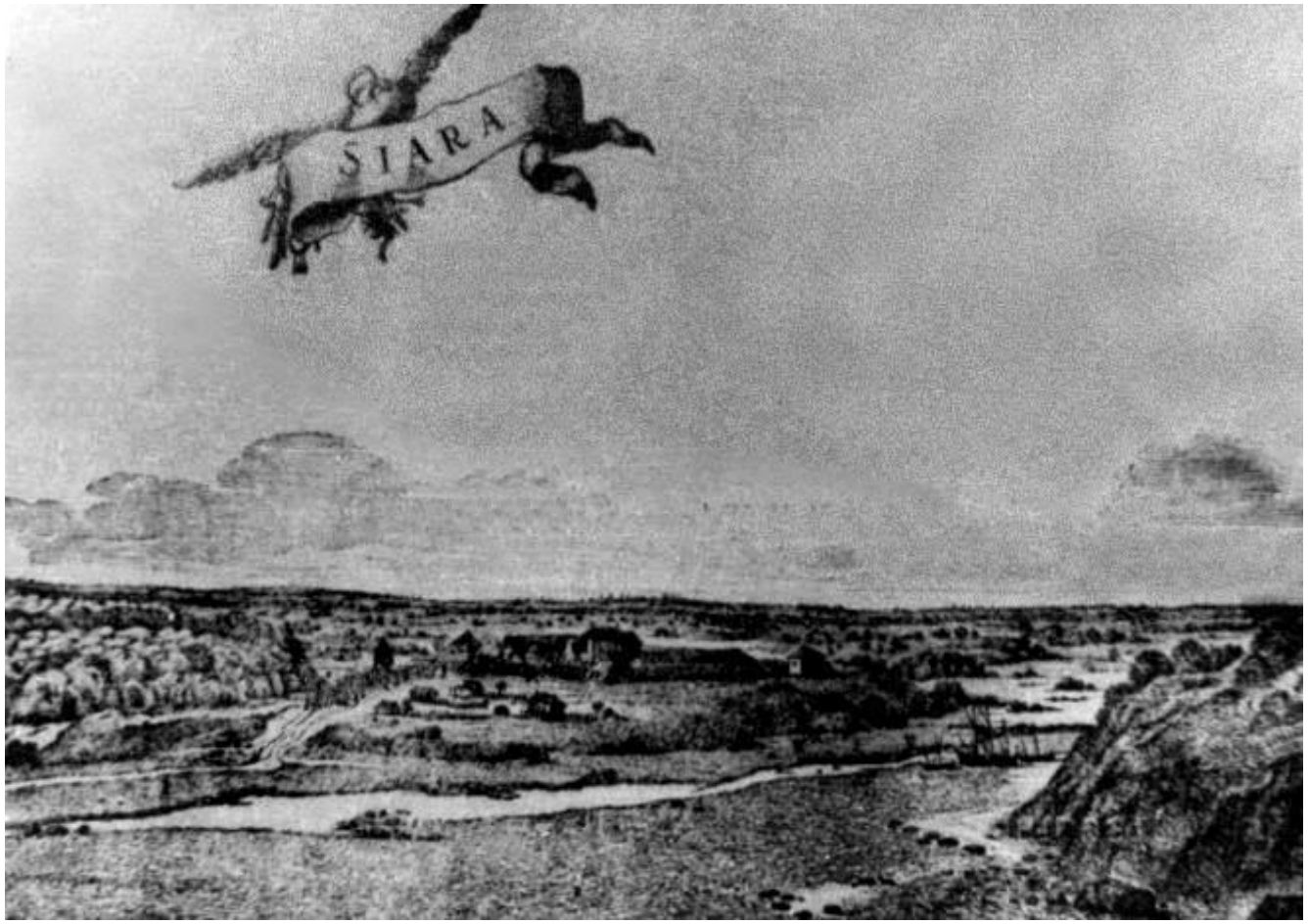
Nº da carta	Data de concessão	Acidente geográfico	Topônimo	Etimologia	Taxonomia	Língua de origem	Estrutura morfológica

Fonte: elaborado pela autora.

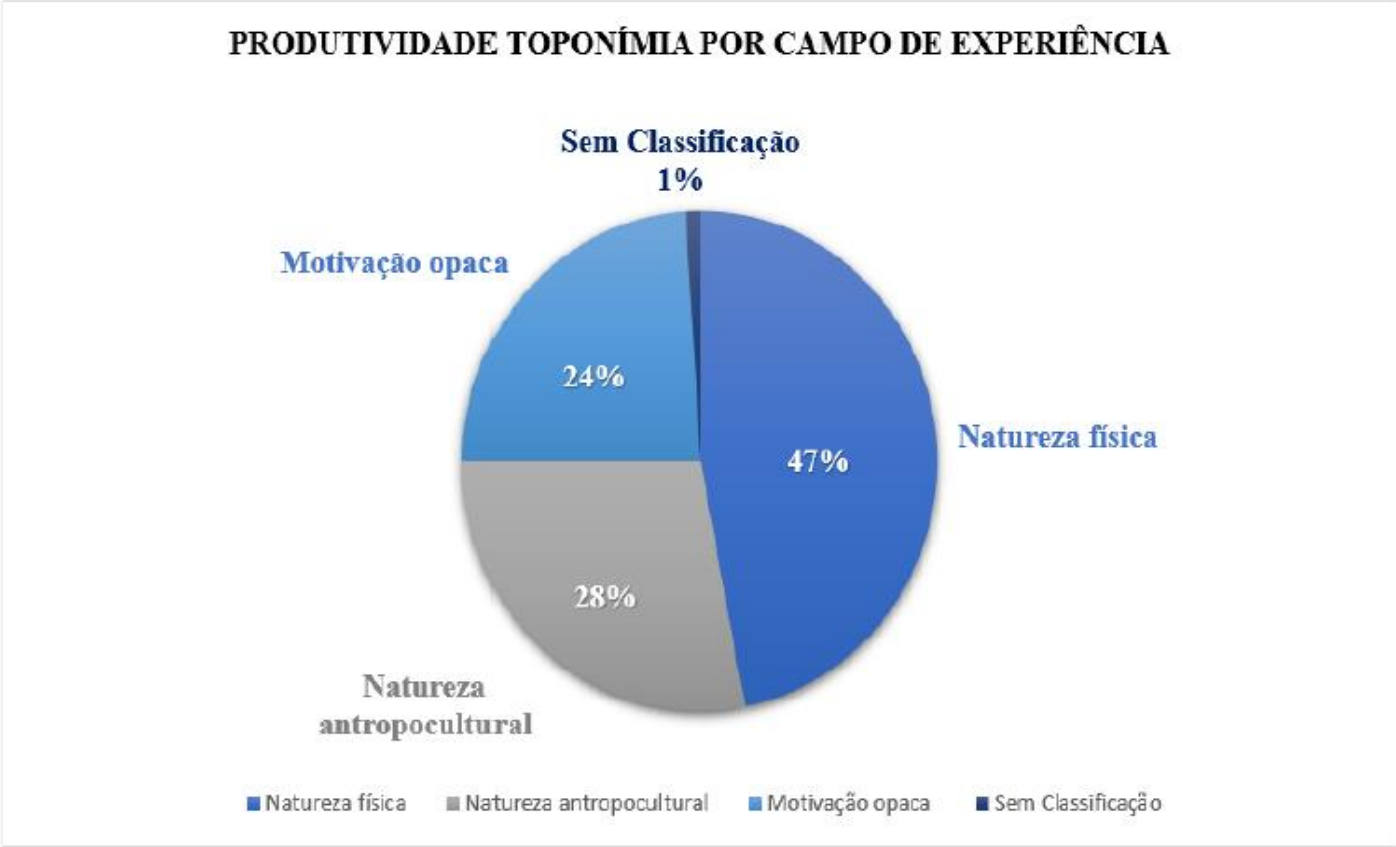
Instrumentos de pesquisa

Ficha de apresentação de dados adaptada pela autora com atenção ao volume de dados.

É preciso pensar o contexto de colonização do Ceará.



Resultados: produtividade dos campos de experiências toponímicas na capitania do Siará Grande no final do século XVII até meados do século XVIII



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Resultados: produtividade dos campos de experiências toponímicas na capitania do Siará Grande no final do século XVII até meados do século XVIII

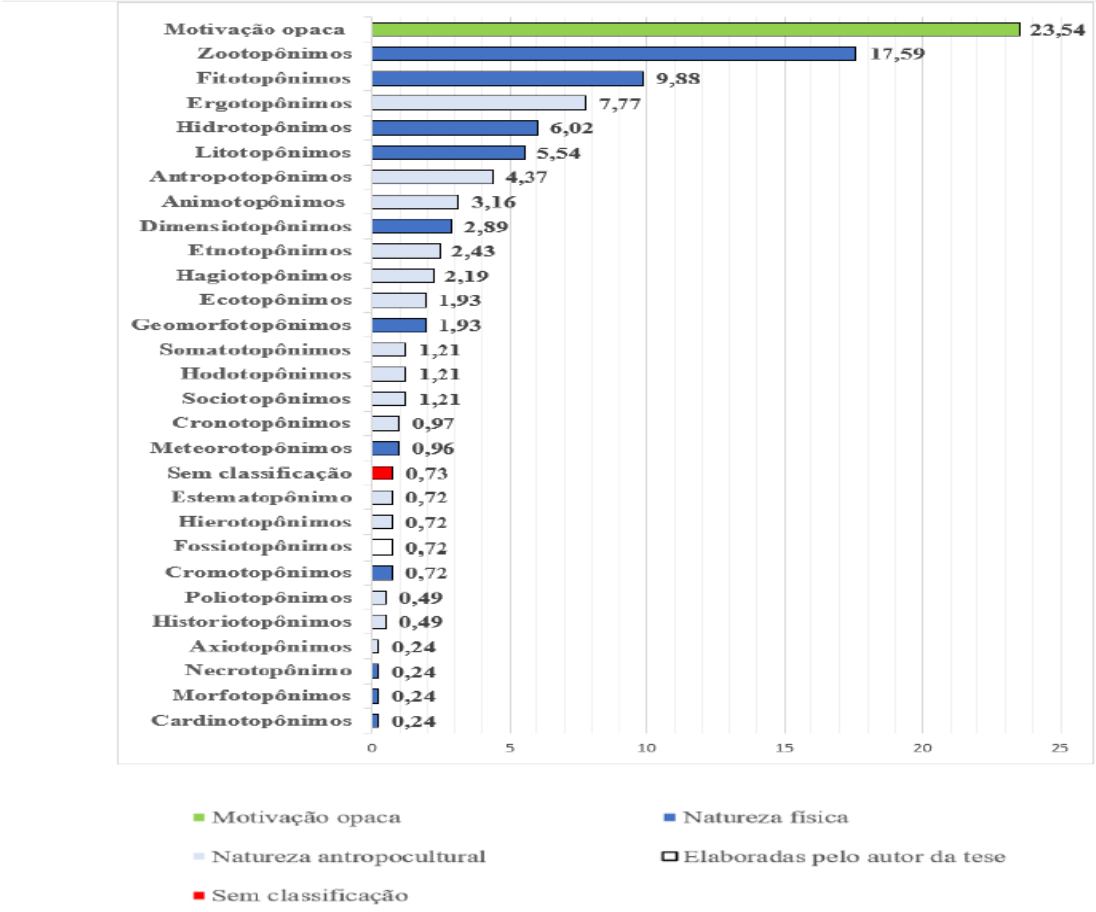
- As categorias que compõem o eixo de **natureza física** se sobressaem, o que nos aponta para o fato de que **o modo de conceitualização das vivências desses grupos sociais que habitavam a região, em um contexto de expansão do projeto colonizador estava "ligado às condicionantes ambientais**" (DICK, 1990, p. 36).

- Maior parte dos Topônimos do corpus advém de línguas indígenas.

O campo de natureza física e a relação dos grupos indígenas com a natureza: pensando e outro modo!

- A partir da epistemologia indígena, compreendemos que essa relação homem-natureza de dá a partir de **um continuum existencial de valor simbólico e polissêmico**, e não a partir de uma perspectiva de usufruto na natureza como um recurso (KRENAK, 2019, KOPENAWA e ALBERT, 2023 e O POVO, 2022).

Resultados: as categorias mais produtivas



Fonte: elaborado pela autora (2023).

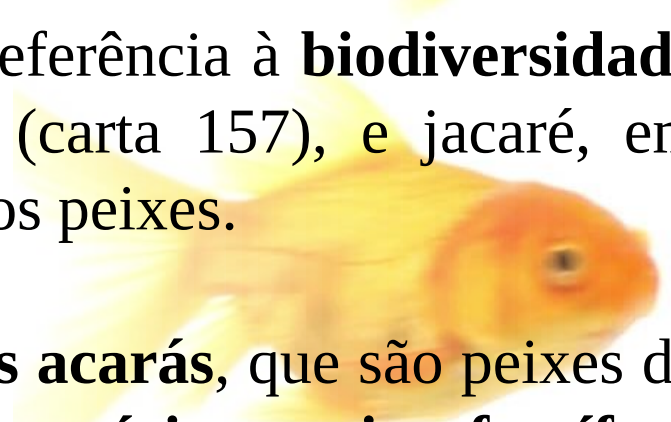
Os zootopônimos: a biodiversidade animal conducente do processo denominativo

- Referência a uma fauna diversificada, que compõe a paisagem zoológica da região específica do semiárido e da caatinga, como onças, aves e peixes de espécies diversas, como evidenciam os topônimos **Jaguaribe (carta 02), Quixeramobim (carta 120) e Acará (carta 114),** respectivamente.

- Há também referência a aspectos descritivos (DICK, 1990), na denominação do **Riacho Pacuya** (carta 171), que descreve a abundância dos peixes pacus.

Os zootopônimos: a biodiversidade animal conducente do processo denominativo

- Chama especial atenção a recorrência da referência à **biodiversidade aquática**, como tartarugas, em Jararahû (carta 157), e jacaré, em Ajacaracanga (carta 165), mas sobretudo aos peixes.



- No caso das ocorrência de nosso *corpus*, **os acarás**, que são peixes de água doce, configuram-se como a **espécie mais frutífera denominando rios e serras:**

- **Acará/aquara**, carta de sesmaria 101 e 114
- ***Acaracu*** que, acreditamos, pode ter se perpetuado na nomenclatura com a variação ***Acaraú.***

Os zootopônimos: a biodiversidade animal conducente do processo denominativo

- Nota-se uma referência crescente **a nomes de animais que compõem a cultura pecuária,** que foi um dos pilares da economia cearense no período de expansão colonial.

Os zootopônimos: a biodiversidade animal conducente do processo denominativo

TOPÔNIMOS
Riacho os Bois (pela língua dos brancos).
Olho d’água dos bois (carta 497).
Rio dos Cavalos (carta 20).
Riacho dos Porcos (carta 125),
Poço do boy (carta 438)

Os zootopônimos: a biodiversidade animal conducente do processo denominativo

- Depreendemos que a nova realidade que se desenha nas dinâmicas socioculturais do território **começam a avançar como escolha denominativa**, o que pode apontar para **uma mudança de perspectiva na construção de uma identidade** pautada pela economia pecuarista e **uma mudança de perspectiva denominativa a partir da própria dinâmica colonial.**

O campo de experiência de Natureza Antropocultural

- O campo de Experiência Antropocultural é caracterizado por demarcar as “manifestações psíquicas” dos sujeitos (DICK, 1990, p. 25). Dessa maneira, as taxes que compõem o eixo das experiências antropoculturais abrangem constructos biossociais, culturais e psíquicos.

- A partir dos resultados da tese, é possível perceber que, dos 412 topônimos analisados, **29,0%** estão classificados no eixo antropocultural.
- A categoria mais produtiva desse eixo foi a categoria dos *ergotopônimos*, demarcados pela referência a elementos “da cultura material”.

Os Ergotopônimos

Objetos da ordem dos recipientes	Significado
Rio Camuçi/camusi (carta 147)	Jarro, pote
Riacho Panacuy (carta 170)	Cesto
Jure (carta 422)	Vasilha de rã
Riacho Uruque (274)	Cesto
Riacho Panecu (340)	Cesto
Riacho Isambaquiçaba (carta 372)	jazida ou banco de conchas

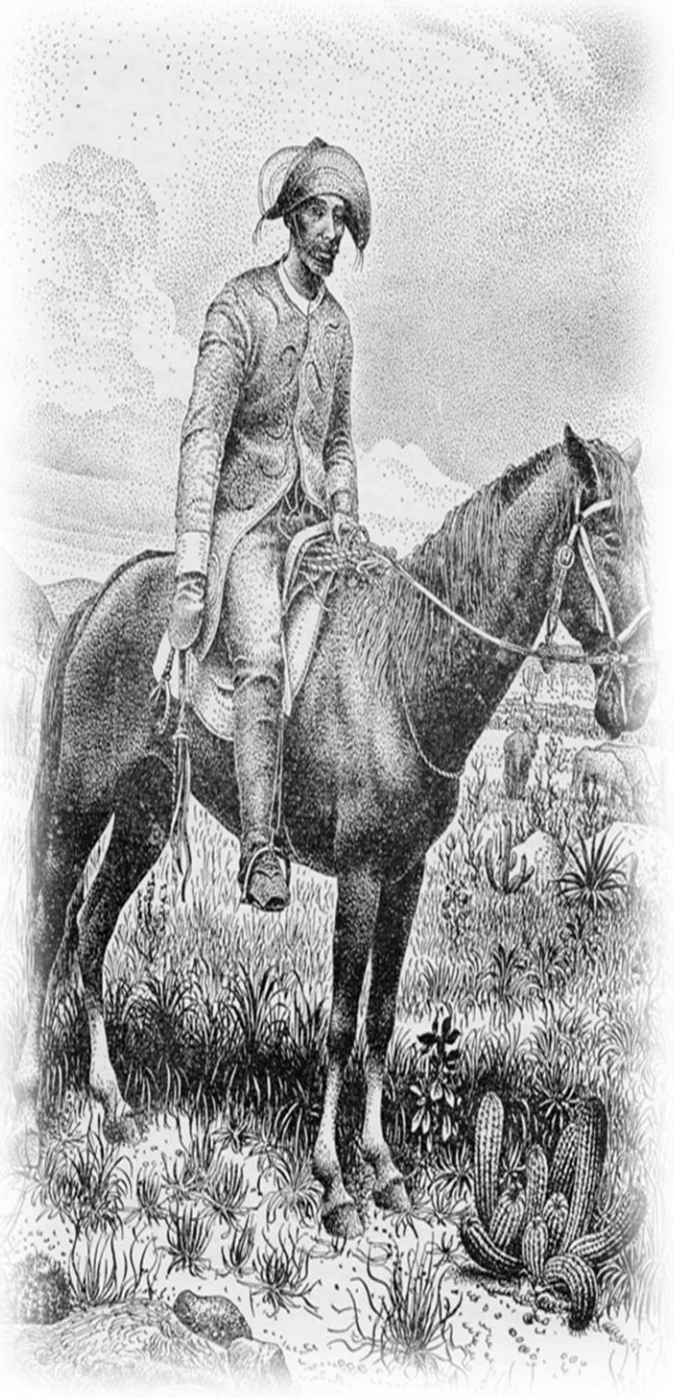
Os Ergotopônimos

- **Utensílios cortantes:**
  - Riacho Quichare /Quixaré/Quixeré (carta 64);
  - Rio Frecheras (carta 393);
  - Riacho Forquilha (carta 387).
- **Outros utensílios:** Araguagaba/aquagaba/Araquagaba (carta 195) instrumento de medir sol.
- Sítio Da Caiçara (carta 397), que é um tipo de cerca.
- Sítio Pindarê (carta 401), que é uma espécie de anzol;
- Riacho Uubatyba/Ubatuba (carta 182), cana de flecha ou canoa.

Os Ergotopônimos

- Em Língua Portuguesa, se faz **presente de modo produtivo o uso do vocábulo pilar,** como em Sítio O pilar (carta 158), Rio Pilão/ do piLam (carta 265), Riacho dos Pilois (carta 435).

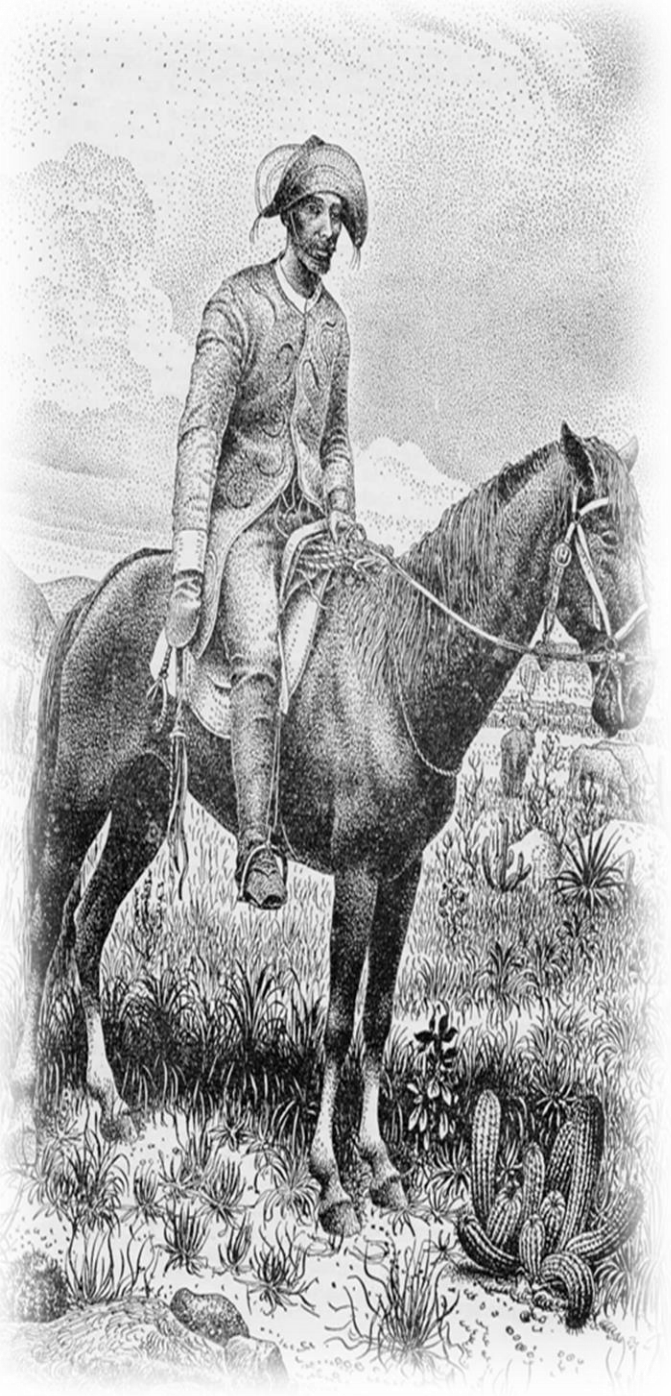
- Oliveira (1996) registra esse uso na toponímia nordestina e atribui ao pilão, esse **instrumento fundamental no processo de moer alimentos**, como milho, arroz, carne assada, uma relevância na sociedade colonial, sobretudo nas fazendas rústicas nordestinas.



Os Antropotopônimos

- Nessa categoria, começa-se a **ficar evidente uma certa mudança na "ordem social" a partir da inserção de nomes próprios na composição do texto onomástico.**

- Somente a partir de 1705, período em que a expansão colonial começa a ser mais efetiva no território:



Os Antropotopônimos

ANTROPOTOPÔNIMOS	ANTROPOTOPÔNIMOS
Serra Dantas (carta 53);	Riacho Do Jargemendes (carta 296)
Riacho do Gil (carta 56)	Ladeira do João Periera (carta 359)
Riacho Palhano (carta 161)	Riacho do Bastião (carta 356)
Riacho Do Figueiredo (carta 158)	Sítio de João do Jagoaribe (carta 432)
Sítio do Peixoto (carta 201)	CaySará do barrozo (carta 475)
Riacho do Pinto (carta 237)	
Sítio Do Nogueira (carta 292)	

Os Antropotopônimos

- O recurso de nomear o espaço geográfico com o nome próprio dos sujeitos pode **denotar tanto uma homenagem, quanto a posse do espaço**, uma apreensão que ocorre também no âmbito nominal, que é cultural também. Assim, Dick (1998) considera as nomeações fruto de homenagens a personagens humanos como denominações que "expressam traço ideológico".

Conclusões

Esse resultado aponta para um período no qual é possível perceber **“dois modi nominandi que passaram a coexistir no espaço geográfico:** uma toponímia indígena e uma nomenclatura sob o signo ideológico do colonizador”, conforme atestou Santos (2020, p. 265).

Referências

- AGUIAR, Levi. Guardiões da terra no Ceará: povos indígenas e o cuidado sustentável. **O povo**, Publicado 08:58 | 08 de Aug de 2022. Disponível em https://mais.opovo.com.br/reportagens-especiais/2022/08/08/guardioes-da-terra-no-ceara-povos-indigenas-e-o-cuidado-sustentavel.html. Acesso em 26 abr. 2023.
- ALMEIDA, Angélica Cecília Freire de Sampaio. Os topônimos na obra o quinze de Rachel de Queiroz. In: XIMENES, Expedito Eloísio; NUNES, Ticiane Rodrigues. **Estudos Filológicos e Linguísticos na Bahia, no Ceará e em Sergipe**. Fortaleza: EdUECE, 2018.
- ANTUNES, Irandé. **Território das palavras:** estudo do léxico em sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- BASSETTO, Bruno Fredni. **Elementos da Filologia Românica.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.
- BASSETTO, Bruno Fregni. **Elementos de Filologia Românica**: história externa das línguas românicas. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.
- BATISTA, Patrícia de Oliveira. **A toponímia cearense em documentos do século XIX**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Dimensões da palavra**. Rev. Filologia e Linguística Portuguesa n. 2, p. 81-118, 1998.
- CÂMARA JR., Matoso. **Introdução às línguas indígenas brasileiras**. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1977.
- CARDOSO, Armando Levy. **Toponímia Brasílica.** Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, v. 09, 1961. (Coleção General Benício)

Referências

- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Os nomes como marcadores ideológicos. In: **Acta Semiótica et Lingüística** - SBPL (Sociedade Brasileira de Professores de Lingüística). São Paulo: Plêiade, 1998. v. 7.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **A dinâmica dos nomes na cidade de São Paulo (1554-1897)**. São Paulo: Annablume, 1997.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **A motivação toponímica e a realidade brasileira.** São Paulo: Edições arquivo do Estado de São Paulo, 1990.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **A motivação toponímica:** princípios teóricos e modelo taxeonômico. Tese (Departamento de Linguística e Línguas orientais). São Paulo: USP, 1980.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **Atlas Toponímico do Brasil: teoria e prática II**. Revista Trama, Curitiba, v. 03, n. 05, p. 141-155, jan./jun, 2007a.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Origens históricas da toponímia brasileira: os nomes transplantados. **Revista Do Instituto De Estudos Brasileiros**, n. 24, 75-96, 1982
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Toponímia e Antroponímia no brasil: coletânea de estudos, 2 ed. São Paulo: FFLCH, 1990.
- DRUMOND, Carlos. **Contribuição do Bororo à toponímia brasílica**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1965.
- FAGGION, Carmen Maria; MISTURINI, Bruno; PIZZOL, Elis Viviana Dal. Ideologias no a
- to de nomear: a toponímia revelando mudanças nas relações de poder de uma comunidade. **Entreletras**, Araguaína/TO, v. 4, n. 2, p. 10-30, ago./dez. 2013. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/entreletras/article/view/987/526>. Acesso em 19 de set. 2021.

Obrigada!

elislarisse7@gmail.Com

REVISTA NJINGA & SEPÉ

A persistência ou o uso não oficial de topônimos coloniais na cidade de Maputo, Moçambique

José Jorge Mahumane *
Universidade Eduardo Mondlane - Moçambique
ORCID iD https://orcid.org/0000-0002-1474-521X
Joel Maurício das Neves Tembe **
Universidade Eduardo Mondlane – Moçambique
ORCID iD https://orcid.org/0000-0002-0184-5430

RESUMO
No contexto da expansão europeia, os portugueses chegaram no território que veio a ser o moderno Moçambique em 1498 cuja evidência, em parte, foi a introdução de topónimos de origem cristã e europeia. A implementação subsequente da administração colonial cristalizou o uso oficial da toponímia atribuída pelos portugueses, mas num cenário de multilinguismo. Em 25 de Junho de 1975, Moçambique proclama a sua independência depois de uma luta armada de libertação nacional contra o regime colonial português, altura em que o novo governo independente procura construir uma "nova nação" com novas identidades consubstanciadas na ideia do "homem novo livre dos vestígios do colonialismo. Tomando como casos de estudo certos topônimos coloniais e pós-coloniais da cidade de Maputo (antes Lourenço Marques), argumentamos que o novo governo de Moçambique independente usou a mudança da toponímia como forma de apagar os vestígios do colonialismo em lugares estratégicos e de maior visibilidade. Ao mesmo tempo, tolerava os topônimos "apolíticos" ou de menor carga política do período colonial. As mudanças visavam inscrever memórias e identidades ligadas ao passado e ao presente do novo regime. Sustentamos que, nos casos analisados, há a permanência ou o uso não oficial de topônimos ilegais e extintos. Esta questão é abordada à luz da memória, do hábito, e das ações político-estratégicas do governo. Esta comunicação é de natureza qualitativa e se baseia em fontes primárias e secundárias, em entrevistas e observações pessoais. Todas as fontes foram abordadas de forma crítica tendo em conta os objetivos e juízos de valores daqueles que os produziram.

PALAVRAS-CHAVE
Lourenço Marques; Maputo; Toponímia; Colonial; Pós-colonial

* Mestrando em História, pela Faculdade de Letras da Universidade Eduardo Mondlane, Maputo. Pós-graduado em Administração Pública, pelo Instituto Superior de Administração Pública em Maputo. Assistente na Cadeira História das Instituições, na Escola de Comunicação e Artes da Universidade Eduardo Mondlane. Director Geral do Instituto de Nomes Geográficos de Moçambique, Antigo Presidente da Divisão dos Países de Língua Portuguesa de Nomes Geográficos (2021-2924). Áreas de interesse: pesquisa e estudos na área de arquivos e toponímia. Última apresentação em eventos acadêmicos: Conferência cientifica "A construção do Estado em África" organizado pela Universidade de Ciência e Tecnologia Joaquim Alberto Chissano, de Maputo, com a comunicação "A toponímia e a construção do estado moçambicano: o caso da cidade de maputo, 1975-2010, em Maio de 2024.

** Doutor em História de África pela SOAS – Universidade de Londres, em 1998. Vice-Reitor para Administração e Recursos na Universidade Eduardo Mondlane (UEM), desde 2020. Membro do Conselho Universitário da UEM desde 2000. Membro do Conselho Académico da UEM desde 2020. Ex-Director do Arquivo Histórico de Moçambique (1999-2000). Docente da Universidade Eduardo Mondlane desde 1985. Professor de História de África e Moçambique. Ministra disciplinas de História de Moçambique, África e África Austral, Arquivos e Memória, Fronteiras, Mobilidade e Territorialidades, nos programas de Licenciatura, Mestrado e Doutoramento. Professor visitante e palestrante em universidades no Brazil (Bahia, Minas Gerais, Ouro Preto, S. Luís), Estados Unidos – Boston/TUFTS, Japão, Korea, Zimbabwe, UK-Cambridge, Canadá - Laval. Participa em juris de exames e defesas de teses de Mestrado e Doutoramento em Moçambique e Brasil. Pesquisador no campo da História social e política de Moçambique e África Austral e estudos sobre arquivos e memória, com diversas publicações na área. Salienta-se a co- edição de 9 volumes sobre a História das lutas de libertação na África Austral (2014). Actualmente é Presidente do Conselho Científico Supra-Nacional do Projecto da Escrita da História das Lutas de Libertação dos PALOP – Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa. Participa em comissões cientificas de eventos académicos em Moçambique, Brasil, Portugal e África. Participa em vários eventos académicos internacionais.

Para citar este Resumo (ABNT): MAHUMANE, José Jorge; TEMBE, Joel Maurício das Neves. A persistência ou o uso não oficial de topônimos coloniais na cidade de Maputo, Moçambique. **Anais do 1º Seminário Internacional da Toponímia e Antroponímia (15 & 16 de ago. 2024) / Revista Njinga & Sepé**. São Francisco do Conde (BA), Vol.4, Nº Especial I, p. 364, 2024 (ISSN: 2764-1244). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=qObOqNfY934

Para citar este Resumo (APA): Mahumane, José Jorge; Tembe, Joel Maurício das Neves (ago. 2024). A persistência ou o uso não oficial de topônimos coloniais na cidade de Maputo, Moçambique. **Anais do 1º Seminário Internacional da Toponímia e Antroponímia (15 & 16 de ago. 2024) / Revista Njinga & Sepé**. São Francisco do Conde (BA), 4 (Especial I): 364. (ISSN: 2764-1244). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=qObOqNfY934

REVISTA NJINGA & SEPÉ

Topónimos bantu integrados no léxico do português de Angola: considerações sobre a sua adaptação e representação gráfica

Hélder Pande Alexandre
Universidade Agostinho Neto – Angola
Universidade Nova de Lisboa-Portugal
ORCID iD https://orcid.org/0000-0001-5916-7401

RESUMO
Os topónimos angolanos, oriundos das diferentes línguas africanas de Angola, especialmente as línguas bantu (LB), integraram-se no léxico do português de Angola (PA), sofrendo, em muitos casos, transformações e adaptações do ponto de vista fonológico e morfológico em diferentes graus. Se, por um lado, essas transformações podem ser justificadas pelo dinamismo da língua, por outro, podem dever-se ao facto de o português e as LB apresentarem características distintas quer do ponto de vista fonológico quer do ponto de vista morfossintático, além de divergências na representação gráfica das palavras. O presente estudo procura refletir sobre os diferentes mecanismos de integração dos topónimos de origem bantu no léxico do PA, tendo como ponto de partida a sua configuração gráfica, considerando a situação de contacto de línguas que caracteriza a realidade sociolinguística angolana. Os topónimos analisados têm origem na língua kimbundu, a língua do grupo etnolinguístico ambundu, porém julga-se que os resultados obtidos seriam idênticos para as demais línguas, dada a sua semelhança. Assim, conclui-se que os topónimos bantu integrados no léxico do PA, à semelhança das demais unidades lexicais, sofrem os mesmos processos de integração e de adaptação, adequando-se, por consequência disso, à estrutura morfossintática e fonológica da língua-alvo (LA). Porém, determinados topónimos ainda mantêm a sua estrutura de origem, o que significa que, em certos casos, foram acomodados ou ainda não completaram o processo de integração, noutros. Quanto à representação gráfica, defende-se que, exceto os antropónimos, os empréstimos lexicais se submetam às regras de ortografia da LA, refletindo a sua integração nesta língua.

PALAVRAS-CHAVE
Léxico Do Português De Angola, Línguas Bantu, Topónimos, Representação Gráfica

*é mestre em Terminologia e Gestão de Informação de Especialidade (2015) e pós-graduado e Gestão e Curadoria da Informação pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (2023), e licenciado e Ciência da Educação, opção Ensino de Português (2013) pelo Instituto Superior de Ciências da Educação de Luanda. É atualmente estudante de doutoramento em Linguística, especialidade Lexicologia, Lexicografia e Terminologia e membro do Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa. É docente de Língua Portuguesa e de Gestão de Informação na Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Agostinho Neto.

Para citar este Resumo (ABNT): ALEXANDRE, Hélder Pande. Topónimos bantu integrados no léxico do português de Angola: considerações sobre a sua adaptação e representação gráfica. **Anais da 1º Seminário Internacional da Toponímia e Antroponímia (15 & 16 de ago. 2024) / Revista Njinga & Sepé**. São Francisco do Conde (BA), Vol.4, Nº Especial I, p. 366, 2024 (ISSN: 2764-1244). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=qObOqNfY934

Para citar este Resumo (APA): Alexandre, Hélder Pande (ago. 2024). Topónimos bantu integrados no léxico do português de Angola: considerações sobre a sua adaptação e representação gráfica. **Anais do 1º Seminário Internacional da Toponímia e Antroponímia (15 & 16 de ago. 2024) / Revista Njinga & Sepé**. São Francisco do Conde (BA), 4 (Especial I): 366. (ISSN: 2764-1244). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=qObOqNfY934

Topónimos bantu integrados no léxico do português de Angola

Considerações sobre a sua adaptação e representação gráfica

Hélder Pande Alexandre, M.Sc.

helderpande@campus.fcsh.unl.pt

Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa (CLUNL)/Universidade Agostinho Neto

16 de agosto de 2024

CLUNL

CENTRO DE LINGUÍSTICA DA UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

Sumário

Objetivo

Contexto

Léxico e toponímia

Empréstimos

Resultados

Representação gráfica

Considerações finais

Objetivo

Refletir sobre os diferentes **mecanismos de integração** dos topónimos de origem bantu no léxico do PA, tendo como ponto de partida a sua **configuração gráfica**, considerando a **situação de contacto** de línguas que caracteriza a realidade sociolinguística angolana.

Contexto

FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

http://dx.doi.org/10.1590/1984-6398202016464

CC BY

Topônimos angolanos de origem bantu: princípios para harmonização gráfica[1]

Angolan Toponyms from Bantu Languages: Criteria for Spell Harmonization

Hélder Pande Alexandre*
*Instituto Superior de Ciências da Comunicação, Luanda / Angola
helderpande@hotmail.com
https://orcid.org/0000-0001-5916-7401

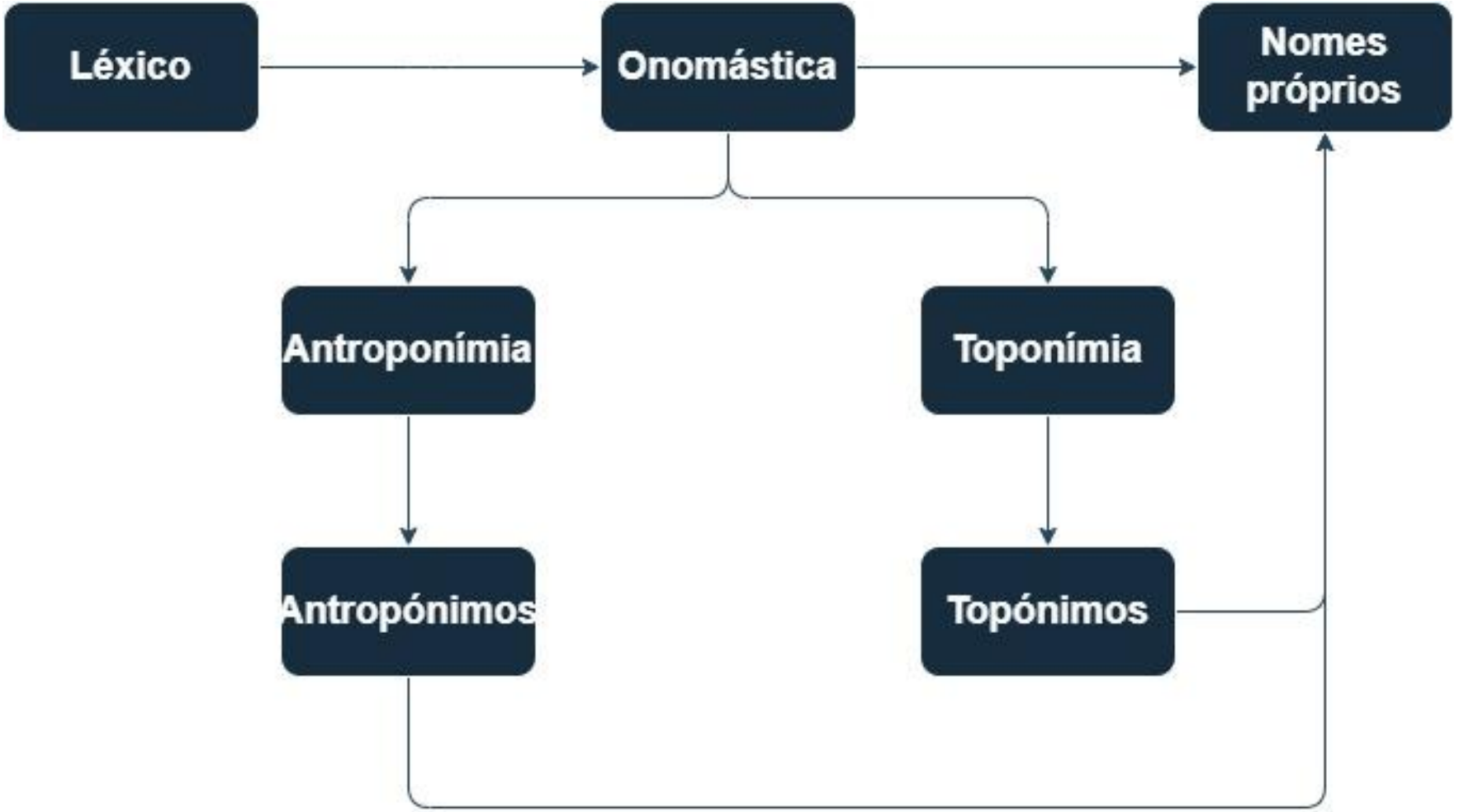
PROPOSTA DE HARMONIZAÇÃO GRÁFICA DA TOPONÍMIA DE ANGOLA

O Caso do Município de Malanje

NOVAFCSH
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

Evolução fonológica de topónimos bantu integrados no léxico do português de Angola: para conceção de um modelo de dicionário digital de topónimos

Léxico e toponímia



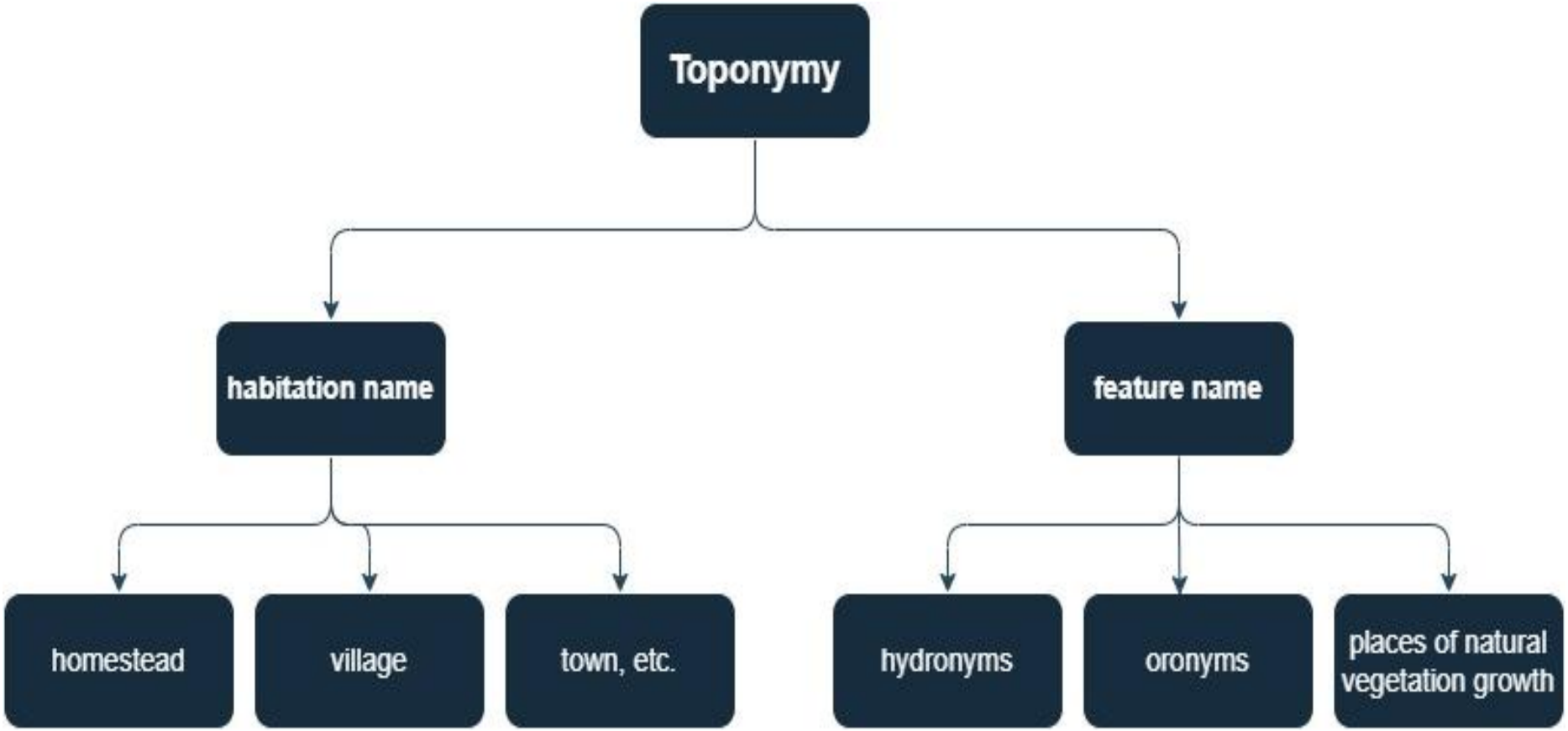
Léxico e toponímia

Toponímia é o estudo taxonómico dos topónimos (nomes de lugares) com base em informação etimológica, histórica e geográfica.

Um topónimo é uma palavra ou palavras usadas para indicar, denotar ou identificar uma localidade geográfica como uma cidade, rio ou montanha.

Encyclopaedia Britannica (2017)

Léxico e toponímia



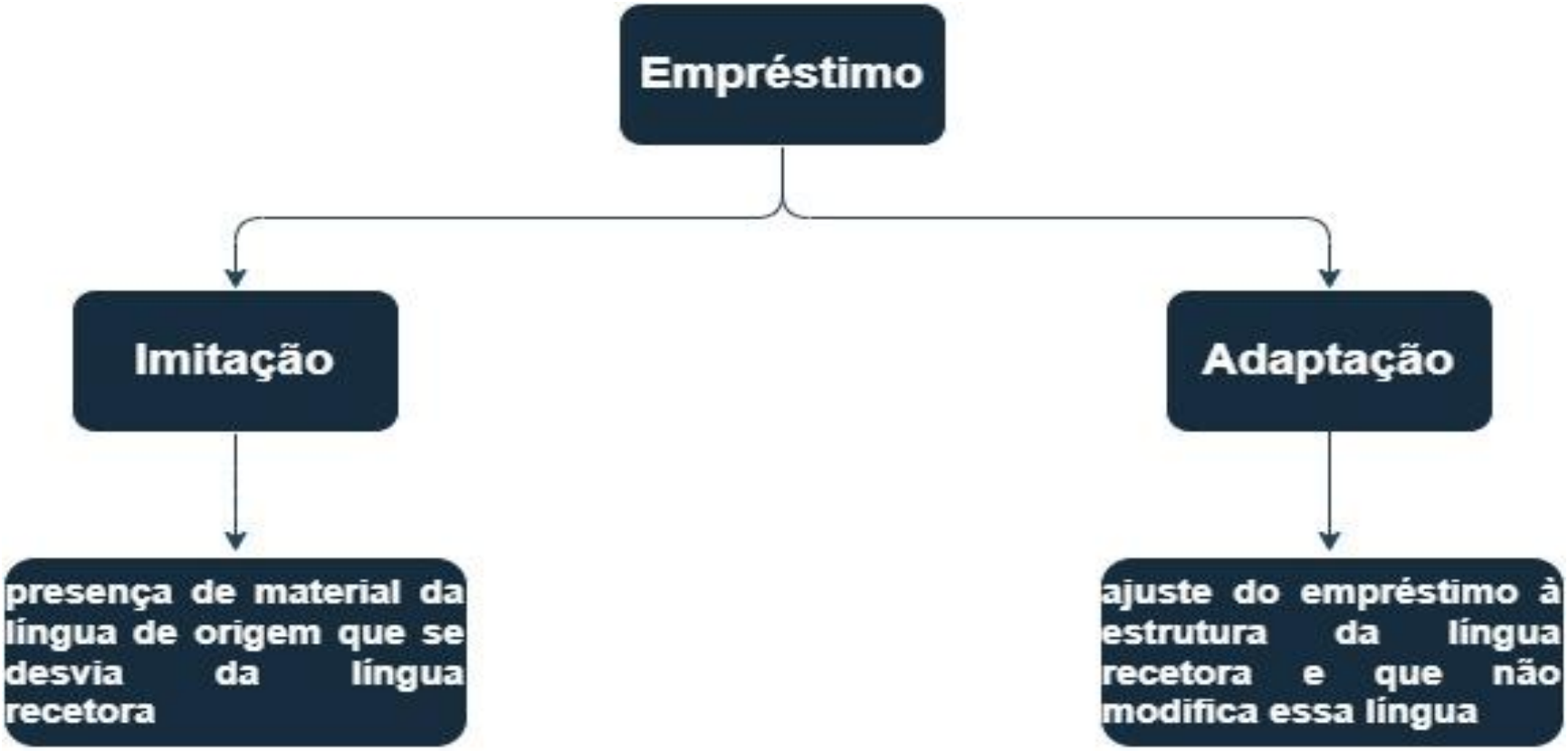
Encyclopaedia Britannica (2017)

Empréstimos

Transferência de material linguístico de uma língua de origem para uma língua de chegada (Winford, 2019, p. 36).

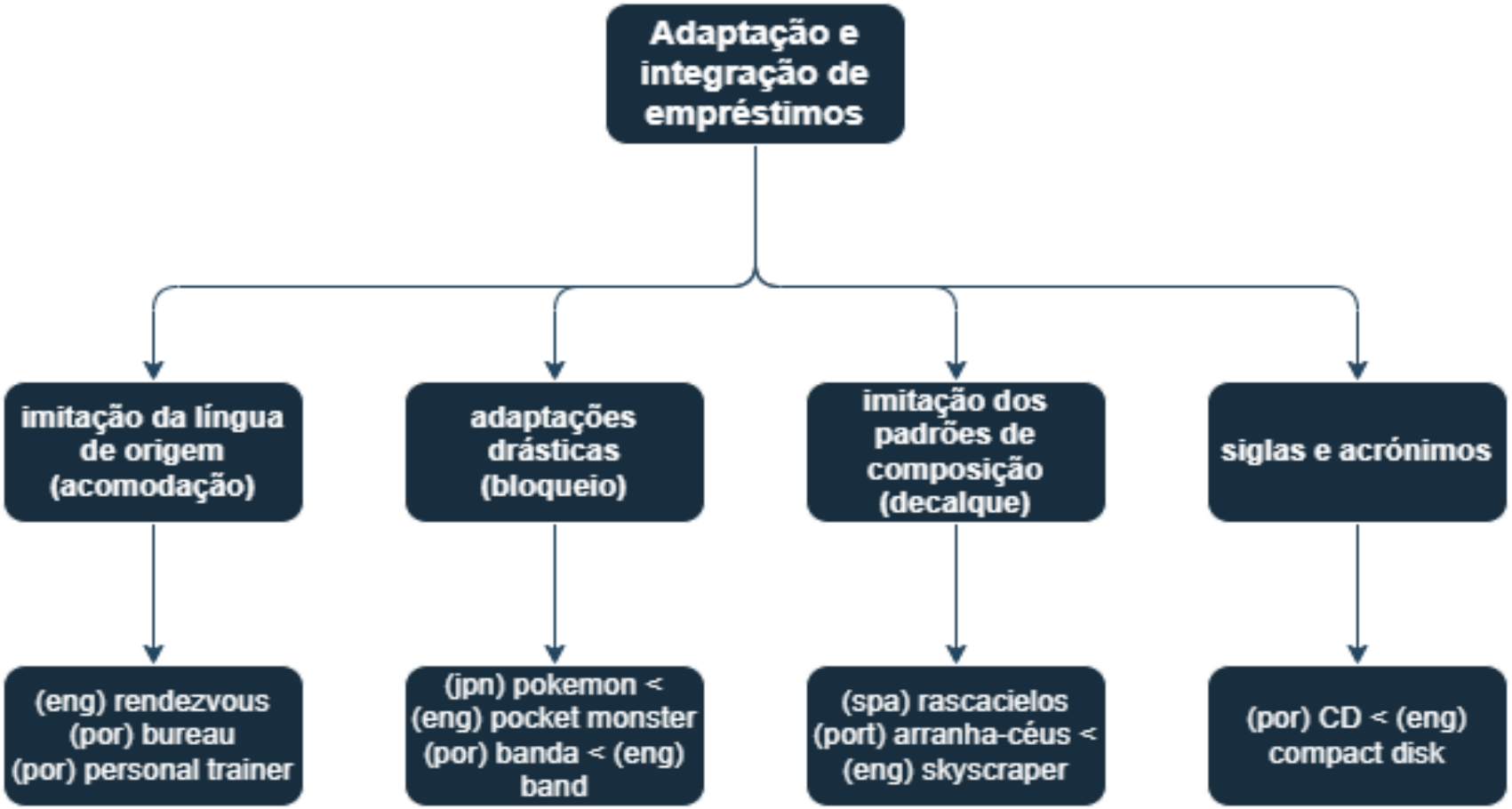
Empréstimo lexical é uma palavra que a dado ponto da história de uma língua entrou para o seu léxico como resultado do contacto (Haspelmath, 2009, p.36).

Empréstimos



Adaptado de Van Coetsem (1988, p. 9)

Empréstimos



Adaptado de Winford (2019, p. 62) e Azeredo (2012, p. 401)

Recolha de dados

Jornal de Angola: 95 artigos

Word tokens: 43.166

Word types: 7.521

Topónimos: 211

Kimbundu: 159

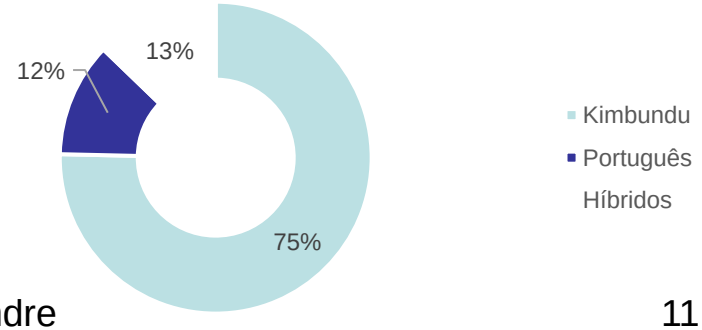
Português: 25

Híbridos: 27

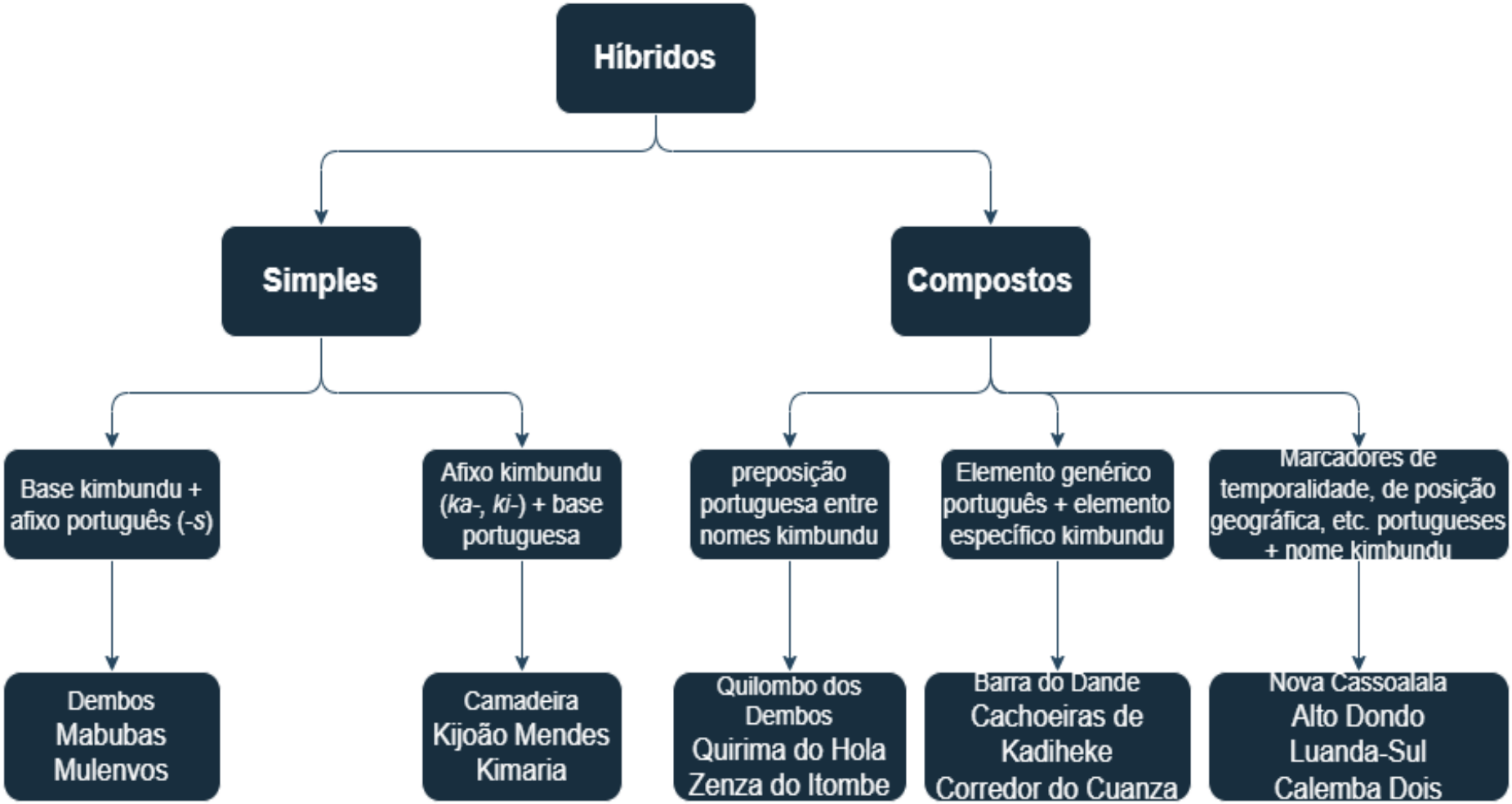
AntConc

Percentagem de topónimos no *corpus*

Distribuição dos topónimos por línguas



Resultados – híbridos



Resultados – consoantes pré-nasais

NCV - <mb>, <nd>, <ng>, <nj>, <mv> e <nz>

No início das palavras

(i) perda da nasalidade da consoante

(ii)inserção de vogal protética

(iii) inserção de vogal epentética após o segmento nasal

(iv)aglutinação da pré-nasal à preposição precedente

(v)flutuação entre inserção de vogal epentética e manutenção da nasal

(vi)manutenção da consoante pré-nasal

Resultados – consoantes pré-nasais

(i) Perda da nasalidade

Étimo	Apagamento	Topónimo
Mbanga	/N/>/Ø/Banga	Banga
Mbengu	/N/>/Ø/Bengu	Bengo
Ndala Samba	/N/>/Ø/Dala Samba	Dala Samba
Ndondo	/N/>/Ø/Dondo	Dondo
Ngulungu	/N/>/Ø/Gulungu	Golungo Alto
Nzenza	/N/>/Ø/Zenza	Zenza

(ii) Inserção de vogal protética

Étimo	Vogal protética	Topónimo
mbaka	/a/	Ambaca
Ngola	/a/	Angola

(iii) inserção de vogal epentética

Étimo	Vogal epentética	Topónimo
Mbungu	M/u/bungo	Mubungo
Ngola	N/e/gola	Negola
Ngaji	N/e/gaje	Negage

Resultados – consoantes pré-nasais

(iv) aglutinação da pré-nasal à preposição precedente em compostos

Étimo		Topónimo
Kateku ka Ngola	Kateku Ka-Ngola	Cateco Cangola
Pungu a Ndongo	Pungu A-Ndongo	Pungo Andongo

(v) flutuação entre inserção de vogal epentética e manutenção da nasal

Étimo		Topónimo
Ndala ya Tandu	N'dalatando	Ndalatanto

(vi) Manutenção da consoante pré-nasal

Étimo	Topónimo
Matadi a Njinga	Matadi a Njinga
Mbangu a Nzenza	Mbango a Nzenza
Mbanza ya Kalumbu	Mbanza Calumbo
Ngongembu	Ngonguembo

Resultados – consoantes pré-nasais

No interior da palavra

(i) Transferência da nasalidade para a vogal precedente

Kimbundu			Português		
Exemplos	Sílabas	Estrutura	**Exemplos**	Sílabas	Estrutura
Mumbondo	Mu-mbo-ndo /mu^{m}bo^{n}do/	CV+NCV+NCV	**Mumbondo**	Mum-bon-do /mũbõdu/	CVN+CVN+CV
Kinzenza	Ki-nze-nza /ki^{n}ze^{n}za/	CV+NCV+NCV	**Quinzenza**	Quin-zen-za /kĩzẽza/	CVN+CVN+CV

Resultados – consoantes pré-nasais

(ii) Apagamento do segmento nasal

Kimbundu			Português		
Exemplos	Sílabas	Estrutura	**Exemplos**	Sílabas	Estrutura
Kambombo	Ka-mbo-mbo /ka^{m}bo^{m}bo/	CV+NCV+NCV	**Cabombo**	Ca-bom-bo /kabõbu/	CVØ+CVN+CV
Kanzenga	Ka-nze-nga /ka^{n}ze^{n}ga/	CV+NCV+NCV	**Cazenga**	Ca-zen-ga /kazẽgɐ/	CVØ+CVN+CV
Kanzengu	Ka-nze-ngu /ka^{n}ze^{n}gu/	CV+NCV+NCV	**Cazengo**	Ca-zen-go /kazẽgu/	CVØ+CVN+CV

Representação gráfica

"1. Os topónimos são escritos em língua portuguesa, seguindo a grafia de latina.

2. Os topónimos, nas demais línguas de Angola, são escritos em conformidade com as regras de grafia da língua correspondente, devendo ser certificados pelo Instituto de Línguas Nacionais.

Os topónimos de línguas estrangeiras são escritos em conformidade com as regras da grafia da língua correspondente e são, tanto quanto possível, substituídos por formas correntes em português, ou quando entrem ou possam entrar, no uso corrente da língua portuguesa".

(artº 7º e 8º da Lei 14/16, de 12 de setembro - Lei de bases da toponímia)

Representação gráfica

"Quer em termos de topónimos quer de antropónimos, o aportuguesamento […] é um procedimento linguístico, em muitos casos, não somente ofuscador, como também demolidor da natureza identitária da onomástica, principalmente, da antroponímia e da toponímia" (Cambuta, 2018, pp. 57-58).

"… os nomes em Umbundu, quer gentílicos, quer topónimos, são dados segundo as circunstâncias envolventes, dando um significado ao respectivo nome, logo, ao aportuguesá-los, o seu valor inicial perde-se, perdendo a sua semântica, muitas vezes, tanto na língua de origem, como na língua de chegada, neste caso, o Português" (Costa, 2015, p. 81).

Representação gráfica

"Os regionalismos devem grafar-se, à portuguesa, e não na escrita sónica, como sucede nos textos em quimbundo, umbundo, ou, genericamente, nas restantes línguas angolanas e até africanas. Se os regionalismos, uma vez integrados no linguajar português, passaram a fazer parte do património linguístico português, por que escrevê-los sonicamente, e não de acordo com as leis gramaticais da língua portuguesa?" (Ribas, 2014 [1994], p. 11)

[…]

Segundo o nosso critério, quais são os nomes próprios que devem ser grafados em vernáculo? São os antropónimos – nomes de pessoas – *Hebu, Tuturi, Mbambo*; os teónimos – nomes da divindade – *Nzâmbi, Kalunga, Suku*; os hierónimos – nomes de entidades sagradas – *Muene-Kongo, Nvunji, Hitu*; e os mitónimos – nomes de entidades mitológicas – *Kimalanjila, Kimalauezu* (Ribas, 2014 [1994], p. 11).

Representação gráfica

"No concernente a certos topónimos nomes de localidades, acidentes geográficos, ruas, etc. diversamente se procede, adaptando-os à vestimenta portuguesa, à semelhança do fenómeno também universal." (Ribas, 2014 [1994], p. 12)

"Se, por excessivo nacionalismo, tivéssemos a veleidade de repor as palavras vernáculas, tal como antes da colonização, prejudicaríamos o trabalho linguístico obtido, pois não nos devemos esquecer de que a língua, qualquer que seja, é dinâmica, constantemente recebendo a influência de factores diversos, quer humanos, quer geográficos" (Ribas, 2014 [1994], p. 12).

Considerações finais

Mudanças morfossintáticas a assinalar:

Atribuição de género (masculino/feminino)

- Masculinos geralmente terminados em *o, e, l*
  - *Zango, Cacuaco, Calumbo, Cacuso*
  - *Catete, Sequele, Cassequel*
  - Mas *Baia, Bita, Cazenga*
- Feminino geralmente terminados em *a*
  - *Mutamba, Maianga, Samba*
  - Mas *Cangambo*
- Género flutuante
  - *Camama*
- Oposição de género: *Calemba* (f) vs. *Calemba Dois* (m)

Atribuição de número (singular/plural)

- *A Quissama, os Mulenvos*

Referências

Azeredo, J. C. (2012). Gramática Houaiss Da Língua Portuguesa (3ª edição). Publifolha.

Cambuta, J. (2018). A neologia do Português em Angola. A inovação lexical do português na Zona linguística Umbundu. [tese de doutoramento]. https://run.unl.pt/handle/10362/59010

Coetsem, F. van. (1988). Loan phonology and the two transfer types in language contact. Foris Publications.

Costa, T. M. C. J. da. (2015). Umbundismos no Português de Angola. Proposta de um Dicionário de Umbundismos [tese de doutoramento]. https://run.unl.pt/handle/10362/15330

Encyclopaedia Britannica. (2017). Toponymy. Encyclopaedia Britannica. https://www.britannica.com/science/toponymy

Haspelmath, M. (2009). Lexical borrowing: Concepts and issues. Em M. Haspelmath & U. Tadmor (Eds.), Loanwords in the World's Languages: A Comparative Handbook. Walter de Gruyter. https://doi.org/10.1515/9783110218442

Ribas, Ó. (2014 [1994]). Dicionário de regionalismos angolanos. Ministério da Cultura.

Winford, D. (2019). Theories of language contact. Em A. Grant (Ed.), The Oxford handbook of language contact. Oxford University Press.

ANAIS DOS SEMINÁRIOS INTERNACIONAIS DA REVISTA NJINGA & SEPE / 1º SEMINÁRIO INTERNACIONAL DA TOPONIMIA E ANTROPONIMIA - 15 & 16 DE AGOSTO DE 2024.

REVISTA NJINGA & SEPÉ

Um olhar sobre a paisagem linguística e a Toponímia da Cidade de Maputo

Sarita Monjane Henriksen*
Universidade Justus Liebig de Giessen - Alemanha
ORCID iD https://orcid.org/0000-0002-9716-5375

RESUMO
Este estudo constitui uma breve análise da paisagem linguística da Cidade de Maputo, olhando com particular atenção para as mudanças na sua toponímia, verificadas como resultado das transformações políticas, sociais e ideológicas ocorridas na sociedade moçambicana ao longo dos anos. O ponto de partida é a paisagem linguística e a toponímia da Cidade de Maputo, com os seus traços inicialmente homogeneizantes, de orientação visivelmente assimilacionista e obviamente coloniais, que se estenderam muito para além do período pós-independência. Os últimos anos, por seu turno, apresentam transformações significativas. A toponímia e a paisagem linguística da Cidade de Maputo são hoje coloridas, multilingues e apresentam traços de diversidade linguística, com sinais que podem ser interpretados como manifestando um interesse em preservar e resgatar as culturas, tradições e símbolos nacionais, enquanto se reconhece também a presença de línguas de imigrantes. Os nomes dos bairros, distritos urbanos, avenidas e vias públicas na Cidade de Maputo constituem evidência desta transformação. Uma análise toponomástica da cidade revela claramente traços da história pré-colonial, colonial e pós-colonial, culminando cum um revisitar da questão da língua e identidades, num contexto de línguas em contacto, multilinguismo e diversidade.

PALAVRAS-CHAVE
Toponímia; Paisagem; Multilinguismo; Cidade de Maputo

* Possui um Pós-doutoramento na área de Direitos Humanos, Direitos Sociais e Direitos Difusos, com enfoque sobre Direitos Humanos Linguísticos, pela Universidade de Salamanca, Espanha (2023). É doutorada em Política e Planificação Linguística, com ênfase em Contextos Multilingues, pela Universidade de Roskilde, Dinamarca (2010). Possui um Mestrado em Linguística Educacional, pela Universidade de Surrey, St. Mary's University College, Reino Unido (1996), e é licenciada em Ensino de Inglês como Língua Estrangeira pela Universidade Pedagógica (1995). Possui uma especialização para Formadores de Professores de Língua Inglesa, pela Universidade de Delaware, Estados Unidos da América (1996). É Professora Associada em Educação Linguística, lecionando as disciplinas de Língua Inglesa e Sociolinguística, Políticas Educativas, Língua e Diversidade Cultural, Estudos de Tradução e Introdução à Interpretação Consecutiva. É actualmente Directora do Gabinete de Cooperação, na Universidade Pedagógica de Maputo. É Professora Convidada na Universidade Justus Liebig de Giessen, Alemanha (2022-2024), na área de Línguas e Migrações e Professora Convidada no ISCTE-IUL, Portugal (2021-2023). Foi Professora Convidada na Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Brasil, e Universidade do Sul da Dinamarca (2008). Foi Directora da Faculdade de Ciências da Linguagem, Comunicação e Artes (FCLCA, UP-Maputo, 2012-2017).

Para citar este Resumo (ABNT): HENRIKSEN, Sarita Monjane. Um olhar sobre a opaisagem linguística e a Toponímia da Cidade de Maputo. **Anais da 1º Seminário Internacional da Toponímia e Antroponímia (15 & 16 de ago. 2024) / Revista Njinga & Sepé**. São Francisco do Conde (BA), Vol.4, Nº Especial I, p. 392, 2024 (ISSN: 2764-1244). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=qObOqNfY934

Para citar este Resumo (APA): Henriksen, Sarita Monjane. (ago. 2024). Um olhar sobre a opaisagem linguística e a Toponímia da Cidade de Maputo. **Anais do 1º Seminário Internacional da Toponímia e Antroponímia (15 & 16 de ago. 2024) / Revista Njinga & Sepé**. São Francisco do Conde (BA), 4 (Especial I): 392. (ISSN: 2764-1244). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=qObOqNfY934

REVISTA NJINGA & SEPÉ

Usos de la toponimia y la cartografía en el estudio de las transformaciones ambientales

Marina Miraglia
Universidad Nacional de Buenos Aires-Argentina
Universidad Nacional de Quilmes-Argentina
ORCID iD https://orcid.org/0000-0002-8494-6850

RESUMO

La toponimia y la cartografía histórica constituyen excelentes herramientas metodológicas para la reconstrucción de las principales relaciones socio ambientales, político y culturales producidas a lo largo de la historia de construcción del territorio. Son herramientas eficientes en el manejo de información geoespacial histórica para ser aplicados en el diagnóstico, el ordenamiento, la planificación y la gestión territorial. La TOPONIMIA brinda una herramienta metodológica documental que habilita el proceso de reconstrucción del territorio en estudio y los usos del suelo característicos, así como su dinámica ambiental, socioeconómica y política. Los documentos cartográficos son una de las principales fuentes de datos para las investigaciones geográficas, pudiéndose decir que la producción del material cartográfico acompaña a la historia de la humanidad, donde los primeros pueblos realizaban inscripciones en distintos materiales como forma de representación de sus espacios. La toponimia se hace presente en todas partes de la superficie terrestre y la actividad de nombrar lugares, eventos y objetos es intrínseco de la historia humana.

PALAVRAS-CHAVE

Toponimia; Cartografía; Gestión territorial

*Doutora em Filosofia e Letras com ênfase em Geografia (UBA). Professora de graduação e pós-graduação em História Ambiental na Universidade Nacional de Buenos Aires e na Universidade Nacional de Quilmes e de Graduação e Pós-graduação em Sistemas de Informação Geográfica na Universidade Nacional de General Sarmiento; É Investigadora em temas ligados às aplicações territoriais dos Sistemas de Informação Geográfica à escala histórica. Participou de eventos acadêmicos e científicos na Argentina, Uruguai, Chile, Brasil, EUA, México, Colômbia e Espanha sobre temas relacionados aos TIGs, cartografia histórica e história ambiental e a inter-relação entre estes. Diretora do Curso Técnico Superior em Sistemas de Informação Geográfica nas modalidades presencial e a distância; Coordenadora do Laboratório de Sistemas de Informação Geográfica e da Área de Tecnologias de Informação Geográfica e Análise Espacial. Atualmente Diretora da Especialização em Cartografia Temática aplicada à Análise Espacial da Universidade Nacional De General Sarmiento

Para citar este Resumo (ABNT): MIRAGLIA, Marina. Usos de la toponimia y la cartografía en el estudio de las transformaciones ambientales. **Anais do 1º Seminário Internacional da Toponímia e Antroponímia (15 & 16 de ago. 2024) / Revista Njinga & Sepé**. São Francisco do Conde (BA), Vol.4, Nº Especial I, p. 394, 2024 (ISSN: 2764-1244). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=qObOqNfY934

Para citar este Resumo (APA): Miraglia, Marina. (ago. 2024). Usos de la toponimia y la cartografía en el estudio de las transformaciones ambientales. **Anais do 1º Seminário Internacional da Toponímia e Antroponímia (15 & 16 de ago. 2024) / Revista Njinga & Sepé**. São Francisco do Conde (BA), 4 (Especial I): 394. (ISSN: 2764-1244). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=qObOqNfY934

REVISTA NJINGA & SEPÉ

Migração, identidades e a permanência da toponímia paralela (informal) na Cidade de Maputo: o caso dos topónimos Bairro Xinyembanini e Bairro Magude, de 1975 à actualidade

Anibal João Tiane *
Instituto de Nomes Geográficos de Moçambique -Moçambique
ORCID iD https://orcid.org/0009-0005-0821-5094

RESUMO

Com a presente comunicação pretende-se discutir a permanência de nomes geográficos não oficiais (toponímia paralela/informal), que até à actualidade coexistem com os nomes geográficos oficiais na Cidade de Maputo. Trata-se de uma reflexão conduzida com recurso à pesquisa bibliográfica e documental, movida pelo questionamento que se coloca em torno das razões por detrás da permanência da toponímia paralela na Cidade de Maputo e pelo país todo, havendo nomes geográficos oficiais que designam os mesmos lugares. Debruça-se sobre a origem e significado histórico e social dos topónimos Bairro *Xinyembanini* e Bairro Magude, que coexistem respectivamente com os topónimos Bairro Luís Cabral e Bairro da Urbanização, na Cidade de Maputo. Argumenta que a permanência dos primeiros deve-se ao facto de, a toponímia paralela ou informal surgir muitas vezes de forma espontânea, reflectindo as vivências, experiências, memórias e identidades das comunidades que os usam, o que facilita a sua interiorização, aceitação e perpetuação. Aponta um catalisador social do fenómeno, que é a fobia que os *Rhonga* e os grupos mais privilegiados da população não colona residente nos bairros circunvizinhos tinham contra pessoas de grupos etnolinguísticos oriundos de outras regiões de Moçambique, que eram vistos como seus concorrentes no acesso aos recursos de sobrevivência na cidade. Conclui que o surgimento e manutenção dos topónimos em estudo são sustentados pela relação: migração e identidades, em que estes funcionaram como elementos de afirmação e exclusão de grupos na disputa pela construção de territorialidades.

PALAVRAS-CHAVE
Toponímia Paralela; Migração; Identidades; Territorialidades.

REVISTA NJINGA & SEPÉ

* Licenciado em História, pela Universidade Eduardo Mondlane, Pesquisador e Director dos Serviços Centrais de Padronização, no Instituto de Nomes Geográficos de Moçambique

Para citar este Resumo (ABNT): TIANE, Anibal João. Migração, identidades e a permanência da toponímia paralela (informal) na Cidade de Maputo: o caso dos topónimos Bairro Xinyembanini e Bairro Magude, de 1975 à actualidade. **Anais do 1º Seminário Internacional da Toponímia e Antroponímia (15 & 16 de ago. 2024) / Revista Njinga & Sepé**. São Francisco do Conde (BA), Vol.4, Nº Especial I, p. 396, 2024 (ISSN: 2764-1244). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=164RNVquM34

Para citar este Resumo (APA): TIANE, Anibal João (ago. 2024). Migração, identidades e a permanência da toponímia paralela (informal) na Cidade de Maputo: o caso dos topónimos Bairro Xinyembanini e Bairro Magude, de 1975 à actualidade. **Anais do 1º Seminário Internacional da Toponímia e Antroponímia (15 & 16 de ago. 2024) / Revista Njinga & Sepé**. São Francisco do Conde (BA), 4 (Especial I): 396. (ISSN: 2764-1244). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=164RNVquM34

REPÚBLICA DE MOÇAMBIQUE

MINISTÉRIO DA ADMINISTRAÇÃO ESTATAL E FUNÇÃO PÚBLICA

INSTITUTO DE NOMES GEOGRÁFICOS DE MOÇAMBIQUE, IP

Migração, identidades e a permanência da toponímia paralela/informal na Cidade de Maputo: o caso dos topónimos “bairro” *Xinyembanini* e “bairro Magude”, de 1975 à actualidade

Maputo, 16 de Agosto de 2024

ESTRUTURA DA APRESENTAÇÃO

1. INTRODUÇÃO
2. OBJECTIVO E METODOLOGIA
3. ENQUADRAMENTO TEÓRICO
4. DISCUSSÃO DE DADOS
5. CONCLUSÕES

1. INTRODUÇÃO

Com a constituição do primeiro Estado Moçambicano independente, a partir do ano de 1975, um dos pilares de afirmação da soberania nacional foi a introdução massiva na toponímia nacional de **nomes geográficos que resgatavam e exaltavam a identidade, valores, memórias e heróis da nação moçambicana**.

A Cidade de Maputo, a capital do país foi um dos, senão o maior palco dessa empreitada e serviu de modelo para as restantes cidades e vilas moçambicanas.

Maior parte dos nomes que tinham **conotação colonial, pejorativa e ou tribalista/regionalista** foram alvos de substituição ou de não anuência para uso oficial.

1. INTRODUÇÃO – cont.

Cedo regista-se uma espécie de resistência social à adopção e uso dos novos nomes:

- Praça dos combatentes vs ***Xikheleni***; Praça dos trabalhadores vs ***Ka Nwa Tinyoka***; Bairro 25 de Junho vs **Choupal**; Bairro George Dimitrov vs **Benfica**;

- Bairro Luís Cabral vs ***Xinyembanini*;** Bairro da Urbanização vs **"bairro Magude"**

Embora toponímia não seja aberta e objectivamente discutida (Mahumane e Tembe: 2023, 185), a permanência da toponímia paralela é uma preocupação das autoridades administrativas e não só, e tem suscitado questionamentos sobre as razões que ditam a sua permanência.

2. OBJECTIVO E METODOLOGIA

O objectivo principal é discutir o fenómeno da permanência de topónimos não oficiais na Cidade de Maputo, particularmente os topónimos "bairro" *Xinyembanini* e "bairro Magude", buscando compreender e explicar as suas causas.

O trabalho é de natureza qualitativa conduzido com recurso à revisão de literatura e pesquisa documental e método histórico comparativo, que nos permitiu analisar as dinâmicas da toponímia ao longo do tempo e espaço.

De um conjunto de casos de ocorrência de toponímia paralela, analisamos dois, escolhidos por um lado em função das similaridades que apresentam e, por outro, devido às especificidades que os singularizam.

3. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

O estudo de nomes geográficos ou topónimos insere-se, segundo Sousa e Meneses (2011: 4) dentro da **Onomástic**a, ciência cujo objecto de análise são os nomes próprios;

- especificamente na vertente da **Toponímia**, que ocupa-se efectivamente do estudo dos nomes de sítios, povoações, nações, assim como dos rios, montes, vales, etc., isto é, estuda os nomes geográficos.

- Santos (2010:1) diz que os topónimos constituem um património cultural de grande valor para uma nação, porque, além de reflectir seus **padrões de ocupação** e sua **diversidade linguística**,

- podem possuir **diferentes significados para diferentes usuários** e estão inseridos na memória humana como pontos de referências diários e partes integrantes da história local ou nacional.

3. ENQUADRAMENTO TEÓRICO – cont.

Discutindo sobre a **toponímia paralela**, Clementi e Isquerdo (2023:8-9) afirmam que trata-se de topónimos que, embora à margem de documentos oficiais, permanecem vivos, denominando lugares, povoados, vilas, rios e outros objectos geográficos, que podem coexistir pacificamente com os topónimos oficiais ou substitui-los.

Segundo Ngunga (2009:2), **os nomes mudam** porque fazem parte de culturas de povos, quer por **opção** dos seus detentores como consequência de contacto com novas realidades, novas necessidades, novas culturas, quer por **imposição** externa de algum tipo, quer por razão interna.

Quando um grupo relativamente grande de pessoas oriundas do mesmo local partilhando **língua e cultura** se desloca para terras distantes, há sempre tendência de usar o nome do seu local de origem para se referir ao local de chegada, a sua nova terra, como forma de **marcação e apropriação do território**.

4. DISCUSSÃO DE DADOS.

A Cidade de Maputo, entre os séculos XIX e XX, foi caracterizada por uma estratificação social influenciada por factores como a raça, cultura e poder económico, que se repercutiu na ocupação do espaço.

Haviam na cidade zonas ou bairros residenciais da população colona (brancos), bairros dos comerciantes, assimilados, bairros dos indígenas (população negra) e **terras/espaços "marginais" inabitadas**. Ribeiro e Rossa (2016:124-127)

O trabalho desempenhou um papel fundamental na estruturação das relações quotidianas entre o colonialismo português e as populações colonizadas, ao ponto de remeter as comunidades africanas aos subúrbios e **espaços mais recônditos**, que eram os acessíveis às populações com baixa renda. Jerónimo e Domingos (2015), citados por Ribeiro e Rossa (2016:116)

Este fenómeno não era muito notório para os "tsongas da baía", sobretudo os Mpfumu, que por serem o povo nativo do território.

4. DISCUSSÃO DE DADOS – cont.

Mahumane (2007: 97) diz que o Bairro Luís Cabral surgiu no tempo colonial ±1960 e a sua designação desde o seu surgimento foi Chinhambanine (*Xinyembanini*, em L. Ronga) – traduzido: pequeno Inhambane/local onde residem os que provem de Inhambane "Manhembanes".

Os que não são "Manhembanes", que residem noutros bairros da cidade é que atribuiram-lhes a categoria de "Manhembanes" e o local onde residem o nome "Chinhambanine". Mahumane (2007:110).

Sobre a prevalência dos dois topónimos (oficial e paralelo), Mahumane (2007:106) destaca que há uma tendência da 3ª idade referir-se ao bairro com o nome de *Xinyembanini* e a ocorrência de permuta das designações para se referir ao bairro em alguns casos.

4. DISCUSSÃO DE DADOS – cont.

Segundo Naife (2002,12), o denominado Bairro Magude, é oficialmente parte integrante do Bairro da Urbanização, e é constituído por uma área que outrora era uma lixeira, encerrada em 1975.

Por volta de 1987/88, chegaram à zona da antiga lixeira as primeiras pessoas a fixarem residências ali, que eram na sua maioria oriundas do Distrito de Magude.

Referindo-se à origem do nome do bairro, Naife (2002,20-21) diz que, embora oficialmente seja parte do Bairro da Urbanização, desde o início do povoamento da zona, sempre foi chamado "bairro Magude" e o nome ainda persiste.

O autor aponta os **moradores do vizinho Bairro da Mafalala como os que começaram a usar o nome "bairro Magude"** ao se referir à nova zona habitacional surgida da antiga lixeira, nome este que que está relacionado com a proveniência da maioria dos seus primeiros residentes (o Distrito de Magude).

4. DISCUSSÃO DE DADOS – cont.

Dos dados recolhidos, foi demonstrada a ocorrência e uso no quotidiano dos residentes da cidade de Maputo dos topónimos estudados.

A sua permanência pode ser entendida na perspectiva de Clementi e Isquerdo (2023:9) segundo a qual **a perpetuação da toponímia paralela depende muito da memória colectiva dos habitantes da localidade** e da possibilidade de desaparecimento, com as mudanças de gerações e de interesses; e

Mahumane e Tembe (2023:190) que apontam razões relacionadas com **memória, hábito e ausência de acções** concretas para a ampla adopção dos novos topónimos.

No caso, as motivações que os deram origem resistiram ao tempo e interesses supervenientes, embora estejam gradualmente cedendo às mudanças de gerações.

Tanto um quanto o outro topónimo, não foram atribuídos pelos respectivos residentes daquelas zonas mas pelos seus vizinhos.

4. DISCUSSÃO DE DADOS – cont.

Assim, os topónimos "bairro" *Xinyembanini* e "bairro Magude" eram usados por aqueles de forma depreciativa, na medida em que carregam consigo a ideia do outro diferente e inferior.

Entretanto, para os residentes de *Xinyembanini* assim como do "bairro Magude" os nomes foram assumidos com uma outra visão, a de reconhecimento, afirmação e preservação de suas identidades de origem, através dos dois topónimos que se referem aos seus territórios de proveniência (Inhambane e Magude).

Disto, deduzir-se que, enquanto para os *rhonga* e outros grupos de residentes dos bairros vizinhos, a adopção destes nomes significava, repulsa, exclusão dos vindouros (estranhos à sua identidade), para os "acolhidos", os nomes significavam a afirmação das suas identidades, consubstanciada com a criação de novas territorialidades, com ligações toponímicas dos territórios de origem.

5. CONCUSÕES

O surgimento e manutenção dos topónimos estudados são sustentados pela relação entre a migração e identidades, em que estes funcionaram como elementos de afirmação e exclusão de grupos na disputa pela construção de territorialidades.

A fobia que os *Rhonga* e os grupos mais privilegiados residentes nos bairros circunvizinhos tinham contra pessoas de grupos etnolinguísticos oriundos de outras regiões de Moçambique, que eram vistos como seus concorrentes no acesso aos recursos de sobrevivência na cidade, foi por muito tempo um catalisador social da manutenção dos dois topónimos.

Hoje em dia, os dois topónimos mantêm-se "vivos" porque continuam na memória social, sobretudo em indivíduos de idade adulta, como marcas indeléveis de um tempo por eles vivido e que resiste às designações actuais, por causa do que os nomes representam na memória colectiva bem como por hábito.

MUITO OBRIGADO

Um lugar, uma identidade, uma cultura

Aníbal João Tiane

e-mail: anibaljo2009@gmail.com

REVISTA NJINGA & SEPÉ

A influência da toponímia na construção da identidade cultural do Moxico, Angola

Victorino Bernardo Chitumba *
Instituto Superior Politécnico Privado de Luena –Angola
ORCID iD https://orcid.org/0009-0006-5712-5607

RESUMO

Este estudo investiga a influência da toponímia na construção da identidade cultural no Moxico, Angola. A toponímia, ou estudo dos nomes de lugares, desempenha um papel fundamental na preservação da herança cultural e histórica de uma região. O objetivo desta pesquisa é explorar como os nomes de lugares no Moxico refletem a diversidade étnica e cultural da área, bem como seu impacto na coesão social e na transmissão de tradições locais. Utilizando uma abordagem interdisciplinar que combina análise linguística, antropológica e histórica, o estudo analisa uma ampla gama de topônimos moxicanos, desde nomes de rios e montanhas até aldeias e lugares históricos. Os métodos incluem coleta de dados de fontes históricas, entrevistas etnográficas com membros da comunidade local e análise detalhada dos significados semânticos dos nomes de lugares. Os principais resultados revelam que os topônimos do Moxico não são apenas identificadores geográficos, mas também veículos de memória cultural e identidade coletiva. Conclui-se que a preservação e o estudo contínuo da toponímia são essenciais para valorizar e proteger a diversidade cultural do Moxico, fortalecendo o sentimento de identidade entre os habitantes locais.

PALAVRAS-CHAVE

Toponímia, identidade cultural, Moxico, Angola, memória coletiva

REVISTA NJINGA & SEPÉ

*Formado em Pedagogia, o Professor Doutor Chitumba continuou seus estudos avançados em Ciências da Educação, obtendo um doutorado que o preparou para enfrentar os desafios educacionais contemporâneos. Atualmente, é Assistente da Vice-presidência para Área Acadêmica no Instituto Superior Politécnico Privado de Luena (ISPP-Luena), onde também coordena projectos de extensão universitária e lidera iniciativas de alfabetização para crianças, adolescentes e jovens. Seu trabalho no ISPP-Luena destaca-se pela ênfase na investigação científica, no desenvolvimento de habilidades investigativas dos estudantes e na organização de conferências científicas.

Para citar este Resumo (ABNT): CHITUMBA, Victorino Bernardo. A influência da toponímia na construção da identidade cultural do Moxico, Angola. **Anais do 1º Seminário Internacional da Toponímia e Antroponímia (15 & 16 de ago. 2024) / Revista Njinga & Sepé**. São Francisco do Conde (BA), Vol.4, Nº Especial I, p. 412, 2024 (ISSN: 2764-1244). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=164RNVquM34

Para citar este Resumo (APA): Chitumba, Victorino Bernardo. (ago. 2024). A influência da toponímia na construção da identidade cultural do Moxico, Angola. **Anais do 1º Seminário Internacional da Toponímia e Antroponímia (15 & 16 de ago. 2024) / Revista Njinga & Sepé**. São Francisco do Conde (BA), 4 (Especial I): 412. (ISSN: 2764-1244). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=164RNVquM34

REVISTA NJINGA & SEPÉ

Breves considerações sobre o estudo da onomástica em Angola: perspectivas e desafios da toponímia

Dinis Fernando da Costa
Universidade de Namibe-Angola
ORCID iD https://orcid.org/0000-0002-6738-6337
Hilton Fortuna Daniel
Universidade de Namibe-Angola
Universidade Nova de Lisboa-Portugal
ORCID iD https://orcid.org/0000-0002-7673-3011

RESUMO

Esta comunicação pretende apresentar, com base numa discussão teórica, epistemológica e empírica, uma abordagem sobre a ciência da onomástica, nomeadamente a partir da visão toponímica e antroponímica, tendo em conta os resultados das pesquisas levadas a cabo num *corpus* de 1975 a 2022, em diversas regiões do Angola. Em evidência está um projeto liderado pelos pesquisadores Dinis da Costa e Hilton Daniel, desde 2020, denominado "*Toponomastic Project*", que considera crucial um levantamento exaustivo e tratameto teórico, medolológico, sobre os nomes, quer sejam de matriz africana, quer os de matriz ocidental, trazidos com a colonização. Os nossos estudos têm-se centrado ainda nos domínios da antroponímia e toponímia, ou seja, nomes de entidades, espaços públicos, instituições, bairros, ruas, monumentos e sua relação com os determinados contextos dos povos que os utilizam, sempre tendo em vista fatores como cultura, língua, influências da globalização, motivações e o caráter de oficialidade. A presente comunicação assenta-se em dois estudos dos autores, sendo o primeiro "Motivações toponímicas: O ato de nomear bairros populares nas periferias em Angola", publicado em 2022, cujo objetivo é investigar a natureza e a motivação do ato de atribuir nomes não oficiais a bairros desenvolvidos em zonas periféricas no período pós-independência, de 1976 a 2016, e o segundo dos quais "Are we still an overseas province of Portugal? Commemorative toponyms and the colonial presence in the city centre of Kuito, Angola", publicado em 2023, cujo objetivo é levar a debate e compreender as razões pelas quais os topónimos da cidade do Kuito (aportuguesadamente Cuíto) prevalecem com referências a herança colonial que foram, alguns destes, banidos até em Portugal e algozes no contexto de colonização. Os estudos propostos apresentam sempre uma pesquisa quantitativa com suporte no método empírico, entrevistas, cujos resultados são sistematizados e merecem tratamento baseado na amostra representativa e estratificada. Os dados demonstram que o campo da onomástica prevalece, em Angola, num domínio de subdocumentação, carecendo de muito mais estudos nessa área para melhor relação entre a academia e a sociedade.

PALAVRAS-CHAVE
Onomástica; Angola; Toponímia; Topónimos comemorativos

REVISTA NJINGA & SEPÉ

* Professor Doutor em Língua Inglesa, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanidades da Universidade do Namibe. Sociolinguista Doutorado na University of the Western Cape, South Africa.

**Professor Mestre em Língua Portuguesa, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanidades da Universidade do Namibe. Sociolinguista mestre na Universidade Nova de Lisboa, Portugal.

Para citar este Resumo (ABNT): COSTA, Dinis Fernando da; DANIEL, Hilton Fortuna. Breves considerações sobre o estudo da onomástica em Angola: perspectivas e desafios da toponímia. **Anais do 1º Seminário Internacional da Toponímia e Antroponímia (15 & 16 de ago. 2024) / Revista Njinga & Sepé**. São Francisco do Conde (BA), Vol.4, Nº Especial I, p. 414, 2024 (ISSN: 2764-1244). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=164RNVquM34

Para citar este Resumo (APA): COSTA, Dinis Fernando da.; DANIEL, Hilton Fortuna Sobrenome (ago. 2024). Breves considerações sobre o estudo da onomástica em Angola: perspectivas e desafios da toponímia. **Anais do 1º Seminário Internacional da Toponímia e Antroponímia (15 & 16 de ago. 2024) / Revista Njinga & Sepé**. São Francisco do Conde (BA), 4 (Especial I): 414. (ISSN: 2764-1244). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=164RNVquM34

REVISTA NJINGA & SEPÉ

Corrupção lexicossemântica dos antropónimos ovimbundu: combatendo a não materialização dos direitos linguísticos/humanos

Víctor Sambonga Mariano *

Universidade Agostinho Neto-Angola

ORCID iD https://orcid.org/0009-0009-3005-3393

RESUMO

O presente texto, voltado à temática epigrafada, procurou trazer à tona o problema da adulteração a nível da estrutura graficofonética e da significação de 30 nomes oriundos de uma língua angolana de origem africana (o umbundu). Sendo que estão subjacentes implicações culturais, sociais, históricas, de crenças, esse estudo procurou perceber os actores e as instituições responsáveis pelo problema, bem como o caminho a trilhar para a reposição da normalidade. Além da pesquisa bibliográfica, meio que favorece a recolha e o registo de dados que servem de guia de determinada investigação, a parte metodológica contou com a recolha e a análise documental: verificação de listas nominais de estudantes e, consequentemente, processos individuais arquivados na Instituição de ensino, contendo cópias de bilhetes de identidade / assentos de nascimento. Recorreu-se também à consulta de livros de registos de uma conservatória para ampliar o *corpus*. Os resultados indicaram que a adulteração em questão, caracterizada ou pela supressão ou a adição ou ainda a permuta de morfemas/fonemas nos mesmos vocábulos, é gerada nas instituições estatais de registo civil, mais precisamente, pelos funcionários das mesmas que mostram crescente despreocupação com a quebra que se cria nesses nomes e, quando culpabilidades, transferem a responsabilidade da resolução às instituições estatais hierarquicamente superiores: Serviços Notariais Centrais e/ou Assembleia Nacional. Concluiu-se que (re)elaborar políticas linguísticas e de gestão das instituições, além de o próprio Estado fiscalizar a aplicação das mesmas, a começar pela valorização dos antropónimos, é uma tarefa nacional urgente.

PALAVRAS-CHAVE

Antropónimos; Umbundu; Quebra lexicossemântica; Direitos linguísticos

*Licenciado em Ciências da Educação, opção Ensino de Português, pelo Instituto Superior de Ciências de Educação – Luanda; Mestrando em Língua Portuguesa na Faculdade de Humanidades – Universidade Agostinho Neto.

Para citar este Resumo (ABNT): MARIANO, Víctor Sambonga. Corrupção lexicossemântica dos antropónimos ovimbundu: combatendo a não materialização dos direitos linguísticos/humanos. **Anais do 1º Seminário Internacional da Toponímia e Antroponímia (15 & 16 de ago. 2024) / Revista Njinga & Sepé**. São Francisco do Conde (BA), Vol.4, Nº Especial I, p. 428, 2024 (ISSN: 2764-1244). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=164RNVquM34

Para citar este Resumo (APA): Mariano, Víctor Sambonga. (ago. 2024). Corrupção lexicossemântica dos antropónimos ovimbundu: combatendo a não materialização dos direitos linguísticos/humanos. **Anais do 1º Seminário Internacional da Toponímia e Antroponímia (15 & 16 de ago. 2024) / Revista Njinga & Sepé**. São Francisco do Conde (BA), 4 (Especial I): 428. (ISSN: 2764-1244). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=164RNVquM34

• CORRUPÇÃO LEXICOSSEMÂNTICA DOS ANTROPÓNIMOS OVIMBUNDU: COMBATENDO A NÃO MATERIALIZAÇÃO DOS DIREITOS LINGUÍSTICOS/HUMANOS

Victor Mariano
(Universidade Agostinho Neto – Faculdade de Humanidades)

2024

O problema

REPÚBLICA DE ANGOLA
BILHETE DE IDENTIDADE
DE CIDADÃO NACIONAL
Nome Completo:
VÍCTOR
SAMBONGA MARIANO
Filiação:
ZEFERINO
MARIANO
e
TERESA
KANDONA
Bilhete de Identidade Nº:
ASSINATURA DO TITULAR
Victor S. Mariano

- **Motivação**

Identidade

&

(Ir)responsabilização

Foco a seguir...

Discorrer sobre os factores que estão na base do aportuguesamento dos antropónimos ovimbundu;

Indicar as adulterações lexicais, fonológicas e semânticas nos 30 antropónimos da língua umbundu, nomeá-las, bem como perceber as implicações do fenómeno;

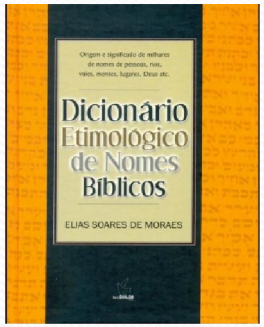
Refletir nas implicações do fenómeno: promover os umbundismos

Eco na literatura/oratura

- Matusalém » quando eu morrer virá o dilúvio.
  - Morreu no ano do dilúvio

- Kasinda*, que vem da terminologia *Wasinda* » termo umbundu que significa empurrou.
  - Peça teatral angolana "o feiticeiro e o inteligente": este último livrou-se da morte porque o nome (Kasinda si cukila konimã) atribuído a ele há anos imperou na situação

Eco na literatura/oratura



- "Os nomes surgem em decorrência das mais diversas circunstâncias. Entre as quais podemos citar as seguintes: a fauna, a flora, o reino animal, as circunstâncias de nascimento, as características físicas, o sentimento religioso pela divindade." (pág. 13)

- "Os antropónimos africanos estão quase sempre assciados a certas situações que as famílias ou mesmo a sociedade atravessam e que sejam de extrema improtância. Neste contexto, podemos encontrar as mais variadas situações, de tal forma que, conhecendo um pouco da cultura do povo, podemos através do antropónimo, chegar a interpretar toda uma situação que envoveu um certo indivíduo, naquela longíqua data da sua concepção e nascimento." (pág.43)

Factor: actualização...

Mais do que uma simples e despretensiosa convenção social, o nome funciona como o cartão de visita de uma pessoa, sua apresentação aos outros, sua própria aceitação dentro da sociedade.

Factor: falta de (in)formação linguística...?

P - [p]				M - [m]²	Mb - [mb]
	F - [f]	V - [v]			
T - [t]	S - [s]				
			L - [l]	N - [n]	P - [nd]
			C/tch - [ʧ]	NY - [ɲ]	J/NDJ - [nʤ]
K - [k]				Ñ - [ŋ]	NG - [ng]
	Expiração [h]				

Fenómenos de corrupção

- **a) Desnasalação das consoantes pré-nasais**

  Mbambi » Bambi; Ndumbu » Dumbo; Ndala » Dala

  Ngonga » Gonga

- **b)Duplicação da consoante "S"**

  Kasinda » Kassinda; Nasoma » Nassoma; Kasoma » Kassoma

- **c) Permuta da consoane K para C**

  Kusumwa » Cassumua; Nasoma » Nassoma; Kasoma » Kassoma

- **d) Permuta da consoante ñ pelo gru ng**

  Kapiñala » Capingala; Tchinyeñenya » Chinguenguenha;

Fenómenos de corrupção

- **e) Trocadas encontro ny por nh**

  Mwenyo » Muenho; Katanya » Catanha; Cinonyale » Tchinonhale

- **f)Permuta da terminação vocálica (*i* por *e; u por o*):**

  Tchisingi » Tchissingue; Katanya » Catanha; Kalunbu » Calumbo

  cimuku » Chimuco

- **g) Permuta das consoantes y e w pelas (semi)vogais**

Kanguya» Kanguia; Kaleyi » Calei; Simwila» Simuila

O *corpus:* origem

- Verificação de listas nominais de estudantes: a curiosidade…
- Cópias de BI/Registo de nascimento: a confirmação…
- Consulta de livros de registos de uma conservatória: mais casos…
- Averiguação de Cópias de BI's de pessoas próximas: o material…

Actores

- Progenitores/responsáveis pelo registo;
- Instituições estatais de registo civil: funcionários dos sectores;
- Serviços Notariais Centrais; "AN - Angola";

(I)Legalidade

Declaração dos Direitos Linguísticos

Artº 34º

- "Todos têm direito ao uso do seu antropônimo na sua própria língua e em todos os domínios de utilização, bem como a uma transcrição fonética para outro sistema gráfico, quando necessário, tão fiel quanto possível."

CRA

Artº 19º

- O Estado valoriza e promove o estudo, o ensino e a utilização das demais línguas de Angola, bem como das principais línguas de comunicação internacional.

Diversidade na unidade

Hino nacional de Angola

Refrão

"Angola, avante, revolução,
Pelo poder popular,
Pátria unida, liberdade,
Vários povos, uma só nação."

Nda pandula

REVISTA NJINGA & SEPÉ

A motivação toponímica tupi de Vigia de Nazaré-PA

Laís de Nazaré dos Santos
(Universidade Federal do Tocantins-Brasil)
ORCID iD https://orcid.org/0009-0003-8992-6685

Carmen Lúcia Reis Rodrigues
(Universidade Federal do Pará-Brasil)
ORCID iD https://orcid.org/0000-0002-8386-8272

RESUMO

O Município de Vigia de Nazaré está localizado no Nordeste Paraense, na microrregião do Salgado. Essa cidade foi fundada no dia 6 de janeiro de 1616, por colonizadores portugueses, onde foi erguido um posto de fiscalização, que motivou o nome Vigia, dado após este período. Antes disso, no local, havia uma aldeia indígena Tupinambá, denominada Uruytá. Apesar da mudança no nome da localidade, as influências da língua e cultura indígena permaneceram. Durante a pesquisa realizada em Vigia de Nazaré, identificou-se um corpus significativo de topônimos de origem tupí, considerando-se o total de topônimos elencados na fase de coleta da pesquisa. Assim, neste trabalho, propõe-se apresentar as motivações da toponímia tupí de Vigia de Nazaré-PA. Os dados foram coletados por meio de pesquisa documental e de campo e as análises se deram a partir dos pressupostos teóricos de Dick (1990a; 1990b), cujos resultados apontaram a predominância de taxes de natureza física (fitopônimo, litotopônimo, zootopônimo e hidrotopônimo).

PALAVRAS-CHAVE
Vigia de Nazaré; Topônimos; Tupí; Motivação

* Mestra em Linguagens e Saberes na Amazônia, área de letras, pela UFPA; Doutoranda Línguística e Literatura na Universidade Federal do Tocantins (UFNT); Participa do *Grupo de Estudos da Toponímia do Estado do Pará* (GETEP-UFPA) e também do grupo de pesquisa *Atlas Toponímico do Tocantins* (ATT-UFT); Atua como professora do ensino básico em Marabá-PA.

**Doutora em Linguística pela Universidade Paris VII (França), com formação em Linguística Indígena. Professora da Universidade Federal do Pará, atuando na linha de pesquisa “Língua, tradução e cultura na Amazônia”. É líder do grupo de pesquisa do CNPQ *Grupo de Estudos da Toponímia do Estado do Pará* (GETEP) e membro dos grupos de pesquisa *Observatório Onomástico* (O-onoma) e *Línguas Indígenas Brasileiras* (LINBRAS).

Para citar este Resumo (ABNT): SANTOS, Laís de Nazaré dos; RODRIGUES, Carmen Lúcia Reis Rodrigues. A motivação toponímica tupi de Vigia de Nazaré-PA. **Anais do 1º Seminário Internacional da Toponímia e Antroponímia (15 & 16 de ago. 2024) / Revista Njinga & Sepé**. São Francisco do Conde (BA), Vol.4, Nº Especial I, p. 446, 2024 (ISSN: 2764-1244). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=XNUoMHzqolo

Para citar este Resumo (APA): Santos, Laís de Nazaré dos; Rodrigues, Carmen Lúcia Reis Rodrigues. (ago. 2024). A motivação toponímica tupi de Vigia de Nazaré-PA. **Anais do 1º Seminário Internacional da Toponímia e Antroponímia (15 & 16 de ago. 2024) / Revista Njinga & Sepé**. São Francisco do Conde (BA), 4 (Especial I): 446. (ISSN: 2764-1244). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=XNUoMHzqolo

A motivação toponímica tupi de Vigia de Nazaré-PA

Msc. Laís de Nazaré dos Santos SANTOS
Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT)

Dra. Carmen Lúcia Reis RODRIGUES
Universidade Federal do Pará (UFPA)

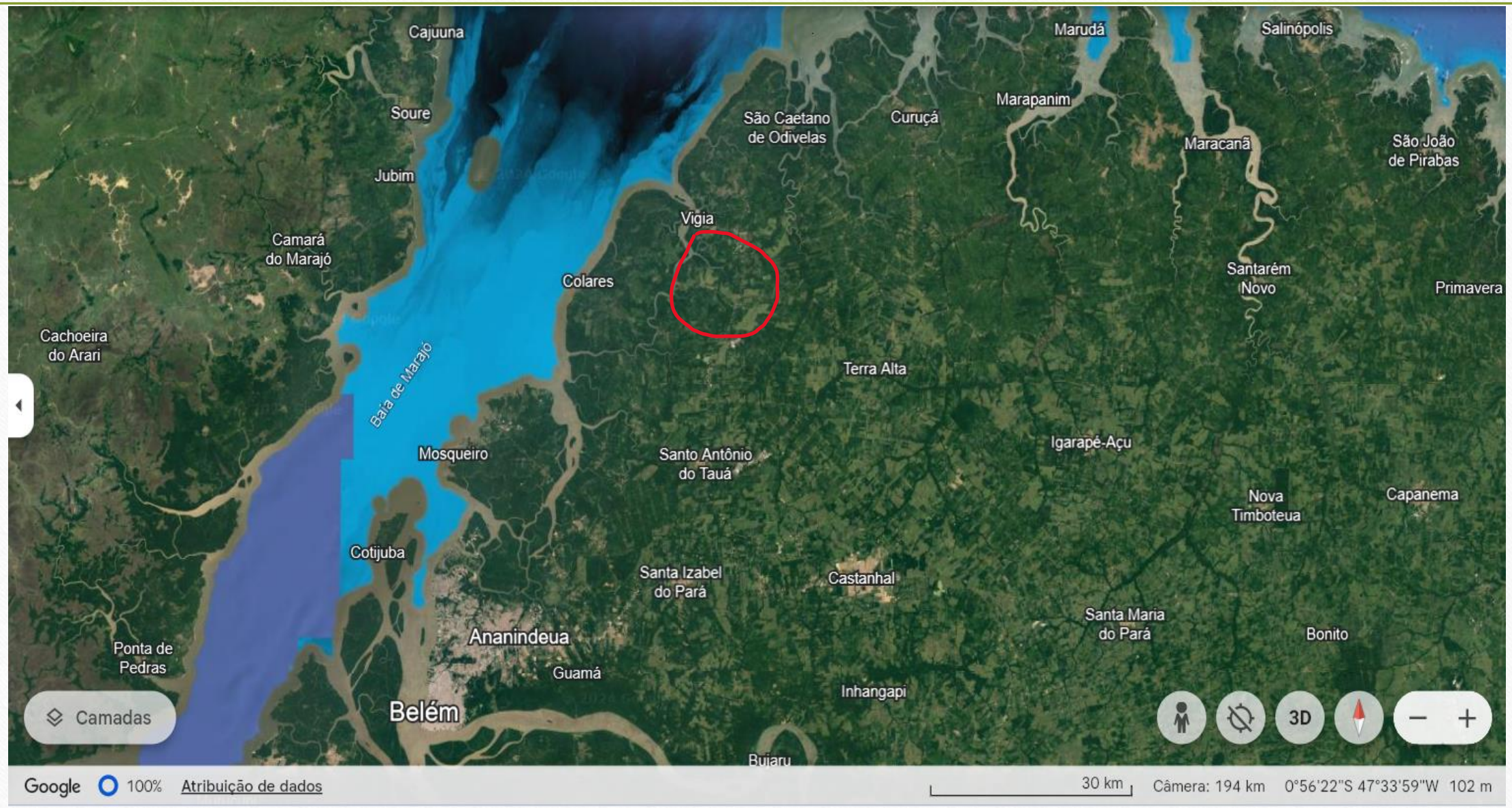
Contextualização

- Recorte de "Um estudo toponímico no município de Vigia de Nazaré-PA", apresentada por Santos (2019)
- Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia, da Universidade Federal do Pará (UFPA),
- Análise de 78 topônimos do local em questão.
- 37 desses designativos são de étimo tupi que nomeiam comunidades (29), rios (09) e apenas um igarapé.

VIGIA DE NAZARÉ-PA

- Mesorregião do Nordeste Paraense;
- Microrregião do Salgado;
- Fundada em 6 de janeiro de 1616, quando embarcações portuguesas ancoraram às margens do rio *Guajará-Mirim*.
- *Uruytá* (aldeia *Tupinambâ*);
- Em 1693, Vigia de Nazaré recebeu a denominação de Freguesia de Nossa Senhora de Nazaré e, em 1698, elevada à categoria de vila, passou a ser chamada de Vigia, por ser erguido na cidade um posto fiscal, cujo objetivo era não só proteger as embarcações que passavam por ali, com destino a Belém, como também fiscalizá-las, prevenindo o contrabando, e desse fato resultou o nome de Vigia (IBGE, 1957, p. 481).

AMAPÁ
Macapá
Belém
Santarém
Manaus
PARÁ
Brasil
Imperatriz
Palmas
TOCANTINS
Google
Dados do mapa ©2024 Google
Brasil
Termos
Privacidade


Cajuuna
Soure
Jubim
Camará
do Marajó
Cachoeira
do Arari
Baía de Marajó
Vigia
Colares
São Caetano
de Odivelas
Curuçá
Marudá
Marapanim
Salinópolis
Maracanã
São João
de Pirabas
Santarém
Novo
Primavera
Terra Alta
Igarapé-Açu
Mosqueiro
Santo Antônio
do Tauá
Nova
Timboteua
Capanema
Cotijuba
Santa Izabel
do Pará
Castanhal
Santa Maria
do Pará
Bonito
Ananindeua
Ponta de
Pedras
Guamá
Inhangapi
Belém
Bujaru
Camadas
3D
Google
100%
Atribuição de dados
30 km
Câmera: 194 km
0°56'22"S 47°33'59"W
102 m

OBJETIVO

- Apresentar as motivações da toponímia tupí de Vigia de Nazaré-PA.

REFERENCIAL TEÓRICO

- Dick (1990a, 1990b), Andrade (2010), Isquerdo (2016), Rodrigues (2015), entre outros.

METODOLOGIA

- Pesquisa documental e de campo.

-Pesquisas com pessoas idosas residentes no local.

-Secretaria de Assistência Social e Igreja Católica.

- Topônimos analisados: 37

RESULTADOS

- Os resultados apontaram a predominância de taxes de natureza física (fitopônimo, litotopônimo, zootopônimo e hidrotopônimo).

TAXES DE NATUREZA FÍSICA

	FITOTOPÔNIMO
1	Acaputeua (AH)
2	Rio Acaputeua (AF)
3	Açaí (AH)
4	Rio Açaí (AF)
5	Açaí Grande (AH)
6	Cumarú (AH)
7	Juçarateua do Pereira (AH)
8	Quaxinguba (AH)

	FITOTOPÔNIMO
9	Candeuba (AH)
10	Guajará (AH)
11	Jenipaúba (AH)
12	Mocajatuba (AH)
13	Rio Guajará-Mirim ~ rio Guajará-Miri (AF)
14	Rio Guarimã (AF)
15	Rio Ubintuba (AF)

LITOTOPÔNIMO	
1	Meratauá (AH)
2	Itapari (AH)
3	Rio Itapari (AF)
4	Igarapé Itapepoca (AF)
5	Itaporanga (AH)
6	Rio Itaporanga (AF)
7	Tujal (AH)
8	Tujuí (AH)
9	Rio Tujuú (AF)

ZOOTOPÔNIMO	
1	Baiacú (AH)
2	Maracajá (AH)
3	Rio Mojuim (AF)
4	Arapijó (AH)

HIDROTOPÔNIMO	
1	Rio Tauapará (AF)

TAXES DE NATUREZA ANTROPOCULTURAL

TAXE	TOPÔNIMO
	1. Santa Maria do Guarimã (AH)
HAGIOTOPÔNIMO	2. Santo Antônio do Ubintuba (AH)
	3. São Sebastião do Guarimã (AH)
	1. Curuçazinho (AH)
COROTOPÔNIMO	2. Macapá da Barreta (AH)
	3. Macapazinho (AH)

TAXE	TOPÔNIMO
ECOTOPÔNIMO	Piraibacuara (AH)
ETNOTOPÔNIMO	Meraponga (AH)
ERGOTOPÔNIMO	Itapuá (AH)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

- Conforme abordado, deparou-se com uma significativa ocorrência de nomes de acidentes humanos e físicos que advém do tupi. A abundância e manutenção desses nomes na toponímia brasileira e paraense são decorrentes de diversos fatores, mas principalmente socioambientais e políticos.
- A partir dessas evidências, torna-se clara a relação entre língua e cultura, uma vez que mudanças sociais impactam diretamente na forma de nomear lugares.
- Assim, destaca-se a importância da preservação da toponímia local, uma vez que, enquanto mudanças linguísticas são consideradas, de forma geral, como um mecanismo natural de atualização da língua, algo positivo e comum à diversidade de sistemas linguísticos existentes no mundo, para a toponímia, a mudança de um nome pode simbolizar, no entanto, enorme perda sociocultural, uma vez que os topônimos preservam a memória de um povo.

- Aliado a isso, é notável não apenas a presença marcante do tupi na toponímia vigiense, mas também a predominância de nomes que refletem, em geral, o ambiente físico do lugar nomeado, pois a maioria apresenta em sua constituição elementos de índole vegetal, mineral ou animal, totalizando 75%, ou seja, 28 topônimos, dos 37 analisados. Rodrigues (2015) chama atenção para abundância de nomes tupi relativos a espécies vegetais e animais integrados ao português e Dick (1990b, p. 167) ressalta a importância dos elementos constitutivos dos solos ou dos terrenos (areia, barro, lama, pedra, por exemplo) para a história de um povo, o que justifica "a existência de tantos litotopônimos no Brasil". Contudo, sabendo-se que os designativos de lugares muitas vezes são escolhidos a partir de características próprias do local nomeado, sobretudo os de origem indígena, não é surpreendente que a maioria dos topônimos de procedência tupi possua elementos motivacionais de natureza física, como verifica-se na toponímia de Vigia de Nazaré.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, K. S. Atlas toponímico de origem indígena do estado do Tocantins: Atito. Goiânia: Editora da PUC, 2010.
- BARBOSA, A. L. Pequeno vocabulário tupi-português. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1951.
- BARROS, M. C. D. M. Notas sobre a política jesuítica da língua geral na Amazônia (séculos XVII-XVIII). In: FREIRE, J. R. B., ROSA, M. C. (Orgs.). Línguas Gerais: Política Linguística e Catequese na América do Sul no Período Colonial. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2003, p. 85-112.
- BIDERMAN, M. T. C. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, A. M. P. P. de; ISQUERDO, A. N. As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2001, p. 13-22. BRASIL. Lei nº 5.901, de 21 de outubro de 1943. Dispõe sobre as normas nacionais para a revisão quinquenal da divisão administrativa e judiciária do país. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 1943.
- CALDAS, R. B. C.; FERNANDES, J. G. dos S. As pedras do meu lugar: uma incursão nos nomes de lugares com itá na Amazônia Oriental. Lingüística [versão online]. v. 31, n. 1, p. 25-37, 2015. Disponível em: http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S2079- 312X2015000100003&lng=pt. Acesso em: 12 jun. 2021.
- CUNHA, A. G. Dicionário etimológico da língua portuguesa. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010. CUNHA, A. G. Dicionário etimológico da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

- CUNHA, A. G. Dicionário etimológico da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.
- CUNHA, A. G. Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi. São Paulo: Companhia Melhoramentos; Brasília: Universidade de Brasília, 1998.
- DICK, M. V. P. A. Motivação toponímica e a realidade brasileira. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990a.
- DICK, M. V. P. A. Toponímia e Antroponímia no Brasil: coletânea de estudos. 2. ed. São Paulo: Serviço de Artes Gráficas/FFLCH/USP, 1990b.
- DIETRICH, W. O tronco tupi e as suas famílias de línguas. Classificação e esboço tipológico. In: NOLL, V., DIETRICH, W. O Português e o tupi no Brasil. São Paulo: Contexto, 2015, p. 9-25.
- DIETRICH, W.; NOLL, V. O papel tupi na formação do português brasileiro. In: NOLL, V.; DIETRICH, W. O Português e o tupi no Brasil. São Paulo: Editora Contexto, 2015, p. 81-103.
- EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA (EMBRAPA). Jussara, 2008. Disponível em: https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/86611/1/Folder-Polpa-Jucara 2008.pdf. Acesso em: 02 fev. 2018.

- ISQUERDO, A. N. Herança lusa na toponímia de municípios da região Norte do Brasil: perspectivas linguística e sócio-histórica. In: COLUCCIA, R.; BRINCAT, J. M.; MÖHREN, F. (éd.). Actes du XXVIIe Congrès international de linguistique et de philologie romanes (Nancy, 15-20 juillet 2013). Section 5: Lexicologie, phraséologie, lexicographie. Nancy/France: ATILF/SLR, 2016, p. 315-328. Disponível em: http://www.atilf.fr/cilpr2013/actes/section-5.html. Acesso em: 19 fev. 2018.
- LEITE, Y. Línguas indígenas brasileiras e a esperança de um futuro. Anais do IV Congresso de Letras da UERJ. São Gonçalo: Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: http://www.etnolinguistica.org/biblio:leite-2007-futuro. Acesso em: 17 nov. 2016.
- NAVARRO, E. de A. Método Moderno de tupi antigo: a língua do Brasil dos primeiros séculos. São Paulo: Global, 2005.
- NAVARRO, E. de A. Dicionário de tupi antigo: a língua indígena clássica do Brasil. São Paulo: Global, 2013.
- NAVARRO, E. de A. A toponímia indígena artificial no Brasil: uma classificação dos nomes de origem tupi criados nos séculos XIX e XX. Revista Letras Raras. Campina Grande, v. 9, n. 2, p. 252- 267, jun. 2020.
- NOLL, V. O Brasil Colônia entre a língua geral e o português. In: NOLL, V, DIETRICH, W. O Português e o tupi no Brasil. São Paulo: Editora Contexto, 2015, p.105-117.

- RODRIGUES, A. D. Tupi, tupinambá, línguas gerais e português do Brasil. In: NOLL, V., DIETRICH, W. O Português e o tupi no Brasil. São Paulo: Editora Contexto, 2015, 27-47.
- ROSA, M. C. A. P. A língua mais geral do Brasil nos séculos XVI e XVII. In: FREIRE, J. R. B., ROSA, M. C. (Org.). Línguas Gerais: Política Linguística e Catequese na América do Sul no Período Colonial. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2003, p. 133-146.
- SAMPAIO, T. O tupi na geografia nacional. 5 ed. rev. e aum. São Paulo: Ed. Nacional, 1987. SANTOS, J. P. S. Vigiando a cidade: Um olhar contemporâneo sobre a sociedade e o espaço do Município de Vigia. Vigia de Nazaré-PA, 2009.
- SANTOS, L. de N. dos S. Um estudo toponímico no município de Vigia de NazaréPA. 2019, 110f. Dissertação (Mestrado em Linguagens e saberes na Amazônia) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Pará, Bragança, 2019.
- SEABRA, M. C. T. C. A formação e a fixação da língua portuguesa em Minas Gerais: a toponímia da Região do Carmo. 2004, 368f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) –Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2004.
- SYMPSON, P. L. Gramática da Língua Brasileira (Brasílica, Tupi ou Nheengatu). Organização e estudo introdutório: Roberto Braga. Manaus: Editora Valer/ Governo do Estado do Amazonas, 2001.
- TIBIRIÇÁ, L. C. Dicionário tupi português: com esboço de gramática de Tupi Antigo. São Paulo: Traço, 1984.
- TIBIRIÇÁ, L. C. Dicionário de topônimos brasileiros de origem tupi: significação dos nomes geográficos. São Paulo: Traço, 1985.

- MAPAS:
- https://earth.google.com/web/search/Vigia+de+Nazar%c3%a9+-+PA-412+-+Vigia,+PA/@-1.02668098,-48.31336604,60.87302858a,193450.66045521d,35y,0h,0t,0r/data=CiwiJgokCRjQ3x3XizJAERfQ3x3XizLAGbizaORI4kBAISEEbPv2T1DAQgIIAToDCgEw
- https://www.google.com/maps/place/Vigia,+PA,+68780-000/@-3.669342,-57.3895879,5.63z/data=!4m6!3m5!1s0x92a6811526e09e87:0xde5292d02de405c5!8m2!3d-0.8564336!4d-48.1398999!16s%2Fg%2F11bxfw8nql?entry=ttu

OBRIGADA!

REVISTA NJINGA & SEPÉ

O kikongo e a cultura do povo bakongo: a cultulinguística nos nomes próprios

Kialunda Sozinho Kialanda
Universidade Estadual Feira de Santana
ORCID iD https://orcid.org/0000-0002-7807-7708

RESUMO
Essa pesquisa almeja analisar o significado dos nomes no povo bakongo e a relação destes com suas tradições. Usando o método bibliográfico e analisando um corpus selecionado da cultura bakongo, pudemos perceber como os nomes carregam a identidade dos membros da comunidade. Da pesquisa se conclui que existem dois tipos de nomes: o oficial e o tradicional. Em kikongo o primeiro nome, dado por ocasião do nascimento, é escolhido de acordo com as circunstâncias ou com o momento em que se nasce. O nome tradicional é utilizado na evocação dos antepassados. Aliás, em alguns grupos sociais são os antepassados que atribuem nomes aos vivos; o contato entre os vivos e os mortos é feito por meio de adivinhadores, curandeiros ou profetas (pela mediunidade). Dentro da etnia, o indivíduo é reconhecido pelas autoridades sobrenaturais por meio do nome tradicional que, por vezes, é mantido em segredo entre os anciãos e membros mais influentes do grupo. O segundo nome muitas vezes homenageia alguém importante, como um benfeitor, padrinho, padre, pastor ou é o nome de um avô, avó ou parente do pai. Alguns desses nomes, que indicam a ordem dos iniciados numa classe de idade, continuam a existir (como Mbala, Kiala, Lukoki). Esses dados mostram que os nomes de montanhas se ligam aos significados atribuídos pelo povo. Em muitos momentos não existe uma tradução literal, pois os nomes carregam uma identidade cultural inexistente na cultura europeia de onde o português se originou. o nome da criança recém-nascida pode ser atribuído ao lugar aonde o pai se encontrava em tal ocasião, ou onde o nascimento ocorreu. Os nomes de regiões ou povos são tirados de nomes de feitiços célebres, das condições topográficas, etc. Isso significa que o meio ambiente é relevante para a atribuição do nome.

PALAVRAS-CHAVE
Povo Kikongo; Bakongo; Nome; Cultulinguística

REVISTA NJINGA & SEPÉ

*Mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual de Feira de Santana (2023), Licenciado em Letras- Língua Portuguesa pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro- Brasileira, Instituto de Humanidades e Letras, campus dos Malês (BA). Foi Professor Voluntário no curso de Extensão do Projeto "Diálogos entre línguas e culturas africanas e afro-brasileiras no Campus dos malês". Foi Professor Voluntário do Curso de "Língua Portuguesa para Estrangeiros PréPEC-G/UNILAB-Campus dos Malês". É Professor de línguas Bantu/Kongo, Língua Kikongo, Língua Lingala.

Para citar este Resumo (ABNT): KIALANDA, Kialunda Sozinho. O kikongo e a cultura do povo bakongo: a cultulinguística nos nomes próprios. **Anais do 1º Seminário Internacional da Toponímia e Antroponímia (15 & 16 de ago. 2024) / Revista Njinga & Sepé**. São Francisco do Conde (BA), Vol.4, Nº Especial I, p. 470, 2024 (ISSN: 2764-1244). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=XNUoMHzqolo

Para citar este Resumo (APA): Kialanda, Kialunda Sozinho. (ago. 2024). O kikongo e a cultura do povo bakongo: a cultulinguística nos nomes próprios. **Anais do 1º Seminário Internacional da Toponímia e Antroponímia (15 & 16 de ago. 2024) / Revista Njinga & Sepé**. São Francisco do Conde (BA), 4 (Especial I): 470. (ISSN: 2764-1244). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=XNUoMHzqolo

UNILAB
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

SEMINÁRIOS INTERNACIONAIS DA REVISTA NJINGA & SEPÉ: I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DA TOPONOMIA E ANTROPONOMIA

O KIKONGO E A CULTURA DO POVO BAKONGO: A CULTULINGUÍSTICA NOS NOMES PRÓPRIOS

Prof. Msc. Kialunda Sozinho Kialanda

(Universidade Estadual Feira de Santana - Brasil)

INTRODUÇÃO

Essa pesquisa almeja analisar o significado dos nomes no povo Bakongo e a relação destes com suas tradições.

O povo bakongo habita numa larga faixa ao longo da costa atlântica de África, desde o sul do Gabão até às províncias do Zaire e do Uíge, passando pela República Democrática do Congo, pela enclave de Cabinda.

METODOLOGIA

Usando o método bibliográfico analisou-se e discutiu-se a relevância dos nomes para a identidade do membro da comunidade.

O nome carrega uma identidade e por essa razão não é atribuído aleatoriamente. Em kikonngo por exemplo, os nomes são caracterizados pela particularidade de formarem o plural no seu começo, sendo invariável a terminação dos mesmos. A essa parte inicial dos nomes, ou melhor, à parte designativa de singular ou plural, costumam os gramáticos chamar de prefixos (TAVARES, 1915, p.8) Por isso, os nomes de classe 1 se comportarão da seguinte forma: muntu (pessoa) e antu (pessoas); muana (menino, menina, filho, filha) e ana (meninos, meninas, filhos, filhas); mpangi (irmão mais velho, irmão mais velha) e ampangi (irmãos mais velhos ou irmãs mais velhas).

CONCLUSÃO

Da pesquisa se conclui que existem dois tipos de nomes: oficial e tradicional. O 1° nome, em kikongo, dado por ocasião do nascimento é escolhido de acordo com as circunstâncias ligadas ao nascimento ou ao momento em que nasce. De forma geral, o nome é o começo de um provérbio que faz referência a este acontecimento (exemplos: Manuel, Paulo).

O segundo nome muitas vezes homenageia alguém importante, um benfeitor, padrinho, padre, pastor ou é o nome de um avô, avó ou parente do pai. Alguns destes nomes, que indicam a ordem dos iniciados numa classe de idade, continuam a existir (como Mbala, Kiala, Lukoki).

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos a UNILAB e a Revista Njinga & Sepé.

Ntondele (Kikongo) Obrigado (Português)

REFERÊNCIAS

ABDULA, R. A. M.; TIMBANE, A. A.; QUEBI, D. O. As políticas linguísticas nos PALOP e o desenvolvimento endógeno. RILP. Lisboa, IV Série, n.31, p.21-44, 2017.

ANGOLA. Manual de alfabetização em língua kikongo. Luanda: Ministério da Educação, 2008. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0024/002426/242662POR.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2018.

BERNARDO, E.P.J. Norma e variação linguística: implicações no ensino da língua portuguesa em Angola. RILP. Lisboa, IV série, n.32, p.37-52, 2017.

COBE, F.N. Novo dicionário português-kikongo. Luanda: Mayamba, 2010.

CUCHE, D. A noção de cultura nas ciências sociais. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 1999.

CZOPEK, N. Lá porqué você fala uma língua nacional, não é mais angolano do que eu: algumas observações sobre a realidade linguística de Angola. Romanica Cracoviensia. Universidade Jagellónica de Cracóvia. v.11, p.83-89, 2012.

DODÃO, B. M. V. Análise descritiva dos antropónimos da língua kikongo. 81p. Dissertação. Mestrado em Terminologia e Gestão da Informação de Especialidade). Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Universidade Nova de Lisboa. Lisboa, 2017.

GREENBERG, J. H. Classificação das línguas da África. In: KI-ZERBO, J. (Org.). História geral da África: metodologia e pré-história da África. v.1. Brasília: UNESCO, 2010. p.317-326.

KRAMSCH, C. Language and culture. London: OUP, 2014.

MAHO, J. A. Classification of the bantu languages an update of Guthrie's referential system. in: NURSE, D.; PHILIPPSON, G. (Ed.). The Bantu languages. Londres: Nova Iorque: Routledge, 2003, p.639-650.

NDOMBELE, E. D. Reflexão sobre as línguas nacionais no sistema de educação em Angola. RILP, Lisboa, VI Série, n.31, p.69-88, 2017.

NGUNGA, A. Introdução à linguística bantu. 2.ed. Maputo: Imprensa Universitária, 2015. PETTER, M. (Org.). Introdução à linguística africana. São Paulo: Contexto, 2015.

TAVARES, J. L. Gramática da língua do Congo (kikongo): dialeto kisolongo. Looada: Imprensa Nacional de Angola, 1915.

TIMBANE, A. A. Marcas de identidade cultural e linguísticas moçambicanas no filme "virgem Margarida", de Licínio Azevedo. Língua e Literatura. v.18, nº32, p.64-87, dez. 2016.

REVISTA NJINGA & SEPÉ

O léxico toponímico de Bissau e a sua relação com a história oficial do país

Baticã Braima Ença Mané *
Universidade São Paulo - Brasil
ORCID iD https://orcid.org/0000-0002-5621-1814

RESUMO

Esta comunicação visa apresentar o artigo intitulado Uma descrição inicial dos topônimos do Setor Autônomo de Bissau (2023), publicado na revista Linha D´água, sob a minha autoria e a da profa. Amanda Balduino (professora ligada a Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade de Campinas – UNICAMP). A ideia é fazer uma apresentação geral, mas com o foco na reflexão acerca dos designativos de lugares que relembram a história do país, seus personagens e datas – os chamados historiotopônimos (DICK, 1975; 1980; 2007) – inscritos na paisagem urbana do Setor Autônomo de Bissau (SAB), Guiné-Bissau, sob prisma dos estudos onomásticos. O objetivo é examiná-los criticamente, buscando compreender como a nova classe política pós-independência utilizou o espaço urbano com vista a construção e perpetuação duma narrativa histórica nacional através de processos denominativos de lugares. Para tanto, a comunicação adotará a Toponímia Crítica (BERG, 2009; ROSE-REDWOOD; ALDERMAN, 2011; LIGHT; YOUNG, 2014) e “mecanismos” (STEWART, 1975) como bases teórico-metodológicos. Os principais resultados serão apresentados e discutidos, bem como as limitações teóricas e metodológicas do texto original. Ademais, possíveis caminhos e desdobramentos serão apontados.

Palavras-chave

Nomes dos lugares; Toponímia; História; Guiné-Bissau

REVISTA NJINGA & SEPÉ

*Doutorando na Universidade de São Paulo, USP, Brasil, e mestre em Letras pela mesma universidade. É graduado também em Letras Língua Portuguesa pela Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB, Brasil. Tem interesses em Linguística, Linguística Aplicada, Educação, Política Linguística, Análise do Discurso e Sociolinguística. É professor na ONG Educação Sem Fronteiras, onde ministra o curso de Português como Língua de Acolhimento para imigrantes e refugiados no Brasil. Foi bolsista de Iniciação Científica, atuou como Representante Discente do Diretório Central Estudantil (DCE) junto ao Colegiado dos Cursos da UNILAB Malês. Atualmente tem-se concentrado nos estudos Onomásticos, com maior destaque para os nomes dos lugares na Guiné-Bissau, que é o tema de sua tese doutorado em andamento na Universidade de São Paulo.

Para citar este Resumo (ABNT): MANE, Baticã Braima Ença. O léxico toponímico de Bissau e a sua relação com a história oficial do país. **Anais do 1º Seminário Internacional da Toponímia e Antroponímia (15 & 16 de ago. 2024) / Revista Njinga & Sepé**. São Francisco do Conde (BA), Vol.4, Nº Especial I, p. 484, 2024 (ISSN: 2764-1244). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=XNUoMHzqolo

Para citar este Resumo (APA): Sobrenome (ago. 2024). O léxico toponímico de Bissau e a sua relação com a história oficial do país. **Anais do 1º Seminário Internacional da Toponímia e Antroponímia (15 & 16 de ago. 2024) / Revista Njinga & Sepé**. São Francisco do Conde (BA), 4 (Especial I): 484. (ISSN: 2764-1244). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=XNUoMHzqolo

O LÉXICO TOPONÍMICO DE BISSAU E A SUA RELAÇÃO COM A HISTÓRIA OFICIAL DO PAÍS

Estudante: Baticã Braima Ença Mané (USP, manebatica@gmail.com)
Orientadora: Patrícia de Jesus Carvalhinhos (USP)

1º Seminário Internacional da Toponimia e Antroponimia | 2024

Revista Njinga e Sepé

INTRODUÇÃO

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

PROBLEMA

METODOLOGIA

RESULTADO

Uma descrição inicial dos Topônimos do Setor Autônomo de Bissau

An initial description of the Toponyms of the Autonomous Sector of Bissau

Baticã Braima Ença Mané
Universidade de São Paulo, Brasil
manebatica@gmail.com
https://orcid.org/0000-0002-5621-1814

Amanda Macedo Balduino
Universidade Estadual de Campinas, Brasil
amanda.m_b@hotmail.com
https://orcid.org/0000-0002-1062-973X

Recebido em: 30/08/2022 | Aprovado em: 05/02/2023

Linha D'Água: São Paulo, v. 36, n. 01, p. 130-159, jan. abr. 2023
https://doi.org/10.11606/issn.2236-4242.v36i1p130-159

INTRODUÇÃO

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

PROBLEMA

METODOLOGIA

RESULTADO

OBJETIVOS NO ARTIGO PUBLICADO

- Apresentar a toponímia do Setor Autônomo de Bissau;
- Discutir algumas questões de políticas linguísticas locais relacionadas ao contato linguístico dessa localidade;

INTRODUÇÃO
ENQUADRAMENTO TEÓRICO
PROBLEMA
METODOLOGIA
RESULTADO

SETOR AUTÔNOMO DE BISSAU - SAB

Fonte: feito pelos autores através do Mapmaker

INTRODUÇÃO

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

PROBLEMA

METODOLOGIA

RESULTADOS

Considerando que a cidade de Bissau também é formada por uma conjuntura multilíngue e que ainda não há estudos toponímicos dedicados a essa região, este estudo se pauta nas seguintes questões iniciais:

- (1) quais são os topônimos da cidade de Bissau?
- (2) quais estratos linguísticos caracterizam os topônimos dessa cidade?
- (3) o que os topônimos podem relevar a respeito de políticas linguísticas locais?

INTRODUÇÃO

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

PROBLEMA

METODOLOGIA

RESULTADO

MÉTODO QUALIQUANTITATIVO

- Coleta de dados em documento do Serviço de Cadastro e Topografia de Bissau;
- Dados conhecidos por nós;
- 101 topônimos;
- Divididos em: português e não português;
- Padrões estruturais, semânticos e/ou aspectos sócio-históricos;

INTRODUÇÃO

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

PROBLEMA

METODOLOGIA

RESULTADO

MÉTODO QUALIQUANTITATIVO

Tabela 1. Discriminação de tipos de logradouros presentes nos nomes de lugares examinados

NOMES DE LUGARES	OCORRÊNCIA	%
Bairro	37	36,63
Avenida	15	14,85
Praça	03	2,97
Rua	35	34,65
Outros elementos antrópicos	11	10,9
TOTAL	**101**	**100**

Fonte: elaboração dos autores

RESULTADO: TOPONÍMIA DE BISSAU: CONSIDERAÇÕES GERAIS

O exame de cada item lexical que integra a toponímia do SAB permitiu o agrupamento de dois conjuntos de dados: um composto por itens não português e outro composto por itens português;

Tabela 3. Distribuição percentual dos Topônimos do SAB em relação à filiação linguística

Filiação	***Ocorrência***	***%***
Não portuguesa	47	46,5
Portuguesa	54	53,5
Total	**101**	**100**

Fonte: elaboração dos autores.

RESULTADO: TOPÔNIMOS NÃO PORTUGUÊS

Tabela 4. Distribuição percentual dos Topônimos do SAB em relação à filiação africana

Filiação	*Ocorrências*	*% Não portuguesa*	*% Geral*
Línguas autóctones	18	38,2	17,8
Híbrida	20	42,5	19,8
Desconhecida	09	19,1	8,9
Total	**47**	**100**	**46,5**

Fonte: elaboração dos autores.

RESULTADO: TOPÔNIMOS NÃO PORTUGUÊS ×

(i) línguas autóctones:

- Cuntum “Boca, no sentido de papiar, conversar” (Pepel);

(ii) <u>híbridos português línguas autóctones</u>:

- Reino Gã Beafada (PT + mandinka)

(iii) <u>híbridas línguas autóctones:</u>

- Mon di timba (kriol + mandinka)

(iv) filiações desconhecemos:

- Hafia; Tcada; Mpantchá

RESULTADO: TOPÔNIMOS NÃO PORTUGUÊS

Tabela 5. Línguas que compõem os topônimos em línguas autóctones do SAB

Língua	***Número***	***%***	***% total***
Pepel	13	72,2	13
Mandinka	03	16,7	2,9
Fula	01	5,5	0,9
Balanta	01	5,5	0,9
Total	**18**	**100**	**17,8**

Fonte: elaboração dos autores.

TOPÔNIMOS EM PORTUGUÊS

- Estrutura morfológica

  Simples: Granja

  Composta: Bairro Militar (toponimização do genérico “Bairro”)

- Estrutura numérica:

  24 de Setembro; 3 de Agosto

CLASSIFICAÇÃO SEMÂNTICA DA TOPONÍMIA DO SAB

Tabela 8. Ocorrência dos topônimos de natureza física na toponímia do SAB

Grupo	*OCOR.*	*%*	*Exemplo*
Dimensiotopônimos (traços dimensionais)	4	30,7	Pilum di bas
Fitotopônimos (nomes de vegetais)	3	23,1	Quelele; Pilum
Geomorfotopônimos (relevo, elevação, depressão)	1	7,7	Baixada
Hidrotopônimos (acidentes hidrográficos)	3	23,1	Santa Lagoa; Lala Kema
Litotopônimos (minerais e constituição do solo)	2	15,4	Plack; Psack/Bissaque
Subtotal **Total**	**13** **119**	**100** **10**	

Fonte: elaboração dos autores

CLASSIFICAÇÃO SEMÂNTICA DA TOPONÍMIA DO SAB

Tabela 9. Ocorrência dos topônimos de natureza antropocultural na toponímia do SAB

Grupo	OCOR.	%	Exemplo
Animotopônimo ou (vida psíquica e espiritual)	2	1,8	Bairu Di Ajuda[24]
Antropotopônimos (prenomes, apelidos de família, hipocorísticos, alcunhas)	18	16,9	Pansau Na Isna
Axiotopônimos (antropotopônimos acrescidos de títulos)	2	1,8	Dr. Severino Gomes de Pina; Engº. Quinhote
Corotopônimos (relativo a nomes de cidades, países, etc.)	13	12	Cidade de Lisboa; Boé; Brasil; Nigéria; Luanda
Cronotopônimos (indicação cronológica)	1	0,9	Bissau Bedju
Ecotopônimos (relativo à habitação em geral: casa, sobrado, etc)	3	2,8	Sobrado; Casa Escada; Prédio Libanês[25]
Etnotopônimos (elementos étnicos)	4	3,7	Tcon di Pepel; Reino Gã Beafada
Hierotopônimos (sagrados; religiosidade)	7	6,6	Capela; São Paulo; Santa Luzia;
Historiotopônimos (relembram a história do país, seus personagens e data)	34	32,0	14 de Novembro; 3 de Agosto; Osvaldo Vieira; Pindjiguiti;
Numerotoponimos (relativo a adjetivos e numerais)	4	3,7	Pefine; zona 7
Sociotopônimos (atividades profissionais, locais de trabalho e pontos de encontro de membros da sociedade)	11	10	Veterinária; Matadouro; Granja; Bombeiros; Aeroporto; Lambike/Lambico
Somatopônimos (metáfora a partes do corpo humano ou animal)	2	1,8	Mon di Timba; Cuntum
Aqueles cujas motivações desconhecemos	7	6,6	Tcada; Hafia
Subtotal **Total**	**106** **119**	**100,6** **90**	

Fonte: elaboração dos autores

AGORA O QUE ESTAMOS VAZENDO?

- (Re)examinar criticamente os historiotopônimos buscando compreender como a nova classe política pós-independência utilizou o espaço urbano com vista a construção e perpetuação duma narrativa histórica nacional através de processos denominativos de lugares.

TOPONÍMIA CRÍTICA

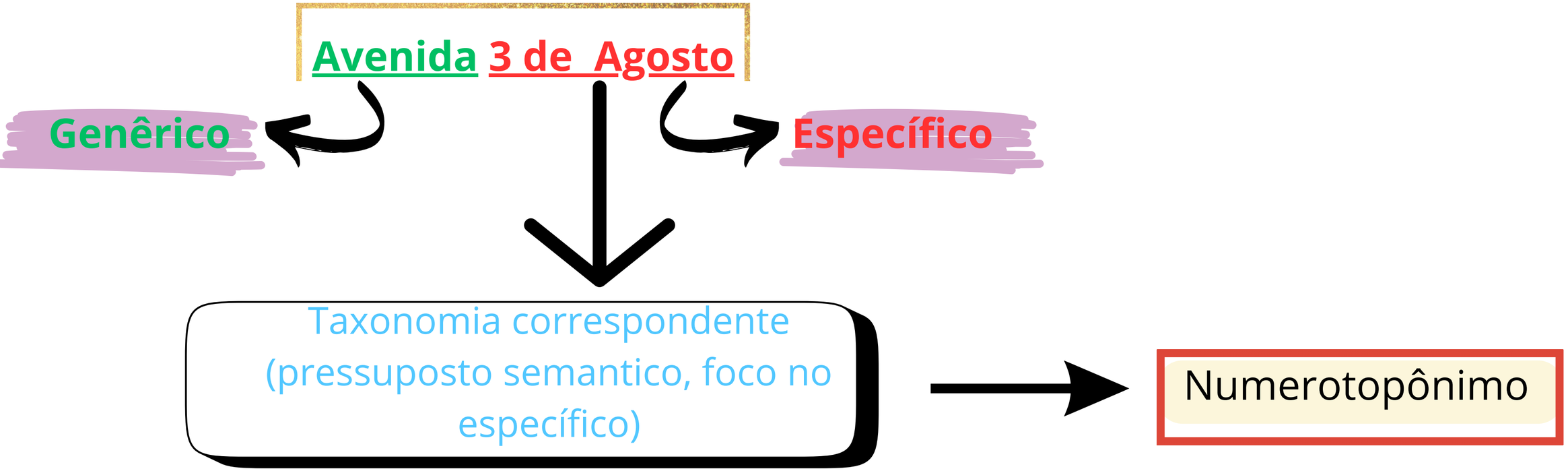
ENQUADRAMENTO TEÓRICO

- **nomear lugares como uma prática política que tem no seu bojo disputadas e relações de poder, identidade, memória e cultura.**

- o papel que os nomes dos lugares desempenham como símbolos da memória ou da ideologia sociopolítica, visando a compreensão das dimensões efetivas da nomeação e renomeação

(BERG, 2009; ROSE-REDWOOD; ALDERMAN, 2011; LIGHT; YOUNG, 2014)

ANÁLISE DE UM TOPÔNIMO SOB PONTO DE VISTA SEMÂNTICO (TAXONOMIA)



DICK, 1975, 1980

ANÁLISE DE UM TOPÔNIMO SOB PONTO DE VISTA DE MACANISMO (STEWART, 1954) DE NOMEAÇÃO

Procura responder a pergunta: o que levou a nomeação?

- processos de produção linguística a partir de traços externos como **ambiente em si;**

- plano cognitivo, das ideias (o que teria acometido o denominador no ato de nomear)

  Rio Negro "Nome descritivo"
  mecanismo - a cor da água - um traço que antecede a própria nomeação;
  Taxonomia: Hidrotopônimo.

Avenida 3 de Agosto → **Mecanismo: comemoração**

- massacre de trabalhadores portuários pelas mãos da polícia colonial em 1959;
- *Stopim* para o início da luta anti-colonialismo e de libertação Nacional...

ALGUNS TOPÔNIMOS DO SAB-GB E SUAS RELAÇÕES COM A HISTÓRIA DO PAÍS

TOPÔMIMO	RELAÇÃO COM A HISTÓRIA DO PAÍS	MECANISMO DE NOMEAÇÃO
Avenida 3 de agosto [de 1959]	Nesta data, a polícia portuguesa matou cerca de 50 trabalhadores marítimos grevistas (marinheiros e estivadores) que reivindicavam o aumento salarial e melhores condições de trabalho;	Comemorativo
Praça Pindjiguiti	Local onde ocorreu o massacre de 3 de Agosto de 1959;	Comemorativo
Rua Boé	Além de sediar eventos importantes como a 2o congresso do PAIGC, a cidade de Boé foi o local da Proclamação da Independência do País, em 24 de setembro de 1973;	Comemorativo
Estádio 24 de setembro	Data da Proclamação da Independência em 1973;	Comemorativo
Praça Ernestina (Titina) Silá	Combatente da liberdade da pátria e uma das figuras mais importantes da luta pela independência do país;	Comemorativo
Avenida Amílcar L. Cabral	Para muito, o arquiteto e expoente máximo da luta pela independência da Guiné-Bissau e Cabo Verde;	Comemorativo
Avenida 14 de novembro	Golpe militar de 1980 que depôs do poder Luís Cabral, o primeiro presidente da Guiné-Bissau, que estava no poder desde 1973;	Comemorativo

CONCLUSÃO

- A toponímia do SAB é constituída por topônimos em língua portuguesa, em línguas autóctones, por intersecções linguísticas formadas por elementos de ambas as naturezas, ou mesmo por dois elementos autóctones, mas pertencentes a línguas distintas

- Presença do português no léxico toponímico do SAB: 53,5%.

- O alto índice de representatividade de topônimos em línguas autóctones (46,3%), além de transparecer a conjuntura multilíngue local, pode indicar a resistência dessas línguas perante uma língua com capital linguístico considerável, que é o português.

RECOMENDAÇÕES

PORÉM,

- uma análise baseada em campos semênticos apenas, é, certamente, bastante limitada;
- (re)análise desses dados sob ponto de vista de mecanismo denominativos, um modelo de análise mais eficiente;

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DICK, M. V. P. A. Toponímia e antroponímia no brasil: coletânea de estudos. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 1992.
- DICK, M. V. P. A. Atlas toponímico do brasil: teoria e prática ii. Trama, [s. l], p. 141-155, 2007. Disponível em: https://doi.org/10.48075/rt.v3i5.965. Último acesso em: 01 mar. 2023.
- DICK, M. V. P. A. A motivação toponímica. Princípios teóricos e modelos taxionômicos. 1980. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 1980.
- GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 3ª ed. São Paulo: Atlas, 1991.
- GUINÉ-BISSAU. Características socioculturais. 3º Recenseamento Geral da População e Habitação (III RGPH), 2009.
- ROSE-REDWOOD, Reuben; ALDERMAN, Derek. Critical interventions in political toponymy. ACME: An International Journal for Critical Geographies, v. 10, n. 1, p. 1-6, 2011.
- STEWART, Gerge R. A classification of place names. Names, n. 1, v.2, 1954, p. 1-13.
- BLAIR, D; TENT, J. A revised tipology of place-naming. Names: A journal of onomastics, 2021, p. 31-47.
- URAZMETOVA, Aleksandra V.; SHAMSUTDINOVA, Julia Kh.. Principles of place names classifications. Xlinguae, [S.L.], v. 10, n. 4, p. 26-33, 2017. Slovenska Vzdelavacia a Obstaravacia s.r.o.. http://dx.doi.org/10.18355/xl.2017.10.04.03.
- WU, Chenhui; YOUNG, Craig. Critical toponymies beyond the power-resistance nexus: multiple toponymies and everyday life in the (re-)naming of south china sea islands. Social & Cultural Geography, [S.L.], p. 1-20, 27 jul. 2022. Informa UK Limited. http://dx.doi.org/10.1080/14649365.2022.2104357.

OBRIGADO

REVISTA NJINGA & SEPÉ

Nomes de pessoas no Brasil: descrições e análises contemporâneas

Eduardo Tadeu Roque Amaral *
Universidade Federal de Minas Gerais – Brasil
ORCID iD https://orcid.org/0000-0001-9416-3676

Márcia Sipavicius Seide **
Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Brasil
ORCID iD https://orcid.org/0000-0003-2859-1749

RESUMO

Com base em Amaral e Seide (2020) e em outros estudos que analisam criticamente a produção onomástica brasileira, discutimos, neste trabalho, como o conhecimento dos processos de formação e uso dos nomes de pessoas contribui para a compreensão de alguns aspectos da realidade social do país. Para alcançar esse objetivo, traçamos um panorama das descrições e das análises de nomes próprios de pessoas no Brasil, conhecidos como *antropônimos*. A partir de um levantamento historiográfico das pesquisas que vêm se dedicando a essa categoria de nomes, apresentamos resultados recentes sobre a antroponímia brasileira expressa em língua portuguesa, considerando seus aspectos linguísticos e socioculturais. Tais estudos revelam uma realidade diversificada, que se justifica não somente por razões linguísticas, mas por situações e contextos socioculturais distintos que conformam o quadro antroponomástico brasileiro, no qual se incluem vários tipos de nomes próprios. Assim, expomos as principais características de antropônimos do Brasil, que incluem aqueles que fazem parte do registro civil, prenome, sobrenome e agnome, bem como aqueles que não estão registrados em cartório, a exemplo do nome social, nome de urna e nome parlamentar. Além disso, evidenciamos as limitações das pesquisas apresentadas e a necessidade de investigações sobre o comportamento dos antropônimos em outras comunidades lusófonas, bem como em outros idiomas presentes no país, como é o caso, por exemplo, das línguas autóctonas e da Libras.

PALAVRAS-CHAVE
Nomes de pessoas; Antropônimos; Onomástica; Brasil

*Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo. É professor associado da Universidade Federal de Minas Gerais, onde atua nos cursos de graduação em Letras e de pós-graduação em Estudos Linguísticos. É membro efetivo do Grupo de Trabalho da Anpoll denominado Lexicologia, Lexicografia e Terminologia e do *International Council of Onomastic Sciences* (ICOS). Desde 2020, coordena o grupo de pesquisa Observatório Onomástico (O-onoma), o qual reúne pesquisadores de todas as regiões do país que se dedicam aos estudos onomásticos. Com a professora Márcia Sipavicius Seide, da UNIOESTE, publicou o livro *Nomes próprios de pessoa: introdução à antroponímia brasileira*, publicado em 2020 pela Blucher, livro que foi traduzido e publicado em inglês pela Letraria em 2022.

**Doutora em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo. É professora associada da Universidade Estadual do Oeste do Paraná e atua nos cursos de licenciatura em Letras e de pós-graduação em Letras. É autora de capítulos de livros e de artigos em revistas nacionais e estrangeiras nas áreas de Onomástica, Lexicologia e ensino do léxico, editora da revista Onomástica desde América Latina e membro efetivo do Grupo de Trabalho da Anpoll Lexicologia, Lexicografia e Terminologia, do Observatório Onomástico (O-onoma) e do International Council of Onomastic Sciences (ICOS).

Para citar este Resumo (ABNT): AMARAL, Eduardo Tadeu Roque; SEIDE, Márcia Sipavicius. Nomes de pessoas no Brasil: descrições e análises contemporâneas. **Anais do 1º Seminário Internacional da Toponímia e Antroponímia (15 & 16 de ago. 2024) / Revista Njinga & Sepé**. São Francisco do Conde (BA), Vol.4, Nº Especial I, p. 509, 2024 (ISSN: 2764-1244). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=XNUoMHzqolo

Para citar este Resumo (APA): Amaral, Eduardo Tadeu Roque; Seide, Márcia Sipavicius. (ago. 2024). Nomes de pessoas no Brasil: descrições e análises contemporâneas. **Anais do 1º Seminário Internacional da Toponímia e Antroponímia (15 & 16 de ago. 2024) / Revista Njinga & Sepé**. São Francisco do Conde (BA), 4 (Especial I): 509. (ISSN: 2764-1244). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=XNUoMHzqolo

REVISTA NJINGA & SEPÉ

Aproximações entre a Antroponímia e a Análise do Discurso para análise de textos humorísticos

Shara Lylian de Castro Lopes *
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí - Brasil
ORCID iD https://orcid.org/0000-0002-1683-6676

RESUMO

Na mesa-redonda, proponho revisitar uma parte de minha tese de doutorado em que analisei o funcionamento dos nomes próprios nordestinos como elementos de humor em textos virtuais. O *corpus* de análise foram duas postagens de perfis de humor nordestinos da rede social *instagram:* Suricate Seboso e Bode Gaiato. O processo analítico considerou premissas teóricas da Análise do Discurso e levou em conta conceitos como memória discursiva, como em Courtine (1999, 2014), Robin (2016) e Paveau (2005) e *ethos* discursivo, como em Maingueneau (2008a, 2018, 2020). Essas noções estão diretamente ligadas à Onomástica antroponímica no que tange aos fatos históricos e sociais relacionados à língua e por isso também foi considerado o trabalho de Leite de Vasconcelos (1928) como organizado em Carvalhinhos (2007). Mobilizei nas análises as descrições feitas em Carvalhinhos (2007) sobre os nomes para perceber como ocorre o processo de deslisamento e opacização quando postos em análises de textos em que os nomes se encontram. Nos textos em que me debrucei, especificamente, os nomes são analisados para compreender sua importância na construção discursiva desse humor que se baseia sobretudo numa representação estereotipada das peculiaridades das práticas antroponímicas no Nordeste brasileiro. As conclusões apontaram para um funcionamento dos nomes nordestinos apresentados nesse tipo de discurso como elementos de humor ligados a memórias diversas, que apresentam deslizamento dos processos de nomeação, por exemplo por atualização dos patronímicos.

PALAVRAS-CHAVE

Antroponímia; Análise do Discurso; Textos humorísticos

*é professora efetiva do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí (IFPI), doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), mestra em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC), especialista em LIBRAS pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI) e graduada em Licenciatura Plena em Letras/Português pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Tem interesse especial em pesquisas que envolvem Análise do Discurso.

Para citar este Resumo (ABNT): LOPES, Shara Lylian de Castro. Aproximações entre a Antroponímia e a Análise do Discurso para análise de textos humorísticos. **Anais do 1º Seminário Internacional da Toponímia e Antroponímia (15 & 16 de ago. 2024) / Revista Njinga & Sepé**. São Francisco do Conde (BA), Vol.4, Nº Especial I, p. 511, 2024 (ISSN: 2764-1244). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=FKEUlCGY-EI

Para citar este Resumo (APA): LOPES, Shara Lylian de Castro.(ago.2024). Aproximações entre a Antroponímia e a Análise do Discurso para análise de textos humorísticos. **Anais do 1º Seminário Internacional da Toponímia e Antroponímia (15 & 16 de ago. 2024) / Revista Njinga & Sepé**. São Francisco do Conde (BA), 4 (Especial I): 511. (ISSN: 2764-1244). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=FKEUlCGY-EI

SEMINÁRIOS INTERNACIONAIS DA REVISTA NJINGA & SEPÉ: I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DA TOPONIMIA E ANTROPONIMIA

Aproximações entre a Antroponímia e a Análise do Discurso para análise de textos humorísticos

Profa. Dra. Shara Lopes

OBJETIVO

Apresentar pesquisa em que realizei uma análise discursiva do humor produzido a partir das supostas peculiaridades que caracterizam a antroponímia nordestina da atualidade através da análise de textos humorísticos virtuais.

ONOMÁSTICA & ANÁLISE DO DISCURSO

TEORIA

1. Na Onomástica, classificações antroponímicas de Leite de Vasconcelos (1928), principalmente no que o autor chama de alcunhas e nomes próprios, a partir da organização que Carvalhinhos (2007) faz dessa classificação;

2. Na Análise do Discurso, categoria discursiva de *ethos* como apresentado em Maingueneau (2008a, 2018, 2020) e conceito de memória discursiva como trabalhado em Courtine (1999; 2014), Robin (2016) e Paveau (2005).

3. análises linguísticas de humor e os apontamentos sobre esse campo em Possenti (1998)

TEORIA

- “A noção de memória discursiva diz respeito à existência histórica do enunciado no interior de práticas discursivas regradas por aparelhos ideológicos” (COURTINE, 2014, p. 105-106).
- Para Robin (2016 [2003], p. 36), “(...) não é possível compreender o trabalho memorial sem considerar as camadas do tempo, esses ‘esquecimentos’ eficazes que permanecem como bases, essas heterogeneidades, esses recuos e disjunções”
- Memória lacunar – o repetido também desloca
- o *ethos* prévio é aquela imagem do enunciador anterior ao próprio ato de enunciar. Já o *ethos* discursivo, aquele construído durante a enunciação, pode ser de dois tipos: dito e mostrado.

PRIMEIROS APONTAMENTOS

- Os nomes individuais exercem grande força na construção de personagens humorísticas, sejam eles fictícios ou reais. Exemplo: Dercy Gonçalves (Dolores Gonçalves Costa) – influência política e Chico Anysio (Francisco Anysio de Oliveira Paula Filho) – caráter popular da alcunha.
- Hipótese: os nomes próprios funcionam enquanto pré-construídos (e talvez o sejam por excelência), a partir dessa memória saturada, que se vê operar sobretudo na reinvenção de suas significações e motivações situadas em contextos históricos espaço e temporalmente demarcados.

Figura 1 – Nomes de nordestinos

Fonte: Imagem extraída do perfil oficial do *instagram* @suricate. Publicada em: 25 abr 2019.

Na análise do primeiro texto, proponho que a memória, uma vez apagada pelo esvaziamento semântico desses primeiros patronímicos constituídos pelo acréscimo da marca do genitivo latino, retorna através desse funcionamento de constituição dos nomes próprios com indicação de filiação por adição de partes dos nomes dos progenitores em seus nomes próprios.

Figura 2: Meme Generator

Fonte: Imagem extraída do site memegenerator.net.

Figura 3: Nome das pessoas no interior

Fonte: Imagem extraída do perfil oficial do *instagram* bodegaiato. Publicado em 21 mai 2020.

CONCLUSÃO

- Os nomes carregam uma história que não se apaga apesar de não ser naturalmente transparente, ou, como afirma Carvalhinhos (2007), se esvaziam semanticamente com o tempo e tornam-se opacos.
- Tentei mobilizar nas análises as descrições feitas em Carvalhinhos (2007) sobre os nomes para perceber como ocorre o processo de deslizamento e opacização quando postos em análises de textos em que os nomes se encontram. Nos textos que analisei, especificamente, os nomes são analisados para compreender sua importância na construção discursiva desse humor que se baseia sobretudo numa representação estereotipada das peculiaridades das práticas antroponímicas no Nordeste brasileiro.

REVISTA NJINGA & SEPÉ

Antroponímia e religião: uma análise da atribuição dos nomes dos escravizados do vale do Jaguaribe no século XXVIII

Fernanda Kécia de Almeida *
Universidade Estadual do Ceará /PRAETECE - Brasil
ORCID iD https://orcid.org/0009-0000-2912-999X

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo mostrar a imposição cultural religiosa exercida sobre os escravizados negros que habitavam o Vale do Jaguaribe, no Ceará, no século XVIII, mais especificamente no que se refere a atribuição dos nomes. Uma vez que a Antroponímia se ocupa do estudo dos nomes das pessoas, utilizamos como base teórica, os preceitos de Amaral e Seide (2020), Castro et al (2027) e DICK (1990) para entendermos as relações entre Antroponímia e as influências socioculturais, sendo a cultura a grande influenciadora do léxico antroponímico do referido recorte temporal e geográfico. Para realização da presente análise utilizamos como corpus o livro 1 de Batismos da Paróquia de Russas, iniciado em 27/05/1730 e encerrado em 15/05/1761, no qual constam as primeiras certidões de batismo do Vale do Jaguaribe - CE. A igreja católica registrava em seus rituais todos os nascidos na referida época, e, por força cultural, atribuía em todos os casos de batismos de escravizados os nomes próprios dos personagens católicos. Das 279 certidões de batismos de escravizados existentes no livro 1 de batismo, todas remetem aos personagens católicos. São frequentes os nomes de Maria, José, João, Pedro, Isabel, dentre outros. A imposição religiosa da igreja católica, além de demarcar a cultura católica, provocou um apagamento dos nomes originais dos escravizados que foram traficados da África até o Ceará.

PALAVRAS-CHAVE

Antroponímia; Batismos; Escravizados; Catolicismo

REVISTA NJINGA & SEPÉ

*Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), com pesquisa voltada para o estudo dos manuscritos eclesiásticos cearenses do Século XVIII. Membro do Práticas de Edição de Textos do Estado do Ceará (PRAETECE). Possui graduação em Letras pela Universidade Estadual do Ceará - UECE (2007). Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual do Ceará - UECE (2016), com ênfase em Linguística Histórica e pesquisa de manuscritos do século XIX. Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual do Ceará - UECE - (2023), com pesquisa voltada para o conjunto antroponímico histórico cearense do século XVIII. Membro do Grupo de pesquisa PRAETECE - Prática de Edições de Texto do Estado do Ceará, coordenado pelo Professor Dr. Expedito Eloísio Ximenes. Paleógrafa. Atualmente é professora/tutora do Curso de Letras da UFC/UAB.

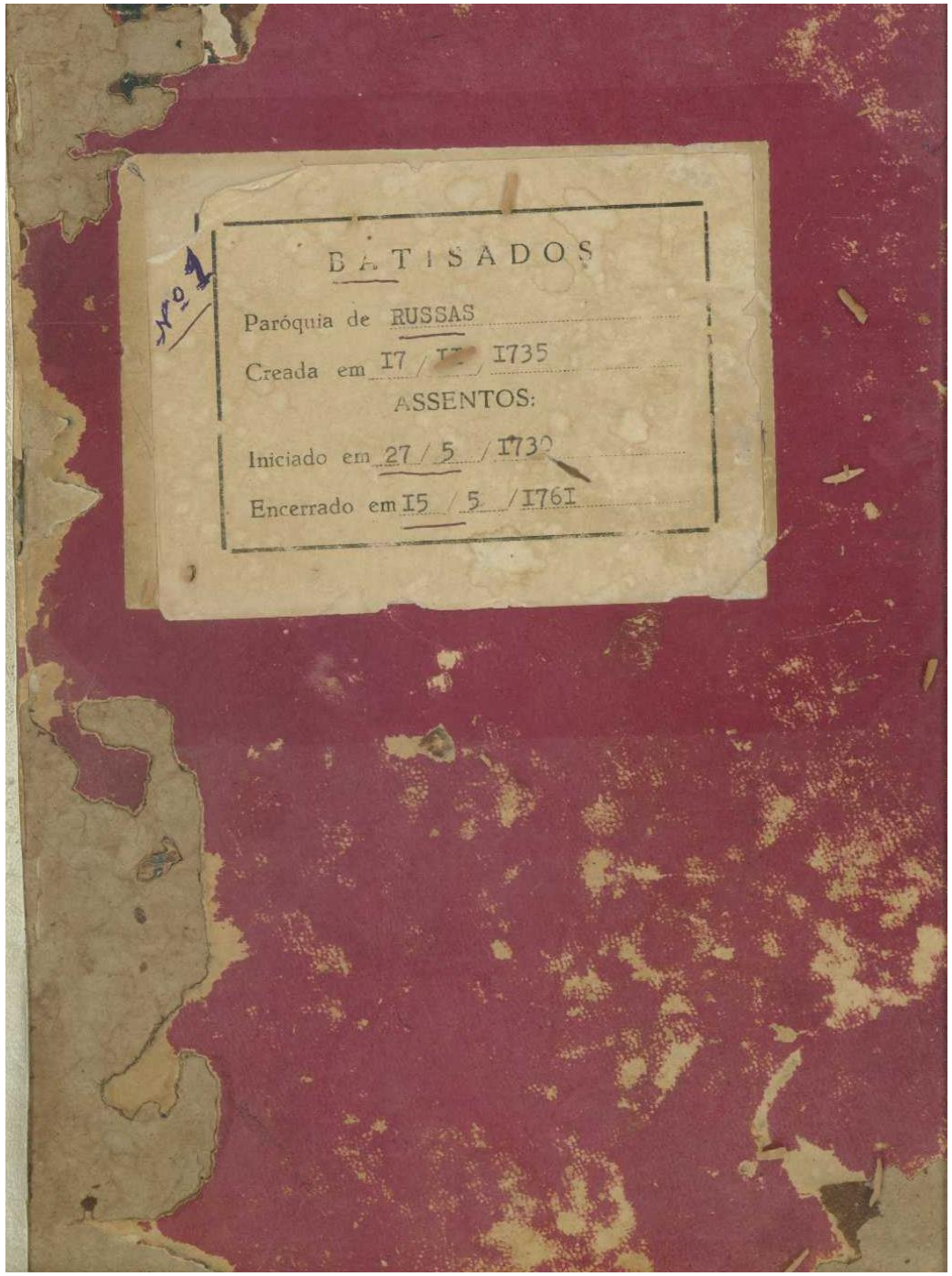
Para citar este Resumo (ABNT): ALMEIDA, Fernanda Kécia de. Antroponímia e religião: uma análise da atribuição dos nomes dos escravizados do vale do Jaguaribe no século XXVIII. **Anais do 1º Seminário Internacional da Toponímia e Antroponímia (15 & 16 de ago. 2024) / Revista Njinga & Sepé**. São Francisco do Conde (BA), Vol.4, Nº Especial I, p. 523, 2024 (ISSN: 2764-1244). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=FKEUlCGY-EI

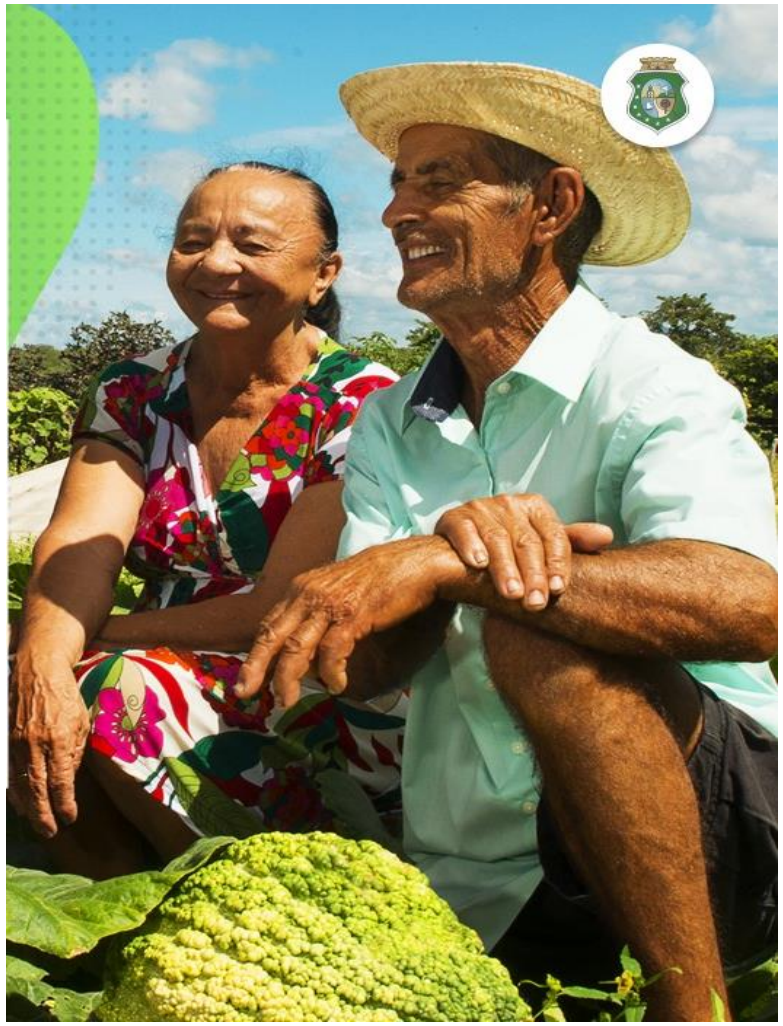
Para citar este Resumo (APA): ALMEIDA, Fernanda Kécia de. (ago. 2024). Antroponímia e religião: uma análise da atribuição dos nomes dos escravizados do vale do Jaguaribe no século XXVIII. **Anais do 1º Seminário Internacional da Toponímia e Antroponímia (15 & 16 de ago. 2024) / Revista Njinga & Sepé**. São Francisco do Conde (BA), 4 (Especial I): 523. (ISSN: 2764-1244). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=FKEUlCGY-EI

Práticas de Edição de Textos do Estado do Ceará

Antroponímia e Religião: Uma análise aa atribuição aos nomes dos escravizados do Vale do Jaguaribe no século XXVIII

Fernanda Kécia de Almeida





Apresentação:

A presente observação é fruto do trabalho de tese intitulado **O léxico antroponímico em certidões de casamento do século XVIII no Vale do Jaguaribe – Ceará**. Defendida em dezembro/2023.

Objetivo:

- Mostrar a **imposição cultural religiosa** exercida sobre os escravizados negros que habitavam o Vale do Jaguaribe, no Ceará, no século XVIII, mais especificamente no que se refere a atribuição dos nomes.

Percurso Teórico:

Estudos onomásticos

Léxico e Cultura

Toponímia e Antroponímia

Uma vez que a **Antroponímia** se ocupa do estudo dos nomes das pessoas, utilizamos como base teórica, os preceitos de **Amaral e Seide (2020)**, **Castro et al (2007)** e **DICK (1990)** os quais apresentam as relações entre Antroponímia e as influências socioculturais. Sendo unânime a premissa de que a cultura é grande influenciadora do léxico antroponímico em determinado recorte temporal e geográfico.

O *corpus* observado*:*

- Para realização da presente análise utilizamos como corpus o **Livro 1** de Batismos da Paróquia de **Russas**, iniciado em **27/05/1730** e encerrado em **15/05/1761**, no qual constam as primeiras certidões de batismo do Vale do Jaguaribe - CE.
- A igreja católica registrava, em seus rituais, todos os nascidos na referida época, e, por força cultural, atribuía em todos os casos de batismos de escravizados os nomes próprios dos personagens católicos.

Aos vinte e hum dia do mez de Janeiro de mil oitocentos
trinta e oito eu abaixo assignado Vigario encommendado desta
freguezia da Nossa Senhora do Rozario da Ribeira
de Silveira do Concelho Reverendo Benefiliado Francisco
Lino Coelho Cura e Vigario da Vara desta Comarca
Ignacio freguezia Baptisou o Reverendo Padre Francisco
Gomes da Silva a Ignacio filho de Isabel Ignacia
Victoria Paz Exposta da Corregedoria Vieyra foram Padrinhos
Baltazar Rosa de Lemos e Joanna Pereyra donde da fegue
sigue e assento.

O Cura Joze Lopes Thiago

S. Gonta Mo Fr. Francisco

Percurso Analítico

Carvarlinhos (2000) defende que os nomes estão condicionados às:

- ***influências históricas, políticas e religiosas;***
- ***circunstâncias, lugar e tempo de nascimento;***
- ***particularidades físicas ou qualidades morais;***
- ***profissões, nomes curiosos, excêntricos, dentre outros sem categoria específica.***

Léxico Antroponímico da antiga ribeira do Jaguaribe no séc. XVIII:

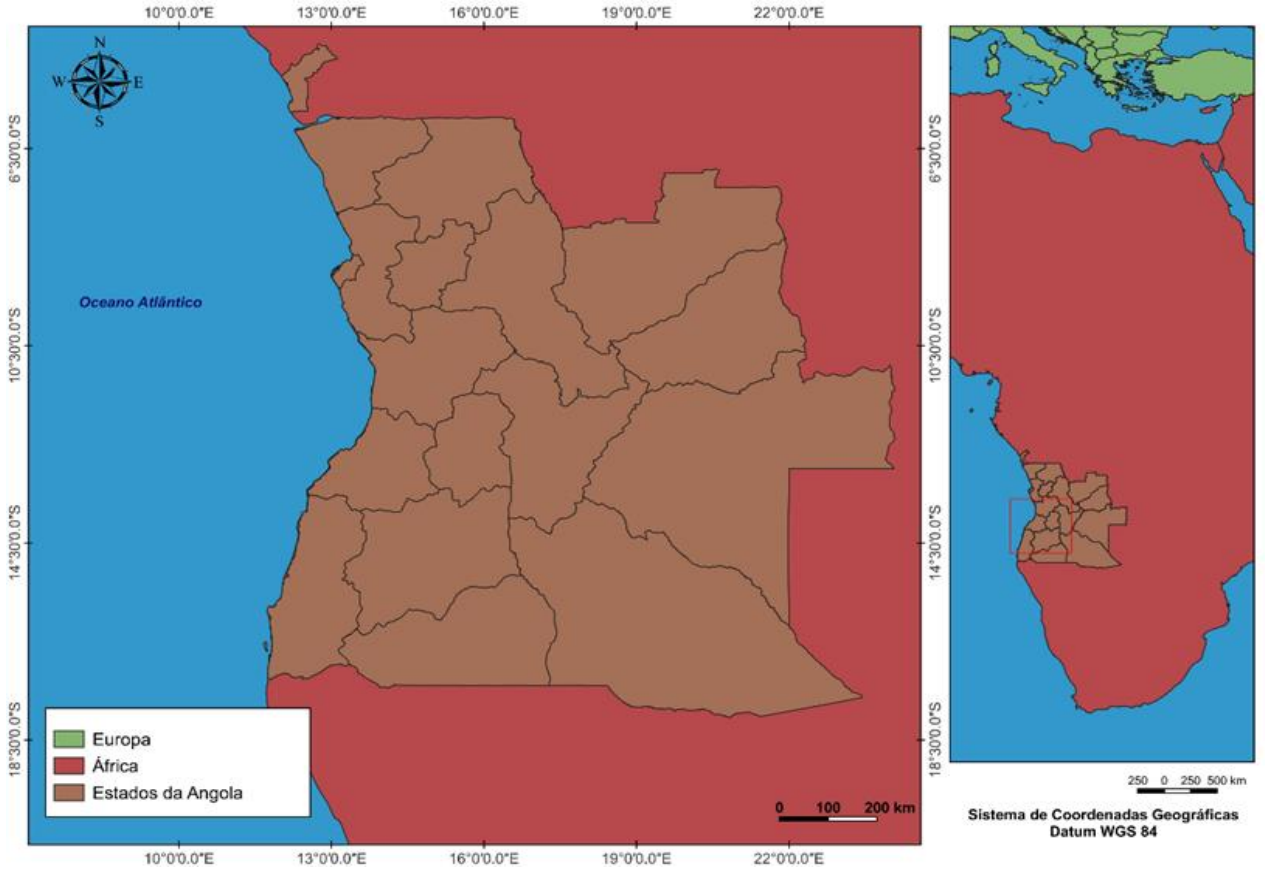
Das origens do gentílico:

- ***Continente africano:***

Angola

Guiné

Costa da Mina.



Antônio

Antônio é um nome largamente usado no Brasil por consequência da colonização portuguesa. Sobretudo devido à devoção à **Santo Antônio de Lisboa** (1195-1231), cujo culto foi difundido pelos cristãos de todo o mundo.

A **tradição religiosa** que já se fazia presente na antiga ribeira do Jaguaribe no século XVIII explica os **muitos registros de José, Antônio e** João.

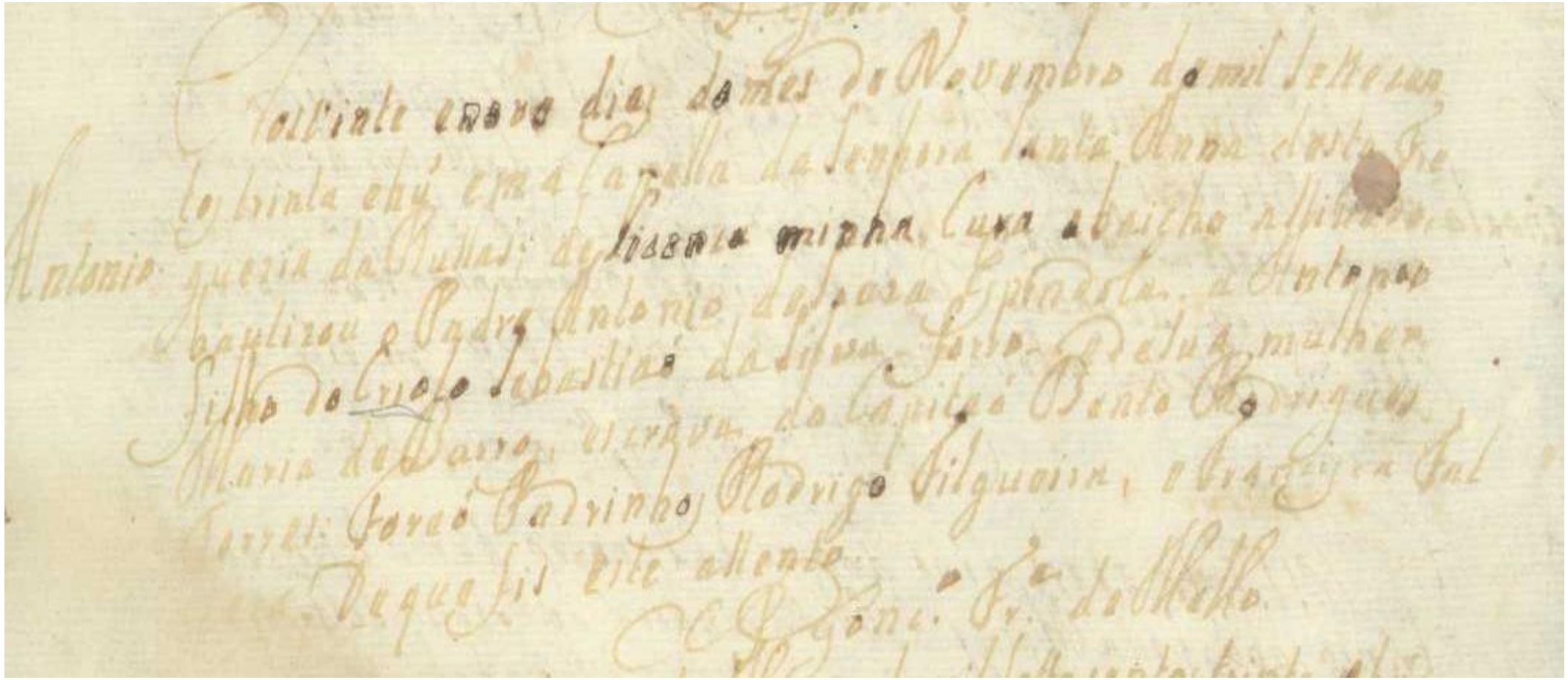
Maria

O antropônimo ***Maria***, por sua vez, de acordo com Santa Helena (1944, p. 55), é um nome de origem hebraica, cujas significações são discutidas e são interpretadas como: “mirra do mar. Gota do mar. Senhora do Mar (...)

Maria é um dos nomes mais comuns no mundo, há séculos, sobretudo na parte cristã ocidental, em razão da figura da **Virgem Maria**, a mulher judia que morava em Nazaré e foi escolhida por Deus para ser a mãe de Jesus Cristo

Sagrada Família

Sobrenomes? f.06v



Considerações finais:

Das **279** certidões de batismos de escravizados existentes no Livro 1 de batismo, todas remetem aos personagens católicos. São frequentes os nomes de Maria, José, João, Pedro, Isabel, dentre outros.

A **imposição religiosa** da igreja católica, além de demarcar a cultura católica, provocou um apagamento dos nomes originais dos escravizados que foram traficados da África até o Ceará.

Muito
obrigada

Referências:

AGUIAR, M. S.; CASTRO, M. C. D.; DIAS, A. L. C. **Onomástica e identidade do homem em seu meio.** Goiás: Universidade Federal de Goiás, Instituto Politécnico de Santarém, 2017.

AMARAL, E. T. R. Contribuições para uma tipologia de antropônimos do português brasileiro. **Alfa,** São Paulo, v.55, n.1, p. 62-82, 2011.

AMARAL, E. T. R.; SEIDE, M. S. **Nomes próprios de pessoa:** introdução à antroponímia brasileira. São Paulo: Blucher, 2020.

BIDERMAN, M. T. C. A estruturação mental do léxico. *In*: BIDERMAN, M. T. C. **Estudos da filologia e linguística**. São Paulo: T. A. Queiroz/EDUSP, 1981.

CAMBRAIA, C. N. **Introdução à crítica textual.** São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CARVALHINHOS, P. de J. Origens dos nomes de pessoas. *In.*: **Revista Alvares Penteado**. V.2, n.5, 2000.

FERREIRA NETO, C. **Estudos de história Jaguaribana:** documentos, notas e ensaios diversos para a história do baixo e médio Jaguaribe. Fortaleza: Premius, 2003.

Referências:

DICK, M. V. P. A. **Toponímia e antroponímia no Brasil:** coletânea de estudos. São Paulo: FFLCH/USP, 1986.

DICK, M. V. P. A. **A motivação toponímica e a realidade brasileira.** São Paulo: Arquivo do Estado, 1990.

ISQUERDO, A. N. Prefácio. *In*: AMARAL, E. T. R.; SAIDE, M. S. **Nomes próprios de pessoa:** introdução à antroponímia brasileira. São Paulo: Blucher, 2020.

MATOS E SILVA, R. V. Para a história do português culto e popular brasileiro: sugestões para uma pauta de pesquisa. *In*: ALKMIN, Tânia Maria (ed.). **Para a história do português popular Brasileiro.** V.3 – Novas histórias. São Paulo: Humanitas, 2002.

OLIVEIRA-SILVA, M. de; PAULA, M. H. de. Léxico, memória e história e sentidos através dos tempos. *In*: **Léxico em cena**: contribuições para os estudos lexicais. MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo; NADIN, Odair Luiz; FERREIRA, Anise de Abreu Gonçalves D'Orange (orgs.). São Paulo: Cultura Acadêmica, 2016.

PEREIRA, E. C. **Antroponímia Brasileira**: estudos e curiosidades dos nomes próprios. Olinda: Ed. do Autor, 2001.

PERONI, P. **Antroponímia e identidade cultural em Nova Milano, Farroupilha-RS.** Dissertação do Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e regionalidade, da Universidade de Caxias do Sul. 2016. Disponível em: https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/1381. Acesso em: 19 nov. 2023.

POMPEU, G. V. M.; TASSIGNY, M. M. **História de nossa gente.** Fortaleza: Editora INESP, 2004.

SOUSA, A. M. de; DARGEL, A. P. T. P. Onomástica: interdisciplinaridade e interfaces. **Revista GTLex**, Uberlândia, v. 3, n. 1, p. 7–22, 2020. DOI: 10.14393/Lex5-v3n1a2017-1. Disponível em: https://seer.ufu.br/index.php/GTLex/article/view/53813. Acesso em: 27 maio 2023.

REVISTA NJINGA & SEPÉ

Onomástica antropológica: o ato de nomear a partir de uma perspectiva intercultural

Lorenza Lourenço Carvalho *
Universidade Federal de Minas Gerais-Brasil
ORCID iD https://orcid.org/0000-0003-0903-4066
Evandro L. T. Paradela Cunha **
Universidade Federal de Minas Gerais-Brasil
ORCID iD https://orcid.org/0000-0002-5302-2946

RESUMO

Uma parte importante do léxico de uma língua é composta por nomes próprios, que, por existirem em todas as línguas e culturas, são um universal linguístico e humano. Enquanto para os nomes comuns que compõem o léxico existe, de maneira geral, uma relação de arbitrariedade entre o nome em si (o significante) e o referente (o significado), para os nomes próprios o que prevalece é a motivação linguística. No entanto, apesar de sua universalidade, o ato de nomear não se dá da mesma forma em todos os tempos e lugares. Diferentes povos e culturas estabeleceram práticas e costumes diversos no que diz respeito à atribuição de nomes próprios e, por esse motivo, os estudos onomásticos – isto é, os estudos que se dedicam aos nomes próprios – devem possuir, também, um componente antropológico. O interesse mais específico da onomástica antropológica está na forma em que a estrutura social e as relações interpessoais se correlacionam com os costumes e as práticas de nomeação em determinada sociedade. Pretende-se, assim, demonstrar que a presença de uma perspectiva antropológica em estudos onomásticos contribui para a compreensão de que, independentemente do significado dos nomes adotados, os sistemas de nomenclatura e as formas como se dão os processos de nomeação exercem uma importante função social – tornando possível, assim, relacionar o ato de nomear à rede de relações estabelecidas entre os indivíduos dos grupos estudados.

PALAVRAS-CHAVE

Onomástica; Antropológica; Culturas; Nomes

*Possui bacharelado e mestrado em Antropologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Atua nas áreas de arqueologia pré-histórica, gestão de coleções museológicas, linguística antropológica e imigração italiana no Brasil.

**Doutor em Linguística pela Universiteit Leiden e em Ciência da Computação pela UFMG. É Professor Adjunto na Faculdade de Letras da UFMG, além de ter sido Fulbright Visiting Scholar na Portland State University (2023), fellow da 4th Intercontinental Academia (2021-22) e pesquisador visitante no Max-Planck-Institut für evolutionäre Anthropologie (2014-15). Atualmente realiza pesquisas em linguística computacional, neurociência da linguagem, linguística antropológica e linguística forense.

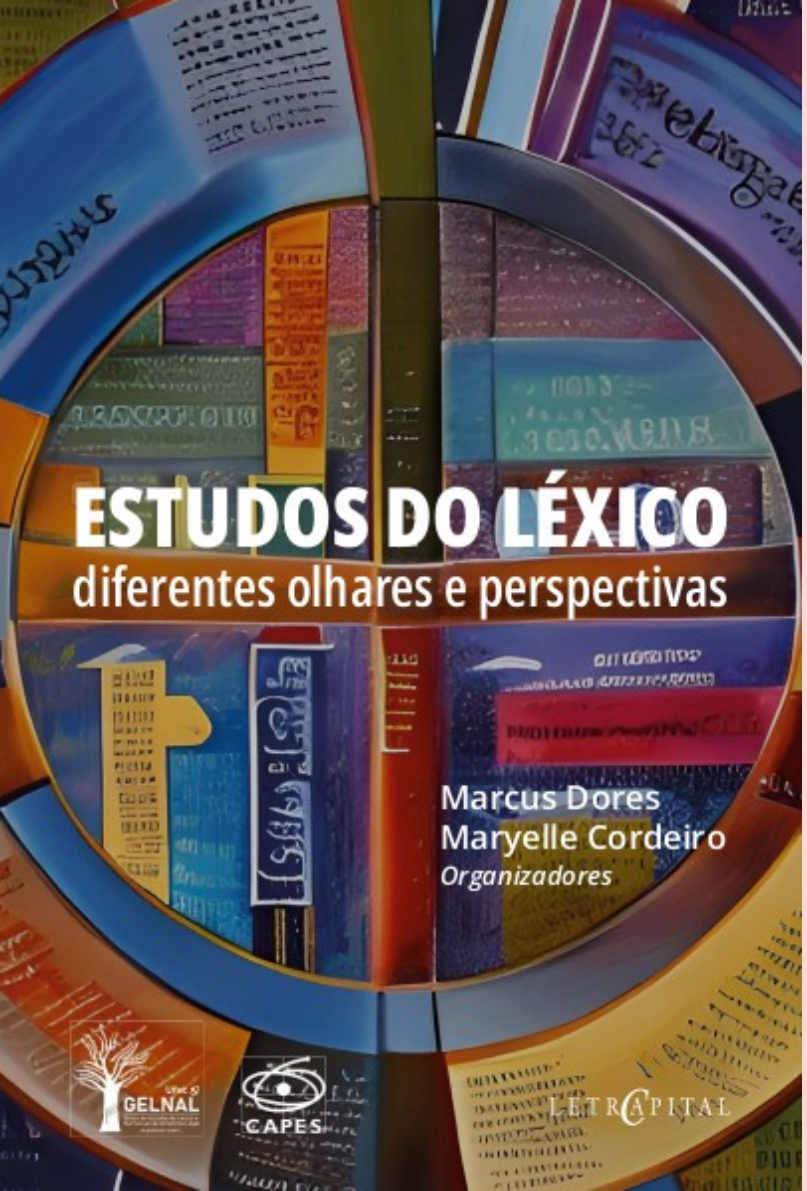
Para citar este Resumo (ABNT): CARVALHO, Lorenza Lourenço; CUNHA, Evandro L. T. Paradela. Onomástica antropológica: o ato de nomear a partir de uma perspectiva intercultural. **Anais do 1º Seminário Internacional da Toponímia e Antroponímia (15 & 16 de ago. 2024) / Revista Njinga & Sepé**. São Francisco do Conde (BA), Vol.4, Nº Especial I, p. 542, 2024 (ISSN: 2764-1244). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=FKEUlCGY-EI

Para citar este Resumo (APA): Carvalho, Lorenza Lourenço; Cunha, Evandro L. T. Paradela. (ago. 2024). Onomástica antropológica: o ato de nomear a partir de uma perspectiva intercultural. **Anais do 1º Seminário Internacional da Toponímia e Antroponímia (15 & 16 de ago. 2024) / Revista Njinga & Sepé**. São Francisco do Conde (BA), 4 (Especial I): 542. (ISSN: 2764-1244). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=FKEUlCGY-EI

Onomástica antropológica: o ato de nomear a partir de uma perspectiva intercultural

Lorenza Lourenço
Mestra em Antropologia, UFMG

Evandro L. T. P. Cunha
Prof. Faculdade de Letras, UFMG



DORES, Marcus; CORDEIRO, Maryelle (Org.). **Estudos do léxico**: diferentes olhares e perspectivas. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2022.

Livro completo disponível para **download gratuito** em www.letracapital.com.br

6 – Onomástica antropológica: o ato de nomear a partir de uma perspectiva intercultural 116
Lorenza Lourenço e Evandro L. T. P. Cunha

7 – O léxico toponímico da região de imigração alemã do Rio Grande do Sul: notas sobre a sua toponímia paralela 134
Fernando Hélio Tavares de Barros e Lucas Löff Machado

8 – Ilha Solteira – SP: uma análise toponímica da cidade planejada 161
Ana Greice Moreira Penha

Onomástica

Área que se dedica ao estudo dos nomes próprios: lugares, pessoas, animais etc.

Onomástica

Área que se dedica ao estudo dos nomes próprios: lugares, pessoas, animais etc.

Onomástica Antropológica

Se interessa pela forma em que a estrutura social e as relações interpessoais se correlacionam com os costumes e as práticas de nomeação em determinada sociedade

(González Faraco; Murphy, 1997)

Formas de nomear humanos

"nomes são dados a pessoas
em *diferentes fases da vida*;
eles *mudam ou permanecem constantes*;
eles *contêm elementos diferentes*;
eles *se conectam, ou não, a parentes ou tribos*;
eles *são usados livremente ou são mantidos em segredo*"

(Bramwell, 2016)

Nomes são dados a pessoas em diferentes fases da vida

Antes do nascimento, no momento do nascimento ou em outro momento da vida

. Kubeo: nome de espírito (*pupui amiya*) dias, meses ou anos após o nascimento
. Desana: 3 anos de idade
. Guarani: “nos tempos antigos, a revelação do nome dava-se por volta dos 2 anos de idade, mas hoje em dia ‘tem alguns que não querem esperar mais e dão nome bem antes’” (Borges, 2002)

Nomes mudam ou permanecem constantes

Um ou mais designativos por toda a vida

Paresi e apapocuva-guarani: trocam de nome quando a saúde está em grave risco

“O doente, ao receber o novo nome, torna-se um novo ser” (Gonçalves, 1992)

Tapirapé: dois nomes durante suas vidas (de infância e de adulto)

Nomes contêm elementos diferentes

Regras sociais e legislações

40% usam apenas um nome
33% usam nomes de família e/ou patronímicos
15% usam o nome do clã ou tribo
12% usam nomes sagrados
Alford (1988)

Mongóis e balineses: monomialidade – isto é, a presença de apenas um termo como designativo dos indivíduos

Nomes se conectam, ou não, a parentes ou tribos

Referência à ascendência do indivíduo: nomes de família, patronímicos e matronímicos

Patronímicos em português: *Álvares*, *Fernandes*, *Peres* etc.

Kubeo: o nome de espírito (*pupui amiya)* provém de um integrante do grupo já falecido

Nomes são usados livremente ou são mantidos em segredo

Apapocuva-guarani: o nome possui um significado profundo e deve ser guardado em segredo

Sanumá-yanomami: uma criança pode ser chamada pelo seu nome pessoal só até a puberdade. → Uso da tecnonímia (designar os pais usando como referência os nomes dos filhos)

Mais considerações sobre formas de nomear humanos

Machame-chagga e zulu: mudanças a partir do contato

Práticas do povo akan: dia da semana, nomes de proteção (prevenção da morte)

Concluindo...

Diferentes perspectivas podem ser adotadas em um estudo onomástico

Perspectiva antropológica: permite relacionar as práticas de nomeação com a estrutura social e as relações interpessoais observadas na comunidade, dentro de uma concepção que pode ser chamada de “onomástica antropológica” ou “antropologia dos nomes próprios”

LOURENÇO, Loreza; CUNHA, Evandro L. T. P. Onomástica antropológica: o ato de nomear a partir de uma perspectiva intercultural. *In*: DORES, Marcus; CORDEIRO, Maryelle (Org.). **Estudos do léxico**: diferentes olhares e perspectivas. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2022. p. 116-133.

Obrigado!

Lorenza Lourenço
lorenzacarvalho@outlook.com

Evandro L. T. P. Cunha
cunhae@ufmg.br

REVISTA NJINGA & SEPÉ

A etnotoponímia dos nomes dos distritos das províncias de Gaza e Maputo: uma análise da identidade ecolinguística

Alexandre António Timbane *
Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Universidade Estadual Feira de Santana
ORCID iD https://orcid.org/0000-0002-2061-9391

RESUMO

Interessa-nos nesta pesquisa analisar como o nome e a natureza – incluindo a cultura obviamente – entrelaçam-se dando significados e efeitos únicos em cada comunidade linguística. Na cultura europeia, as pessoas que se encontram pela primeira vez cumprimentam-se falando cada um (a) o seu nome. Mas há outras culturas – como é dos povos tsonga – em que o nome é o elemento mais importante a ser preservado e que não pode ser conhecido por pessoas que não são próximas. A atribuição do nome não é aleatória nas tradições bantu e está ligada ao ambiente, à cultura e aos contextos ambientais em que a "comunidade de fala". Pesquisa analisou a formação dos nomes desses lugares que após a independência ascenderam para qualidade de distritos. As análises mostram que há nomes de distritos provenientes de línguas de países vizinhos. É o caso de Limpopo e Manjacaze que provém da língua isizulu – língua oficial da África do Sul – e Namaacha ou Lomaacha vindo da língua isiswati, língua oficial do Reino da Suazilândia.No nome sempre se inclui aspectos da cultura. Os nomes de lugares carregam traços dos heróis da região, das plantas da região e outras memórias coletivas do povo. Nas tradições dos povos bantu, os nomes próprios ou de uma região são atribuídos em concordância com os antepassados. Não é por acaso que consultam aos curandeiros qual o nome a atribuir. Existe cerimônia própria para atribuição do nome próprio e o nome de uma região. Os nomes tradicionais dos lugares sofreram transformações ou adaptações gráfico-fonéticas, mas não deixam de ser lembrete da presença das tradições africanas naquele lugar. Alguns nomes de lugares são tabus pela sua importância para os cultos e tradições. Esses lugares carregam histórias e por vezes se tornam santuários do culto aos antepassados.

PALAVRAS-CHAVE

Etnotoponímia; Nomes; Ecolinguistica; Distritos; Moçambique

*Doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Mestre em Linguística pela Universidade Eduardo Mondlane, Moçambique, Licenciado e Bacharel em Ensino de Francês pela Universidade Pedagógica, Moçambique. É docente da Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Campus dos Malês e da Universidade Estadual Feira de Santana (Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos). Tem experiência no ensino e na pesquisa em Sociolinguística e Dialetologia com enfoque na variação e mudança lexical do Português (Estudos do Léxico) e ensino, Contatos linguísticos, Linguística Forense e Línguas Bantu moçambicanas. Orientou e orienta pesquisas na Pós-Graduação, Graduação e Iniciação Científica.

Para citar este Resumo (ABNT): TIMBANE, Alexandre António.A etnotoponímia dos nomes dos distritos das províncias de Gaza e Maputo: uma análise da identidade ecolinguística. **Anais do 1º Seminário Internacional da Toponímia e Antroponímia (15 & 16 de ago. 2024) / Revista Njinga & Sepé**. São Francisco do Conde (BA), Vol.4, Nº Especial I, p. 558, 2024 (ISSN: 2764-1244). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=FKEUlCGY-EI

Para citar este Resumo (APA): TIMBANE, Alexandre António. (ago. 2024). TÍTULO. A etnotoponímia dos nomes dos distritos das províncias de Gaza e Maputo: uma análise da identidade ecolinguística. **Anais do 1º Seminário Internacional da Toponímia e Antroponímia (15 & 16 de ago. 2024) / Revista Njinga & Sepé**. São Francisco do Conde (BA), 4 (Especial I): 558. (ISSN: 2764-1244). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=FKEUlCGY-EI

A ETNOTOPONIMIA DOS NOMES DOS DISTRITOS DAS PROVÍNCIAS DE GAZA E MAPUTO: UMA ANÁLISE DA IDENTIDADE ECOLINGUISTICA

Alexandre António Timbane

Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)/Campus dos Malês

alexandre.timbane@unilab.edu.br

Roteiro

- **Introdução (motivação, problema, hipóteses, objetivos)**
- **Situação sociolinguística de Moçambique**
- **Fundamentação teórica**
- **Apresentação e análise de dados**
- **Considerações finais**
- **Referências**

Introdução (motivação, problema, hipóteses, objetivos)

A pesquisa questiona quais os processos ecolinguísticos e etnotoponimicos que estariam ligados à atribuição de nomes no grupo tsonga.

- ❖Os nomes dos distritos provêm dos nomes de plantas e animais da região
- ❖Os nomes sofreram transformações ou adaptações gráfico-fonéticas
- ❖Há relação entre o nome do distrito e os contextos socioculturais da região geográfica

A pesquisa objetiva:

a) explicar as influências do grupo étnico tsonga na atribuição dos nomes dos distritos e

b) discutir como os nomes dos distritos se ligam à cultura e ao meio ambiente.

Situação sociolinguística de Moçambique

- O português é a língua oficial de Moçambique, segundo as Constituições de (1975; 2004).

Linguas: cinyanja, cisenga, cinyungwé, cisena, ciwutee, cimanyika, cindau, cibarwe, kiswahili, kimwani, shimakonde, ciyao, emakhuwa, ekoti, elomwé, echuwabo, citshwa, gitonga, cicopi, xirhonga, xiChangana, ciswati, xizulu e a língua de sinais (Timbane, 2014). 17 línguas têm ortografia padronizada (Ngunga; Faquir, 2011)

- gujarate, memane, hindu, urdo e o árabe faladas por comunidades asiáticas

Línguas mais faladas (INE, 2007)

- Segundo INE (2007) as línguas maternas mais faladas em Moçambique são: “o eMakhuwa (26,3%), o xiChangana (11,4%), português (10,8%), o ciSena (7,8%)

- Não existe uma língua superior a outra. Portanto, não é pela língua que se pode classificar um povo de **selvagem** ou **incivilizado**. Por esse mesmo motivo as línguas africanas eram consideradas de **dialetos** e até hoje há pessoas desavisadas que entendem assim.

REZENDE, M.C.M; TIMBANE, A.A. A língua como instrumento opressor e libertador no contexto lusófono: o caso do Brasil e de Moçambique” **Revista Travessias**. v.10, n.3, 2016.

ETNOTOPONIMIA (etno + toponímia)

- Etno=etnia/comunidade (grego ethnos=povo)
- Toponímia estuda a procedência da significação dos nomes dos lugares, levando em consideração aspectos geohistóricos, socioeconômicos e antropolingüísticos que tenham influenciado sua escolha (Sousa, 2008).
- De forma simples, a toponímia “é o estudo dos nomes de lugares”(Couto, 2007, p.250).
- O nome faz com que algo exista. Antes de ter nome não há existência e o ser humano sempre atribui nomes. A significação do nome “exerce uma grande influencia sobre aquele que o traz e também sobre os outros”(Cunha, 2004, p.224).

Debates...

- A atribuição do nome não é aleatória nas tradições bantu e está ligada ao ambiente, à cultura e aos contextos ambientais em que a "comunidade de fala" (Couto, 2016, p.231) está inserida.
- A mente é um fator ecológico (Mufwene, 2016) porque é onde se depositam os traços e os significados sociais, isto é, "é o *locus* da existência e competição entre línguas" (Weinreich, apud Mufwene, 2016, p.490).
- Uma simples saudação envolve um conhecimento dos modos de visa (Timbane, 2014)

ECOSSISTEMA DA LINGUA

P=Povo (etnia Tsonga)

L=Línguas (xichangana, xitswa e xirhonga)

T= Território (distritos das províncias da Maputo e Gaza)

Micro-toponímia= estuda nomes dados pelas comunidades a um espaço territorial.

Metodologia e análises

- É uma pesquisa do campo que coletou nomes de distritos (**7 para Maputo e 14 para Gaza**).
- A escolha das províncias se justifica por a) pertencer ao mesmo grupo linguístico e étnico; b) possuir traços histórico-culturais comuns; c)são do sul de Moçambique;
- São descendentes do grupo de Soshangane que em 1819 aliou-se com os Ndwandwe, um grupo étnico rival, sendo depois derrotado pelas forças de Tchaka e obrigado a fugir com os seus apoiantes ocupando as terras que hora se chama Moçambique.

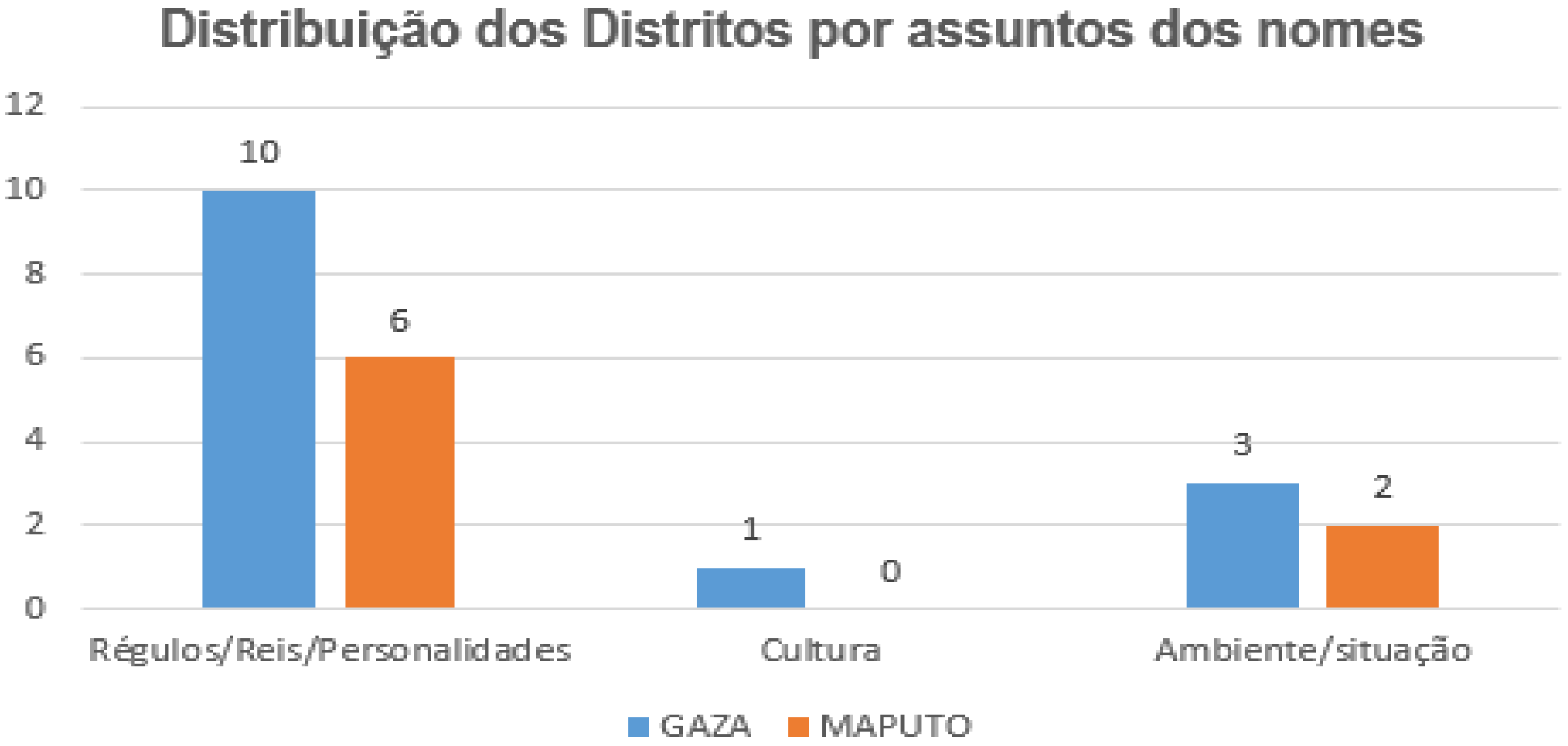
Pesquisa: analisou a formação dos nomes desses lugares que após a independência ascenderam para distritos. Buscou-se a bibliografia disponível no Ministério de Administração Estatal Assim como as fontes orais.

Fonte: Africanidade.

Distritos (3º grau de distribuição político administrativo)

GAZA		MAPUTO
Bilene	Limpopo	Boane
Chibuto	Mabalane	Magude
Chicualacuala	Majacaze	Manhiça
Chigubo	Mapai	Marracuene
Chokwe	Massagena	Matutuine
Chonguene	Massingir	Moamba
Guijá	Xai-xai	Namaacha

Análises


Distribuição dos Distritos por assuntos dos nomes
12
10
8
6
4
2
0
10
6
1
0
3
2
Régulos/Reis/Personalidades
Cultura
Ambiente/situação
GAZA
MAPUTO

Análises

- Os nomes bilene, chongoene Significam “casa(região) dos Bila e dos Chongo respectivamente. (cristanópolis)
- Geralmente cada distrito apresenta várias pequenas etnias porque a distribuição político-administrativa não corresponde a distribuição sociocultural.
- Nomes de provenientes de outras línguas: Limpopo e Manjacaze (isizulu) Namaacha (isiswati)

Caso complexo de Marracuene

- 1ªversao: Muzrakwene era nome de um indivíduo que tinha vários barcos que serviam de travessia do Rio Incomati para Macaneta. Essa pessoa era chefe de segurança do rei Maphunga.
- 2ª versão: surge devido ao nome do chefe Murraco dono de terras nas margens do rio Incomate. Expulsou colonos e instalou a 1ª administração na região.
- 3ªversao: Marhakwene era um individuo gordo que tinha nádegas grandes.

Nomes adaptados gráfico e foneticamente

Chibuto=ximbutsu

Guijá=Guijane

Manjacaze=Mandlakaze
(zulu=mandlakazi=força/autoridade)

Moamba= Mwamba

Namaacha=Lomahacha (siswate=senhor dos cavalos)

Boana= mbowene

Xai-xai=ntchai-ntchai

Considerações finais

- Da pesquisa se conclui que os nomes são uma identidade ecolinguística e carregam traços da cultura e do meio ambiente da comunidade tsonga. Os nomes fazem referência ao respeito, aos fenômenos naturais, ao poder do chefe dominante.
- Conclui-se que houve adaptação ortográfica dos nomes originais, integrando-se a ortografia latina. Houve uma integração fonológica na maior parte dos nomes atitude que refletiu na grafia dos mesmos e esse fenômeno ocorreu inclusive nos nomes próprios e sobrenomes que são identidade ecolinguístico do grupo em que os indivíduos pertencem.

Considerações finais

A primeira hipótese não se confirmou ...

A segunda e a terceira se confirmaram.

Diferentemente do Brasil, os nomes de lugares/distritos estão intimamente ligados aos régulos ou chefes das diversas etnias;

Os régulos/chefes locais se relacionam com os diversos ambientes.

Há muitos outros elementos nas línguas do grupo tsonga que revelam a relação entre língua e meio ambiente:

Nyingui-timu=sul; mpela-dambu=oeste; n'walungu=norte; vuxeni=Este.

Há muitos outros aspectos que ligam a língua e meio ambiente nas línguas do grupo tsonga...

Bom dia, *good morning* (inglês), *buongiorno* (italiano), *guten morgen* (alemão), *buen día* (espanhol) etc. Na língua xichangana a palavra **auxeni** significa é "que seja dia" ou "amanheceu".

- Em português contamos de 1 à 15------16=10+6...
- Em francês é de 1 à 16, porque o 17=10=7
- Em inglês é de 1à 20 significa que 21=20+1
- Em italiano é de 1 a 10 (isto é: 11=undici, 12=dodici, 13=tredici, quattordici...)
- em quimbundo os números vão de 1 à 10 (11=kuinhi no moxi; 12=kuinhi ni ladi; 13=kuinhi ni tatu;14=kuinhi ni uana....)
- Nas línguas tsonga contamos de 1 à 5 portanto a partir de 6 temos 6=5+1

Referências

CABRAL, Joao de Pina; VIEGAS, Suzana de Matos. (Org.). *Nomes:* género, etnicidade e família. Coimbra: Almedina, 2007.

COUTO, Hildo do H. *Ecolinguística*: estudos das relações entre língua e meio ambiente. Brasilia: Thesaurus, 2007

CUNHA, Celso. *Sob a pele das palavras.* Rio de Janeiro: ABL, 2004.

MOÇAMBIQUE. *Constituição da República de Moçambique.* Maputo: Imprensa Nacional, 2004.

MOÇAMBIQUE. *Constituição da República Popular de Moçambique.* Maputo: Imprensa Nacional, 1975.

MUFWENE, Salikoko. Ecologia da língua: algumas perspectivas evolutivas. in: COUTO, Hildo do H. et al. (Org.). *O paradigma ecológico para as ciências da linguagem:* ensaios ecolinguisticas clássicos e contemporâneos. Goiania: Ed.UFG, 2016. p.473-508.

NGUNGA, Armindo; FAQUIR, Osvaldo G. *Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas*: Relatório do III Seminário. Maputo: CEA, 2011.

SOUSA, Alexandre Melo de. Etnotoponímia acreana: reflexos da cultura nordestina em nomes de seringais. *Recorte.* ano5, nº8, s.p. jan.-jun.2008.

TIMBANE, Alexandre António. Analise sociodiscursiva da saudação do grupo étnico-linguístico Tsonga de Moçambique. *Educação, cultura e educação*. ECS, Sinov. 4, n.2, p.90-105, 2014.

REVISTA NJINGA & SEPÉ

Toponímia do Estado de Mato Grosso do Sul: estudos já realizados e perspectivas

Marilze Tavares
Universidade Federal da Grande Dourados -Brasil
ORCID iD https://orcid.org/0000-0002-5874-2635

RESUMO

A Toponímia, estudo dos nomes geográficos, é considerada umas das divisões principais da Onomástica, que, por sua vez, se define como o campo da Linguística responsável pelo estudo dos nomes próprios em geral. Especialmente nas duas últimas décadas, os estudos toponímicos no Brasil estão em franco crescimento, e determinados estados têm se destacado no que se refere à quantidade de trabalhos acadêmicos concluídos e publicados, como é o caso de Mato Grosso do Sul. Partindo desse contexto, o objetivo da comunicação será apresentar um relato a respeito das pesquisas já realizadas sobre a toponímia sul-mato-grossense, demonstrando, por exemplo, que já existem estudos referentes à toponímia da área rural (incluindo nomes de rios, córregos, morros, serras...) de todos os municípios do estado. Além disso, os topônimos coletados para essas pesquisas encontram-se catalogados em um Banco de Dados, que no momento, possui, aproximadamente, 19 mil topônimos. Registra-se que o acesso a esse Banco de Dados é restrito aos pesquisadores vinculados a projetos que visam o estudo da toponímia do estado. A exposição tem também o objetivo de apresentar, como forma de exemplificação, resultados obtidos por meio da análise da toponímia da região sul de Mato Grosso do Sul, que se caracteriza pela significativa presença de comunidades indígenas e pelo fato de ter municípios que fazem fronteira com o Paraguai. Para encerrar, serão apresentadas as principais perspectivas relacionadas aos estudos que ainda precisam ser realizados, como aqueles referentes à toponímia das áreas urbanas dos municípios e ao tratamento lexicográfico dos topônimos já catalogados.

PALAVRAS-CHAVE

Léxico; Toponímia; Mato Grosso do Sul.

* Graduação em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (1994), mestrado em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2004), doutorado em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina (2015) e pós-doutorado em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2021). Professora efetiva do Curso de Letras da Universidade Federal da Grande Dourados. Experiência na área de Linguística e Língua Portuguesa, atuando principalmente nos seguintes temas: variação linguística e estudos do léxico (especialmente toponímia)

Para citar este Resumo (ABNT): TAVARES, Marilze. *Toponímia do Estado de Mato Grosso do Sul: estudos já realizados e perspectivas.* **Anais do 1º Seminário Internacional da Toponímia e Antroponímia (15 & 16 de ago. 2024) / Revista Njinga & Sepé**. São Francisco do Conde (BA), Vol.4, Nº Especial I, p. 579, 2024 (ISSN: 2764-1244). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ao1O10cFLfI

Para citar este Resumo (APA): Tavares, Marilze. (ago. 2024). *Toponímia do Estado de Mato Grosso do Sul: estudos já realizados e perspectivas.* **Anais do 1º Seminário Internacional da Toponímia e Antroponímia (15 & 16 de ago. 2024) / Revista Njinga & Sepé**. São Francisco do Conde (BA), 4 (Especial I): 579. (ISSN: 2764-1244). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ao1O10cFLfI

SEMINÁRIOS INTERNACIONAIS DA REVISTA NJINGA & SEPÉ: I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DA TOPONIMIA E ANTROPONIMIA

TOPONÍMIA DO ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL: ESTUDOS JÁ REALIZADOS E PERSPECTIVAS

Marilze Tavares

Universidade Federal da Grande Dourados
(UFGD) - Dourados – MS

UFGD
UNIVERSIDADE FEDERAL
DA GRANDE DOURADOS

Para esta apresentação

- Situar o estado de Mato Grosso do Sul;

- Apresentar breves aspectos do desenvolvimento dos estudos toponímicos no Brasil;

- Apresentar, de modo geral, um panorama sobre as pesquisas já realizadas no Mato Grosso do Sul em âmbito acadêmico (dissertações e teses);

- Demonstrar a que tipo de resultados essas pesquisas têm chegado;

- Compartilhar as perspectivas / o principal foco das pesquisas mais recentes que foram ou estão sendo realizadas no Mato Grosso do Sul.

Mato Grosso do Sul

79 municípios – população de aproximadamente 2.757.013

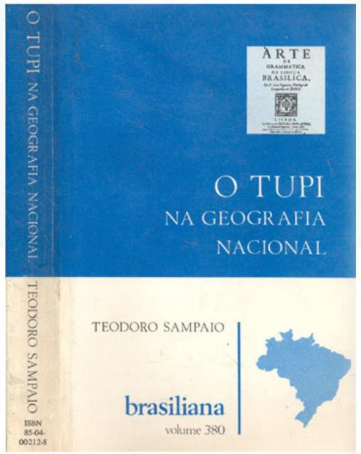
Estudos da toponímia brasileira

- Início do século XX: reunir e fornecer etimologias e significados de topônimos de línguas indígenas:

- O tupi na geographia nacional (Sampaio, 1901);

- Toponímia Brasílica (Cardoso, 1961);

- Contribuição do bororo à toponímia brasílica (Drumond, 1965).



A partir de 1980

estudos toponímicos brasileiros mais abrangentes

A importância dos trabalhos de Dick

Em 1980, Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick defendeu, na Universidade de São Paulo (USP), sua tese de doutorado ‘A motivação toponímica. Princípios teóricos e modelos taxionômicos’. A pesquisa apresentada pela autora mudaria a perspectiva dos estudos que seriam realizados a partir de então. Dick fornecia metodologia e pressupostos teóricos pensados para o tratamento da toponímia brasileira como um todo e não voltados somente para nomes de procedência indígena, como vinha ocorrendo nos demais estudos da área. (Ananias; Tavares, 2022)

Obs.: A toponímia indígena entretanto continua em destaque na sequência dos trabalhos dessa pesquisadora.

Dentre as contribuições de Dick:

Modelo para a classificação da motivação dos topônimos

Taxionomia de 27 categorias

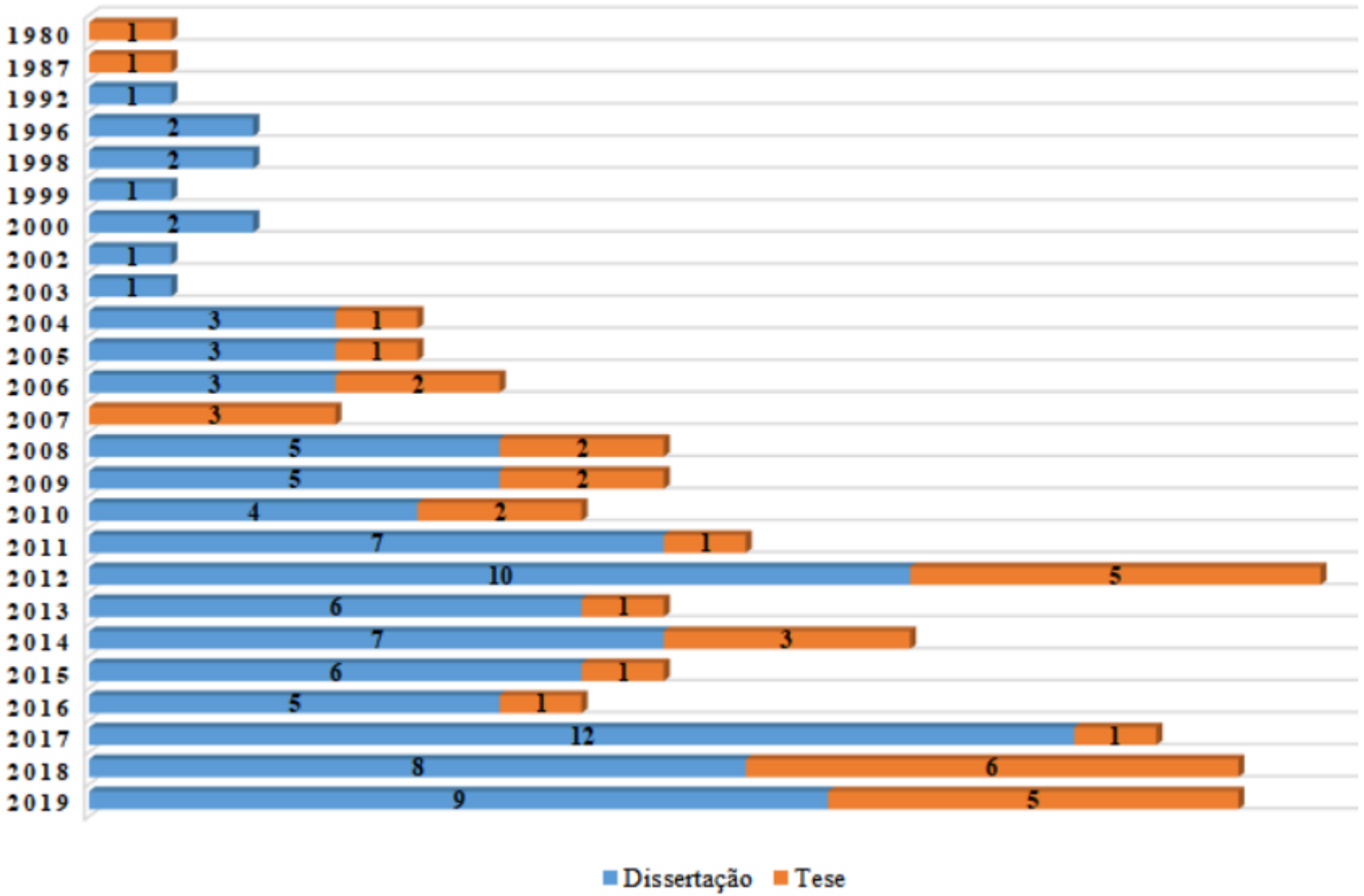
Natureza física	Natureza antropocultural
fitotopônimo	antropotopônimo
geomorfotopônimo	animotopônimo
zootopônimo	hagiotopônimo
...	...

Observação:

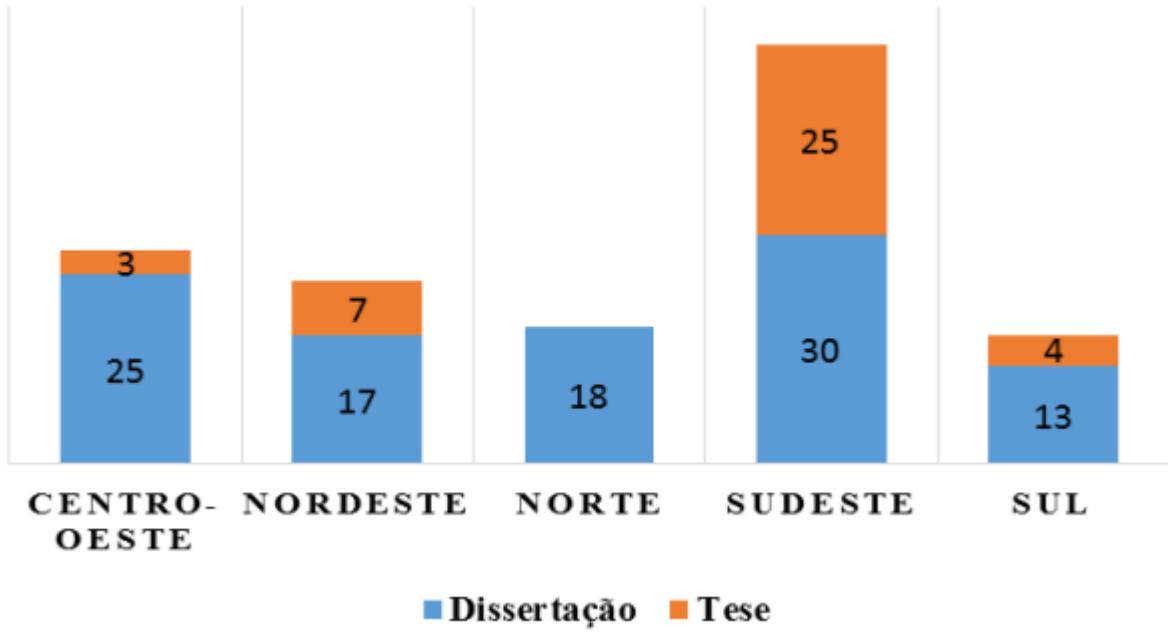
Instrumento para aferição objetiva da motivação dos nomes geográficos

Além do modelo para classificação dos fatores motivacionais, a pesquisadora forneceu subsídios para discussão da estrutura formal e da origem linguística dos topônimos.

Sobre o crescimento dos estudos toponímicos no Brasil



Distribuição das pesquisas por regiões brasileiras



Observação:

No Mato Grosso do Sul, as pesquisas em nível de pós-graduação têm sido realizadas sob a orientação da professora Aparecida Negri Isquerdo e foram/estão vinculadas aos projetos ATEMS e DTMS.

Estudos já realizados no Mato Grosso do Sul

Catalogação e análise dos topônimos das áreas rurais do estado - primeiras dissertações.

Um olhar sobre os caminhos do Pantanal Sul-mato-grossense: a toponímia dos acidentes físicos – Marlene Schneider – 2002

Entre Buritis e Veredas: o desvendar da toponímia do Bolsão sul-mato-grossense – Ana Paula Tribesse Patrício Dargel – 2003

A toponímia sul-mato-grossense: um caminhar pelas microrregiões de Dourados, de Iguatemi e de Nova Andradina – Marilze Tavares – 2004

Um estudo da toponímia da porção sudoeste de Mato grosso do Sul: acidentes físicos e humanos – Doraci da Luz Gonsalves – 2004

Estudo toponímico da região centro-norte de Mato Grosso do Sul: o desvendar de uma história – Marineide Cassuci Tavares – 2005

Exemplos de resultados obtidos no sul de Mato Grosso do Sul
920 topônimos

nomes de elementos geográficos físicos: rios, córregos, lagoas, morros...

nomes de elementos geográficos humanos: municípios, distritos, povoados, colônias...

- Os topônimos da região estudada são motivados especialmente por elementos da natureza física, isto é, da flora, da fauna, dos cursos d'água, do solo.

Distrito Ipezal; Córrego Araras; Ribeirão Água Limpa; Povoado Barro Preto

- Fatores antropoculturais, entretanto, também se encontram refletidos nos topônimos com destaque para nomes de personalidades históricas, elementos da cultura religiosa, das atividades profissionais, do estado de espírito do denominador, por exemplo.

Povoado Castelo Branco; Córrego São Pedro; Córrego Potreiro; Ribeirão Esperança...

A presença indígena e a toponímia da região sul de MS

- 116.346 pessoas indígenas (Censo, 2022);
- Terceira maior população do país, ficando atrás do Amazonas e da Bahia;
- Maior concentração na região sul do estado – Guarani e Kaiowá.

As pesquisas toponímicas do estado revelam:

Maior incidência de topônimos indígenas na região sul

aproximadamente 37% do total de topônimos coletados

O exemplo dos dados do município de Iguatemi

Genérico	Topônimo
Córrego	Cabichuí
Córrego	Cristalino
Córrego	Guará
Córrego	Guassu
Córrego	Guavirá
Córrego	Ibicuí
Rio	Iguatemi
Córrego	Iguirá
Córrego	Ingá
Córrego	Invaum
Córrego	Ipoí
Córrego	Ipona
Córrego	Jaguarão
Córrego	Jarí
Rio	Jogui
Córrego	Juari

Genérico	Topônimo
Córrego	Mandeí
Rio	Maracaí
Córrego	Marcolina-Cuê
Rio	Morotim
Córrego	Paciência
Córrego	Panduí
Córrego	Piquiceri
Córrego	Piraí
Córrego	Pirajuí
Córrego	Piriti
Córrego	Ponte-Pê
Córrego	Primeiro de Junho
Córrego	São José
Córrego	Seriguela
Córrego	Tabiano
Córrego	Tujuri

Observação:
Coletados conforme a ortografia utilizada nos mapas/fonte..

Em outras regiões do estado, há topônimos de origem indígena, mas aqueles já incorporados à língua portuguesa, registrados nos dicionários de língua portuguesa.

Arara, Buriti, Ipê, Peroba, Sucuri ...

Os resultados das primeiras pesquisas motivam outros trabalhos com focos específicos

A Toponímia indígena em Mato Grosso do Sul: um estudo etnolinguístico – Camila André do Nascimento da Silva - 2020

Outros tipos de topônimos são coletados

Marcas de religiosidade na toponímia de acidentes humanos da área rural de Mato Grosso do Sul: discutindo a questão da classificação semântica – Letícia Reis de Oliveira - 2021

Em síntese, os primeiros estudos sobre a toponímia do estado

- coletaram os nomes geográficos de mapas disponibilizados pelo IBGE, dos 79 municípios;

- apontaram tendências em relação aos aspectos motivacionais, à etimologia, à estrutura formal;

- verificaram algumas particularidades de regiões do estado; como a maior incidências de topônimos indígenas no sul.

- Em fase posterior: aprofundaram alguns aspectos que haviam sido foco dos estudos anteriores com os mesmos dados ou com outros dados.

O que estar por fazer?

Estudos sobre toponímia urbana de Mato Grosso do Sul

EM ANDAMENTO

Toponímia urbana da região Central de Campo Grande-MS: um olhar socioetnolinguístico – Letícia Alves Correa de Oliveira – 2014

Toponímia urbana da cidade de Três Lagoas/MS: interfaces entre léxico, cultura e história – Karla Porto Bittencourt – 2015

Léxico toponímico urbano na cidade de Campo Grande/MS: região do Imbirussu – Letícia Barbosa da Silva Cavalcante – 2016

A toponímia urbana de Campo Grande/MS: um estudo etnolinguístico da região do Segredo – Bianca da Silveira de Amorim – 2017

Toponímia urbana de Campo Grande/MS: um estudo dos nomes de logradouros da região do Prosa – Janaina Domingues Verão das Neves – 2019

A toponímia urbana de Paranaíba/MS – Neidiane Alves da Silva Dutra – 2020.

Reflexões e subsídios para o tratamento lexicográfico dos topônimos

Glossário de topônimos do bolsão sul-mato-grossense – Ana Claudia Castiglioni – 2008

Glossário de fitotopônimos sul-mato-grossenses – Suely Aparecida Cazarotto – 2010

Dicionário enciclopédico de topônimos do estado de Mato Grosso do Sul: uma proposta de modelo – Ana Claudia Castiglioni – 2014

Subsídios para um dicionário de topônimos: o registro da motivação na construção dos verbetes - Marilze Tavares; Aparecida Negri Isquerdo - 2022

Para ter acesso a dissertações e teses sobre toponímia:

Site do ATEMS – Atlas Toponímico de Mato Grosso do Sul
https://atems-biblioteca.ufms.br/

Para ter acesso a trabalhos sobre onomástica em geral:

Site do Observatório Onomástico O-noma

http://www.letras.ufmg.br/o-onoma/